



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JOSÉ RODOLFO VIEIRA

**VIAGEM PICTORESCA À PALESTINA:
TÁTICAS E ESTRATÉGIAS NAS REPRESENTAÇÕES DO
CONFLITO ISRAELO-PALESTINO DE JOE SACCO EM
PALESTINE (1992-1996)**

Londrina
2017

JOSÉ RODOLFO VIEIRA

**VIAGEM PICTORESCA À PALESTINA:
TÁTICAS E ESTRATÉGIAS NAS REPRESENTAÇÕES DO
CONFLITO ISRAELO-PALESTINO DE JOE SACCO EM
PALESTINE (1992-1996)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Vieira, José Rodolfo.

Viagem pictoresca à Palestina : táticas e estratégias nas representações do conflito israelo-palestino de Joe Sacco em *Palestine* (1992-1996) / José Rodolfo Vieira. - Londrina, 2017.

184 f. : il.

Orientador: Richard Gonçalves André.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Táticas - Tese. 2. Estratégias - Tese. 3. Representações - Tese. 4. Histórias em quadrinhos - Tese. I. André, Richard Gonçalves . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

JOSÉ RODOLFO VIEIRA

**VIAGEM PICTORESCA À PALESTINA:
TÁTICAS E ESTRATÉGIAS NAS REPRESENTAÇÕES DO CONFLITO
ISRAELO-PALESTINO DE JOE SACCO EM *PALESTINE* (1992-1996)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. José Miguel Arias Neto
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Áureo Busetto
Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho” - UNESP

Londrina, 10 de maio de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador Prof. Dr. Richard Gonçalves André que desde 2013 não só orientou neste e outros trabalhos, mas sobretudo sua amizade e os conselhos valiosos que possibilitaram meu crescimento pessoal e profissional. De um lado essa pesquisa marca o fim de um ciclo de estudos sob sua chancela, por outro lado, marca profundamente meus passos como profissional no campo da História.

Além disso, agradeço também ao Prof. Dr. Áureo Busetto e ao Prof. Dr. José Miguel Arias Neto por aceitarem o convite para participarem dessa banca e o tempo que dispensaram para lerem essas páginas e certamente oferecerem críticas construtivas não somente para essa pesquisa.

Agradeço também ao Prof. Dr. André Azevedo pelas grandes contribuições que possibilitaram e muito o enriquecimento desse trabalho com apontamentos importantes acerca da Comunicação Social. A todos os professores que durante esse processo contribuíram de alguma forma com seus conhecimentos e apontamentos. Aos colegas de turma que por muitas vezes cederam seu tempo para contribuir na pesquisa.

Gostaria de agradecer também a minha família pela compreensão e a Juliana da Silva Rocha que além de emprestar por várias vezes sua impressora e digitalizadora compreendeu com muita atenção e carinho minhas ausências.

VIEIRA, José Rodolfo. **Viagem Pictórica à Palestina: Táticas e Estratégias nas representações do conflito Israelo-Palestino de Joe Sacco em *Palestine* (1992-1996)**. 2017. 184. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

Esse trabalho tem como finalidade compreender os indícios das táticas e estratégias representadas pelo jornalista estadunidense Joe Sacco em sua visita aos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Como fonte de pesquisa, adotamos a história em quadrinhos “Palestine”, produzida por Joe Sacco, jornalista estadunidense, referente a sua viagem aos territórios ocupados entre 1991 e 1992. O objeto de estudo está pautado nas representações do jornalista estadunidense sobre o conflito entre os populares palestinos e as Forças de Defesa de Israel (FDI) no início da Intifada. Para tanto, as noções de táticas e estratégias são apropriadas em nossa pesquisa por meio do trabalho do historiador francês Michel de Certeau, e o conceito de representação do também historiador francês Roger Chartier como elemento teórico. Para isso, tentaremos observar que antes de produzir “Palestine” como fruto de suas estratégias, Sacco apropriou-se de trabalhos de Noam Chomsky e Edward Said que o influenciaram diretamente em seu trabalho antes de viajar para a Palestina no final de 1991. A apropriação desses trabalhos deram bases a suas críticas ao jornalismo estadunidense e o direcionamento parcial a causa israelense. Além disso, outro indício apropriado por Sacco é o modelo imperialista e colonizador que Israel executa nos territórios ocupados após 1967. Mediante essa perspectiva, Sacco salienta a necessidade de produzir seu trabalho por meio do ponto de vista palestino do conflito iniciado em 1987, denominado de Primeira Intifada Palestina. As estratégias utilizadas pelo jornalista são observadas no processo de produção de seu trabalho. Sendo “Palestine” uma História em Quadrinhos, utilizamos como métodos o trabalho do quadrinista estadunidense Will Eisner para compreendermos melhor a linguagem das HQ’s.

Palavras-chave: Táticas. Estratégias. Representações. Histórias em quadrinhos. Palestina.

VIEIRA, José Rodolfo. **The picturesque trip to Palestine: Tactics and Strategies in representations to the Israeli-Palestinian Conflict Joe Sacco in Palestine (1992-1996)**. 2017. 184 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

This work is aimed at indications of the tactics and representations of American journalist Joe Sacco during his visit to the occupied territories of Círias and the Gaza Strip. As a research source, we adopted the comic book "Palestine," produced by Joe Sacco, a US journalist, for his trip to the occupied territories between 1991 and 1992. The object of study is written in the representations of the American journalist on the conflict between the Popular Palestinians and Israel Defense Forces (IDF) at the beginning of the Intifada. For that, as notions of tactics and strategies are appropriate in our research through the work of the French historian Michel de Certeau, and concept of representation of the same French historian Roger Chartier as a theoretical element. To do this, what must be done before arriving in Palestine at the end of 1991. The appropriation These works laid the foundation for their criticism of US journalism and the partial direction of the Israeli cause. In addition, Sacco's other indictment is the imperialist and colonizing model that Israel executes in the occupied territories after 1967. From this perspective, Sacco emphasizes a need to produce his work through the Palestinian viewpoint of the conflict begun in 1987, called Of First Palestine Intifada. As observed by the journalist are observed no process of production of their work. Being "Palestine" a comic book, we used as methods for the work of the comic American Will Eisner to improve a language of the comics.

Keywords: Tactics. Strategies. Representation. comics. Palestine.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	– Conversa no hotel em Cairo. Sacco, Taha e Shereef conversam sobre a dançarina tcheca e a relação de Israel e os países árabes.....	39
Imagem 2	– O taque distorcido.....	49
Imagem 3	– Consequências dos conflitos entre Israel e a Liga Árabe	43
Imagem 4	– Primeiro contato de Sacco com os palestinos. Discussão sobre a ocupação de Israel sobre os territórios palestinos	51
Imagem 5	– A assinatura da Declaração de Balfour de 1917. A continuação da questão religiosa sobre a questão política.....	61
Imagem 6	– Palestinos gritam “OLP! Israel não”, representação do significado da OLP para os palestinos	62
Imagem 7	– Estilo <i>bigfoot</i> de Sacco.....	65
Imagem 8	– Estilo bigfoot de Bud Fisher	65
Imagem 9	– O estilo sombreado e tracejado de Robert Crumb e as semelhanças com o estilo de Sacco	67
Imagem 10	– Zap Comix n.1 de 1968 com várias apropriações do bigfoot	71
Imagem 11	– Zap Comix n.6 de 1973 com várias apropriações do expressionismo	72
Imagem 12	– Semelhanças estilísticas entre Crumb e Sacco	73
Imagem 13	– Indício de leitura de Spielgeman	74
Imagem 14	– Mulheres curdas carregam mártir	82
Imagem 15	– Martirização de palestino representado por Sacco	83
Imagem 16	– Os longos cabelos em sua viagem ao Velho Mundo desenhada em 1988	93
Imagem 17	– Os longos cabelos em viagem ao Velho Mundo desenhada em 1992	94
Imagem 18	– Mapa dos locais visitados por Sacco em sua viagem.....	96
Imagem 19	– Contraluz em Sacco no aprofundamento do cotidiano palestino na Faixa de Gaza.....	104
Imagem 20	– Sacco em estada na casa de Sameh.....	105
Imagem 21	– Naomi distingue a arquitetura palestina e israelense.....	110
Imagem 22	– As ruas de Tel Aviv	117

Imagem 23	– As ruas da Faixa de Gaza.....	118
Imagem 24	– As ruínas palestinas.....	119
Imagem 25	– Jovens colonos israelenses e suas UZI's	134
Imagem 26	– Colonos judeus invadindo aldeia palestina	135
Imagem 27	– Família palestina durante ataque de colonos judeus	136
Imagem 28	– O início da narrativa de Ghassan.....	147
Imagem 29	– Prisão de Ghassan pelos agentes da FDI e do Shin Bet	148
Imagem 30	– Início dos interrogatórios.....	149
Imagem 31	– O confinamento.....	150
Imagem 32	– Confinamento/Tempo.....	151
Imagem 33	– Painfull cuffing.....	152
Imagem 34	– Sleep deprivation	153
Imagem 35	– Alucinações.....	154
Imagem 36	– Um breve Descanso.....	155
Imagem 37	– Sudden pulling of the body.....	156
Imagem 38	– Liberdade	157
Imagem 39	– Pressão física moderada com a palestina “dura”	168
Imagem 40	– Hijab.....	174

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ÀS ESCURAS: ÍNDICIOS DE UMA VIAGEM	15
2.1	LEMBRE-SE DE MIM	15
2.2	OLHO DO OBSERVADOR.....	27
2.3	POR OUTROS OLHOS	44
3	CONSEGUINDO UMA MATÉRIA: A ARTE DO FAZER	63
3.1	MIL PALAVRAS	63
3.2	PEREGRINAÇÃO	84
3.3	REBOBINANDO	106
4.	OCEANO	120
4.1	PRESSÃO MODERADA.....	124
4.2	MULHERES NA INTIFADA.....	158
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
	FONTES DE PESQUISA	179
	REFERÊNCIAS	180

1. INTRODUÇÃO

Nosso objetivo nesta pesquisa é analisar as táticas e estratégias utilizadas nas representações de Joe Sacco na História em Quadrinhos (HQ's) "Palestine" de Joe Sacco, publicada pela editora estadunidense *Fantagraphic Books* entre 1992 e 1996. Após o início da Primeira Intifada Palestina nos dias finais do mês de dezembro de 1987 na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, decorrido de um longo processo litigioso entre o Estado de Israel e o território da Palestina, que se estende desde a partilha do território em 1947 pelas Nações Unidas, o jornalista estadunidense, nascido em Malta, mas que desde jovem vive nos Estados Unidos, decide em 1991 por conta própria fazer a sua versão do conflito entre palestinos e israelenses.

Joe Sacco nasceu em Malta, mas emigrou para Melbourne, na Austrália, em 1961. Viveu na Austrália até 1972, quando se mudou com sua família para os Estados Unidos. Em um colégio no subúrbio de Portland, Oregon, Sacco teve seu primeiro contato com o jornalismo quando trabalhou no jornal escolar com a produção de *cartoons* e no editorial. Em 1978, entra na Universidade do Oregon no curso de Jornalismo. Após sair da universidade, junto com Tom Richards, fundaram o periódico "Portland Permanent Press", revista com distribuição gratuita sobre situações cômicas de Portland. Em 1986, inicia seus trabalhos na editora *Fantagraphics Books*, mesma editora que publicou em 1988 "Yahoo", que desenvolveu inicialmente temas sobre guerras e posteriormente sobre sua própria vida de jornalista. No Brasil, "Yahoo" foi publicada como "O Derrotista" pela Conrad do Brasil em 2006.

Entre 1991 e 1992, Sacco viaja para a Palestina e publica entre 1993 a 1995 nove volumes da série "Palestine", publicado inicialmente pela *Fantagraphics Books* nos Estados Unidos e publicada no Brasil pela Editora Conrad. "Palestine", versão publicada em 2011 pela *Fantagraphics Books*, foi escolhido como fonte de pesquisa desse trabalho. "Palestine" é composto por 285 páginas e discorre sobre as memórias de palestinos que estiveram direta ou indiretamente em alguma situação de conflito com as Forças de Defesa de Israel (FDI). Em suas observações, Sacco observa acontecimentos em escala micro dentro de um processo macro, ou seja, a Intifada na Palestina que iniciou nos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza.

Como objeto de nossas observações, estaremos atentos as várias representações contidas no trabalho de Sacco. Mas antes de delimitarmos a noção de representações que dará norte à nossa pesquisa, é importante delimitar o recorte temporal da pesquisa. “Palestine” é composta por relatos de testemunhas visuais que vivenciaram os primeiros dias da Intifada na Palestina. Quando delimitamos temporalmente a Intifada, estamos discorrendo sobre o movimento popular na Palestina que teve início em dezembro de 1987 e findou-se com o Acordo de Oslo de 1993. Sacco viaja à Palestina entre 1991 e 1992, porém, o início do processo de “Palestine” se dá em 1992 até 1995.

Portanto, tentaremos compreender esse mundo construído como representação de sua viagem por meio do processo de produção de seu trabalho. Inicialmente, como representações, utilizaremos a noção apresentada pelo historiador francês Roger Chartier (2002, p.177-178), ao dizer que:

[...] o conceito de representação leva a pensar o mundo social ou o exercício do poder de acordo com um modelo relacional. As modalidades de apresentação de si são, certamente, comandadas pelas propriedades sociais do grupo ou pelos recursos próprios de um poder. No entanto, elas não são uma expressão imediata, automática, objetiva, do estatuto de um ou do poder do outro. Sua eficácia depende da percepção e do julgamento de seus destinatários, da adesão ou da distância ante mecanismos de apresentação e de persuasão postos em ação [...]

Além das representações, utilizaremos as noções de tática e estratégia propostas por Michel de Certeau (1998). O autor compreende as táticas como produto das apropriações práticas cotidianas, nesse caso, compreendemos as práticas de leitura de Sacco inseridos no processo de produção, que posteriormente resultará em suas estratégias, no caso, o próprio “Palestine” como campo de gestão de suas mensagens a serem representadas para seus leitores.

Por meio dessa pesquisa, temos também como objetivo contribuir não somente academicamente, mas também de forma ampla, ao proporcionar o interesse acerca dos conflitos no Oriente Médio, nesse caso especificamente o conflito no território da Palestina. Durante o período de minha graduação, muito pouco foi debatido sobre o assunto. Porém, a História no Oriente Médio mostra-se tão rica quanto do Ocidente e podemos destacar seu caráter de longa duração, que dentro da própria periodização criada pelos historiadores desde a Escola Metódica, a História do Oriente Médio atravessa desde a Antiguidade até a história do tempo

presente. Outro aspecto importante é a própria delimitação do Oriente Médio como recorte espacial. Ao mesmo tempo que o Oriente Médio faz parte de um território muito maior e heterogêneo delimitado como Oriente, o próprio Oriente Médio também se apresenta heterogêneo, composto por vários outros territórios que contribuem com a História, mas muitas vezes fica obscurecido pela simples generalização Oriente Médio.

Em relação ao fazer história, a necessidade do historiador por toda e qualquer produção humana é indispensável para seu trabalho e tendo em vista que apesar de lidarmos com um objeto tão próximo de nossos dias, “Palestine” foi, se assim pode ser chamada, um grande convite para se fazer História. Primeiramente, o trabalho de Sacco, além de trazer uma vasta quantidade de relatos sobre os conflitos iniciados em 1987, adentra o cotidiano de seus entrevistados. Além disso, esse convite para se fazer História também vem por meio do suporte imagético das histórias em quadrinhos. Quando se fala em histórias em quadrinhos a primeira ideia que surge são os gibis infantis que muitos de nós tivemos contato. No entanto, “Palestine” está longe de poder ser considerado uma narrativa infantil. Com traços rebuscados e até poluídos, no qual o contraste do branco e do preto é marcante em suas páginas, a temática apresenta um assunto tão sério e indigesto por se tratar em muitos momentos com temas como a morte e a tortura.

Portanto, a escolha de “Palestine” como fonte de pesquisa de nosso trabalho está relacionado ao tema abordado por Sacco. O conteúdo dos relatos coletados pelo autor está relacionado com ações de tortura e repressão pelas forças armadas de Israel e sua polícia de inteligência. De modo geral, as várias lembranças coletadas para a construção de seu trabalho baseiam-se na construção de uma perspectiva palestina da situação. Acontecimento esse confirmado pelo próprio autor, visto que no prefácio à edição brasileira de “Palestine” por inúmeras vezes a posição tomada pelos meios de comunicação, especialmente nos Estados Unidos é alvo de críticas pelo autor de “Palestine”.

Para melhor compreendermos esse processo, dividimos em três capítulos nosso trabalho. O primeiro é constituído pelos indícios que antecedem a viagem de Sacco para os territórios ocupados. Entre eles, tentamos delimitar as práticas de leitura do autor que são apropriadas taticamente por ele. Exemplos dessas práticas estão contidas nas leituras das obras de Edward Said e Noam Chomsky. Em ambos os casos, Sacco afirma diretamente seu contato com trabalhos desses dois autores.

Outro exemplo de suas táticas pode ser observado em conversas do autor com outras personagens em seu trabalho que assim constroem sua experiência nos territórios ocupados.

Acerca do processo de fabricação é que a segunda parte de nosso trabalho está focado, ou seja, como Sacco é jornalista estadunidense observamos o consumo por mais de uma década os produtos dos meios de comunicação sobre o conflito na Palestina e que posteriormente serviram de bases para a construção de suas apropriações em um novo produto comunicativo após sua viagem. Em um primeiro momento dessa segunda etapa da análise, observamos o papel que três personagens empenharam como guia para seu trabalho, e como a presença dessas personalidades que parecem alterar o clímax da narrativa de “Palestine”. Em um segundo momento, foi analisado a perspectiva temporal de Sacco tanto sobre palestinos como israelenses inseridos dentro de um longo processo de colonização sionista na região e suas consequências que podem ser observadas no dualismo Oriente/Ocidente. E por último, observamos as apropriações tanto de seu estilo ilustrativo como do seu gênero narrativo. Para tanto, analisamos a afirmativa de Sacco que seu estilo de desenho é o clássico *bigfoot*. Ao verificar que seu estilo *bigfoot* traz poucas referências das décadas de 1920-30, delimitamos as apropriações desse estilo no decurso das décadas de 1970 com os trabalhos de Robert Crumb e 1980 com os trabalhos de Art Spiegelman.

A terceira parte de nosso trabalho pauta-se em analisar as representações construídas por Sacco dos relatos coletados em sua visita (tortura de Ghassan e as mulheres palestinas durante a Intifada). Após suas apropriações das leituras de Said e Chomsky e das duras críticas ao fazer jornalismo, esta etapa de nossa pesquisa possibilitará observar o fazer jornalismo no gênero denominado por Sacco como “jornalismo em quadrinhos”. No primeiro momento dessa análise, os casos de tortura psicológica e física moderada serão analisados na perspectiva quadrinística de Sacco em seu mundo como representação. No segundo momento, as representações das mulheres palestinas neste mundo construído por Sacco ganham seu espaço ao observarmos a singularidade da mulher palestina em sua luta tanto contra a repressão das forças armadas de Israel como pelo próprio sistema patriarcal do Oriente Médio. Assim, ao observarmos estes dois casos é que as estratégias de Sacco podem ser mais bem compreendidas em nosso trabalho.

Sendo a fonte de pesquisa em formato de história em quadrinhos, pautamos nossa análise metodológica em duas escalas. A primeira está pautada na observação de “Palestine” como imagens construídas. Neste processo, entendemos que Sacco não é inocente ao construir suas imagens. Conforme Peter Burke (2004, p.24) seria imprudência atribuímos aos artistas um olhar inocente, como se suas imagens fossem construções meramente objetivas, livres de expectativas e preconceitos. Sendo seu trabalho uma construção parcial da perspectiva palestina sobre o conflito, devemos nos atentar às entrelinhas de seu trabalho dentro de sua gestão estratégica.

O segundo passo de nossa observação metodológica é analisar o suporte imagético em que “Palestine” está representada. Sendo “Palestine” produzida no suporte das histórias em quadrinhos, optamos em dialogar com Will Eisner em seus trabalhos relacionados no fazer histórias em quadrinhos. Portanto, entendemos as histórias em quadrinhos como linguagem que vale da troca de experiências entre o leitor e o criador (EISNER, 2010, p.1), ou seja, com as transformações que os quadrinhos vêm desenvolvendo nos últimos anos, tanto em estilo como em gênero, devemos compreender a decodificação dos elementos que compõem uma narrativa em arte sequencial. Requadros, enquadramentos, perspectivas, pontos de fuga, balões, todos eles são parte de um processo que está intimamente ligado à produção de significados e significantes. Por mais intensa que possa ser uma narrativa em quadrinhos, estes elementos devem ser empreendidos pelo criador de forma que seu leitor compreenda as situações propostas pelo primeiro, e assim, garantir o sucesso de sua narrativa.

Ainda observando “Palestine” como histórias em quadrinhos, analisaremos o trabalho de Sacco como produto a ser comercializado. Para Waldomiro Vergueiro e Angela Rama (2004, p.7), a produção, a comercialização e a divulgação, organizadas em escalas industriais, possibilitou a profissionalização de vários artistas. Nesse caso, mesmo Sacco publicando seu trabalho pela *Fantagraphic Books*, editora que se autodenomina como produtora de trabalhos alternativos e fora da grande indústria dos quadrinhos, é importante verificarmos como as táticas e as estratégias são representadas para assim compreendermos “Palestine” como produto a ser comercializado e vendido.

Porém, apesar de “Palestine” ter como suporte as histórias em quadrinhos, não podemos deixar de frisar que o trabalho de Sacco não corresponde ao gênero

de quadrinhos que estamos habituados, como por exemplo as histórias de super-heróis no qual o roteiro possibilita a compreensão de um desfecho em que o herói consegue superar suas dificuldades no final de cada história. Sacco é jornalista e desenhista, e seu trabalho vive essa fronteira entre as histórias em quadrinhos e o jornalismo. Desse hibridismo surge o gênero do “jornalismo em quadrinhos”. Portanto, nossa observação em “Palestine” também estará preocupada em observar esse gênero que utiliza da linguagem literária e das imagens para compor sua narrativa. Sendo partícipe da linguagem literária do jornalismo, observaremos “Palestine” como livro-reportagem que, segundo Edivaldo Pereira Lima (2004, p.4), delimita e explora seu objeto com muito mais profundidade que uma reportagem convencional.

Portanto, por meio das representações contidas no livro-reportagem quadrinizado do jornalista Sacco, questionaremos as táticas e estratégias utilizadas e apropriadas por ele no processo de produção de “Palestine” e com isso observar por meio dos olhos ocidentais de Sacco como é possível observar não somente uma nova perspectiva do conflito entre Israel e Palestina, mas um outro Oriente Médio além daquele criticado pelo próprio Sacco, ou seja, a Palestina e o Oriente Médio produzido e reproduzido pelos meios de comunicação no Ocidente.

2. ÀS ESCURAS: ÍNDICIOS DE UMA VIAGEM

Primeiramente, é importante deixar claro que não é nossa intenção escrever uma biografia de Sacco. Pelo contrário, o que será abordado de agora em diante está paralelamente ligado em compreender, por meio de indícios encontrados em seus trabalhos, a dinâmica entre práticas táticas de leituras e estratégias que de alguma forma representam um conjunto de acontecimentos que o levaram a escolher a Palestina como ambiente a ser produzido o seu trabalho, e não sua vida como um todo, mas sim, um pequeno recorte de conjunturas e acontecimentos. Observar a história de uma vida é compreender que ela não está separada de um conjunto de acontecimentos (BOURDIEU, 1998 p.183).

Portanto, parece adequado dizer que será analisado este conjunto de acontecimentos, que neste caso, estão direta ou indiretamente associadas a um período que remete a um recorte temporal anterior a viagem de Sacco para a Palestina. A abordagem nas próximas páginas está relacionada a um processo, ou exame de consciência terceirizado, se assim podemos chamá-lo, visto que Joe Sacco não contou diretamente os acontecimentos, mas sim, serão narrados por meio de outros indícios lançados por ele no período que antecede sua viagem à Palestina.

Nesse momento de nossa pesquisa, focaremos nossa atenção para a compreensão das mais variadas práticas de consumo de Sacco e como apropriou-se taticamente desse consumo. Ao observarmos essas apropriações táticas, tentaremos observar como tais apropriações fazem parte de seu universo cultural e como foram representadas em seus trabalhos.

2.1. LEMBRE-SE DE MIM

Não podemos nos esquecer que Sacco ainda se encontra entre nós enquanto estas palavras estão sendo redigidas, porém, a dificuldade de contatá-lo nos levou a procurar outros meios para descrever e compreender seu caminho até a Palestina. O caminho encontrado por nós foi seus próprios trabalhos, especialmente O “Yahoo”, publicado no Brasil como “O Derrotista” (2006) e “Palestine” (2011). Ambos são histórias em quadrinhos. No primeiro, Sacco descreve sua trajetória de vida, desde a saída de sua família de Malta, seus dias na universidade e sua experiência

como desenhista de uma banda de *rock*. O título remete o leitor a compreender a construção de seus fracassos como jornalista e desenhista. O segundo está relacionado à sua viagem para os territórios ocupados por Israel na Palestina após a guerra de 1967, e escolhido nessa pesquisa como fonte histórica e objeto de análise.

Se Sacco porventura tivesse a possibilidade de ter em mãos essa pesquisa sobre sua viagem à Palestina, provavelmente faria várias anotações e considerações. No entanto, ao optarmos como objeto de nossa pesquisa pelas representações quadrinísticas deixados por ele, pautamos por meio das observações de Peter Burke (2004, p.12), ao que se refere a análise de imagens, pois, conforme a noção do historiador inglês sobre os usos da imagem pela história, não utilizaremos aqui as imagens somente como ilustração ou conclusão de evidências que já chegamos por outros meios. Para isso, serão utilizadas evidências imagéticas para questionarmos e suscitar novos problemas por meio delas. Portanto, observará as entrelinhas das imagens, se podemos dizer assim de forma figurada, e assim, poderemos estar aprendendo algo que o próprio Sacco desconhecia estar ensinando (BURKE, 2004, p.18). Ou seja, devemos deixar bem claro que não estamos lidando com a busca de uma verdade absoluta, mas sim em um conjunto de representações imagéticas contida em seus trabalhos. Para tornar satisfatória a nossa observação sobre o mundo como representação, a noção do historiador francês Roger Chartier de representação servirá de base para as análises, pois para ele “Um duplo sentido, uma dupla função é deste modo atribuídos à representação: tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que a olha como sujeito que olha” (CHARTIER, 2002, p.165).

Neste íterim, não é a questão do real ou do não real que estaremos a lidar, mas do mundo representado pelo autor. Pois o que estará em observação no decorrer de nossa pesquisa são suas representações em si. Deve-se considerar que as imagens, junto às suas referências, fornecem indícios em duas escalas distintas. Em um primeiro momento, consideraremos que a Palestina desenhada é a Palestina vista por meio dos olhos de Sacco, o território, as pessoas que manteve contato e os detalhes da cultura material não estão presentes aos olhos de seus leitores, pois só podem ser e estar presentes mediante a troca de experiências do leitor com o autor.

Assim, “Palestine” torna-se um mundo de representações construído por Sacco para seus leitores.

Uma segunda observação que deve ser feita sobre essas representações, está no campo do processo de fabricação que, por muitas vezes, fica obscurecida pelo trabalho em si. Isso quer dizer que existem alguns pontos específicos que podem ser analisados por meio de uma observação aos pequenos detalhes da fonte a ser pesquisada. Os indícios espalhados em seus trabalhos representam suas experiências muito antes de sua viagem, ou mesmo de produzi-lo. Portanto, para analisa-las nesse momento, serão consideradas como indícios as influências que Sacco esteve em contato dentro de um recorte temporal que está fora do processo de produção, mas que apresentam referências diretas no produto final.

O objetivo de nos pautarmos em analisar os vários acontecimentos que antecedem a viagem de Sacco à Palestina, pauta-se em compreender que os acontecimentos individuais e suas experiências direta ou indiretamente colaboraram para a produção de “Palestine”. Não podemos nos esquecer que, ao retomar essa análise, estamos retomando também o passado de nosso agente histórico. Assim, temos que ter como critério a análise do passado para justificativa do presente, neste caso o presente que permeia a viagem. Peguemos como exemplo Alexandre, O Grande. Apesar de sua distância temporal, parece-nos um exemplo análogo a ser feito. Em sua difusão da cultura helenística, devemos nos perguntar se os ensinamentos passados por Aristóteles a Alexandre significam que o segundo já estava se preparando para ser um grande conquistador e difusor da cultura grega, ou o fato de Aristóteles, ou qualquer outro tutor que fosse destinado a ensinar Alexandre, não alteraria o acontecimento das grandes conquistas de Alexandre. Não é do ofício de historiador contrafactuar, mas, como o passado, ou quase todo ele é matéria-prima do historiador, cabe a ele ao rever ou mover o passado, analisá-lo e discuti-lo (HOBBSAWM, 2013 p.43), ou seja, não questionaríamos se com ou sem Aristóteles como tutor de Alexandre mudaria o percurso dos acontecimentos históricos, mas, como Aristóteles pode ter influenciado Alexandre.

Portanto, a proposta dessa análise em observar este caminho percorrido por Sacco pauta-se em estabelecer os indícios deixados por ele, em sua grande parte como memórias ilustrativas, e interpretá-las como história. Por exemplo, ao recordar e narrar um evento para outrem, não narraremos a ele os acontecimentos dentro de uma linearidade cronológica, mas em fragmentos de acontecimentos conforme as

perguntas que nosso ouvinte estiver interessando em saber. O mesmo ocorre conforme nosso estado emocional, pois, se estivermos dispostos a contar o acontecimento, provavelmente será narrado de forma diferente, bem detalhada e selecionada. Por outro lado, caso não estejamos interessados em recordar, os fatos não serão tão bem detalhados. Assim sendo, a ciência histórica tem como finalidade reconhecer as abstrações imaginárias do passado e relacionar os acontecimentos, por meio de suas fontes de pesquisa, e a memória (LE GOFF, 2003, p.49). Não tendo a possibilidade da construção de um relatório de perguntas bem fundamentadas que pudessem fechar todas as brechas que consideramos importante para a compreensão de sua escolha, nossa saída está em problematizar as perguntas que já foram realizadas e respondidas, e assim, trazer a discussão para o campo da pesquisa histórica.

Retornando ao caso de Sacco, muito pouco material é encontrado para estabelecermos alguns padrões para sua análise. Nos trabalhos acadêmicos que selecionamos, muito pouco sobre o autor de “Palestine” é comentado. No Brasil, os trabalhos, em sua maioria, discorrem sobre a linguagem narrativa utilizada por ele. Por exemplo, Juscelino Neco de Souza Junior (2009) problematiza o “jornalismo em quadrinho” como ruptura na narrativa tradicional tanto do jornalismo como dos quadrinhos. Iuri Barbosa Gomes (2010) em sua dissertação também foca sobre a linguagem dos quadrinhos nas reportagens jornalísticas. Em ambos, pouco é mencionado sobre a trajetória de Sacco até sua viagem, e muito menos é discutido sobre sua trajetória profissional. Todd Schack (2014) descreve sobre a linguagem do jornalismo em quadrinhos, mas na tentativa de observar essa nova linguagem no campo jornalístico e suas relações com o *new journalism*.

Pois bem, se estivéssemos em situação de investigadores, e Sacco como investigado, como começaríamos nosso interrogatório? Tratando-se de estarmos analisando seu trabalho “Palestine”, resultado de sua viagem à Palestina entre 1991 e 1992, portanto, seria sensato perguntar a ele qual o motivo que o levou até os territórios ocupados. Na edição brasileira de “Palestine”, publicado pela Editora Conrad do Brasil em 2011 (SACCO, 2011a), mesmo ano de sua visita ao Brasil na Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP), Sacco responde da seguinte forma nossa pergunta:

É frequente me perguntarem por que resolvi meter o nariz no conflito entre Israel e Palestina. Na verdade, respondi tantas vezes a esta pergunta que eu mesmo já considero minha resposta insossa, mas vou repeti-la, pois é verdade: Fui ao território Ocupado porque senti que era a minha obrigação. Quer dizer, quando comecei a compreender a opressão a que eram sujeitos os palestinos, fui tomado de uma quase biológica necessidade de agir. (SACCO, 2011a, p.xvi)

Ao quantificar os motivos que o levaram para os territórios ocupados, pode-se delimitar inicialmente a sua “quase biológica necessidade”. No entanto, o que significa essa necessidade biológica? Hillary L. Chute (2016, p.198) discorre que a realidade de guerra absorvida nos trabalhos de Sacco também possui relação com sua infância. O caso citado por ela recai sobre a investida alemã e italiana para controlar a ilha de Malta na Segunda Guerra Mundial. Em comparação com o trabalho de Art Spiegelman, que veremos logo mais, ambos são filhos de sobreviventes de conflitos bélicos. Assim, Chute (2016, p.198) ainda afirma que a guerra foi uma preocupação constante que motivou o trabalho de Spiegelman e os trabalhos de Sacco na Palestina, Israel e na Bôsnia e colaboraram em sua inovação em uma narrativa de guerra com palavras e imagens. Como jornalistas quadrinistas, Chute (2016, p.199) observa em 1990 o primeiro trabalho em quadrinhos de um Sacco maduro quando entrevistou sua mãe, Carmen M. Sacco sobre os ataques em Malta que matou amigos e familiares. Coincidência ou não, o trabalho de Sacco é muito parecido com o de Spiegelman ao narrar a trajetória de seu pai, Vladek Spiegelman durante a Segunda Guerra Mundial.

Além disso, em 1981, após estabelecer-se nos Estados Unidos, visto que Sacco nasceu na Ilha de Malta em 1960 na cidade de Kirkop, filho de uma família católica (CHUTE, 2016, p.198) e já muito jovem acompanha os pais para os Estados Unidos, o autor termina seu curso de jornalismo pela Universidade do Óregon. Sendo católico de nascença, sua posição religiosa, segundo Chute (2016, p.198) colaborou para que pudesse conviver de forma mais tranquila entre judeus e muçulmanos na sua viagem para a Palestina.

Como jornalista, Chute (2016, p.199), discorre que no trabalho de Sacco denominado *Journalism*, publicado pela primeira vez em 2012 nos Estados Unidos, Sacco deixa indícios de suas influências em relação ao *new journalism* de Tom Wolfe. Para Chute (2016, p.199), isso colaborou na noção de Sacco em compor sua narrativa por meio de uma reportagem não ficcional literal e didática. Sobre essa nova abordagem jornalística, Edivaldo Pereira Lima (2004) em seu trabalho “Páginas

ampliadas”, denomina essa nova abordagem como livro-reportagem. Para Lima (2004), o papel do livro-reportagem é relevante, pois surge para estar:

[...] preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet quando utiliza jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos de informação jornalística (LIMA, 2004, p.4)

Como livro-reportagem, “Palestine” possibilita aprofundar o tema da Intifada além da perspectiva noticiada pelos meios de comunicações mais tradicionais. Com mais espaço e tempo para produzir uma reportagem, o formato do livro-reportagem abrange a temática para assuntos tais como o cotidiano dos palestinos, ênfase na materialidade das residências e até mesmo a situação das mulheres palestinas. Dessa forma, os trâmites e a arte do fazer jornalismo são de conhecimento de Sacco, o que já contribuiu em várias de suas críticas que serão analisadas adiante. Mas, para isso, vamos observar Sacco em dois momentos distintos, porém agregadores, em sua trajetória. Chute (2016, p.199) afirma que somente após entrevistar sua mãe, Carmen S. Sacco em 1990 sobre os ataques em Malta durante a Segunda Guerra Mundial, é que os trabalhos de Sacco passam por um processo de amadurecimento.

Portanto, por meio das palavras de Chute (2016), tentaremos delimitar dois momentos na trajetória de Sacco, mas, ao contrário de Chute (2016) que observou o amadurecimento de Sacco referente à temática de seus trabalhos, tentaremos delimitar como se deu o amadurecimento na perspectiva de Sacco referente à sua própria perspectiva acerca do Oriente Médio, especialmente sobre a Palestina. Temos então dois momentos a serem observados, o Sacco mais jovem, que observaremos por meio de uma ótica hostil aos árabes, que adquire com suas experiências antes de cursar jornalismo, e outro Sacco mais maduro, com uma nova perspectiva acerca da questão da Palestina obtido nos seus anos de curso em jornalismo e tem seu amadurecimento paralelo após realizar seu trabalho de entrevistar sua mãe em 1990.

Tais apropriações que serão analisadas, partem de indícios deixados por ele e que permeiam seu consumo de informações, recorte espacial no qual ele está inserido em sua juventude. Como dissemos há pouco, devemos observar Sacco em

dois momentos e compreender ambos para assim tirarmos nossas conclusões. O que “Palestine” representa sobre seu próprio autor é que esse segundo Sacco que aqui delimitamos é um ser em construção constante em relação ao jovem Sacco, visto que as práticas de leitura o conduziram a uma nova perspectiva sobre o assunto. Não que o Sacco jovem não esteja também incluído neste processo, mas, dentro deste recorte temático, temos seus anos de universidade como um período inicial de um processo lento e gradual de mudança de perspectiva. Por exemplo, o que Sacco pensa sobre o que é o palestino antes e depois de seus estudos em jornalismo?

Por meio de indícios representados por Sacco, podemos observar primeiramente a perspectiva sobre o que era o palestino para ele, que carregava uma significação negativa de seu ponto de vista. Conforme suas palavras no mesmo prefácio à edição brasileira, nosso autor comenta que toda a noção que tinha sobre os palestinos, mesmo acompanhando os noticiários, era relacionada ao terrorismo (SACCO, 2011a, p.xvi). Porém, é importante frisar que esse prefácio é *ex post* às primeiras publicações de “Palestine”; portanto, não podemos deixar de questionar quais são suas intenções ao escrevê-lo em 2007, ou seja, pouco mais de quinze anos após a primeira publicação de “Palestine”. Para analisarmos a situação, essa afirmação de Sacco parece estar relacionada à sua apropriação das leituras de Edward Said (1990), em seu livro “Orientalismo”, sobre a visão do Ocidente sobre o Oriente. Segundo Said (1990, p.38):

A televisão, os filmes e todos os recursos de mídia forçaram a informação para dentro de moldes cada vez mais padronizados. No que diz respeito ao Oriente, a padronização e a estereotipação cultural intensificaram o domínio da demonologia e imaginativa do ‘Oriente misterioso’. Em lugar algum isso é mais verdadeiro que nos modos como o Oriente Próximo é compreendido. Três coisas contribuíram para transformar até mesmo a mais simples percepção dos árabes e do islã em uma questão altamente politizada, quase áspera: uma, a história do preconceito popular antiárabe e anti-islâmico no Ocidente, imediatamente refletido na história do orientalismo; duas, a luta entre os árabes e o sionismo israelita e os seus efeitos sobre o judeu americano, bem como sobre a cultura liberal e a população em geral; três, a quase total ausência de qualquer posição cultural que tornasse possível, seja identificar-se com os árabes e com o islã, seja discuti-los com isenção. Além disso, quase não é preciso dizer que, posto que o Oriente Médio está hoje identificado com a política das Grandes Potências, com a política do petróleo e com a dicotomia simplista do democrático e amante da liberdade Israel e os árabes maus, totalitários e terrorista, as chances de qualquer coisa parecida com uma visão clara de sobre o que se este falando sobre o Oriente Próximo são depressivamente pequenas.

Ou seja, o estereótipo do Oriente Médio criado pelos meios de produção ocidentais remete ao pressuposto do árabe mau, o terrorista, o atrasado. Esta observação é utilizada estrategicamente por Sacco em “Palestine”, no subcapítulo intitulado “Lembre-se de mim”, quando nosso autor compartilha a experiência vivida na casa do palestino Jabril, sentados na sala de seu anfitrião com a companhia de outros palestinos ao assistirem o filme *Comando Delta*, estrelado por Chuck Norris e Lee Marvin. Neste trecho, Sacco narra a cena em que sozinho, Norris, o soldado estadunidense e defensor da democracia, vence a milícia palestina em um grande contra golpe por parte de sua experiência e inteligência, e no fim salva todos os outros soldados estadunidenses que foram raptados pelos terroristas palestinos (SACCO, 2011b, p.46).

Por outro lado, Chute (2016, p.198) salienta que as representações nas narrativas de Sacco se baseiam em sua imagem como repórter estadunidense. Assim sendo, antes de seu contato com os palestinos, o estereótipo árabe construído nos Estados Unidos, país onde viveu a maior parte de sua vida, é significativo e não pode ser descartado. Inserido no consumo de símbolos e imagens representados nos Estados Unidos, suas posições sobre o mundo árabe eram permeadas pelas representações apresentadas a ele durante sua experiência de vida. Sobre isso, Walter Lippmann (2008), em seu trabalho “Opinião Pública”, discorre sobre a produção de estereótipos pelos meios de comunicação para a manipulação da opinião pública. Lippmann (2008, p.85) afirma que:

Na maior parte dos casos nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura.

A carga semântica negativa que permeava Sacco pode ser ainda observada antes mesmo de cursar jornalismo na Universidade do Óregon. Nosso autor narra um evento nos seus anos de colégio quando desenhava suas tiras intituladas *MeettheAsshole (Conheça o Canalha)*, no qual teve como seu primeiro protagonista Yasser Arafat, então líder da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) (SACCO, 2011a, p.xvi).

Assim sendo, como podemos observar uma ação estratégica de Sacco ao narrar aos seus leitores tais informações? Primeiramente, é importante

esclarecermos o que entendemos como estratégia para nossa pesquisa. Compreendemos como estratégia a noção postulada pelo historiador francês Michel de Certeau (1998, p.46) que descreve a estratégia como cálculos nas relações de forças de um indivíduo, isolado em um ambiente e munido do desejo de querer e poder, calculando as suas ações que serão sua base de gestão dentro desse ambiente. Portanto, entendemos que o ambiente de gestão estratégica de Sacco seja “Palestine”. A estratégia visa totalmente sua relação com o outro, mas não necessariamente uma relação interpessoal, e sim, uma relação isolada, que dentro de uma dinâmica de cálculos realizados no processo de produção, tendem a direcionar o consumidor a chegar a conclusões pré-estabelecidas pelo gestor da estratégia. Para observarmos as estratégias contidas em “Palestine”, devemos compreender que o autor tende a representar uma mensagem, e sendo “Palestine” uma história em quadrinhos, é por meio da análise da linguagem específica dos quadrinhos que nos munimos para desconstruir suas estratégias.

Nas primeiras páginas de “Palestine”, Sacco discorre sobre dois acontecimentos que envolveram os palestinos e que tiveram proporções internacionais. Ao narrar esses eventos, conduz seu leitor a um *flashback*, um recorte temporal dentro de sua narrativa. Ao lado de uma garota que está conhecendo em Berlim, e demonstra segundas intenções em suas conversas, o autor retoma os dois casos na companhia de Cláudia. O primeiro é o caso Leon Klinghoffer. Para termos uma ideia, recorreremos ao periódico Folha de S. Paulo para compreendermos a produção midiática acerca os palestinos, que na época também noticiou o acontecimento.

Em outubro de 1985, o transatlântico italiano *Achilles Lauro* foi sequestrado pelo que a Agência Internacional informou como “sequestradores, membros de um comando extremista palestino” (FOLHA DE S. PAULO, 1985 p.25). O *Achilles Lauro* foi sequestrado com 388 passageiros a bordo, e no dia 10 de outubro de 1985 foi entregue em Porto Said no Egito. O mais interessante nas notícias veiculadas não está no sequestro do navio em si, mas no desaparecimento de Klinghoffer. Ainda segundo a Folha de S. Paulo (1985, p.25), informou que o capitão do navio, Geraldo de Rosa, afirma que os palestinos assassinaram um passageiro, e logo depois, jogaram seu corpo ao mar. Apesar de ainda informar que ele estava desaparecido, e somente o capitão do navio informa o fato do assassinato, a Agência descreve

Klinghoffer como comerciante, parálítico e provavelmente judeu, sem a clareza de ser ou não realmente judeu.

Outro fato jornalístico citado por Sacco envolvendo palestinos retorna nos jogos olímpicos de Munique de 1972. Neste evento, segundo o periódico *Folha de S. Paulo* (1972, p.1), o comando terrorista *Setembro Negro* assassinou dois atletas israelenses e sequestrou mais sete no intuito de trocar por duzentos e trinta prisioneiros palestinos. Também neste caso, os palestinos são representados como terroristas sanguinários. Não que os fatos nos permitissem dizer que suas ações são legítimas, pois estamos nos dois casos lidando com vidas perdidas. No entanto, em ambos não se comenta episódios que levaram a tais acontecimentos.

Não é nosso intuito levantá-los e analisá-los, porém, não podemos nos esquecer que existe neste período forte repressão ao povo palestino nos territórios ocupados por Israel, tema que dispensaremos maior atenção em outro momento de nossa pesquisa. Conforme informado pela *Folha de S. Paulo* (1972, p.1), “As autoridades alemãs haviam concordado em levar os terroristas árabes e seus reféns israelenses, em três helicópteros, da Vila Olímpica para o aeroporto de *Fuertenfeldbruck*, de onde um avião da Lufthansa os levaria a Tunísia [...]”. Porém, o que é importante ressaltar sobre o atentado de Munique e o caso Klinghoffer, é a necessidade que Sacco vê em citá-los em seu trabalho. Em ambos, podemos observar que a todo momento os palestinos são generalizados como terroristas.

Sendo citados por Sacco, possivelmente o caso Klinghoffer e o atentado de Munique, direta ou indiretamente, influenciaram sua opinião em dois momentos distintos. No entanto, devemos agora observar a linearidade dos fatos para podermos apurar com precisão a estratégia de Sacco. Ao observamos quando aconteceram os fatos, Sacco tinha entre doze (1972) e vinte e cinco anos (1985). No entanto, temos uma ruptura e uma possível mudança de perspectiva de Sacco sobre o conflito nesse meio tempo. Conforme já discutimos, em seu tempo de colégio o próprio Sacco discorre sobre sua visão estereotipada sobre os palestinos, ao citar suas tiras com Yasser Arafat. Portanto, o atentado de Munique de 1972 explicaria seu posicionamento nos anos em que frequentava o colegial, ou seja, discordaria das posições palestinas sobre o atentado. Por outro lado, no caso Klinghoffer, ocorrido em 1985, Sacco já teria terminado seu curso de jornalismo, e, segundo o próprio autor, já haveria ocorrido a ruptura de seu ponto de vista acerca dos

palestinos. Tal informação pode ser acentuada com as palavras de José Arbex Jr (2011, p.xiii), também no prefácio à edição brasileira de “Palestine”, ao discorrer que:

Ele mesmo começou a se interessar pela ‘questão palestina’ a partir de 1981, quando Israel bombardeou o Líbano. Seu interesse tornou-se indignação em 1982, quando as tropas israelenses, comandadas pelo fascistoide Ariel Sharon, deram suporte militar e logístico ao massacre de cerca de 5 mil palestinos (a imensa maioria composta por crianças, mulheres e velhos) nos campos de refugiados libaneses de Sabra e Chatila.

Por meio das palavras de Arbex (2011), Sacco teria iniciado seu interesse pela “questão Palestina” em 1981, quatro anos antes do caso Klinghoffer, nos bombardeios israelenses às posições libanesas. Portanto, suas referências em “Palestine” não coincidem cronologicamente com seu estereótipo formado sobre os palestinos entre a ocorrência do atentado de Munique em 1972 e o caso Klinghoffer em 1985, pois quando cita os ataques para Cláudia, moça à qual Sacco apresenta interesses, e discutem sobre o papel midiático sobre o conflito, ao não conseguir chegar ao sucesso em sua noite com ela, fecha este *flashback* discorrendo que “[...], terrorism is the Bread Palestinians get buttered on, I’d swallowed that ever since the airliners went sky high in the desert, do you remember Munich and the blown up athletes? [...]”¹(SACCO, 2011b, p.7).

Porém, deve ser ressaltado que, apesar de Sacco referenciar esses acontecimentos em “Palestine” e possibilitar a investigação dessa mudança de perspectiva conforme os indícios encontrados em seus trabalhos, tudo não passa de construção do próprio Sacco. A disposição das informações e seus sentimentos são representações construídas após todos esses acontecimentos narrados por ele. Por esse viés, devemos problematizar suas intenções e observar suas estratégias. As representações do caso Klinghoffer e do atentado de Munique por Sacco são construções realizadas em 1992 (SACCO, 2011, p.7) e nada impossibilita observá-las como ferramentas heurísticas sobre o estereótipo que permeia a imagem dos palestinos no Ocidente.

Partindo dessa perspectiva, a intenção de Sacco é claramente informar ao seu leitor a posição ocidental estereotipada sobre os palestinos, ou seja, como terroristas. Daí o fato de citar alguns atentados que tiveram grande repercussão. Por outro lado, não podemos deixar de identificar sua estratégia em informá-los. Entre o

¹ [No português]: “[...]Terrorismo é o pão no qual os palestinos são espalhados como manteiga – engoli isso desde que os aviões explodiram no deserto, você se lembra, lembra-se de Munique e dos atletas mortos? [...]” (tradução livre)

caso Klinghoffer e o atentado de Munique, existe neste período de tempo uma ruptura sobre o posicionamento de Sacco sobre os palestinos, portanto, apresentar o fato é meramente representativo. Faz alusão não a ele em si, mas à sua crença no que os ocidentais acreditam serem os palestinos, pois, se desde 1981 apresenta interesse pela “questão da Palestina”, possivelmente em 1985 já teria um novo ponto de vista sobre o assunto, ou pelo menos um ponto de vista que não representasse hostilidade.

No entanto, não podemos creditar inocência em sua atitude. Ao analisá-lo, estamos a observar também um jornalista, e não podemos nos esquecer que ele conhece os trâmites de seu campo de produção e sobre a construção de consensos. O que não pode ser deixado de lado nessas observações, como historiadores, é a não linearidade dos fatos descritos por ele. Assim sendo, “Palestine” constitui seu ambiente de gestão, no qual, por meio de suas informações, irá direcionar seus leitores para sua mensagem central.

Conforme os vestígios que pudemos observar, Sacco credita aos meios de comunicação ocidentais o estereótipo do palestino terrorista. Essa afirmação é possível ao nos depararmos com suas declarações. A primeira sobre suas tiras com Yasser Arafat nos anos de colegial, e a segunda, em sua conversa com a jovem Claudia. Ao inserir em seu trabalho os dois casos, atentado em Munique de 1972, e o caso Klinghoffer de 1985, Sacco convida seu leitor a entrar em seu trabalho e refletir sobre quem realmente são os palestinos e até mesmo representar como a imagem do outro pode ser construída. Com isto, o autor transita junto aos leitores para uma troca de experiências. Esta prática não é aplicada sem nenhum propósito, pelo contrário, ela tende a ser uma das várias estratégias que tem em “Palestine” seu ambiente de gestão de suas ações. Dentro dessa perspectiva, a ação estratégica neste recorte é enviar uma mensagem ao seu leitor.

A mensagem que Sacco espera construir para seus leitores nesse recorte está focada em representar uma perspectiva palestina sobre o conflito. Entendemos que essa escolha em representar uma perspectiva palestina do conflito, ou seja, um ponto de vista que ele acredita ser diferente e ir de encontro com a perspectiva estabelecida pelos meios de comunicação, encontram-se inseridas dentro de uma base bem fundamentada de informações e indícios apropriados por Sacco dentro do processo que inicia após seu interesse pela “questão da Palestina”. Vimos que um processo de troca de experiências com seu leitor é ponto estratégico de seu

trabalho. Nesse processo, antes de chegarmos às nossas hipóteses sobre as bases que fundamentam essa escolha, é importante observarmos também como é este perfil de leitor que Sacco espera que possa entrar em contato com o seu trabalho.

Portanto, se “Palestine” é o campo estratégico para a construção da mensagem a qual Sacco tende a representar para seus leitores, nas próximas páginas tentaremos delimitar as perspectivas que constroem as bases de sua mensagem e as perspectivas que o próprio Sacco tem de seus leitores e como se deu esse processo.

2.2. OLHO DO OBSERVADOR

Até este momento, nossa análise nos levou a observar a perspectiva de Sacco no que concerne à “questão da Palestina”. Também observamos que estratégias são utilizadas no intuito de trocar experiências com seus leitores. O que nos parece importante agora é compreender como ele observa seu possível leitor, e como pode ter chegado a essa conclusão por meio de suas táticas e as estratégias utilizadas nas primeiras páginas de “Palestine”

Da mesma forma que as estratégias, entendemos aqui as táticas conforme a noção sugerida por Certeau (1998, p.46-47), para quem as táticas estariam muito mais relacionadas entre os indivíduos que a estratégia. Enquanto a estratégia calcula em seu ambiente a gestão de suas ações visando o outro, as táticas são as relações entre os outros. É o uso do intelecto, podendo ser observado nas práticas mais simples do cotidiano. Por exemplo, ao ir a um mercado fazer as compras para casa, não compraremos pelo simples fato de uma determinada empresa ter realizado um bom trabalho de *marketing*, estampado sua marca nos corredores do mercado ou reproduzindo seu produto em comerciais na rede televisiva em horário nobre, mas sim, compramos o produto que melhor enquadra com o orçamento mensal e se o produto agrada a todos que irão consumi-lo em nossa casa. Sendo assim, essa prática de leitura de Sacco pode ser útil para compreendermos a mudança de posicionamento sobre os palestinos entre o ataque de Munique e o caso Klinghoffer, como vimos há pouco, e a seleção de um conjunto de ideias que permeiam a produção estratégica em “Palestine”, que observaremos mais adiante em nosso trabalho. Nossa atenção agora é analisar o perfil que Sacco traçou para

seus leitores e como algumas táticas são utilizadas em sua estratégia para fazer esta troca de experiência com seu leitor.

O trabalho de Sacco, como já dissemos, tem como cerne representar um ponto de vista palestino do conflito. Ao informar no prefácio à edição brasileira, quando discorre que “A mais séria crítica à *Palestina* foi de que contei apenas um lado do conflito palestino-israelense. Este é um juízo correto sobre o livro, mas ele não me afeta [...]” (SACCO, 2011a, p.xvii), essa noção de parcialidade fica bem definida. No entanto, a questão da parcialidade pode ser observada por outra perspectiva. Segundo Chute (2016, p.198), uma das características do jornalismo em quadrinhos é a autoconsciência interpretativa do autor. Nesse caso, a parcialidade não é elemento fundamental para o gênero, pois, conforme as palavras de Chute (2016), parecem possibilitar maior liberdade interpretativa do autor. Porém, isso não possibilitaria que a narrativa fosse baseada somente pela memória do autor e sim por meio da historiografia que culminaria no status de “realismo” não ficcional para o gênero.

Fica claro ao seu leitor que seu trabalho está direcionado à perspectiva palestina do conflito. Não obstante, não podemos nos esquecer que tais palavras encontram-se somente na versão brasileira. Na edição estadunidense, publicada também em 2011 pela *Fantasgraphic Books*, não existe este longo prefácio escrito pelo próprio Sacco. O que podemos levantar como hipótese é que este material foi concedido à editora Conrad do Brasil por Sacco em sua visita ao Brasil em 2011.

Apesar de o título de seu trabalho dar a entender superficialmente sobre qual tema será desenvolvido ao longo de suas 285 páginas, o primeiro capítulo não começa em nenhum ponto da Palestina, mas sim na cidade do Cairo, no Egito. Ainda nas primeiras páginas, o próprio autor explica o motivo de estar no Egito, cuja entrada aos territórios ocupados seria menos tortuosa do que a tentativa por Israel (SACCO, 2011b p.3).

Para aprofundarmos a análise sobre as táticas apreendidas por Sacco, é necessário compreendermos que suas táticas e estratégias mantêm laços estreitos com seu trabalho. Nesse caso, para chegar as hipóteses e mantê-las sustentáveis sobre suas práticas de leitura, é preciso mergulhar primeiro em suas estratégias. Ou seja, por meio das estratégias tentaremos identificar os indícios de suas táticas, visto que entendemos que suas táticas correspondem ao alicerce de seu trabalho e as

bases para sua estratégia. Para darmos início à nossa análise, optamos em observar o que Will Eisner (2010, p.64) denomina de páginas de apresentação:

A primeira página de uma história funciona como uma introdução. O que e quanto entra nela depende do número de páginas que vêm a seguir. Ela é um trampolim para a narrativa, e, para a maior parte das histórias, estabelece um quadro de referência. Se bem utilizada, prende a atenção do leitor e prepara a sua atitude para com os eventos que se seguem. Ela estabelece um “clima”. Ela se torna uma página de apresentação, mais do que uma simples primeira página, quando o artista a planeja como uma unidade decorativa.

Portanto, o conjunto de páginas que correspondem às primeiras páginas de uma HQ tem como finalidade proporcionar ao leitor o enredo de todo o conteúdo de seu trabalho. Como afirma ainda Eisner (2010), ela não tem somente a função decorativa, mas introdutória. Isso se deve à função da experiência entre leitor e criador, ou seja, o criador conduz o leitor a compreender desde o início o enredo de todo o trabalho. Independente da apropriação que o leitor exercerá durante sua prática de leitura (entende-se neste caso a prática de leitura do leitor de “Palestine”), é de suma importância a orientação do criador em apontar o caminho que deveria ser seguido. Certamente tal função não é exclusividade dos quadrinhos. Como um livro de literatura e até um filme, todos apresentam a trama, as personagens e suas características a fim de seus leitores e espectadores se localizarem temporalmente, espacialmente e discursivamente. No caso de “Palestine”, a apresentação do enredo está direcionada em todo seu primeiro capítulo.

Agora que observamos a finalidade que as primeiras páginas de “Palestine” oferecem à nossa análise, devemos delimitar não somente o discurso, mas a função dos elementos imagéticos contidos nelas. Para isso, vamos agora, de certa forma cartesiana, dividir o problema no maior número de partes possíveis para compreendermos esses elementos metalinguístico dos quadrinhos. Observaremos então a trama nas quais as personagens estão envolvidas, quem são essas personagens e como elas se dividem culturalmente, e por fim, a mensagem essencial na qual o autor quer nos orientar.

A trama no Cairo prolonga-se por uma discussão no saguão de um hotel não mencionado. Como companheiros de bebida de Sacco, há dois egípcios muçulmanos, Taha e Shreef. A conversa, pelo menos na representação de Sacco, inicia por uma paixão não correspondida de Shreef por uma dançarina da República

Tcheca. Aqui temos a primeira mensagem de nosso autor, pois, ao descrever que o egípcio apaixonado sempre finta Sacco ao discorrer sobre seu amor platônico, afirma que a ação de Shreef ao olhá-lo, dá o entendimento de que o egípcio será compreendido somente por Sacco, pois se trata de um ocidental (SACCO, 2011b p.2). Portanto, a distinção entre “eles” e “nós” é delimitada neste momento. Por esta ótica, “De um lado estão os ocidentais, do outro lado os orientais árabes, os primeiros são (sem nenhuma ordem em especial) racionais, pacíficos, lógicos, capazes de ter valores reais, sem desconfiança natural; os últimos não são nada disso” (SAID, 1990, p.59).

Como já discutimos, Sacco já havia nos apresentado sua perspectiva negativa sobre os palestinos. No entanto, distinguir aqui ocidentais e orientais não está relacionado diretamente com uma visão de mundo que Sacco já possuiu um dia, mas sim, alertar seu leitor sobre a existência de distinções. Ou, por outro lado, tendo ciência do possível perfil de leitores destinados ao seu trabalho. Mas qual seria o perfil de leitores esperado pelo autor? Não podemos deixar de observar que “Palestine” é publicado inicialmente nos Estados Unidos, país no qual a opinião pública tem grande expressão, e onde Sacco viveu maior parte de sua vida. Partimos aqui do pressuposto que Sacco, por ter vivido nos Estados Unidos, também estabeleceu estereótipos sobre a população dos Estados Unidos. Mas para que possamos analisar com mais clareza, observemos o que o linguista Noam Chomsky (2013, p.51) discorre sobre a opinião pública dos estadunidenses:

A pergunta era se as pessoas achavam que os Estados Unidos deveriam intervir militarmente para reverter uma ocupação ilegal ou para impedir violações graves dos direitos humanos. Numa proporção de dois para um, os americanos responderam afirmativamente. Deveríamos empregar a força no caso de ocupação ilegal de território e violações graves dos direitos humanos. Se os Estados fossem seguir essa recomendação, deveríamos bombardear El Salvador, Guatemala, Indonésia, Damasco, TelAviv, Cidade do Cabo, Turquia, Washington e uma lista enorme de outros países. Se vocês conhecessem a realidade a respeito desta série de exemplos, saberão muito bem que a agressão e as atrocidades cometidas por Saddam Hussein se encaixam bem nela. Elas não são as mais violentas. Por que ninguém chega a essa conclusão? A resposta é que ninguém sabe.

A pesquisa mencionada por Chomsky (2013) foi realizada pela Universidade de Massachusetts sobre a invasão dos Estados Unidos ao Iraque. Esta pesquisa parece favorável para nossa análise para compreender como Sacco apropriou-se de alguns conceitos de Chomsky, pois sua conclusão está relacionada ao não

conhecimento dos estadunidenses nas relações que tangem aos conflitos internacionais. No prefácio de “Palestine” escrito em 2007, o próprio Sacco afirma ser leitor de Chomsky (SACCO, 2011a, p.xvii).

Pois bem, mesmo sendo a opinião pública estadunidense expressiva, ela expressa uma opinião não baseada em informações concretas, daí surge críticas de Chomsky (2013), ao questionar o motivo para que ainda não tenham bombardeado Washington, que para ele enquadra-se no mesmo perfil que Saddam Hussein, possivelmente referindo-se ao ditador iraquiano em seu ataque ao Irã. Paralelamente, à perspectiva de Said (1990, p.38), de que a construção dos orientais no Ocidente foi erigida no pilar da demonização, também temos a questão do forte *lobby* pró-Israel que compõem fortes setores da opinião pública nos Estados Unidos. Sobre o *lobby israelense*, André Gattaz (2003, p.150-151) discorre que:

Internamente, o apoio a Israel era conseguido através de um forte lobby, que se convencionou chamar lobby israelense ou judaico. Bem mais amplo do que a comunidade judaica norte-americana, na verdade este poderoso grupo de pressão constituía-se de 'grandes setores da opinião pública liberal, da liderança de sindicatos, de fundamentalistas religiosos, e de 'conservadores' que apoiam um poderoso aparato de Estado induzindo produção doméstica de grande quantidade de lixo de alta tecnologia (produção militar) e ameaças militares e aventureirismo no exterior.

Conforme observamos, as questões que permeiam a opinião pública nos Estados Unidos é produto de uma construção arquitetada. Nessa conjuntura, a desconstrução do paradigma é trazida à tona em “Palestine” para que os leitores reflitam sobre seus posicionamentos, visto que o objetivo de Sacco é construir uma narrativa direcionada à perspectiva palestina. Portanto, dentro de seu objetivo geral, a desconstrução da visão sobre o que é o Oriente pelo Ocidente torna-se objetivo específico de seu trabalho e de suma importância estar contida na página de apresentação. Por outro lado, sendo um produto a ser consumido, é necessário ganhar um mercado de consumidores, pois seu trabalho será publicado em nove edições, e tendo como alvo um público que pode ou não estar aberto à sua mensagem, a estratégia do autor é ainda implícita nesse momento.

Para analisarmos essa questão sobre o mercado e a recepção de “Palestine” nos Estados Unidos, país onde foi publicado inicialmente, observaremos a análise de Martin Barker (2012) referente à recepção de “Palestine”. Para produzir suas análises, Barker (2012) analisou 336 referências impressas de “Palestine” e outros

104 comentários *online* por meio do portal *Google Searches* (BARKER, 2012, p.61). Em sua metodologia, abordou a opinião de profissionais que examinaram o contexto histórico, as comparações e a produção de significados, e assim julgaram “Palestine” no quesito qualidade como produto (BARKER, 2012, p.62). Barker (2012) também analisou a opinião pública, focando sua análise na recepção do texto de Sacco e seu engajamento.

Sobre os comentários realizados pela opinião pública, Barker (2012, p.66) discorre que é muito difícil encontrar um comentário da opinião pública que não diga que o trabalho de Sacco não seja tendencioso. Mas quando adentrou na discussão acerca do gênero e do estilo artístico, ou seja, as histórias em quadrinhos, a opinião pública variou entre o sucesso do empreendimento artístico do autor, que possibilitou uma experiência emocional por meio dos métodos quadrinísticos, e opiniões que relataram que era somente uma *graphic novel*, e por isso não poderia representar a gravidade da situação nos territórios ocupados (BARKER, 2012, p.67).

Barker (2012, p.62) ainda afirma que “Palestine” não teve inicialmente grande impacto em sua publicação. Em 1993, quando teve início suas publicações, a vendagem não passava de 2.300 unidades, muito abaixo das 20.000 esperadas para títulos alternativos. Barker (2012) ainda registra a crítica da *Anti-Defamation League’s* (Liga Anti-Difamação), órgão da comunidade judaica estadunidense, ressaltando que Sacco não contextualiza suas imagens e reafirma a culpa de Israel pelo conflito (BARKER, 2012, p.63). Como já discutimos, dentro dos Estados Unidos a opinião pública e o *lobby* pró-Israel têm grande impacto. Essas críticas negativas podem ter influenciado inicialmente a pequena vendagem de “Palestine”. Também não podemos nos esquecer que, em se tratando de trabalhos já produzidos no campo quadrinístico, somente a primeira parte de “Yahoo” fora publicado com o nome de Sacco. A sequência de trabalhos só foi acontecer após a publicação de “Palestine”.

Uma surpresa editorial referente a “Palestine”, conforme Barker (2012, p.63), só vai acontecer em 2003. O motivo dessa surpresa inicia com a reimpressão de “Palestine” em 2001. Essa nova publicação trouxe o sentido de que algo tão sério como o conflito na Palestina deveria ser coberto em histórias em quadrinhos. Assim sendo, enquanto publicada periodicamente “Palestine” entre 1993 a 1996, o impacto do trabalho de Sacco era irrelevante em questão de vendagens, ou seja, não passava de 2.300 exemplares vendidos. O sucesso de “Palestine” só acontece doze

anos após o início de sua publicação. Talvez seja por essa surpresa que em entre 2002 e 2005 Sacco retorna para a Palestina e inicia seu novo trabalho, “Notas sobre Gaza”, sobre outros aspectos do conflito.

Essa análise de Barker (2012), realizada vinte anos após a publicação de “Palestine”, nos possibilita observar de forma ampla a repercussão do trabalho de Sacco. Assim sendo, para a geração de leitores de quadrinhos da década de 1990, a mensagem que Sacco tenta representar para seus leitores não teve tanto sucesso. Somente uma década depois é que seu trabalho ganha impacto de vendas e notoriedade. Inicialmente, podemos dizer que a continuidade da série em nove volumes de “Palestine” foi uma insistência do autor e da editora. Porém, estrategicamente, no mesmo ano dos ataques terroristas às Torres Gêmeas nos Estados Unidos, há uma republicação de “Palestine”. Inserido em um contexto de terrorismo e interesse no mundo árabe, o que Barker (2012) denominou de surpresa, pode ter sido uma grande jogada mercadológica que propulsionou tanto “Palestine” como Sacco no universo dos quadrinhos.

Nessa conjuntura, devemos entender “Palestine” em dois momentos. O que delimita esses dois momentos está centrado nos acontecimentos do 11 de setembro. Antes de 2001, “Palestine” representava para a opinião pública um tema com pouco interesse, o que representa sua média de 2.300 unidades vendidas perto da perspectiva de 20.000 do gênero alternativo. Esse é o contexto em que a produção está inserida. Por outro lado, os acontecimentos pós 2001 representam um aumento notável, tendo 2003 como pico de vendas. Dentro desse contexto, além do atentado do 11 de setembro, temos também a Guerra do Iraque, ou seja, o mundo muçulmano estava em evidência. Portanto, devemos ter o cuidado em entender que durante o processo de produção de “Palestine” sua temática era irrelevante, só tendo um maior interesse da opinião pública após 2001.

Voltando ao saguão do hotel, após as lamentações de Shereef sobre seu amor não correspondido, o diálogo entre as três personagens começa a tomar outra forma. Após Sacco, de maneira descompromissada – pelo menos em sua narrativa – ao mencionar que estava à espera de seu visto para entrada em Israel, Taha, o outro egípcio, exalta-se abruptamente, conforme podemos observar na imagem 1. Nesse clímax de sua narrativa, podemos destacar dois pontos importantes. O primeiro, ainda sobre as distinções, Sacco apresenta a seu leitor um árabe politizado e intelectual. Antes de seu momento de exaltação, enquanto Sacco e Shereef

conversavam sobre a ilusão deixada pela dançarina tcheca, Taha fazia contas sobre o dinheiro que Shreef havia gasto com a moça. Em suas contas, o dinheiro gasto poderia ter sido revertido em livros.

Ao representar o comentário de Taha sobre seu colega egípcio que prefere gastar seu dinheiro com bailarinas ao invés de comprar livros, o autor pode estar fechando sua reflexão sobre quem são os orientais, ou pelo menos levar seu leitor a quebrar o estereótipo pré-estabelecido sobre eles. Se inicialmente Sacco apresenta a distinção entre o ocidental que pode compreender tudo, e o oriental que precisa ser compreendido e pouco possível que consiga compreender, agora, o foco é em apresentar um oriental intelectualizado e politizado. Estrategicamente, uma ferramenta de espelho é introduzida neste recorte. Para que possa ter sucesso em sua função comunicativa, é necessário que Sacco lide com reproduções reconhecidas pela conduta humana, neste caso, é utilizado o espelho do ocidental sobre o oriental, para depois, ao apresentar Taha intelectualizado, esse mesmo espelho seja quebrado por seu leitor. Para que seu leitor possa reproduzir a situação mais facilmente, é inserido o estereótipo do árabe que não compreende, para depois, imprimir a imagem intelectualizada que o Oriente possui, neste caso, desconstruir um estereótipo para construir um novo. Sobre a reprodução de estereótipos nos quadrinhos, seguimos o pressuposto de Eisner (2013, p.21) de que a arte dos quadrinhos:

[...] lida com reproduções facilmente reconhecíveis da conduta humana. Seus desenhos são o reflexo no espelho, e dependem de experiências armazenadas na memória do leitor para que ele consiga visualizar ou processar rapidamente uma ideia. Isso torna necessária a simplificação de imagens transformando-as em símbolos que se repetem. Logo, os estereótipos.

A estratégia de nosso autor aqui também é representar o quadro de conflito em que o Estado de Israel está envolvido, não somente com a Palestina, mas com os outros países árabes da região. O primeiro indício que podemos observar está relacionado à temporalidade em que o conflito se estende, conforme a imagem 2. Na imagem, há um tanque retorcido e o questionamento de Sacco sobre desde quando ele deve estar lá. Neste instante, nosso autor é bem detalhista ao deixar aos leitores vestígios de três conflitos armados entre Israel e os países árabes da região, os de 1973, 1967 e 1956.

Ao deixar destacadas essas datas, Sacco quer que seu leitor contextualize a ocupação dos territórios ocupados por Israel. Visto que o objetivo no decorrer de seu trabalho é apresentar o conjunto de acontecimentos que, em seu ponto de vista, colaboraram para que em 1987 eclodisse a Primeira Intifada Palestina, quando a população palestina munida apenas de pedras entra em confronto com as forças armadas de Israel. Mas para que seu leitor possa ter compreensão macro do conflito, Sacco não se deteve somente nos seus relatos sobre a Intifada, que nesse contexto é o foco de seu trabalho. No entanto, não é dispensado muito tempo em “Palestine” para a explicação destes três eventos. Inserir as datas sem discorrer sobre elas seria uma estratégia narrativa para direcionar seu leitor, conforme o perfil que ele estabeleceu, junto à noção de Chomsky (2013) sobre a opinião pública nos Estados Unidos, em pesquisar e aprofundar sobre o tema por meio de outras fontes além a midiática, e assim, romper com seu preconceito pré-estabelecido sobre os árabes palestinos.

Caso seu leitor dispensasse algumas horas para se aprofundar no assunto, poderia chegar à conclusão que estas três datas, e suas respectivas guerras, apresentariam momentos de expansão dos territórios israelenses, e, conseqüentemente, a ocupação de Israel sobre os territórios da Faixa de Gaza e Cisjordânia, ambos epicentros da Intifada Palestina. Pois, segundo Ruy Alves Jorge (1975, p.74), “Os israelenses ocuparam zonas desmilitarizadas e áreas que lhes não pertenciam em 1947, 1946, 1956, 1967, 1973. Hoje estão estabelecidos num território quatro vezes maior do que aquele destinado por ocasião da partilha da Palestina”.

Em 1956, a política antiocidental e nacionalista do presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, levou à nacionalização do canal de Suez em represália aos Estados Unidos e à Inglaterra em não conceder empréstimos para a construção de uma represa. O canal de Suez representa importante ponto estratégico para o escoamento de mercadorias, principalmente petróleo na região. Uma coalizão entre Israel, França e Inglaterra culminou no ataque contra as forças egípcias de Nasser e seu crescimento como possível potência regional (JORGE, 1975, p.165). Apesar da tomada em assalto da região do Sinai, a tensão gerada pela Guerra Fria fez com que as forças armadas israelenses, por acordo, devolvessem a região ao Egito. No entanto, mesmo com o acordo de deixar a região, Israel não cessou fogo contra os árabes. Em decorrência disso, em 1962 Israel empreende um ataque contra a Síria,

impedindo que palestinos retornassem aos seus lares. O ataque foi duramente criticado pela delegação estadunidense e das Nações Unidas, que provocou a ira de sua então Primeira Ministra Golda Meier, que mais uma vez não impediu Israel de continuar sua ofensiva indireta aos países árabes (JORGE, 1975, p.170).

Os problemas mal resolvidos do conflito de 1956 e 1962 propiciaram a conjuntura para outro conflito, o de 1967. Nesse período, as relações de Israel com seus vizinhos árabes estavam estremecidas. Em primeiro lugar, os árabes da região nunca aceitaram de bom grado a partilha de terras delimitada pela Organização das Nações Unidas em 1947. Outro ponto importante é a estreita ligação entre o Estado de Israel com as potências ocidentais. Assim, em 5 de junho de 1967, Israel ataca fortemente os exércitos do Egito, Síria e da Jordânia. Os ataques duraram apenas seis dias, o que levou o conflito a ser denominado de “A guerra dos seis dias”. Como resultado, Israel saiu vencedor e anexou aos seus territórios a Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jerusalém Ocidental e as Montanhas de Golã. Ou seja, anexou para seus territórios toda a Palestina histórica e culminou com o aumento de refugiados palestinos na região (GATTAZ, 2003, p.135). Segundo Jorge (1975, p.146-147):

A Guerra dos Seis Dias foi um divisor de águas na história da Guerra da Palestina, reforçando a discórdia bilateral entre Israel e as nações árabes cujos territórios ficaram sob seu controle, e trazendo repercussões imediatas sobre a vida de 1.400.000 palestinos que residiam na Cisjordânia, Faixa de Gaza e Jerusalém Oriental. Desses, cerca de 500.000 tornaram-se refugiados - muitos pela segunda vez, pois haviam buscado abrigo nessas áreas após o êxodo de 1948. Os que ficaram nos territórios ocupados vieram a se formar uma categoria distinta daqueles que viviam nas fronteiras israelenses (que tinha direito à cidadania israelense), encontrando-se sob ocupação militar estrangeira, sujeitos ao governo militar e às suas conseqüências na supressão das liberdades e direitos civis

Toda essa situação levou a um sentimento de revanchismo por parte dos países árabes. Como podemos observar na imagem 1, Sacco nos faz referência a esse sentimento de revanche. Ao representar Taha e seu sentimento sobre Israel, nosso autor desenha Taha muito alterado. Eisner (2010, p.37) discorre que a anatomia leva a experiência entre criador e leitor a um grande envolvimento, ou seja, até o leitor mais despercebido pode compreender que não somente os palestinos não alimentam bons sentimentos sobre os israelenses, mas também seus vizinhos árabes até os dias de hoje. Além da anatomia da personagem, Sacco ainda utiliza de outros aparatos quadrinísticos para apresentar a seu leitor esse sentimento, neste caso os balões de diálogo. Os balões são um recurso extremo, que

possibilitam ao leitor capturar um elemento sonoro. Sua forma e espessura contribuem simbolicamente com o desenho (EISNER, 2010, p.2).

Outro artifício utilizado é o letreiramento. Dentro do balão, ele colabora na natureza da emoção da fala (EISNER, 2010, p.24). Como podemos observar, quando Taha discorre sobre Israel, pode-se identificar o aumento da fonte, o que nos leva à representação de exacerbação sentimental da personagem. Portanto, se observarmos a composição que Sacco utiliza para representar Taha, verificamos estilisticamente o sentimento de revanchismo é construído pelo autor, para assim direcionar o leitor de “Palestine” à mensagem que Sacco pretende construir, nesse caso, a mensagem que Sacco constrói é a hostilidade que os outros países árabes da região alimentam sobre o Estado de Israel devido a conjuntura dos conflitos que estende-se desde 1947.

Mais uma vez, depois de um evento mal resolvido, e agora aliado ao sentimento de revanchismo dos países árabes vizinhos, outro conflito armado ocorre na região. Em 1973, os árabes resolveram tomar a dianteira e investiram de surpresa contra as defesas de Israel no dia do perdão judaico, o *Yom Kippur*. Estados Unidos e União Soviética abasteciam seus respectivos aliados. Porém, prevaleceu a força econômica e militar estadunidense, que mais uma vez levou à vitória de Israel (JORGE, 1975, p.202).

No âmbito geral, a datação deixada pelo autor estabelece estes três pontos marcantes na história do conflito. No entanto, a partilha realizada pelo ONU em 1947, e que marca o início da guerra árabe-israelense, denominada pelos israelenses como guerra da independência, não é mencionada neste momento de seu trabalho. O motivo mais aparente pode estar nas palavras de Gattaz (2003, p.136) ao observar que o motivo dessas denominações conflituosas tem efeito somente para os propósitos do relato histórico, mas obscurecem a realidade do conflito, que, segundo sua análise, estaria omitindo a colonização sionista na Palestina desde a década de 1930 e a expulsão dos árabes de sua terra.

De fato, Sacco estabelece assim seu recorte histórico. Se a datação de um evento histórico somente pode levantar uma suposição, algo convencional e não natural (KOSSELECK, 2006, p.13), a escolha de nosso autor é representar não a origem do conflito, o que poderia levá-lo a um problema histórico ao escolher como e quando demarcar a gênese do conflito. Por exemplo, do ponto de vista sionista, se tem na Antiguidade com a diáspora do povo Hebreu seu começo. Sua estratégia é

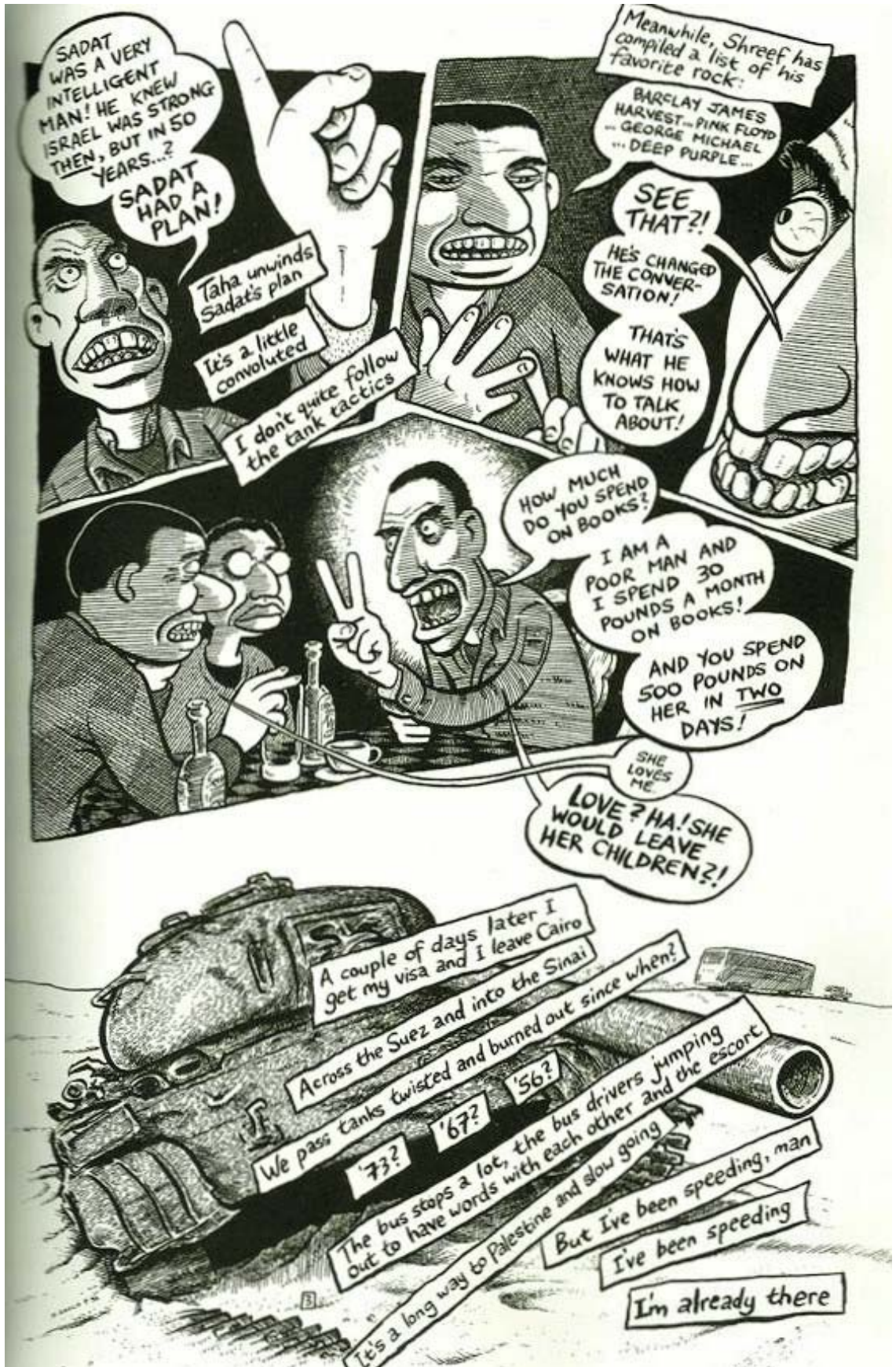
representar temporalmente as modificações geográficas do conflito, ou seja, entre 1956 a 1973, ocorrem as maiores transformações nas fronteiras israelenses e palestinas, o que de fato ocasionou também modificações nas relações entre palestinos e judeus, como se pode verificar na imagem 3, a qual apresenta a expansão israelense na região entre 1947 a 1967.

Sendo as entrevistas de palestinos que vivem em territórios ocupados por Israel seu foco central no trabalho, apresentar a seu leitor os acontecimentos históricos de quando e como essas fronteiras foram alteradas, explica a exclusão de 1947 e 1948 de seu recorte temporal e sua suposição sobre os territórios ocupados. Porém, a marcação temporal de 1947-8 somente é excluída no que se refere ao apontamento nas páginas de apresentação. As guerras citadas pelo autor são desdobramentos imediatos dos acontecimentos ocorridos em meados da década de 1940. No decorrer de seu trabalho, direta ou indiretamente a partilha é citada, ainda mais quando relato de idosos são necessários para explicar a conjuntura atual de sua viagem.

Imagem 1 – Conversa no hotel em Cairo. Sacco, Taha e Shreef conversam sobre a dançarina tcheca e a relação de Israel e os países árabes.



Imagem 2 – O taque distorcido.



Por este ponto de vista, a representação da modificação geográfica da região, pelo menos nas fronteiras de Israel aos leitores, permeia a discussão sobre a opressão de Israel sobre os palestinos que vivem nos territórios ocupados da Faixa de Gaza e Cisjordânia. A modificação de maior impacto apresenta ser o conflito de 1967, quando efetivamente os territórios palestinos são ocupados, e assim, o período de maior repressão tem início. O indício que podemos utilizar sobre esta hipótese pauta-se nas próprias palavras de Sacco. Ao mencionar as palavras da Primeira-Ministra de Israel, Golda Meier, que governou entre 1969 e 1974, referindo-se que: *“It was not as though there was a Palestinian people considering itself as a Palestinian people and we came and threw them out and took their country away from them. They did not exist².”* (SACCO, 2011b p.42). Portanto, na apropriação de Sacco sobre as palavras de Golda Meier, o foco de Israel é ignorar os palestinos e seus direitos. Com os territórios ocupados, a ideologia de exclusão e repressão teria início.

No entanto, os conflitos anteriores não são o ponto central de seu trabalho. Os conflitos de 1956, 1967 e 1973 são o conjunto de acontecimentos que estabelecem as novas fronteiras que, futuramente, se pensarmos em uma linha tênue dentro de uma cadeia cíclica de ações e reações, levaram à eclosão da Intifada em 1987, ou seja, a Intifada não é um acontecimento isolado, um fato que começa sem antecedentes, mas um acontecimento contínuo, decorrente de vários outros conflitos que percorrem por vários anos o mais longo conflito no Oriente Médio. Suas consequências são ditadas nas atitudes políticas, econômicas e sociais que permeiam as relações entre israelenses e palestinos.

O foco de “Palestine” é a Intifada, e, por isso, as páginas iniciais não poderiam deixar de referenciar estes fatos. A Intifada foi um movimento de cunho popular. Seu epicentro encontra-se na Faixa de Gaza e Cisjordânia, quando, em dezembro de 1987, após um acidente de carro envolvendo palestinos e israelenses, no qual todos os palestinos envolvidos morreram, começa uma onda de represália de civis palestinos a alguns habitantes de Israel. As Forças de Defesa de Israel (FDI), prontamente, começam seus trabalhos de repressão aos palestinos. Em poucos dias, a resposta dos palestinos foi dada nas ruas, quando a população sai de suas casas para enfrentarem os fuzis israelenses (YAZBEK, 1995, p.51).

² [No português]: “Não é como se houvesse um povo palestino que se considerasse um povo palestino e nós chegamos, expulsamos e tomamos seu país. Eles não existem” (tradução livre)

A representação da Intifada em “Palestine” fica entendida no encontro de Sacco com dois garotos no Vale do Kidron. Um garoto baixo e gordinho, autodenominado palestino (SACCO, 2011b, p.22) e outro alto e magro, denominado pelo primeiro garoto como judeu, convidam Sacco para os acompanharem por um caminho lamacento. No caminho, o garoto palestino diz a Sacco que é da vila de Silwan, e que sua família foi expulsa de sua vila pelos judeus. Repentinamente, os garotos param em frente a uma palmeira e começam a jogar pedras em um pássaro (SACCO, 2011b, p.23). A referência à Intifada está representada na ação dos garotos em jogarem pedras. A Intifada também é conhecida como a “revolta das pedras”, devido ao fato da população ir às ruas armada somente com pedras para enfrentar as forças bélicas da FDI. Segundo Mustafá Yazbek (1995, p.51), no início era somente jovens, e no curso do tempo, adultos e idosos também aderiram à ação. O ato de atirarem pedras, ainda nas palavras de Yazbek (1995), atormentou a vida dos soldados israelenses, e deu grande passo na luta política palestina. Segundo o relatório emitido pela Divisão dos Direitos Palestinos da Organização das Nações Unidas em janeiro de 1988:

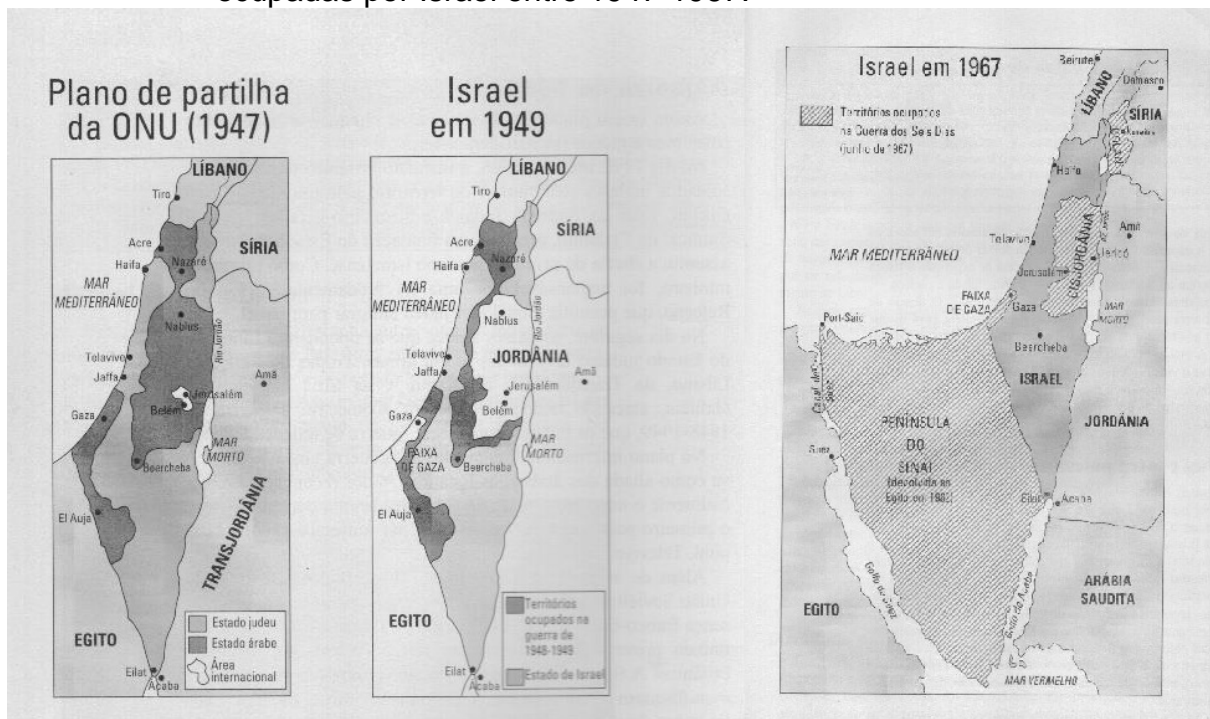
In further violent incidents on 3 January 1988, as reported by *The New York Times* of 4 January, an Israeli soldier shot to death a 25-year-old Palestinian woman while she was hanging laundry in her yard in the village of Al-Ram north of Jerusalem. The Killing occurred when Israeli soldiers using live ammunition were chasing stone-throwing Palestinian boys in the streets of the village.³

Os garotos, portanto, representam de forma imagética e subjetiva uma das características principais da Intifada, ou seja, o ataque de pedras da população palestina. O documento emitido pelas Nações Unidas em janeiro de 1988 já apresenta evidências destas ações ao mencionar a atividade dos garotos palestinos atiradores de pedra, e a contínua repressão pelas forças armadas de Israel que se intensificam no intuito de refrear o movimento palestino. Os relatos coletados no trabalho de Sacco, voltam-se para a compreensão dessa retaliação, ouvir pessoas que não foram ouvidas no conflito, e investigar o cotidiano palestino.

³ [No português] “Em outros incidentes violentos em 3 de Janeiro de 1988, conforme relatado pelo *The New York Times* de 4 de Janeiro, um soldado israelense matou a tiros uma mulher palestina de 25 anos de idade, enquanto ela estava pendurando roupa em seu quintal, na aldeia de Al-Ram norte de Jerusalém. O assassinato ocorreu quando soldados israelenses usando munição real estavam perseguindo meninos palestinos que atiravam pedras nas ruas da aldeia. (tradução livre)

O que podemos concluir destes recortes das páginas de apresentação em “Palestine”, é o interesse de nosso autor em representar aos seus leitores o emblemático contexto histórico no qual Israel e Palestina estão envolvidos. Assim, de maneira estratégica, Sacco utiliza de recursos quadrinísticos no intuito de inserir mais a fundo seu leitor sobre a relação entre árabes e israelenses. No entanto, sua previsão em lançar para dentro de seu trabalho os seus leitores parte do pressuposto de que seus leitores pouco conhecem acerca do assunto, ou que já estão de alguma forma com conceitos preestabelecidos sobre quem são os palestinos. Sobre essa relação entre autor e seu público, Antônio Candido (2006, p.47) discorre que a obra vincula o autor ao seu público, pois o interesse do autor é pelo seu público, assim sendo, o autor é o agente que desencadeia o processo entre a obra e o público ao qual seu material é designado.

Imagem 3 – Consequências dos conflitos entre Israel e a Liga Árabe. Terras ocupadas por Israel entre 1947-1967.



YAZBEK, 1995, p.20-29

2.3. POR OUTROS OLHOS

Outro assunto abordado nas páginas de apresentação de “Palestine” está estritamente ligado à sua escolha em cobrir por conta própria os acontecimentos na Palestina. Para tanto, devemos neste ponto direcionar nossa atenção em uma ampla possibilidade de práticas de leitura exercida por Sacco. Não devemos depositar uma carga semântica de inocência em Sacco, como já observamos, “Palestine” é seu ambiente de gestão de uma mensagem a ser comunicada, e para isso, todo um aparato estratégico é utilizado. No entanto, ao aceitarmos que ele não é inocente ao comunicar-se com seu leitor, devemos compreender como esse jogo dinâmico e estratégico se estrutura. Nossa análise sobre a construção dessa gestão baseia-se na sua prática de leitura.

Conforme Certeau (1998, p.270), os leitores, mesmo longe de serem escritores, são escavadores de poços, viajam pela linguagem e caçam nas terras e campos que não escreveram, e por isso não são seus. Arrebatam para si os bens que querem usufruir. Nessa perspectiva, o leitor não é um consumidor alienado da escrita do outro, apesar de viajar por campos que não foram cultivados por ele, fica a seu cargo escolher quais os frutos que quer colher desses vastos campos. Cabem às experiências já vivenciadas e ao intelecto formador do leitor escolher aquilo que lhe convém, e utilizá-los como melhor o convir.

Devemos também nos atentar sobre as leituras que permeiam sua perspectiva, e de antemão, lançaram as bases para a fabricação de “Palestine”. Para tanto, voltaremos nossa atenção para a compreensão dessas práticas que foram representadas nas páginas de apresentação. No prefácio de 2007 (SACCO, 2011a, p.xvii), Sacco delimita a leitura de Noam Chomsky, Edward Said e Christopher Hitchens. Dentre esses autores, baseamos nossas observações em Chomsky e Said, pois ambos são diretamente citados por Sacco em seus trabalhos, ao contrário do jornalista Hitchens, ao qual nenhuma menção foi delimitada, a não ser a contribuição de Hitchens em outro trabalho de Sacco na Bósnia, *Safe Area Gorazde* em 2000.

Ainda há outra questão a ser observada sobre essa afirmação de Sacco em seu prefácio. Sacco cita três autores que foram importantes para suas perspectivas para a produção de “Palestine”. Como vimos, sobre Hitchens, não é possível verificar indícios nem em “Palestine” ou “Yahoo”. Por outro lado, Chomsky e Said

são diretamente citados por Sacco em “Palestine”. Tanto na edição estadunidense como na edição brasileira, o próprio Said faz uma homenagem para Sacco no prefácio de “Palestine”. Essa homenagem de Said para Sacco parece uma retribuição, pois, nas próprias páginas de “Palestine”, Sacco se representa lendo o livro de Said e dedica um subcapítulo para ele.

Portanto, delimitamos para nossa análise dois autores que parecem conferir grande influência para Sacco, são eles Noam Chomsky e Edward Said. Nossa atenção para as próximas páginas está voltada para analisar indícios deixados por Sacco relacionados ao trabalho de ambos. Dentre as referências encontradas, dois assuntos são muito recorrentes em seus trabalhos, e que de certa maneira, parecem estar representados tanto na narrativa literal quanto na imagética de Sacco. O primeiro tema está fortemente ligado à crítica ao fazer jornalístico, cujas referências encontram-se mais presentes em Chomsky. O segundo tema, como consequência do primeiro, é a necessidade de também ouvir o lado palestino do conflito, o que é fortemente empregado por Said. O que observamos é que ocorre forte influência das noções lançadas tanto por Chomsky quanto Said, além de vários pontos que podemos analisar os registros deixados por Sacco nos quais faz referência direta aos dois.

Antes de iniciarmos nossa análise, é importante deixar clara a problemática com a qual estamos lidando nas próximas páginas. Delimitar as leituras de um agente histórico parece no primeiro momento uma observação perigosa. Mesmo com os devidos cuidados tomados ao procurar indícios que legitimam sua prática, as afirmações sobre as influências da prática de leitura podem parecer precipitadas.

A problemática do ‘mundo como representação’, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o mundo real (CHARTIER, 1990, p.23-24).

Quando Arbex Jr. (2011, p.xvii) afirmou que Sacco, em 1981, após os ataques de Israel ao Líbano, passa a ter interesse na questão Palestina, deixa-nos o indício de que Sacco é leitor de Chomsky. Chomsky é linguista e filósofo. Apesar de sua origem judia, é grande crítico da política internacional estadunidense. Acredita que o terrorismo de Estado, o que acredita que os Estados Unidos realizam em suas intervenções militares, é mais preocupante que o terrorismo por grupos dissidentes.

Em outra oportunidade passada de nossa pesquisa, discutimos sobre algumas influências do jornalismo, e até citamos dois casos descritos por Sacco (Atentado em Munique e caso Klinghoffer), porém, devemos deixar bem claro que nesse momento nossa intenção é observar como as práticas de leitura, apropriadas de forma tática, estão representadas em “Palestine”.

Além da afirmação de Arbex Jr (2011), o próprio Sacco deixou indícios de sua leitura. Em “O Derrotista” (2006), ao descrever e desenhar em setembro de 1990 um parâmetro sobre ataques massivos ocasionados por grandes bombardeios na segunda metade do século XX, entre eles o ataque dos Estados Unidos à Líbia em 1986, Sacco apresenta em sua bibliografia a leitura de *Pirates & Emperors: International terrorism in the real World* (Piratas & Imperadores: Terrorismo internacional no mundo real) de Chomsky (SACCO, 2006, p.131). Nesse livro, Chomsky disserta que ações como os ataques ao Japão em 1945, são o estereótipo do moderno conceito de terrorismo.

Para compreendermos como a prática de Chomsky influenciou nosso autor, observaremos a imagem 4. Nesse momento de “Palestine”, apesar de afirmar que já estava na região há três semanas, é a primeira representação de Sacco em contato com um palestino. Ao caminhar por Nablus, Sacco é abordado por um palestino anônimo que o convida a se sentar e tomar um chá. O palestino pergunta o que Sacco acha de seu país, e de forma “...a real innocent...” (bem inocente) (SACCO, 2011b, p.5), discorre sobre as colinas e as oliveiras.

O que nos parece nessa representação é outra estratégia de nosso autor em se representar como alguém mal informado no primeiro momento. Temos que observar que este excerto corresponde às páginas de apresentação, e possivelmente o autor tem como objetivo nos apresentar sua mensagem. O requadro subsequente a esta cena colabora na compreensão da mensagem como um todo, pois é quando nosso autor introduz ao palestino o assunto sobre a ocupação, e que analisaremos adiante.

Ao representar-se como mal informado sobre a Palestina, e ciente de ser turista nessas terras, Sacco realiza sua crítica sobre o conhecimento deficitário que os ocidentais possuem sobre a Palestina. Como já apresentado no caso Klinghoffer e nos ataques em Munique, o conhecimento deficitário ocidental é formulado, na concepção de Sacco, por meio da produção midiática. Ou seja, o que os estadunidenses consomem sobre o que são os palestinos está ligado às notícias de

jornais, que, como observamos, estão direcionadas a um estereótipo de terrorista. Sua estratégia está voltada em deixar tanto a pergunta proferida pelo palestino como sua resposta aberta à conclusão do próprio leitor.

Não podemos deixar de observar que Sacco está na Palestina enquanto a Intifada ainda está ocorrendo, e assim, na expectativa de uma troca de experiências com seu leitor, a pergunta também é realizada para que seus leitores possam refletir sobre o que conhecem sobre o assunto. Logo após que o caso Klinghoffer e o ataque de Munique são representados ao leitor, este trecho começa a ser trabalhado por Sacco na página seguinte. Se a intenção do autor em apresentar as duas manchetes jornalísticas pretendia representar sua perspectiva, cabe a ele agora dar continuidade ao processo de desconstrução da perspectiva de seu leitor, que como vimos, teve seu início com o egípcio Taha. A diferença agora é afunilar a perspectiva do seu leitor em não generalizar todos os árabes como sendo iguais. Como discutimos, isto está voltado à sua estratégia. Mas procuramos neste momento encontrar as táticas que levaram a ela. O consumo das leituras produzidas pela mídia não o satisfaziam. Conforme seu relato no prefácio à edição brasileira:

O outro argumento, sobre a qualidade do jornalismo norte americano, me indignava ainda mais, visto que depois de muito me esforçar para tornar-me como aqueles jornalistas, descobri que o tratamento que dispensavam àquele tema não apenas deixava a desejar, como era literalmente vergonhoso. Sentia que não me informava em absoluto (SACCO, 2011a, p.xvi)

Certamente sua formação profissional colaborou muito para sua decisão. Mas não pode deixar de mencionar que Sacco afirma optar em não trabalhar, ou não tem oportunidade, de participar no processo de fabricação desse campo de produção o qual critica, pois segundo ele mesmo “Posteriormente, desisti do jornalismo escrito – não por conta de uma discussão com a profissão, mas, simplesmente, porque não conseguia encontrar um trabalho jornalístico que me satisfizesse minimamente” (SACCO, 2011a, p.xvii). O que é possível de observar por este caminho é a influência de Chomsky, na perspectiva de Sacco e seu ponto de vista sobre a mídia construída nos Estados Unidos. O ponto chave para compreender isso, pode estar relacionado à noção de construção do consenso de Chomsky (2013, p.14-15).

Para Chomsky (2013, p.15), baseado na “revolução na arte da democracia” de Walter Limppmann, o que para Limppmann poderia ser denominado “construir o

consenso”, tem como finalidade obter a concordância da população em assuntos no qual esta mesma população não está de acordo. Nesta perspectiva de Lippmann, e apropriando-se das próprias palavras de Chomsky, a propaganda midiática política tem como finalidade distrair um rebanho desorientado. Esta mesma noção de construção do consenso é citada em “Palestine”, no entanto, não é diretamente citada por Sacco, e sim por Arbex Jr (2011, p.xiii) ao dizer que “Basicamente, a ‘engenharia do consenso’ é um complexo processo psicossocial. Os grandes oligopólios da mídia estimulam o debate público sobre alguns assuntos, mas sempre condicionando o debate a certos parâmetros”. Ou seja, esta ideia de tentativa de manipulação por parte da mídia, e uma engenharia empreendida em controlar o rebanho desorientado também é observada por Arbex Jr (2011) no trabalho de Sacco. O estereótipo representado para e pelo o Ocidente sobre o Oriente estimula o sentimento rejeicionista. Segundo Gattaz (2003, p.10):

É de causar espanto ao leitor ocidental, acostumado à versão única passada pela mídia, afirmando a ‘barbárie terrorista oriental’ frente aos ‘civilizados padrões do Ocidente’, a constante estratégia de destruição utilizada na conquista do território palestino, inicialmente pelos imigrantes judeus sionistas (identificados, pelos meios de comunicação, com esses elevados padrões de civilização) e depois pelo Estado de Israel

Ao comentar sobre a cobertura vergonhosa e o sentimento de não informado, Sacco não está só lançando críticas contra a cobertura, mas também deixa claro que conhece seu leitor, e precisa de alguma forma fazê-lo refletir. Assim, os símbolos construídos pela mídia, por meio de jornais, telejornais e periódicos, permeiam a perspectiva simbólica do conflito no Ocidente. Segundo Pierre Bourdieu (2000, p.10):

Os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração ‘lógica’ é a condição da integração ‘moral’.

O requadro seguinte na imagem 4, além de dar continuidade acerca da cobertura midiática, apresenta nova problemática. Ao cochichar sobre as ocupações, Sacco apresenta ao leitor o assunto como se fosse um não dito, obscurecido pelo silêncio, uma voz silenciada. Ou seja, sua intenção de dar voz ativa aos palestinos começa a ser desenhada neste momento.

Se a mídia representa como produtora de representações simbólicas, parcial, e com objetivos bem estabelecidos na construção de uma memória oficial, Sacco quer ser o oposto disso, pelo menos o que sugerem “Palestine”. Portanto, além de jornalista, Sacco, em seu trabalho, também tem seu olhar voltado para a histórica. Reconhece que a memória sobre o conflito reflete uma disputa, ou seja, o conflito não é disputado apenas geograficamente, mas também ocorre disputa simbólica como lugar de memória. No entanto, a disputa pela memória, em sua concepção, é desigual. Para ele, o peso semântico que a cobertura jornalística oferece, tende a desencadear um contrapeso na balança do conflito. Ou como nas palavras de Said (2012, p.5) “Para muitas pessoas que acompanham as notícias pelos jornais, pela TV e pelo rádio, que parecem ter mais do que um parco conhecimento político e que apregoam opiniões versadas sobre controvérsias internacionais”, ou seja, O Oriente Médio era somente o problema do conflito árabe-israelense, e não mais do que isso.

Não obstante, na perspectiva de Said sobre o fazer do jornalismo recai sobre uma produção desumanizada, como se não houvesse opiniões contrárias por outros meios de comunicação. Mas não podemos também cometer o erro do anacronismo em nossa análise. Nosso trabalho está voltado para os anos finais da década de 1980 e início da década de 1990. Mesmo que corresponda a um curto período de tempo, o fazer do jornalismo tinha outras características. Por exemplo, a Internet não tinha o papel disseminador que tem hoje. Ao contrário das informações impressas, o consumidor destas informações não tinha como opinar ou redigir comentários sobre as manchetes, como hoje se faz em portais de notícias. Assim, o caráter de rebanho desorientado e a construção do consenso parecem fazer mais sentido no período de produção de “Palestine” (1992-96), visto que seria pouco provável para Sacco observar as várias opiniões das informações disseminadas pela mídia.

Sendo Sacco um homem de seu tempo, apesar de muito perto do nosso, mas com suas devidas transformações temporais no que tange às redes de comunicação, não podemos nos esquecer de observar que, como já afirmado por ele, seu trabalho é parcial, o que também torna seu trabalho engajado. Não obstante, este fato não deve reduzir significativamente o âmbito de nossa observação. Pelo contrário, devemos observá-lo inserido em seu contexto de produção. Para isso, quando Hobsbawm (2013) discorre sobre o engajamento do cientista social, parece-nos um bom exemplo a ser utilizado para refletir sobre esse momento. Para Hobsbawm (2013, p.180), “Em um extremo, há a proposição pouco

controversa de que o cientista, que é fruto de sua época, reflete os preceitos ideológicos e outros de seu ambiente e experiência e interesses históricos e sociais específicos”. Não queremos fazer comparações entre o trabalho de Sacco e o trabalho dos cientistas sociais cujos métodos e técnicas divergem, mas sim observar a importância que o engajamento de seu trabalho representa.

Exemplos de meios de comunicação que se importaram em apresentar as duas perspectivas existiram, por exemplo, como a Revista Shalom (1988), da sociedade judaica brasileira, que apresentou ao seu público, duas matérias sobre o início da Intifada, uma versão mais radical e outra moderada. A versão mais radical, por meio de um trecho do Ministro das Relações Exteriores de Israel, emitida em 22 de dezembro de 1987, dizia que:

Imagem 4 – Primeiro contato de Sacco com os palestinos. Discussão sobre a ocupação de Israel sobre os territórios palestinos.



Elementos extremistas locais que se identificam com a OLP têm estado por trás da violência, incitando os habitantes locais a fazerem demonstrações. Homens mascarados intimidaram lojistas e fecharam as suas lojas e pressionaram estudantes a abandonarem as suas aulas e saírem às ruas para atos violentos como atirar pedras e objetos afiados, queimar pneus para interromper o tráfego e atirar bombas molotov (SHALOM, 1988, p.8)

Nesse trecho, o Ministro das Relações Exteriores de Israel é utilizado para apresentar um quadro de terrorismo, não só por parte da população que começa a apoiar o movimento, mas em utilizar a identificação dos manifestantes com a OLP, grupo considerado dissidente e terrorista pelo Estado de Israel. Com isso, o Ministro de Israel tem como intuito deslegitimar o movimento enquanto popular, e assim, fazer sua conexão com o terrorismo. Por outro lado, na mesma edição da Revista Shalom, Elièzer Strauch apresenta uma versão mais moderada do conflito, e, ao invés de apontar as causas do conflito para o lado palestino, apresenta as consequências que a ocupação tem trazido para as relações entre Israel e seus vizinhos.

Os graves distúrbios ocorridos ultimamente na Cisjordânia e em Gaza representam um duro golpe na imagem que Israel sempre procurou projetar como um Estado fundado nos princípios de humanismo democrático. Porém, mais grave do que o que possam pensar de nós, os não-judeus é o que tais ocorrências causam a nós mesmo no sentido de corromper os valores em que se sustenta a própria nacionalidade judaica e israelense (SHALOM, 1988, p.6)

No entanto, apesar desta versão moderada, é a única menção desta tipologia realizada na edição deste periódico. Mas é importante salientar que esta posição parte de um meio comunicativo judeu, ou seja, não existe uma polarização tão rígida assim. Até mesmo Edward Said (2012, p.XXIX), apesar de apresentar fortes críticas aos meios de comunicação e observá-las sobre uma perspectiva desumanizada de fazer jornalismo, concorda com o início de mudanças na perspectiva dos meios de comunicação sobre a conjuntura entre israelenses e palestinos e discorre que:

No que se refere à conscientização ocidental sobre os palestinos, observa-se que a situação começou a melhorar a partir do momento em que a OLP surgiu como liderança autêntica do povo palestino. Comentaristas especializados, como Thomas L. Friedman, do *The New York Times*, afirmam que os palestinos deviam sua relativa notoriedade na consciência ocidental ao fato de que seus oponentes eram judeus israelitas, mas o fato é que a mudança ocorreu por causa daquilo que os palestinos fizeram ativamente para mudar seu status e por causa da reação dos judeus israelitas. Pela primeira vez, os palestinos eram tratados pela mídia como um povo independente da coletividade "árabe"; esse foi um dos primeiros

resultados do período entre 1968 e 1970, quando Amã esteve no olho do furacão.

Nos anos finais da década de 1960 e início de 1970, já existe um quadro diferente acerca da perspectiva ocidental sobre os palestinos, pelo menos nestes pequenos recortes. No entanto, devemos partir do pressuposto de Sacco, pois é a partir de sua noção sobre o fazer midiático que configura sua crítica, e conseqüentemente dar vazão à voz palestina. Sobre sua necessidade em dar voz aos palestinos, isso possui relações com suas observações sobre a disseminação das informações sobre o conflito. No entanto, outros vestígios que apresentam grande influência em sua escolha parcial podem estar relacionados à sua prática de leitura de Edward Said, o segundo autor que delimitamos como influente no trabalho de Sacco.

Said, assim como Chomsky, também é linguista. No entanto, é de origem palestina e refugiou-se nos Estados Unidos. Além de professor, Said é considerado um dos grandes intelectuais palestinos, e ativista até sua morte em 2003. Entre seus grandes trabalhos, está “Orientalismo”, no qual discute as perspectivas do Ocidente sobre o Oriente, já citado em nosso trabalho. Mas o trabalho que influenciou Sacco, e tem citação direta em suas páginas (SACCO, 2011b, p.177) é “A questão da Palestina” (SAID, 2012). Em “A questão da Palestina”, Said (2012) tem como tema principal a busca pela autodeterminação do povo palestino. Assim como Sacco e Chomsky, Said (2012) também aponta os problemas da difusão nas informações sobre o conflito. Para ele, há grande hipocrisia do jornalismo e nos discursos intelectuais do Ocidente, ao apontarem somente a existência do terror palestino, sempre de forma bem detalhada, ao passo que o terror israelense muito pouco ou quase nunca é informado. Conforme suas palavras (SAID, 2012, p.XLIX):

Em minha opinião, muito pior é a hipocrisia do jornalismo e do discurso intelectual do Ocidente (e do sionismo liberal), que raramente tem algo a dizer do terror sionista. Existe algo menos honesto do que a retórica de afronta que se emprega para relatar o terror ‘árabe’ contra ‘civis israelenses’, ‘cidades’ e ‘vilas’ ou ‘crianças na escola’ e a retórica de neutralidade que se emprega para descrever os ataques ‘israelenses’ contra ‘posições palestinas’, segundo a qual ninguém consegue saber a que campos de refugiados palestinos do sul do Líbano se referem?

No discurso de Said (2012, p.8), os palestinos são representados como o problema oriental a ser resolvido. Descrever os conflitos entre Israel e Palestina

como a Guerra da Independência é considerar somente a versão israelense do conflito. Construir o consenso entre um povo vitimado e outro demonizado tem suas finalidades. Não é somente a necessidade de um lar para os judeus, mas sim, em legitimar as invasões bélicas e ideológicas do Ocidente no Oriente. O litígio travado na região não é de âmbito local, mas tem amplitude internacional. Não foi somente os Estados Unidos que teve interesse na manutenção de Israel na região, o que representa uma nação ocidental e liberal dentro do Oriente Médio.

Dentro ainda do contexto da Primeira Guerra Mundial, as nações ocidentais, como a Grã-Bretanha, já anunciavam seu interesse sobre a Palestina como estratégico para uma aliança com os judeus mesmo a Palestina pertencer ao Império Turco Otomano. A Declaração Balfour, redigida pelo Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, Arthur Balfour em 1917, já demonstra os interesses britânicos em estabelecer uma aliança com os sionistas. Para Said (2012, p.18), a declaração apresenta, além do problema da representatividade sobre a Palestina, ou a falta dela, a perspectiva colonialista sobre a terra.

O que é relevante na declaração (Declaração de Balfour) é que, em primeiro lugar, há muito tempo ela é base jurídica das reivindicações sionistas na Palestina, e, em segundo lugar, e mais crucial para os nossos propósitos, é que se trata de uma declaração cuja força posicional só pode ser avaliada quando se têm em mente as realidades demográficas e humanas na Palestina. Isto é, a declaração foi feita: (a) por uma potência europeia; (b) sobre um território não europeu; (c) em completo desrespeito tanto à presença quanto aos desejos da maioria nativa que residia nesse território e (d) na forma de uma promessa desse mesmo território a um grupo estrangeiro, de modo que este poderia de modo bastante literal, transformar esse território numa pátria para o povo judeu (SAID, 2012, p.18)

Por si só a declaração é emblemática. Jorge (1975, p.30) discorre sobre dois problemas ocasionados pela correspondência emitida por Balfour em 1917. Primeiro, a carta foi redigida em 1917, muito antes do início do Mandato Britânico no território da Palestina, que iniciou em 1922. Só por este motivo, a declaração não possui cunho legal na intenção britânica em doar as terras para os judeus. Outro problema apontado por Jorge (1975, p.30), refere-se à apropriação, dada a semântica das palavras na declaração. No segundo parágrafo da declaração, Balfour redige *“His Majesty’s Government view with favour the establishment in Palestine of a national home for the Jewish people⁴”*, Jorge (1975) aponta que os judeus se apropriaram

⁴ Literalmente, “Governo de Sua Majestade vê com favor o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu.” (tradução livre)

dessas palavras ao traduzirem o significado de *home* como pátria e nação, ao invés de lar.

Desta forma, a apropriação da declaração pelos judeus sobre a Declaração Balfour refere-se ao direito de se estabelecerem na Palestina, como sua pátria, como o lar judeu para os judeus. A observação de Sacco sobre a declaração adiciona mais um ponto a ser observado na emblemática conjuntura da declaração. Conforme a imagem 5, observamos que no requadro acima de Arthur Balfour no ato de assinar a declaração, encontra-se a figura de Deus, por meio da citação bíblica de Josué (1:13) ao prometer a terra para o povo de Moisés. Portanto, a questão religiosa é inserida em sua observação.

Ao desenhar a representação religiosa da terra prometida, Sacco estrategicamente desenha o braço de Deus sobrepondo o requadro abaixo de Arthur Balfour assinando a declaração. Esta estratégia é mais bem compreendida ao observarmos a função dos requadros que compõem as histórias em quadrinhos. Para Eisner (2010, p.26), “As linhas desenhadas em torno da representação de uma cena, que atuam como um dispositivo de contenção da ação ou de um segmento da ação, têm entre as suas funções a tarefa de separar ou decompor o enunciado total”.

Se a linha de requadro tem como função separar ou decompor um segmento de ação, a representação de Deus com seu braço estendido e sobreposto à bandeira do Império Britânico representa que a questão religiosa e a questão política, representada pela declaração, legitimam o direito judeu sobre a terra. Porém, a mão de Deus sobressai às linhas de requadro, assim dando o sentido de uma ação contínua, e a ideia de que a questão religiosa sobressai sobre a política na perspectiva de Sacco. Nesse âmbito, a declaração significa o ato contínuo da terra prometida.

Porém, uma continuidade que só pode ser conquistada por meio de uma aliança política, e no caso, que representasse grande poder bélico que pudesse oferecer a manutenção do território em uma região vulnerável a guerra. Segundo Said (2012, p.160), “[...] a idéia (sic) de que Israel tem o direito a se estabelecer no território por razões bíblicas e de segurança (mesmo o território se mostrar vulnerável a guerras) desafia a credulidade até dos mais ardentes aliados de Israel”.

Após entendido que religião e política andam de mãos dadas sobre a posse e propriedade da terra, é preciso entender agora as consequências disso. Se a terra

é prometida pela divindade judaico-cristã, para os ocidentais o povo judeu tem muito mais direito que os árabes muçulmanos. Nesse ponto, a influência de Said (2012) é muito marcante. Para Said (2012, p.30), “Os árabes e o islamismo *representam* o mal, o venial, a decadência, a luxúria e a estupidez no discurso popular erudito”. Sendo uma terra sagrada e prometida, os árabes muçulmanos significam o último impedimento para o desfecho da profecia. Por outro lado, o que legitima a posse dos judeus para os ocidentais, pauta-se que os “Sionistas e europeus têm em comum o ideal da honestidade, da civilização e do progresso, nada que o oriental seja capaz de compreender” (SAID, 2012, p.33).

Como resultado, a Declaração Balfour apresenta-se como mais uma ferramenta de legitimação dos judeus sobre a Palestina, e no entendimento de Sacco por meio de sua apropriação de Said (2012), baseadas na religião e segregação, o que configurará posteriormente a declaração, o início da colonização na região. Não era, na visão de Said (2012, p.78), com a Declaração de Balfour, a legitimação do povo judeu como um movimento de libertação, mas sim um movimento colonial de assentamento no Oriente, o que leva até hoje uma política sionista inflexível, excludente e discriminatória. Ao pautarem-se sobre a legitimação religiosa, por meio de suas escrituras e sua promessa, Israel como um Estado autônomo significaria aos judeus o retorno a um estado de coisas prometidos por meio de suas escrituras.

Não obstante, a representação de Sacco de um contínuo entre religião e política, por meio de sua representação – a mão de Deus sobre a bandeira do Império Britânico – representa que a legitimação religiosa estende suas aspirações para a construção de um modelo de colonização imperialista do século XIX. Conforme Said (2012, p.99) “Israel era o retorno a um antigo estado de coisas, embora os novos fatos tivessem muito mais semelhanças com os métodos e os êxitos do colonialismo europeu do século XIX do que com uns poucos e misteriosos antepassados do século I”.

Dentro dessas aspirações colonialistas, que se intensificam a partir de 1917, o movimento sionista apropria-se de posições do Mandato Britânico, que só tende a crescer com o início da Segunda Guerra Mundial, quando a Inglaterra necessita enviar o maior número de recursos possíveis para lutar na Europa, e deixa brechas para a intensificação sionista na região. No decorrer dos anos, com o aumento populacional judeu na região, o caminho também ficou aberto para a ocupação de

territórios árabes, e assim, inicia o processo de “destruição dos vestígios árabes na região” (SAID, 2012, p.116).

Retornando a conversa de Sacco com os egípcios no hotel. Taha ficava mais intenso a cada instante que se passa, e alguns argumentos são lançados pelo egípcio no intuito de intensificar sua discordância contra o Estado de Israel. Mais uma vez, a estratégia utilizada por Sacco está em não dar muitas informações a seus leitores, e deixarem caso queiram buscar por si mesmos os fatos apurados. Desta vez é citada por Taha a questão também emblemática do Acordo de Camp David de 1978, entre Israel e Egito. Inicialmente, o acordo visava à paz entre Egito e Israel. O então presidente do Egito, Anwar Sadat, e o Primeiro Ministro de Israel, Menachem Begin, apoiados pelo presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, celebram em 1979 a paz entre os dois países após trinta anos de hostilidades. Entre os dois Estados nação, soberanos por seus territórios, decidem entre eles mesmos um acordo de paz. No entanto, outro assunto é inserido em Camp David, a construção de um Estado árabe palestino.

Apesar de parecer uma forma diplomática de resolver o problema no Oriente Médio, pois ambos visam à paz, a citação de Taha sobre o acordo de Camp David relaciona-se ao problema citado por Said (2012) sobre a falta de representação palestina em assuntos que lhe interessam e o aumento da repressão israelense dentro dos territórios ocupados, pois “O acordo com o Egito permitiu a Israel operar mais livremente contra a resistência palestina, e nos anos seguintes entrará em novos conflitos com o Líbano e a Síria, além de aumentar a repressão nos territórios ocupados” (GATTAZ, 2003, p.156). Nas discussões que permeiam o Acordo de Camp David, em nenhum momento alguma autoridade palestina é convocada para representar sua vontade na criação de seu Estado. O primeiro problema representativo apontado por Said (2012, p.59) está na existência de um povo palestino, e as causas da existência de uma ocupação de seus territórios:

Existe um povo palestino, existem palestinos, existe uma ocupação israelense das terras palestinas, existem palestinos sob ocupação militar israelense, existem palestinos (650 mil que são cidadãos israelenses e constituem 15% da população de Israel, existe uma grande população no exílio, essas são realidades que os Estados Unidos e ao maior parte do mundo reconhece, ainda que na forma de negação, rejeição, ameaças de guerra e punição. (SAID, 2012, p.59)

O segundo problema representativo está no fato de Israel e Egito não convidarem nenhuma autoridade palestina para discutir sobre a criação de um Estado autônomo na Palestina, e assim, exclui demasiadamente o fator representativo de um povo, que, segundo Said (2012, p.59), sabe quem os representam, onde querem viver e o que querem fazer com seu futuro. Apesar de não constituírem um Estado de fato, os palestinos tinham na Organização pela Libertação da Palestina (OLP) quem os representasse, mas que não foi convidada a entrar em debate. Após o conflito de 1967, e a perda de grande parte de seu território tomado por Israel, a OLP apresenta grande guinada representativa dos direitos palestinos após as tentativas dos outros países árabes. Conforme Gattaz (2003, p.152):

Outra mudança importante ocorrida após 1967 foi o ressurgimento do movimento nacional palestino e o retorno da 'Questão da Palestina' à pauta da diplomacia internacional. Após a vergonhosa derrota de junho daquele ano, percebendo que era inútil confiar nos outros Estados árabes para conseguir sua terra de volta, os palestinos assumiram o controle da Organização pela Libertação da Palestina até então mantida pela Liga Árabe. Em 1968, a Organização adotou uma nova Carta, considerando Israel um Estado ilegal e conclamando todos os palestinos a lutar por seus direitos, uma vez que a comunidade internacional até então havia se mostrado inábil para promover uma solução satisfatória.

Sendo o acordo de Camp David apoiado pelos Estados Unidos, a hipótese mais plausível para a não auto-representatividade palestina em assuntos de seu próprio interesse pauta-se na afirmação de Gattaz (2003, p.150), de que, após a política anti-ocidental de Nasser no Egito, que levou à guerra contra a coalizão entre Israel, França e Inglaterra contra o país norte-africano, ficou estabelecido para as potências ocidentais apoiarem Israel como a única potência pró-ocidental no Oriente Médio. Como na Declaração Balfour, mais uma vez Israel é beneficiado pelos interesses ocidentais na região, e mais uma vez cabe ao povo palestino as consequências dos interesses ocidentais. A OLP, por meio de seu líder de então, Yasser Arafat, repudiou o acordo entre Israel e o Egito sobre a construção de um Estado autônomo na Palestina sem o consentimento e a representação de uma autoridade palestina nos debates. No entanto, o repúdio da OLP ao acordo não surtiu bons resultados, pelo contrário, "Nos territórios ocupados, o regime era de total repressão aos palestinos, a quem eram negados todos os direitos de expressão e organização política" (GATTAZ, 2003, p.153).

A questão de uma representação legítima palestina também é trazida à tona por Sacco em outra passagem em sua obra. A imagem 6, desenhada em janeiro de 1993, período que permeia o Acordo de Oslo em 1993, no qual dispensaremos nossa atenção adiante, o autor ao caminhar pela região leste de Jerusalém com seu amigo jornalista Saburo defronta-se com uma manifestação palestina, que prontamente é refreada pela iniciativa da FDI. Conforme a imagem 6, pode-se observar os palestinos em gritos. Certamente, os momentos históricos de 1978 e 1993 são distintos entre si, no entanto, é interessante frisar que no momento em que essa página está em processo de produção, as discussões que permeiam o acordo de paz de Oslo está em trâmite. O que difere o processo de paz de 1978 do processo de 1993 pauta-se que, no segundo, em detrimento do primeiro, é possível observar a representatividade palestina sobre o comando da OLP, que foi totalmente excluída em 1978.

Nesse ínterim, mais uma vez a construção do consenso segue uma linha tênue com a falta de representação palestina. Como vimos, a situação é muito mais abrangente. A questão da representação é um ponto marcante no conjunto de ideias que permeiam “A questão da Palestina” de Said (2012). Como o próprio autor afirma:

Desde sua fundação em 1948, Israel exerceu um domínio extraordinário no que diz respeito ao conhecimento, ao discurso político, à presença internacional e ao reconhecimento. Tornou-se Israel para representar o que há de melhor nas tradições ocidentais e bíblica. Seus cidadãos eram soldados, sim, mas também agricultores, cientistas e artistas, sua transformação milagrosa de uma ‘terra árida e deserta’ conquistou e continua a conquistara admiração universal. Enquanto isso, os palestinos ou eram ‘árabes’ ou criaturas anônimas, capazes apenas de romper e desfigurar uma narrativa fantástica e idílica. Mais importante ainda, Israel representava (embora nem sempre desempenhasse esse papel) uma nação em busca de paz, ao passo que os árabes eram belicosos, sanguinários, exterminadores em potencial e reféns mais ou menos eternos de uma violência irracional. (SAID, 2012, p. XXV)

Podemos concluir que, dentro dessa problemática que tentamos abordar nas últimas páginas, as práticas de leitura de Sacco contribuíram em suas bases para pensar o que significa o conflito entre israelenses e palestinos. Porém, é importante deixar claro que não foram somente essas leituras que permearam suas práticas durante sua trajetória antes de sua viagem à Palestina. O que tentamos nessas últimas páginas foi estabelecer essas práticas mediante indícios deixados por ele em “Palestine” e “Yahoo”, pois o primeiro refere-se à suas representações acerca da

viagem aos Territórios Ocupados, enquanto o segundo refere-se a um dos seus únicos trabalhos publicados antes de “Palestine”. Certamente, muitos outros trabalhos fizeram parte desse processo. Como afirma Chute (2016, p.199), uma das características do jornalismo em quadrinhos está pautado na interpretação do autor e Chute (2016, p.199) não descarta o uso da historiografia para isso.

Em suma, o autor de “Palestine” reflete sobre o papel estruturante o qual os meios de comunicação realizam no Ocidente. Nessa engenharia do consenso, os palestinos árabes são tudo aquilo que os ocidentais não querem ser. Enquanto Israel busca a paz, por ser uma sociedade moderna, tecnológica e civilizada, a Palestina dos árabes muçulmanos torna-se o maior problema para o progresso de Israel. Por meio da observação acerca das práticas de leitura, foi possível analisar o empreendimento colonialista judeu baseado nas alianças políticas, estruturada pela promessa religiosa e disseminada pelos meios de comunicação. Essa dinâmica de ideias permeia o trabalho de Sacco. Quando questionado por qual motivo escolheu cobrir o conflito, diz ter ciência que existem outros conflitos mais injustos e sanguinários que o problema palestino, e que sua escolha responde a má cobertura midiática acerca do conflito, e seu dever como pagador de impostos, e financiador indireto do conflito (SACCO, 2011a, p.xvi). No entanto, o conhecimento prévio que adquiriu desde 1981, após os ataques israelenses ao Líbano, apropriados por meio das leituras de Said (2012) e Chomsky (2013), pode ser uma nova resposta inconsciente, visto que essa questão só poderia ser respondida por meio da análise histórica.

Portanto, o que buscamos a todo momento nesse capítulo foi traçar um parâmetro possível de informações por meio de práticas apropriadas de forma tática por Sacco no que se refere a produção de “Palestine”. Se observarmos essas táticas por meio da noção de Certeau (1998), como foi proposto, possivelmente Sacco teve contato com muitos outros elementos que de forma indireta também compõem a produção de seu trabalho. Mas, dentro de uma enormidade de possibilidades de leituras, analisamos por meio de “Palestine” e até mesmo de “Yahoo” indícios dessas práticas. Assim senso, podemos concluir que são táticas, pois, dentre um universo de leitura apropriada por Sacco, esses indícios parecem muito mais presentes na sua narrativa. Como sua escolha é parcial, ou seja, direciona seu trabalho para uma perspectiva palestina da Intifada, não seria então várias outras leituras pró-Israel deixadas de lado?

Imagem 5 – A assinatura da Declaração de Balfour de 1917. A continuação da questão religiosa sobre a questão política.

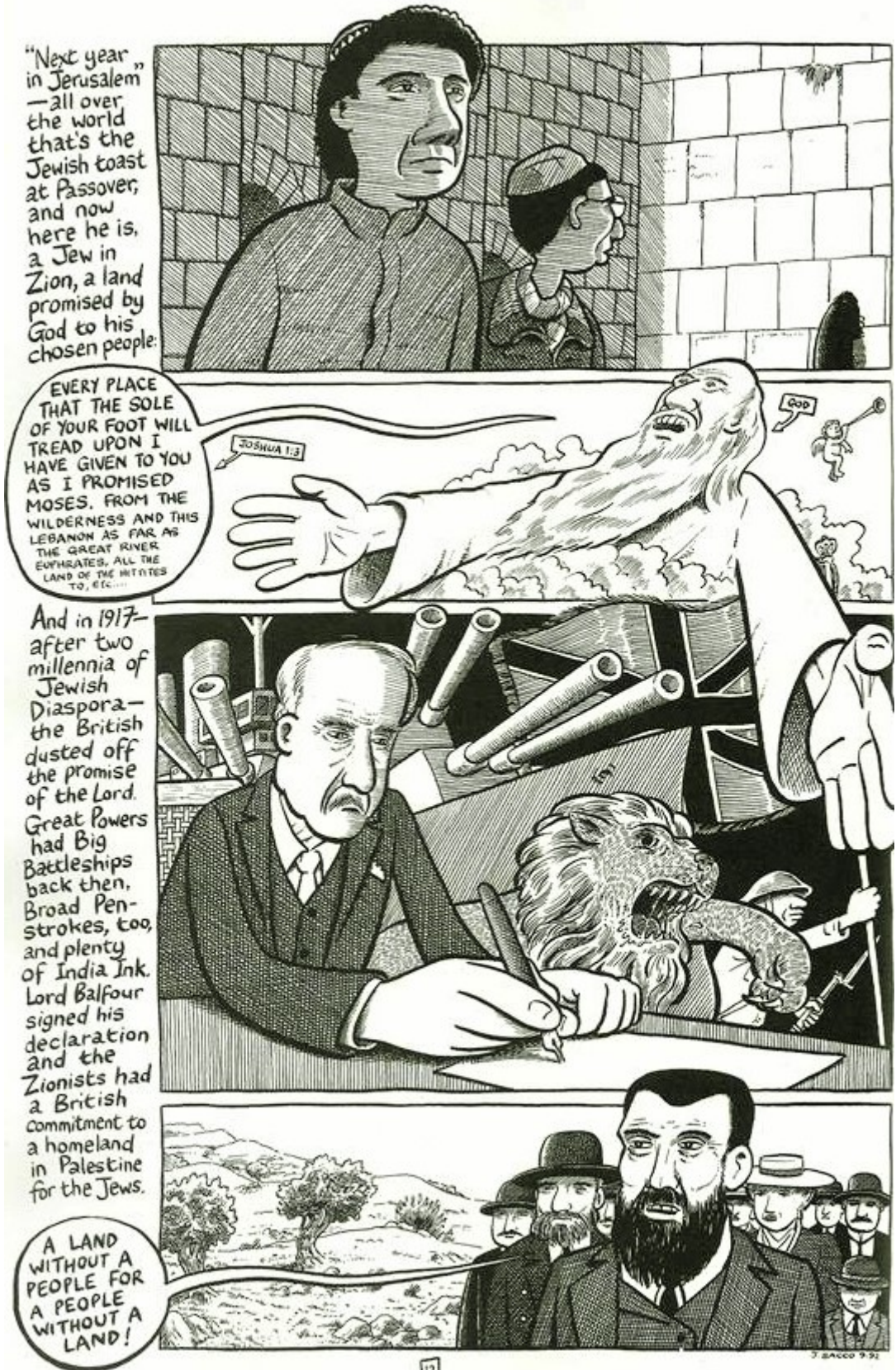


Imagem 6 – Palestinos gritam “OLP! Israel não”, representação do significado da OLP para os palestinos



3. CONSEGUINDO UMA MATÉRIA: A ARTE DO FAZER

Até o momento, discorreremos sobre a dinâmica de acontecimentos que permeiam a relação de Sacco com a questão da Palestina antes de sua viagem aos territórios ocupados entre 1991 e 1992. Nossa atenção ficou voltada às suas práticas de leitura e como elas estavam expressas nas páginas de “Palestine”. Nossas observações nos levaram a perceber como estas apropriações táticas forneceram as bases de sustentação de seu trabalho. Entre essas bases, a compreensão dos meios de comunicação, que para ele tendem a repassar de forma parcial os fatos ocorridos no Oriente Médio e a pretensa construção consensual sobre quem são os árabes palestinos.

Inserido nessa mesma dinâmica de táticas e estratégias, noção que apropriamos aqui de Certeau (1998), direcionaremos nossa atenção agora a outro momento sobre o processo de produção em “Palestine”, que por vez, também fica obscurecido pelo produto final em si. Se no primeiro momento de nossa análise, dispensamos nosso tempo a acontecimentos que antecedem sua viagem, agora, direcionamos nossa atenção ao processo de produção.

No primeiro momento dessa análise, observaremos o gênero quadrinístico e a trajetória de seu estilo ilustrativo como estratégias de produção para seu trabalho. No segundo momento, voltaremos nossos olhos para a construção narrativa de “Palestine”, ou seja, compreender de que maneira as informações coletadas são organizadas para que seu leitor tenha melhor entendimento de seu trabalho. E por último, mas não menos importante, observaremos o regime de historicidade ao qual a perspectiva de Sacco está voltada para palestinos e israelenses.

3.1. MIL PALAVRAS

Nas próximas páginas, será direcionada a discussão sobre as estratégias no processo de produção de “Palestine” no que se refere o estilo e o gênero ilustrativo. Neste momento, tentaremos compreender o processo de construção relacionado ao suporte material. Se antes procuramos observar os indícios paralelos às apropriações de algumas ideias centrais de seu trabalho, agora voltaremos nossa

atenção às apropriações estilísticas que compõem suas ilustrações e as derivações que levaram a composição de “Palestine” como jornalismo em quadrinhos.

Sacco afirmou que o estilo *bigfoot*, ou pé grande, foi o estilo caricatural desenvolvido nas primeiras partes de “Palestine”. No entanto, ele mesmo afirma que não deu continuidade a esse estilo de ilustração até as últimas páginas. Talvez essa alteração de estilo tenha ocorrido após evento segundo o qual “[...] certo dramaturgo palestino-americano, após olhar de relance o primeiro número, rasgou-o em pedaços” (SACCO, 2011a, p.xvii). Porém, o autor não discorre qual outro estilo utilizado nas demais páginas.

O que podemos deduzir de antemão é a importância que a crítica do dramaturgo palestino ao seu estilo o tenha feito repensar sua estratégia referente ao estilo ilustrativo que utilizou nas primeiras páginas de seu trabalho, ou seja, mesmo tendo afirmado que nunca participou de nenhuma escola de desenho, não tinha intenção de ferir ninguém com suas ilustrações. Assim sendo, a intenção neste momento não será desvendar qual outro estilo foi desenhado em “Palestine”, mas a mudança no estilo ilustrativo e o desenvolvimento do gênero jornalismo em quadrinhos denominado pelo próprio Sacco.

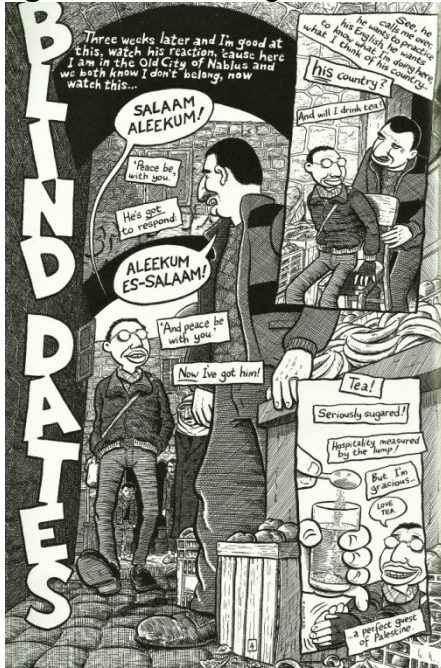
O estilo *bigfoot* é característico dos vernáculos visuais das tiras de jornais das décadas de 1920 e 1930 (MANZUR; DANNER, 2014, p.23). Entre suas características mais marcantes está a representação dos pés de suas personagens com grandes dimensões. Conforme a imagem 8, podemos observar *Mutt e Jeff*⁵ de Bud Fisher. No entanto, ao compararmos o estilo *bigfoot* de Bud Fisher ao estilo de Sacco em suas primeiras páginas, conforme imagem 7, observamos que as semelhanças estão muito mais estritas ao tamanho dos pés do que ao estilo como um todo.

A não ser a semelhança com o tamanho dos pés, não parece que existem tantas semelhanças no estilo de Fisher e Sacco para que o segundo denomine seu estilo inicial de *bigfoot*. Porém, não podemos nos esquecer que entre ambos existe um hiato temporal de mais de meio século e que apropriações do estilo ocorreram nesse meio tempo. Entre as apropriações ocorridas nesses anos, os trabalhos de Robert Crumb nas décadas de 1960 e 1970 possibilitam a análise com mais precisão sobre a aproximação de Sacco ao *bigfoot*. Para Mazur e Danner (2014,

⁵ *Mutt e Jeff* foi lançado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1907. As tiras faziam referências às manchetes locais e caricaturas de figuras públicas de San Francisco. Em 1908, quando foi licenciada pelo *King Features*, seu Bud Fisher foi conhecido nacionalmente como a primeira celebridade da indústria dos quadrinhos.

p.24), Crumb é o grande representante da geração dos quadrinhos pós-censura nos anos de 1950. Seu estilo traz o choque da novidade atrelado ao prazer do reconhecimento.

Imagem 7 – Estilo bigfoot de Sacco



SACCO, 2011b, p.4

Imagem 8 – Estilo bigfoot de Bud Fisher



Conforme a imagem 9, podemos verificar em comparação com a imagem 7, que as características aparentemente compartilhadas entre Sacco e Crumb são muito mais semelhantes em vista do trabalho de Fisher. O desenho de Fisher (imagem 8) tem traços claros, muito parecidos com o *ligne claire* (linha clara) da Escola de Bruxelas, que, graficamente, tem linhas com a mesma espessura, sem variações e com cores fortes e brilhantes, além de evitar o sombreamento tracejado (MAZUR; DANNER, 2014, p.7). Sacco e Crumb não evitam o sombreamento tracejado, que graficamente, apresenta um desenho mais escuro e poluído visualmente.

Porém, é importante salientar que a comparação do estilo de Sacco com o de Crumb já fora observado por outros estudiosos do trabalho de Sacco. Iuri Barbosa Gomes (2010, p.18) discorre em sua dissertação que “Com uma linguagem coloquial e com um estilo que lembra o grande nome do chamado quadrinho *underground*, Robert Crumb, Sacco literalmente traça quadros em capítulos sobre o conflito que há tempos ocorre entre palestinos e israelenses”. Juscelino Neco de Souza Junior

(2009, p.7) também enfatiza que “[...] a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco emerge a partir da tradição do quadrinho realista, com notável influência do *underground* norte-americano.”

Apesar de outros pesquisadores chegarem à conclusão de que o estilo de Sacco é permeado pela Influência de Robert Crumb, não se pode deixar de lado a afirmativa do próprio Sacco em dizer que seu estilo é o *bigfoot*. No entanto, é importante delimitar as apropriações que o estilo *bigfoot* sofreu a partir de 1930, para assim compreender a afirmação de Sacco. O prazer do reconhecimento é destinado a Crumb por ter revivido o estilo cômico pé grande (MAZUR; DANNER, 2014, p.24) e adicionar o novo ao estar “Quebrando tabus, seus desenhos colocaram em primeiro plano nudez e sexo, violência extrema, humor irreverente e política radical, mas também ampliaram os limites convencionais dos quadrinhos como forma de arte”. No entanto, essa quebra de tabu que Mazur e Danner (2014) atribuem a Crumb está associado à criação do *Comics Code* nos Estados Unidos nos anos de 1940. O *Comics Code* foi criado por editores nos Estados Unidos diante da forte repressão causada por Fredric Wertham. Sobre isso, Waldomiro Vergueiro e Angela Rama (2004) discorrem que:

Devido ao impacto das denúncias do dr. Wertham e de outros segmentos da sociedade norte-americana – como associações de professores, mães e bibliotecários, além de grupos religiosos das mais diferentes tendências -, não tardou para que todos os produtos da indústria de quadrinhos passassem a ser vistos como deletérios, exigindo uma ‘vigilância’ rigorosa por parte da sociedade. Para fazer frente a essa visão, ao final da década de 1940 alguns editores norte-americanos reunidos na Association of Comics Magazine já haviam elaborado uma primeira proposta para depuração das publicações da indústria dos quadrinhos, um Comics Code, que visava garantir a pais e educadores que o conteúdo das revistas não iria prejudicar o desenvolvimento moral e intelectual de seus filhos e alunos (VERGUEIRO; RAMA, 2004, p.12-13)

Dessa conjuntura, referente à apropriação do estilo *bigfoot* dos anos 1930 e à quebra de tabus como temas principais em seus trabalhos, surgia assim o movimento estilístico dos quadrinhos denominado *underground* que teve como precursor Crumb. Sobre a gênese do movimento:

O movimento tinha sido criado em revistas de humor nas faculdades, revistas de surfe e de carros antigos turbinados, os *hot-rods*, e jornais *underground*, como o *East Village Other*, o *Berkeley Barb* e o *L.A. Free Press*. Tomou corpo numa rede de head shops, lojas que vendiam acessórios para o uso de drogas e pôsteres de rock psicodélico. Essa união

imprevista de um impulso criativo, um público receptivo e uma rota de distribuição já aprovada resultaram em seis anos de independência artística comercialmente rentável, sem precedentes na história dos quadrinhos. Pela primeira vez, os criadores de quadrinhos, em número significativo, escreviam e desenhavam para se expressar, sem censura ou interferência editorial, e continuavam donos de suas criações. (MAZUR; DANNER, 2014, p.23)

Imagem 9 – O estilo sombreado e tracejado de Robert Crumb e as semelhanças com o estilo de Sacco.



CRUMB, 2010b, p.96

O movimento ganha força após mais de uma década de censura na indústria dos quadrinhos dos Estados Unidos. A censura havia levado as HQ's ao patamar de mídia infantil, e assim, fez com que os artistas do *underground* trouxessem de volta o prazer infantil só que agora para um público adulto (MAZUR; DANNER, 2014, p.23). Não só isso, o *underground* também desvinculou os quadrinhos do caráter comercial. Sua estética áspera e espontânea levava aos excessos de desordem e ilegalidade, o que o afastava cada vez mais das publicações sofisticadas e comerciais do *mainstream*⁶. Isso colaborou para que a liberdade dos artistas

⁶ *Mainstream* são as editoras consideradas as correntes principais no mercado das HQ's, como atualmente ocorrem com as editoras *Marvel* e *DC Comics*.

pudesse ser mais bem explorada, e assim, de uma mídia infantil, os quadrinhos passaram a receber status de arte.

Inserido nessa nova conjuntura, em 1968 é publicado o primeiro número da *Zap Comix*⁷. Resultado do movimento *underground*, a *Zap Comix* inspirou vários artistas. Apesar de Crumb estar à frente da revista, outros artistas também contribuíam com seus trabalhos, e assim, tornou a revista repleta de referências do passado e elementos da cultura de seu tempo.

A maioria dos artistas *underground* encontrou inspirações nos quadrinhos do passado, bem como no animado ambiente cultural de seu próprio tempo. Alguns, como Crumb, olhavam para trás, para as tirinhas sem limites de 'pé grande', enquanto outros tentavam captar novamente o humor sombrio e transgressor da editora *EC Comics* dos anos 1950, com seu terror particularmente repugnante e seus títulos de crime, além da irreverente *MAD*, de Harvey Kurtzman. (MAZUR; DANNER, 2014, p.23).

Portanto, dentro desse contexto, o estilo *bigfoot* é revisto e aprimorado por novos elementos dos artistas dos anos 1960. O estilo infantilizado dá espaço para um estilo transgressor e sombrio. As características são mantidas, mas a temática é reformulada. Conforme a imagem 10, referente à capa do primeiro número da *Zap Comix* de 1968, é possível observar os elementos fundamentais do *bigfoot* predominantes de forma bastante marcante. Em contrapartida, na imagem 11, referente à capa da *Zap Comix* número 6, de 1973, é possível observar elementos expressionistas, e assim, as referências do *bigfoot* compartilham espaço com novos estilos. Mazur e Danner (2014) salientam a apropriação do expressionismo inserido nos artistas da Zap.

Enquanto a galeria de suas bizarrices lascivas é muitas vezes comparada ao expressionista alemão George Grosz, Wilson, como muitos de seus colegas *underground*, cresceu em meio aos quadrinhos de terror, crime e guerra da EC, e a explosão de sexo e violência em seu trabalho foi em parte um sonoro 'foda-se' para o Comics Code Authority, o conselho regulatório estabelecido em 1954 por causa do psiquiatra Frederic Wertham e sua posição crítica em relação à moralidade dos quadrinhos (MAZUR; DANNER, 2014, p.26).

É por meio de Crumb que podemos observar melhor o estilo *bigfoot* utilizado por Sacco. No prefácio de "Palestine", não é realizada nenhuma menção sobre suas influências quadrinísticas, porém, se compararmos a imagem 12, do livro "Minha

⁷ A *Zap Comix* é criação de Robert Crumb. Sua primeira edição contou com 3.500 cópias. Sua última publicação foi realizada em 1982 com o décimo exemplar. Em 2014, a editora *Fantagraphics Books* relançou em 2014 todos os números.

Vida” de Crumb, publicado no Brasil pela Editora Conrad do Brasil em 2010 e a primeira página de “O Derrotista” de Sacco, imagem 13, observa-se que além da semelhança estilística, também é possível verificar semelhanças no conteúdo das imagens, tais como os braços posicionados para trás com as mãos à cabeça, ambos confortáveis em suas camas além de ouvirem música e ambos estarem rememorando algum momento de suas vidas. Além disso, outro indício que podemos tirar dessas imagens é a autorrepresentação dos autores em seus trabalhos. No estilo *bigfoot* de Fisher, as personagens são fictícias, mesmo que o ambiente das histórias seja a cidade do autor. Mazur e Danner (2013, p.24) afirmam que “Crumb frequentemente usava a si mesmo como tema, revelando, aparentemente sem vaidade ou constrangimentos, as facetas mais embaraçosas de sua personalidade e de sua psicologia”.

Em Crumb, as histórias variam entre ficção e realidade, mas a personagem principal, no caso ele próprio, é real. Essa relação entre o sentimento natural pelo meio e uma vontade de desabafar a raiva interior reafirmou a importância dos quadrinhos para a próxima geração (MAZUR; DANNER, 2013, p.24). Geração essa na qual Sacco está inserido. Mas qual o motivo de Sacco afirmar que seu estilo é o *bigfoot* e não o *underground*?

Em 1973, as atitudes rebeldes já não chocavam a sociedade como antes. A relação do *underground* com as *head shops*, lojas especializadas na venda de entorpecentes, e a temática adulta e pornográfica desenvolvida pelos artistas do movimento, deixaram sua marca como estilo quadrinístico. Porém, fatores exteriores forçavam as *head shops* a fechar suas portas, e com isso interromper a venda dos quadrinhos *underground*. Sobre isso, Mazur e Danner (2014, p.40) discorrem que:

O *boom* dos quadrinhos *underground* terminou abruptamente em 1973, devido a vários fatores. Pela decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos no caso Miller v. Califórnia, as comunidades locais passaram a poder estabelecer seus próprios padrões de obscenidade. Isto obrigou os *head shops*, que já estavam sofrendo pressão das forças antidrogas, a interromper as vendas dos ‘*comix*’ *underground* a fim de evitar problemas com a justiça. Ao mesmo tempo, muitas atitudes rebeldes relativas a sexo, drogas, política e modo de vestir já não eram tão chocantes ou empolgantes como no início do movimento.

Sacco, ao negar o *underground* como estilo quadrinístico, nega também que seus desenhos tenham forte relação com o movimento. Como “Palestine” aborda uma temática sensível para a opinião pública nos Estados Unidos, afirmar que seu

estilo é o *bigfoot* pode ter sido a estratégia de Sacco em não problematizar seu trabalho enquanto estilo artístico. Portanto, o estilo *bigfoot* afirmado por Sacco não faz referências aos clássicos de 1920 e 1930, mas sim ao estilo já apropriado por Crumb.

A imagem 13 representa que Sacco também é leitor de Art Spiegelman (2009). Spiegelman (2009) ficou conhecido com a publicação de “Maus”, que narra a história de seu pai, Vladek Spiegelman, sobrevivente de *Auschwitz*. Antes de chegarmos à importância de “Maus” para Sacco, é importante verificar o papel de Spiegelman (2009) para as histórias em quadrinhos. Como vimos, o movimento *underground* serviu de inspiração para as gerações futuras. Nesse processo, Spiegelman fez parte dos artistas chamados de “alternativos” dos anos de 1980, vindos do *underground*, porém com propostas diferentes. Dentro desse novo movimento, Spiegelman lançou a revista *Raw*. Segundo Mazur e Danner (2014, p.182)

Depois de *Arcade*, Art Spiegelman continuou a se afastar do id puro e da autoexpressão sem foco dos *undergrounds* da costa oeste norte-americana para perseguir o exercício da crescente visão dos quadrinhos como uma arte. Em colaboração com Fraçoise Mouly, Art Spiegelman lançou a *Raw* em 1980 [...]

A *Raw* contava com boa parte de criadores do *underground*, porém seu foco estava direcionado tanto aos trabalhos de vanguarda quanto aos novos criadores, cujos trabalhos pouco provavelmente seriam aceitos em editoras *mainstream*. Assim, a *Raw* abraçou propositalmente o feio e o não linear (MAZUR; DANNER, 2014, p.184). Foi dentro da *Raw* que o trabalho mais promissor de Spiegelman (2009) surgiu em 1986 com “Maus”. Deixando de lado seus experimentos ilustrativos de trabalhos anteriores, linhas simples e mais sérias são adotadas para trabalhar com a temática que desenvolveria ao representar a história de seu pai. Sobre o surgimento da *RAW*, Mazur e Danner (2014, p. 185) discorrem que:

De todos os trabalhos publicados na *RAW*, o que se mostrou mais influente foi a série de Spiegelman com o relato das experiências de seu pai, Vladek Spiegelman, como prisioneiro de Aushwitz. Ao discutir a gestação do imagético central de *Maus*, Spiegelman observa que, nos desenhos animados dos anos 1920 e 1930, ‘não havia praticamente nenhuma diferença na forma como os ratos e os negros eram desenhados’. Ao combinar o racismo informal que encontrou na estética dos ‘animais engraçados’ com a comparação de judeus a vermes feitas por Hitler, os judeus do *opus magnum* de Spiegelman se tornaram ratos, os nazistas se tornaram gatos, os norte-americanos, cães, e assim por diante, criando uma metáfora visual para as divisões artificiais de nacionalidade e raça”

Imagem 10 – Zap Comix n.1 de 1968 com várias apropriações do *bigfoot*.

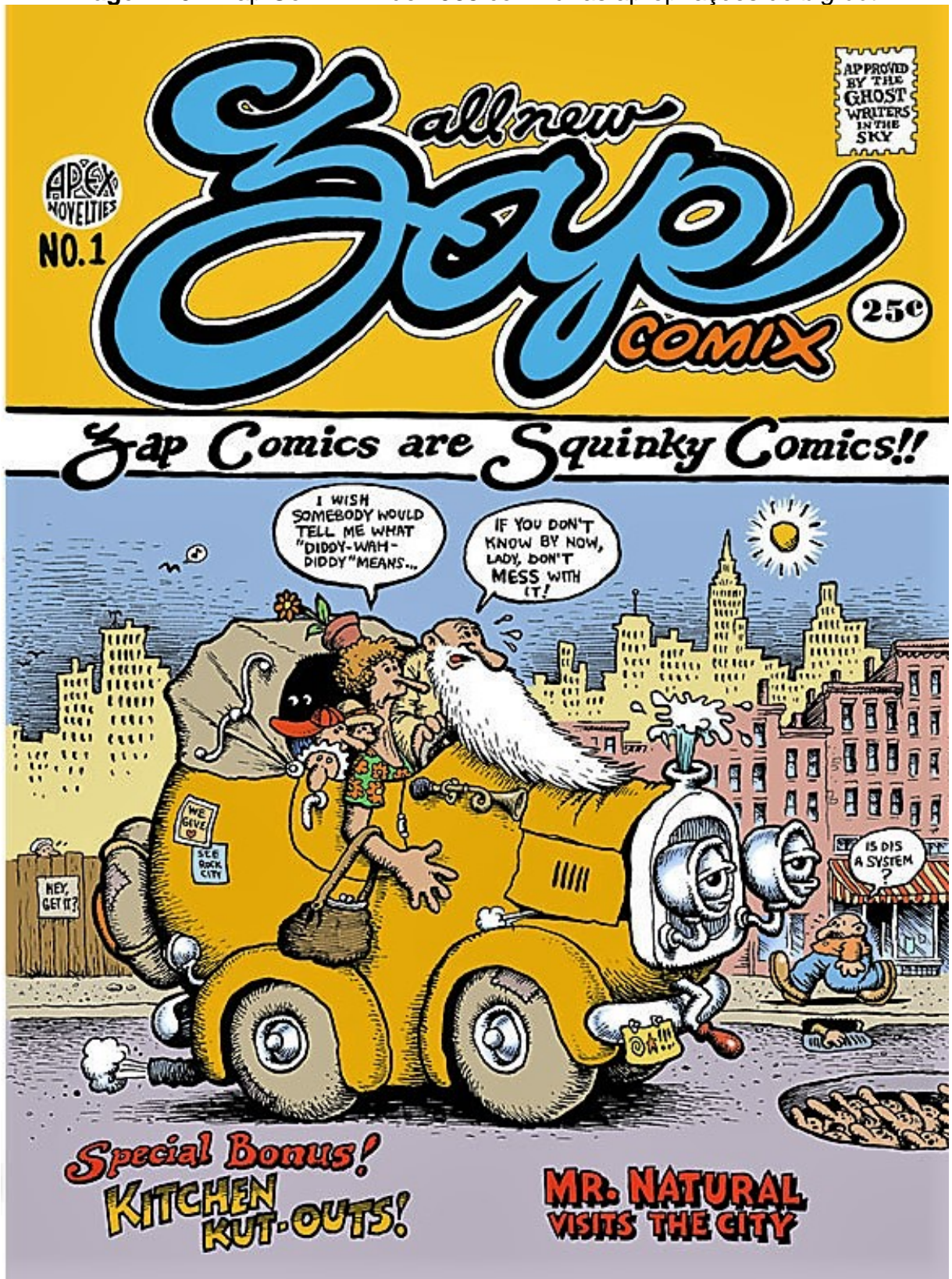


Imagem 11 – Zap Comix n.6 de 1973 com várias apropriações do expressionismo.

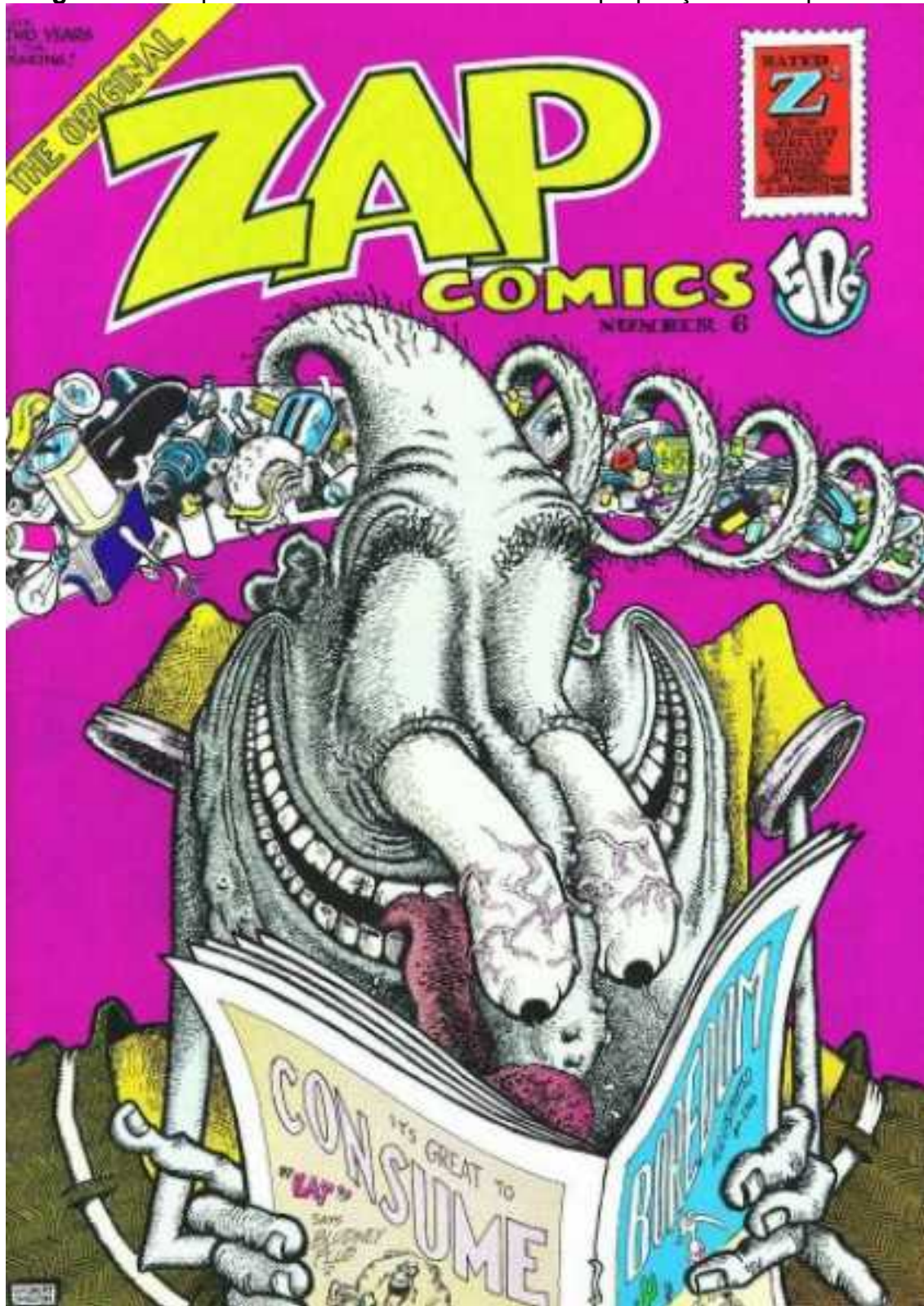
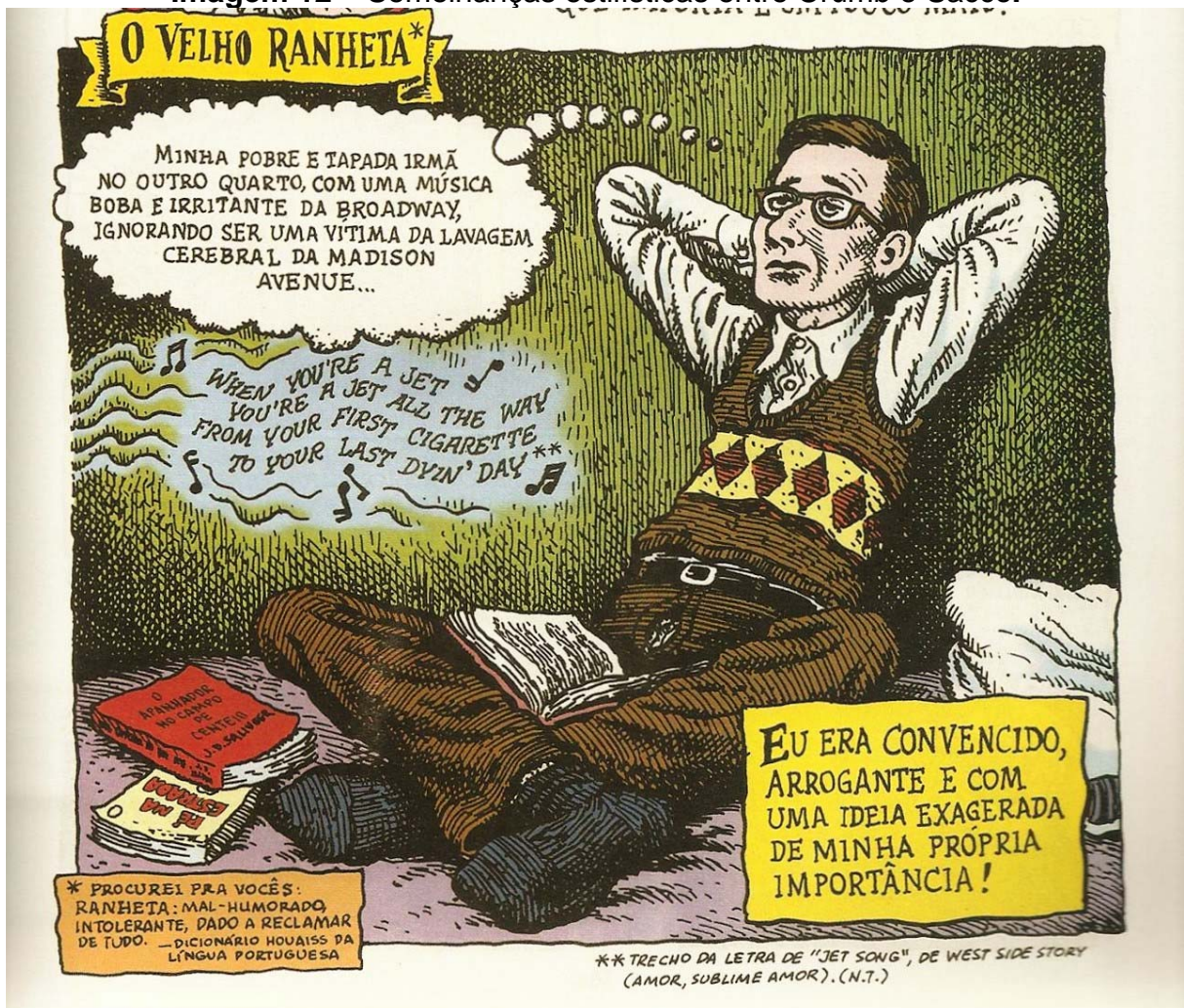


Imagem 12 – Semelhanças estilísticas entre Crumb e Sacco.



CRUMB, 2010a, p.35

O lançamento de “Maus” elevou mais uma vez o patamar das histórias em quadrinhos. Se o movimento *underground* foi precursor ao trazer os quadrinhos para o público adulto, “Maus” possibilitou que um tema delicado como o Holocausto fosse associado ao prazer da infância. Enquanto *Watchmen*⁸ de Alan Moore e *O Cavaleiro das Trevas*⁹ de Frank Miller atraíam o grande público para a leitura de histórias em “quadrinhos *mainstream*”, “Maus” de Spiegelman (2009) oferecia as bases para que histórias reais não relacionadas a super-heróis fossem acessíveis fora do suporte literário tradicional. Além do Prêmio *Pulitzer* especial em 1992, o trabalho de Spiegelman abriu caminho para que os quadrinhos saíssem das prateleiras de humor nas livrarias (MAZUR; DANNER, 2014, p.187). No entanto, não foi a temática

⁸ Série originalmente publicada nos Estados Unidos pela editora *DC Comics* entre 1986 e 1987, *Watchmen* é uma série de crime e drama ambientada em uma realidade fictícia em que heróis convivem com a presença de humanos. Temas relacionados a filosofia, história, artes e cultura popular permeiam o clímax da série. (MAZUR; DANNER, 2014, p.174).

⁹ Série originalmente publicada pela editora *DC Comics* em 1986. Neste trabalho, Miller traz de volta *Batman* aposentado e com 55 anos de idade para combater novamente o crime em Gotham. . (MAZUR; DANNER, 2014, p.173).

de guerra que conferiu esse status aos quadrinhos. O tema das guerras já fora utilizado pelos quadrinhos há muito tempo. Gerard Jones (2006, p.270), em “Homens do amanhã”, discorre sobre como a guerra motivou muitos desenhistas e escritores na década de 1940 para a criação de várias personagens clássicas das histórias em quadrinhos. O que podemos destacar nos trabalhos de Spielgeman e Sacco está muito mais entrelaçado com a trama não ficcional e o poder interpretativo na narrativa imagem-palavras em seus trabalhos (CHUTE, 2016, p.198).

Imagem 13 – Indício de leitura de Spielgeman.



SACCO, 2006, p.12

Um dos fatores que possibilitaram essa abertura foi o desenvolvimento de editoras que aceitassem trabalhos fora da linha *mainstream* já desenvolvida e estabelecida como a *Marvel* e a *DC Comics*. A demanda de editoras alternativas após o movimento *underground* não ficou restrita somente a *Raw*. Os anos de 1990 são marcados pela expansão do mercado editorial alternativo.

O sucesso de publicações independentes em criar novos e cada vez mais diversos públicos para os quadrinhos ajudou a preparar o caminho para a

próxima fase na comercialização dos alternativos; a proliferação de editoras pequenas voltadas para os interesses de quadrinhos artísticos e de nichos (MAZUR; DANNER, 2013, p.232)

Essa nova demanda de artistas advém não somente da livre expressão artística dos artistas, mas, acima de tudo, da fuga da mesmice das revistas de super-heróis. Nesse novo movimento editorial, surge a *Fantagraphic Books*, editora que já havia publicado “Yahoo” de Sacco nos Estados Unidos (publicado no Brasil como “O Derrotista”), e, em 1992, abriu espaço para a publicação de “Palestine”. Embora Sacco afirme que seria um trabalho difícil encontrar uma editora para seu trabalho, como já discutido, sua política vai ao encontro com a proposta de trabalho de Sacco. Conforme o próprio portal da editora:

Fantagraphics Books publishes comics for thinking readers – readers who like to put their minds to work, who have a sophisticated understanding of art and culture, and appreciate personal expression unfettered by uncritical use of cliché. Fantagraphics will practically always reject any submissions that fit neatly into (or combine in a gimmicky fashion) the mainstream genres of superhero, vigilante, horror, fantasy, and science fiction¹⁰. (FANTAGRAPHICS BOOKS, 2016)

Nessa conjuntura, quadrinhos autobiográficos e ficção realista proliferaram. Foi o ressurgimento da era criativa e irônica do *underground*, sem esquecer as contribuições de Spielgeman (2009). A publicação de *Love and Rockets*¹¹ dos irmãos Hernandez pela *Fantagraphic Books* em Seattle dava início a esse novo mercado editorial para os quadrinhos (MAZUR; DANNER, 2014, p.232). Esse novo mercado editorial, acima de tudo, busca inovações e experimentações que se distanciem do legado já estabelecido dos gêneros de super-heróis, fantasia, crime e ficção científica, ou como a própria editora afirma, buscam “[...] attention to personal and psychological veracity, and formal experimentation and innovation.¹²” (FANTAGRAPHIC BOOKS, 2016). Em seu portal na *internet*, a editora não deixa de reconhecer o trabalho de Sacco. No espaço do portal destinado à galeria de autores e seus trabalhos, a *Fantagraphics Books* (2016) argumenta que:

¹⁰ [No português], “Fantagraphics Books publica quadrinhos para leitores que pensam - leitores que gostam de colocar suas mentes para trabalhar, que têm uma compreensão sofisticada de arte e cultura, e aprecia a expressão pessoal sem estar limitado pelo uso indiscriminado de clichê. Fantagraphics vai quase sempre rejeitar quaisquer trabalhos, que se encaixam perfeitamente em (ou combinar de uma forma enganosa) os gêneros tradicionais de super-herói, vigilante, horror, fantasia e ficção científica.” (tradução livre)

¹¹ Publicada desde 1982 pela *Fantagraphics Books*, L&R, abreviação para *Love and Rockets*, narra histórias ficcionais de sul-americanos vivendo nos Estados Unidos. . (MAZUR; DANNER, 2014, p.189-190).

¹² [No português], “[...] atenção à veracidade pessoal e psicológica, e experimentação formal e inovadora.” (tradução livre)

In the years subsequent to the release of *Palestine*, Sacco has gained widespread praise for the depth of his research, the sensitivity of his handling of a delicate subject, as well as for the craft exhibited in his dynamic, sophisticated layouts and bold narrative. *Palestine* set new standards for the use of the comic book as a documentary medium, and was the first non-fiction graphic novel to invite serious comparison with Art Spiegelman's Pulitzer Prize-winning *Maus*¹³.

A *Fantagraphic Books* em sua breve biografia de Sacco problematiza a comparação entre “*Maus*” e “*Palestine*”. Como observamos na imagem 13, Sacco deixa como vestígio sua leitura de Spiegelman (2009). Ambos os autores têm como temáticas questões históricas e temas realistas, comparados aos trabalhos desenvolvidos pelas editoras *mainstream*. A discussão pode ser mais bem desenvolvida se focarmos nossa atenção quando o próprio Sacco denomina seu trabalho como “jornalismo em quadrinhos” (SACCO, 2011a, p.xvii).

Junior (2009, p.2) afirma que “*Palestine*” é marco para o “jornalismo em quadrinhos”. Porém, “*Maus*” seria o primeiro trabalho desse gênero. Ou seja, quando Sacco discorre que “Eu ainda não tinha desenvolvido a teoria daquilo que posteriormente chamaria – sem muito critério de ‘jornalismo em quadrinhos’” (SACCO, 2011a, p.xvii) estava somente nomeando o conceito que tinha Spiegelman (2009) como precursor. Junior (2009, p.3) ainda afirma que a falta de clareza no campo quadrinístico no que se refere sobre sua teoria, permite que análises superficiais e descontextualizadas denominem o trabalho de Sacco como jornalismo em quadrinhos. Assim, para Junior (2009, p.4), “*Palestine*” remete muito mais aos documentários do que ao gênero jornalismo em quadrinhos.

É notório que a escassez de teorias que problematizem as histórias em quadrinhos dificultem a análise mais aprofundada dos gêneros quadrinísticos. Porém, não podemos deixar de salientar que os estudos que abordam os quadrinhos e a sociedade ainda são atuais. Umberto Eco (s.d., p.61) discorre que “Podemos unicamente apontar, em síntese, para algumas direções de pesquisa, ao longo das quais é possível estabelecer uma análise científica dos *mass media*, também ao nível da pesquisa universitária”. Quando discorria essas palavras em “Apocalípticos e Integrados”, Eco (s.d.) apontava as histórias em quadrinhos dentro desse leque de possibilidades de analisar meios de comunicação ditos de massa

¹³ [No português] “Nos anos subsequentes do lançamento de *Palestine*, Sacco tem ganhado elogios pela profundidade de suas pesquisas, e sensibilidade na manipulação de um assunto tão delicado, bem como sua habilidade exibida em sua dinâmica, sofisticados traços e narrativa ousada. *Palestine* estabeleceu novos padrões para o uso das histórias em quadrinhos como documentário, e foi a primeira não fictícia *graphic novel* para encorajar sérias comparações com Art Spiegelman, ganhador do Pulitzer com *Maus*.” (tradução livre).

como fontes de pesquisa em nível acadêmico. Portanto, Junior (2009) adentra em uma discussão arriscada ao afirmar que Sacco não faz parte do jornalismo em quadrinhos. Por outro lado, Vinicius Pedreira Barbosa da Silva (2012, p.5) discorre que jornalismo em quadrinhos:

É obra baseada em processos de investigação jornalísticos, narrativas e técnicas dos quadrinhos para a apresentação de informações. Dessa forma, adaptações de reportagens que não foram especificamente pensadas para esse meio, como o uso de quadrinhos em infográficos, cartuns e tiras publicadas em jornais não são JHQ. (SILVA, 2012, p.5)

Sendo “Palestine” uma não adaptação de uma reportagem, mas sim a própria reportagem, por meio da descrição de Silva (2012), o trabalho de Sacco é pertencente ao gênero do jornalismo em quadrinhos. Porém, Silva (2012, p.3) não deixa de afirmar que, apesar de Sacco ser pioneiro em denominar o gênero, não é o único e muito menos o primeiro a realizar esse tipo de trabalho. Em sua perspectiva, Joyce Brabner com *Brought Light* em 1988 já era considerado uma *graphic docudrama*. No entanto, ao contrário de Junior (2009), Silva (2012) não leva em consideração “Maus”, publicado em 1986, que, dentro de sua descrição, também faria parte do gênero jornalismo em quadrinhos e publicado dois anos antes do trabalho de Joyce Brabner.

Não é nossa intenção delimitar se “Palestine” é o marco inicial do gênero jornalismo em quadrinhos. Como vimos, a discussão é longa e carece de base teórica para um veredito final. Porém, não se pode descartar que, assim como Silva (2012), o trabalho de Sacco possui elementos que o inserem nesse gênero, que, segundo Barbosa et al (2015, p.5), “Numa perspectiva mais ampla, a escolha do suporte de histórias em quadrinhos configura uma estratégia do autor para impor seu discurso numa sociedade de abundâncias de signos”.

A estratégia sobre a qual Barbosa et al (2015) discorre refere-se a uma saída da crise na qual o jornalismo tradicional se encontra. A inovação que Sacco traz é a renovação na construção social do papel do jornalista, então esquecida pela busca incessante de novas matérias e que distanciou o jornalista da sociedade. O trabalho de Sacco, parcial como ele próprio afirma, abre espaço para a voz dos palestinos que vivem nos territórios ocupados por Israel, o que possivelmente colabora com o papel social do jornalista perante seu objeto de trabalho. Além do papel social do jornalista, Chute (2016, p.198) vai além ao dizer que a inovação dessa narrativa

jornalística está ligada ao testemunho da violência, pois, para ela, o jornalismo em quadrinhos responde às questões epistemológicas centrais das guerras. Em uma perspectiva não ficcional, a abordagem dos temas de “Palestine” possibilitam compreender, além dos acontecimentos e seus desdobramentos, o testemunho da violência.

Uma observação interessante sobre o jornalismo e o suporte para o jornalismo em quadrinhos pode ser observado no uso do livro-reportagem. Para Edivaldo Pereira Lima (2004, p.1), o livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalística que vem ganhando espaço, mas é nos Estados Unidos e na Europa que essa linguagem tem grande destaque. Se observarmos os trabalhos de Spielgeman e Sacco, a realidade é construída por entidades diferentes das já tradicionais, ou seja, os meios de comunicação de massa, como jornais e periódicos. Nesse caso, o jornalismo em quadrinhos aborda a interpretação de um mesmo acontecimento histórico por outro ponto de vista.

Spielgeman (2009) também tem papel social com “Maus”. O Holocausto é representado por ele mediante a memória de seu pai. Quando narra o percurso de sobrevivência de Vladek, Spielgeman (2009) também traz à discussão o próprio Holocausto e o regime de opressão no qual judeus estiveram sob os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45). “Palestine” é a representação coletiva não somente da Primeira Intifada, mas também do cotidiano palestino nos territórios ocupados por Israel. Em ambos os casos, é representado aos seus leitores um novo ponto de vista sobre temas delicados, que envolvem repressão e violência. O que diferencia “Palestine” de “Maus” é a questão tempo e espaço em que o narrador se encontra. Enquanto Spielgeman (2009) está distante temporalmente de seu objeto, Sacco está presente espacialmente e bem mais próximo temporalmente de Spielgeman (2009) para com seu pai.

Se a crise do papel do jornalista citado por Barbosa et al (2015) seria uma estratégia para a utilização da linguagem dos quadrinhos no jornalismo, devemos também observar que essa linguagem colabora para que outras estratégias também sejam exploradas em sua produção. Mas não podemos nos esquecer que a utilização de imagens pelo jornalismo não é um evento restrito ao jornalismo em quadrinhos. Muito antes, já havia a utilização da caricatura e do fotojornalismo. Não que a caricatura não tenha seu merecido reconhecimento, mas para nossa pesquisa, faremos um parâmetro com a fotojornalismo, pois, segundo Jorge Pedro

Souza (2000, p.33) “A foto beneficiava também das noções de ‘prova’, ‘testemunho’ e ‘verdade’, que à época lhe estavam profundamente associadas e que credibilizavam como ‘espelho do real’.” Além do “testemunho da verdade” que a fotografia adquiriu perante o jornalismo em meados da década de 1950, outro ponto que destacamos é o fim que o fotojornalismo destinou-se para o jornalismo em seu início de caminhada e a herança deixada pelas fotografias para o jornalismo. Segundo Souza (2000, p.33):

Por um lado, a herança cultural consagrava-lhe atenção artística, pois a guerra sempre foi o tema sedutor e de sucesso junto das pessoas, por um lado, na segunda metade do século passado, ocorreram numerosos conflitos em que se viram envolvidas as potências mais industrializadas. Há ainda a acrescentar que se ia formando um público para a ‘reportagem-ilustrada’

Desde meados dos anos de 1950, as imagens permeiam as páginas de periódicos e jornais. Antes de tudo, as imagens de guerra foram uma das primeiras a ganharem espaço como fotojornalismo, visto que assim, além da coleta de material para a narrativa escrita, também há coleta de material visual. A fotografia possibilitou que um acontecimento fosse ilustrado, e assim, a reportagem não ficava mais restrita à narrativa escrita, mas agora, a imagem também fazia parte da reportagem.

A fotografia transforma o fotógrafo em um super turista, uma extensão do antropólogo que visita os nativos e traz consigo informações exóticas do cotidiano deles (SONTAG, 2004, p.54). Esse era o papel que Barbosa et al. (2015) afirmava que o jornalismo teria deixado de buscar em sua essência. Assim, o jornalismo em quadrinhos trazia de volta essa essência então perdida pela busca incessante de informações. A crise acerca do jornalismo descrita por Barbosa et al. (2015) também permeia o fotojornalismo. Souza (2000) delimita os anos de 1980 e 1990, como período de revolução para o fotojornalismo. Para ele “1989 é o ano de referência no que diz respeito às mudanças sócio-civilizacionais (sic) registradas no Mundo a partir dos anos oitenta. É o ano da queda do Muro de Berlim, que simbolizava, talvez, o fim da era das ideologias políticas” (SOUZA, 2000, p.198). No entanto, para Souza (2000, p.200-201):

Algum trabalho fotojornalístico de autor tem sido também publicado em postais ilustrados de grande consumo, um fato que poderá revelar quer um reconhecimento renovador da qualidade fotográfica e da mais-valia da diferença (democratização da cultura) quer, por um lado, uma transformação de um produto nascido com outros objetivos num instrumento predominantemente utilitário-lucrativo e, portanto, desnaturalizado.

Além do papel social do jornalista em crise, o fotojornalismo também vê a transformação de seu papel perante o jornalismo. Diante de um mercado vasto e lucrativo, os repórteres de imagem perdem controle sobre seu produto e direcionam seu foco para o fotojornalismo publicitário. Segundo Prado (2000, p.204), a *Benneton*¹⁴ é o caso mais famoso de fotojornalismo publicitário, ao utilizar as imagens fotográficas de forma eticamente problemática, como o caso da fotografia de ThérèseFrare sobre a agonia de um doente com AIDS.

Nessa conjuntura está “Palestine”. De um lado, o papel social do jornalista foi deixado de lado e o fotojornalismo publicitário encontrava-se em crescimento. Diante desse quadro, Sacco afirma que desistiu do jornalismo escrito por não encontrar nenhum trabalho que o satisfizesse minimamente (SACCO, 2011a, p.xvii). Portanto, “Palestine” como jornalismo em quadrinhos é produto de seu tempo. Não é nenhuma inovação jornalística, mas um rearranjo das técnicas disponíveis do jornalismo (GOMES, 2010, p.41) tanto imagético com o fotojornalismo e a própria estrutura das reportagens com o formato em livro-reportagem, porém que se encontra em crise. Entre essas técnicas rearranjadas pelo jornalismo em quadrinhos, a utilização de desenhos ao invés de fotografias encontra-se entre elas.

Segundo Gisèle Freund (1995, p.138), os fotojornalistas “Trabalham quase sempre em circunstâncias difíceis, frequentemente mesmo extremamente peníveis. Estão sempre limitados pelo tempo. Devem ter uma saúde de ferro, muita coragem, reações imediatas, adaptarem-se com facilidade a todas as situações.” O fotojornalista deve estar atento sempre a qualquer manifestação que possa ser fotografada por ele independente da situação que se encontra. Esta é uma situação que o jornalista em quadrinhos não faz presente em seu cotidiano. O escritório do fotojornalista é a situação em que está inserido, por outro lado, em “Palestine”, as imagens não são produzidas em tempo, mas em seu escritório. Isso possibilita que Sacco pudesse repensar e compor a situação a ser representada muito tempo depois do fato ocorrido, pois, segundo Eisner (2010, p.90) “A composição de um quadrinho é comparável ao planejamento de um mural, de uma ilustração de livro, de um quadro ou cena teatral.”

O requadro do quadrinho para o jornalista em quadrinhos é seu palco no qual busca controlar como estratégia o ponto de vista de seu leitor. O recorte de uma fotografia também possibilita essa composição, no entanto, a composição de

¹⁴ *Benneton* é uma empresa internacional de moda com sede na Itália, fundada em 1965.

perspectiva nos quadrinhos é mais abrangente que a fotografia. Sobre isso, Paulo Ramos (2009, p.91) discorre que a escolha dos quadros vai depender das escolhas do artista e do espaço físico escolhido por ele para construir sua narrativa. Tomemos como exemplo a imagem 14. Nessa imagem, o fotojornalista brasileiro Gabriel Chaim fotografa o enterro de um mártir curdo na guerra contra o grupo fundamentalista islâmico Estado Islâmico do Iraque e Síria. Comparado à imagem 15, onde Sacco presencia a martirização de um palestino pelas ruas de Gaza, a imagem representa ao seu espectador duas perspectivas diferentes do mesmo acontecimento. Uma vista por cima que possibilita observar a cena como um todo, e outra em enquadramento subjetivo, como se o leitor estivesse presente na situação (ECO, [s.d], p.131). Por outro lado, a imagem de Chaim possibilita a seu leitor somente o enquadramento subjetivo, como se estivesse defronte às duas mulheres que levam o caixão. Essa onipresença do jornalista em quadrinhos perante o fotojornalista é possível por não estar preso ao momento do acontecimento. Ao contrário do fotojornalista, que, segundo Freund (1995, p.117), descreve que deve ter paciência infinita e estar corrente dos acontecimentos, a saber, a tempo e hora de onde o evento ocorre, o jornalista em quadrinhos pode de forma estratégica, e após o acontecimento, ilustrá-lo.

O gênero jornalismo em quadrinhos também se difere do jornalismo tradicional por não ver seu objeto cair na obsolescência. Segundo Benedict Anderson (2008, p.67-68), ao comentar sobre seu conceito de capitalismo editorial e a relação dos jornais e os romances na construção das comunidades imaginadas, argumenta que sendo o livro uma das primeiras mercadorias do mundo produzidas em escala mundial, comparada ao jornal, o livro o torna obsoleto. Mesmo impresso em escalas colossais, o jornal pode ser considerado um *Best-seller* por um dia, pois é apenas uma forma extrema do livro, um livro impresso em grandes escalas, mas efêmero. Por outro lado, apesar de “Palestine” ser notícia de jornal, ele não é obsoleto, seu formato livresco o difere das páginas de jornal e assim, ao invés de consumi-lo por apenas um dia, “Palestine” pode ser uma notícia consumida quando requerida pelo seu leitor.

Portanto, podemos concluir que Sacco apropriou-se não do estilo ilustrativo do *bigfoot* tradicional, mas sim de um longo processo ocorrido no estilo que culminou no *underground* iniciado por Crumb. Após mais um processo de alterações no estilo, as apropriações vindas com Spielgeman (2009) com a revista *RAW* e seu trabalho

“Maus” trouxe as bases para o gênero do jornalismo em quadrinhos. Tanto os traços do *underground* como elementos de composição de *Maus* são empreendidos por Sacco para a produção de “Palestine”.

Imagem 14 – Mulheres curdas carregam mártir.



CHAIM, 2016.

Imagem 15 – Martirização de palestino representado por Sacco.



SACCO, 2011b, p.100

3.2. PEREGRINAÇÃO

Antes de darmos início à nossa análise, parece importante levantar algumas considerações. Se anteriormente havíamos mapeado algumas influências que permeiam o trabalho de Sacco por meio de suas apropriações de leitura, ou seja, suas táticas, agora, nossa observação pauta-se mais especificamente em suas estratégias. No entanto, parece justo apontarmos que entre o processo de leitura e sua viagem ocorre o encontro entre suas apropriações de leitura e as observações de viagem. Delimitar a distância espacial e temporal ajuda a observar que alguns enganos podem ter ocorrido da aproximação temporal visto que a Intifada ainda era um evento que há pouco havia ocorrido. Algumas informações parecem imprecisas para o autor. A proximidade espacial coloca o autor em contato com seu objeto de trabalho, que antes estava restrito em seu escritório e seus livros.

Entre a viagem de Sacco e o início da Intifada na Palestina, existe um hiato temporal de pelo menos quatro anos. Se considerarmos que a Intifada se inicia nos primeiros dias do mês de dezembro de 1987, a viagem só foi possível em dezembro de 1991. Possivelmente, é muito pouco provável que o termo Intifada tivesse ganhado força em seus primeiros dias. Sendo uma região de constantes conflitos, poderia ter passado despercebidos esses primeiros momentos do movimento popular.

O próprio relatório dos Direitos Humanos do Povo Palestino, emitido pelas Nações Unidas em janeiro de 1988, discorre que somente em 5 de janeiro de 1988, o Comitê havia endereçado uma carta para o Secretário-Geral informando-o que desde 29 de dezembro de 1987 a situação nos territórios ocupados começam a se deteriorar, e pede solenemente que as Nações Unidas possam intervir de alguma forma. Outro ponto de destaque na carta sinaliza que somente entre os dias 4 e 5 de janeiro de 1988, o periódico *The New York Times* apurou sobre a prisão de nove palestinos como “*chief instigators*” do movimento (ONU, 1988, p.4), ou seja, uma das primeiras menções sobre o agravamento do conflito por um grande meio comunicador.

Ao que tudo indica, somente em janeiro de 1988 a situação começa a ter repercussão. Em nenhum momento o termo Intifada é mencionado pelas Nações Unidas, nem mesmo quando em seu relatório é mencionado vários recortes

jornalísticos, tanto do *The New York Times*, *Reuters* ou *UPI*. Apesar de o relatório informar que no final de dezembro de 1987 a crise vem se alastrando pelos territórios ocupados, o litígio que dá início à Intifada parece remontar aos primeiros dias de dezembro de 1987. Conforme artigo publicado na Revista Shalom de janeiro de 1988, o periódico publica uma nota emitida pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel, emitida em 22 de dezembro de 1987, que continha os seguintes dizeres:

‘Os recentes acontecimentos violentos na Judéia-Samária e no distrito de Gaza em 6 de dezembro, quando um vendedor israelense, Sholmo Sakal, foi morto por um membro da ‘Força 17’ de Arafat. Dois dias mais tarde, um acidente de carro, envolvendo um veículo israelense e um árabe, resultou na morte de quatro árabes. Isto foi interpretado de forma inequívoca pela população de Gaza como um ato de vingança pela morte de Sakal, desencadeando assim uma série de demonstrações violentas, inicialmente em Gaza, e depois na Margem Ocidental’ (SHALOM, 1988, p.8)

O que queremos apurar com esses dados é a conjuntura complexa que permeava a viagem de Sacco para a Palestina. Hoje, após as releituras interpretadas sobre o início da Intifada, é possível trazer alguma luz sobre esses acontecimentos. No entanto, ao que tudo indica, a curta distância temporal que separa o Sacco de então dos acontecimentos ainda trazia a complexidade desse momento. Só para termos uma ideia mais clara sobre isso, devemos acompanhar Sacco em sua visita ao túmulo de Hatem Sissi na Faixa de Gaza. Quando Sacco, acompanhado de seu guia Jabil, avistam o túmulo de Sissi e Sacco afirma que Hatem Sissi é a primeira pessoa a morrer na Intifada (SACCO, 2011b, p.223). Não obstante, tal informação parece carecer de melhor análise, mais especificamente, uma análise relativista. Se nos pautarmos nas informações apresentadas pelo Ministro das Relações Exteriores de Israel, a primeira pessoa a morrer na Intifada é o comerciante Shlomo Sakal pelo grupo Força 17 de Arafat. Se nos pautarmos nas informações de Sacco, Hatem Sissi é seu candidato mais provável. Mas, nossa hipótese tende a observar que até mesmo Sacco, um pouco mais distante temporal e geograficamente que o Ministro de Israel, mas tão engajado quanto ele em informar, pode estar equivocado. Segundo Jean-Pierre Filiu (2014, p.194):

On 9 December 1987, the funerals of the three of the victims, from Jabalya refugee camp, attracted thousands of demonstrators. The three men were Shaaban Nabhan, Ali Muhammad Ismail and Issam Hamouda. The fourth victim, Taleb Abu Zeid, was refugee resident in Maghazi Camp. The protestors defied the Israeli soldiers, pelting them with stones, to which the Israelis responded by firing directly at the crowd. A fifteen-year-old boy, Hatem Sissi, fell with a bullet through the heart. The rioting spread from Jabalya Camp to the whole of the Gaza Strip. The occupying forces went into the principal hospital to seize wounded suspects, while incidents also broke out in Rafah, Khan Younis and the other camps and a curfew was imposed and frequently renewed, without effect. The troubles spread to the West Bank and began to be described as an intifada, the Arabic word for uprising. Sheikh Yassin convened the leadership of the Mujamma at his residence. The attendees included Abdelaziz Rantissi, Ibrahim al-Yazouri and Salah Shehadeh, as well as Abdelfattah Dukhan from Nuseirat and Issa Nashar from Rafah. This was a bad period for Muslim Brotherhood. They have been spat at during the funeral of Hatem Sissi, who was declared to be the first martyr of the intifada: their lack of action against Israel had become insupportable. But the majority of the Mujamma officials still believe that it was too early to confront Israel while the balance of power was tilted in Tsahal's favour. Ahmed Yassin, however, ordered his Islamist supporters to adopt a nationalist position. Within a week, Israel's reprisals in Gaza had led to half a dozen deaths and a large number of wounded.¹⁵

Esta relação entre a distância, tanto geográfica como temporal, pode contribuir para compreendermos essa confusão complexa que permeia a chegada de Sacco à Palestina. Devemos entender que Sacco, conforme debatemos conhecia a Palestina, os palestinos e os israelenses somente por meio da opinião midiática, ou de suas leituras após o bombardeio ao Líbano por Israel.

A análise realizada por Carlo Ginzburg (2001) parece interessante neste momento para compreendermos como a perspectiva sobre a distância temporal e geográfica podem contribuir para a alternância de perspectivas devido à proximidade do agente com o objeto. Ginzburg (2001, p. 203) retorna ao teatro grego para compreender o pensamento de Aristóteles. Para tanto, retoma a ambivalência que o teatro trazia em sua essência para a sociedade grega. Enquanto a distância excessiva provocava indiferença, a proximidade com excesso provocava compaixão,

¹⁵ [No português], "Em 9 de dezembro de 1987, o funeral de três vítimas, no campo de refugiados de Jabalaia, demonstraram centenas de ataques. Os três homens eram Shaaban Nabhan, Ali Muhammad Ismail e Issam Hamouda. A quarta vítima, Taleb Abu Zeid, era residente do campo de refugiados de Maghazi. Os protestantes desafiaram os soldados israelenses, jogando pedras, ao qual responderam atirando diretamente na multidão. Hatem Sissi, um jovem de quinze anos, caiu com uma bala que atravessou seu coração. O tumulto se propagou do campo de Jabalaia para a Faixa de Gaza. As forças de ocupação entraram no hospital para prender os suspeitos feridos, enquanto incidentes também aconteciam em Rafa, Khan Younis e nos outros campos de refugiados onde o toque de recolher foi imposto e frequentemente renovado sem efeito. Os problemas se espalharam para a Cisjordânia e começou a denominá-la de Intifada, palavra árabe que significa insurreição. Sheikh Yassin convocou o líder da Mujamma para a resistência. Os participantes incluíam Abdelaziz Rantissi, Ibrahim AL-Yazouri e Salha Shehadeh, como também Abdelfattah Dukhan de Nuseirat e Issa Nashar de Rafa. Esse foi um período ruim para a Irmandade Muçulmana. Eles foram expulsos do funeral de Hatem Sissi, que foi considerado o primeiro mártir da Intifada: eles necessitavam agir contra Israel antes que a situação ficasse insuportável. Mas a maioria dos oficiais da Mujamma ainda acreditava que era muito cedo para um confronto contra Israel enquanto a balança de força estava inclinada a favor de Tsahal. Ahmed Yassin, contudo, ordenou que seus irmãos islâmicos dessem suporte para apoiar a posição nacionalista. Dentro de uma semana, a repressão de Israel em Gaza levou a meia dúzia de mortos e um grande número de feridos." (tradução livre).

ou até mesmo uma rivalidade aniquiladora. Nesse caso observado por Ginzburg (2001), o cidadão grego ao ter contato com os temas abordados pelo teatro, mais especificamente temas abordados pelo teatro dramático, quanto mais perto da realidade do espectador, tende a trabalhar com a moralidade do caráter humano. No caso de Sacco, a proximidade com seu objeto de análise pode também ter influenciado na forma que o autor quer representar o outro em sua narrativa.

Por este ponto de vista, o autor já chega aos territórios ocupados permeado por perspectivas advindas de suas apropriações. Temporalmente, a perspectiva sobre os palestinos e os israelenses que conhece são aquelas que, após suas apropriações, podem ou não estar de acordo com o que está por vir. Por exemplo, Sacco poderia estar à espera de encontrar por todos os lados grupos de terroristas muito bem munidos e prontos para um ataque terrorista. A perspectiva sobre a distância geográfica pode também apresentar alteração. Mesmo já tendo afirmado o caráter parcial de seu trabalho, não podemos esquecer que, antes de sua viagem, somente os relatos de livros contribuía para sua apropriação sobre o conflito. Após os dois meses que permaneceu nos territórios ocupados, o contato com o que acontecia não estava mais distante de sua realidade, mas sim fazia parte dela.

A partir de agora, voltaremos nossa atenção para a compreensão de como essa conjuntura foi representada por Sacco em seu trabalho. Para tanto, devemos observar também como esse conjunto de fatos esteve ligado ao processo de fabricação de “Palestine”.

No prefácio à edição brasileira de “Palestine”, produzida quase vinte anos após sua primeira viagem aos territórios ocupados, Sacco afirma que “Em dado momento, decidi que deveria ir eu mesmo aos Territórios Ocupados. Assim, poderia descrever minhas próprias experiências, uma espécie de relato quadrinizado da minha viagem, nos últimos dias da Primeira Intifada” (SACCO, 2011a, p.xvii). Nesse instante, Sacco salienta que tinha consciência de estar direcionando-se aos territórios ocupados nos últimos dias do litígio entre a população palestina e o exército de Israel. No entanto, não podemos nos esquecer que tais palavras são percorridas muito tempo depois de sua viagem, o que não estaria livre de uma releitura de Sacco. Mesmo que ele realmente estivesse convencido que eram os últimos dias da Intifada, datar o ponto final do conflito ainda leva a algumas indagações. Conforme Gattaz:

Como resultado do engajamento dos tunisianos (OLP) nas negociações de paz, da repressão às lideranças palestinas locais, e das punições coletivas impostas à população civil palestina pelo Exército de Israel, o ímpeto da Intifada foi decaindo, e no início de 1991 a revolta estava praticamente esgotada (ao menos enquanto movimento de massas; a violência de parte a parte resistiu com certa intensidade por mais dois anos, razão pela qual alguns autores consideram que a Intifada estendeu-se até 1993 [...] (GATTAZ, 2003, p.179)

Por esta perspectiva de Gattaz (2003), a chegada de Sacco aos territórios ocupados estava paralelamente ligada ao início dos trâmites para o processo de paz que resultaria no Acordo de Oslo em 1993. Neste viés, o período de ápice do litígio entre os palestinos e o exército de Israel já tinha esvaecido, mas não por completo. A partir dessa observação, fica mais claro que em seu trabalho a busca por novas notícias, ou apresentar um novo ponto de vista sobre os acontecimentos que ocorreriam nos dias em que estivesse por lá, não era seu foco principal. O objetivo de seu trabalho seria, em sua maioria, coletar relatos sobre o cotidiano dos palestinos ao início da intensificação da movimentação popular em dezembro de 1987. Seu trabalho denotaria mais tempo e análise para a produção, visto que seu foco está na coleta de entrevistas.

Porém, nada foi deixado de lado nos dias em que estive na Palestina. Suas impressões e o cotidiano do povo com que manteve contato também esteve registrado, e como podemos observar em seu trabalho, não deixaram de ser relatados, tais como o acalorado chá na recepção palestina ou até mesmo a possibilidade de testemunhar uma passeata do movimento Paz Agora¹⁶. Conforme Sacco:

Registrei os eventos de minha breve estadia entre os palestinos de diversas maneiras. Realizei muitas entrevistas formais, em clássico estilo jornalístico – o que quer dizer que fazia perguntas e anotava as respostas em um caderno. Também mantive um diário, no qual, em meu tempo livre e em geral à noite, religiosamente descrevia todos aqueles episódios que não eram entrevistas – ou seja, acontecimentos, impressões, encontros e conversas passageiras daquele dia (SACCO, 2011a, p.xviii)

No entanto, existe um hiato de quatro anos (1987-1991) entre o início da Intifada e a chegada de Sacco aos territórios ocupados. Em vários momentos, dados estatísticos e referências históricas são citadas, e até analisadas por Sacco. Vide o exemplo da Declaração de Balfour que já discutimos. Certamente, suas leituras pós-

¹⁶ Movimento pacífico israelense criado em 1978. Tem como objetivo principal são o convívio harmonioso na fronteira de Israel e seus vizinhos.

1981, ou até mesmo as visitas à Cruz Vermelha e aos escritórios das Nações Unidas, poderiam fornecer esses dados e suporte para suas análises críticas. Após a coleta de relatos, concomitante ao levantamento de dados estatísticos com os órgãos internacionais, a apuração e o desenvolvimento do processo de produção dar-se-iam em seu escritório nos Estados Unidos. As datas deixadas em cada página registram isso, a viagem representa a coleta de dados, a produção; por outro lado, é realizada nos Estados Unidos entre julho de 1992 e agosto de 1995.

Se no primeiro momento de “Palestine” voltamos nossa atenção para a conjuntura de acontecimentos prévios à viagem de Sacco para os Territórios Ocupados, neste momento, nossa atenção estará voltada para o hiato de quatro anos que separam o início da Intifada e a viagem de Sacco aos territórios ocupados. Mais uma vez nos valeremos de indícios e vestígios presentes em seus trabalhos. No entanto, mesmo munido desses documentos, a análise imagética será de grande suporte para a justificativa de nossa hipótese. No primeiro estágio desta análise, nos atentaremos a uma breve biografia de Sacco discorrida pela editora *Fantagraphic Books* que publicou “Palestine” nos Estados Unidos, além de “O Derrotista”, também de Sacco. Após observar estas informações, o próximo passo de nossa análise será observar como a estrutura narrativa dividida em temas, e não de forma cronológica, pode colaborar na compreensão desse lapso temporal entre 1987 a 1991.

Os indícios deixados por ele não são claros sobre os preparativos para a viagem. Não obstante, o contexto fica mais complexo ao confrontarmos a versão de Sacco com a versão de sua editora, a *Fantagraphic Books*. Em seu portal na *internet*, a editora, em uma pequena biografia sobre o autor, discorre que:

From 1988 to 1992, Sacco criss-crossed the globe, producing six issues of his own comic book *Yahoo* for *Fantagraphics Books* as he traveled. He returned to Malta for a half a year; he spent a couple of months traveling around Europe with a rock band (an experience he recorded in the story ‘In the Company of Long Hair’ for *Yahoo* #2, since included in his collection *Notes from a Defeatist*); he lived for close to two years in Berlin, where he drew dozens of record sleeves and posters for German record labels and concert promoters; and, in late 1991 and early 1992, he spent two months in Israel and the occupied territories, traveling and taking notes. When he finally returned again to Portland in mid-1992, it was with the intention of communicating what he had witnessed and heard during his Mid-Eastern jaunt — to combine the techniques of eyewitness reportage with the medium of comics storytelling to explore this complex, emotionally weighted situation. *Palestine*, the first issue of which was released in January, 1993, was the result. (FANTAGRAPHIC BOOKS, 2016).¹⁷

¹⁷ [No português] “Entre 1988 a 1992, Sacco cruzou o globo, produzindo seis publicações para a sua própria revista em quadrinhos *Yahoo* para a *Fantagraphic Books* sobre sua viagem. Ele retornou para Malta por meio ano, ele gastou alguns meses viajando com uma banda de rock (uma experiência que ele registrou em ‘Na companhia do cabelo longo’ para *Yahoo*

Conforme as informações apresentadas pela editora, Sacco estava na Europa para a coleta de material para mais um trabalho de sua autoria, que resultaria na segunda parte de “Yahoo”, publicado no Brasil como “O Derrotista” pela Editora Conrad do Brasil em 2006. No entanto, as informações não entram em acordo quando o autor afirma que “Eu pensava que encontrar uma editora para Palestina seria tarefa difícil, mas a *Fantagraphic Books* – que já publicara uma série de quadrinhos minha intitulada *Yahoo*, com baixíssimas vendas – empolgou-se com o projeto logo de cara” (SACCO, 2011a, p.xvii). Apesar de dizer que procurar uma editora para “Palestine” seria uma tarefa difícil, os indícios se mostram contrários a essa afirmação. A própria editora, como observamos, afirma que Sacco estava na Europa enviado por ela para preparar um trabalho sobre sua viagem pelo Velho Mundo, e posteriormente, em sua terra natal em Malta. Portanto, nossa hipótese é de que Sacco não teria muito trabalho em procurar alguma editora que estivesse disposta a publicar seu trabalho, e como vimos, a própria *Fantagraphic Books* tem sua política em investir nos trabalhos que não estão na linha *mainstream*.

Por último, e não menos importante, a *Fantagraphic Books*, na breve biografia que discorre sobre Sacco em seu portal, menciona que o autor viajou para a Europa em 1988, ou seja, poucos meses após o início da Intifada enviado pela própria editora para fazer a segunda parte de “Yahoo”. Um indício que pode passar despercebido, sendo, no entanto, revelador, é que, quando conversa com Cláudia, a mesma garota com quem conversa sobre os atentados de Munique e o caso Klinghoffer, Sacco confirma que ambos estavam tendo essa conversa nas ruas de Berlim (SACCO, 2011b, p.6). Ou seja, o fato de tocar nesse assunto em Berlim com Cláudia não seria um indício de que, desde a Europa, Sacco já tinha seus planos de viajar para a Palestina?

Ao observarmos *Na companhia do cabelo comprido*, capítulo de “O Derrotista” que a *Fantagraphic Books* afirma ser o capítulo que corresponde à viagem de Sacco para a Europa, conforme imagem 16, que representa sua estada na Europa com uma banda de *rock* e desenhada em 1988, e em “Palestine”, quando o *flashback*

n.2, uma vez que incluiu em sua coleção *Notas de um Derrotista*), ele viveu por volta de dois anos em Berlim, onde ele desenhou dezenas de capas para discos e pôsteres para gravadoras alemãs e promoção de eventos, e, no final de 1991 e começo de 1992, ele ficou dois meses em Israel e nos territórios ocupados, viajando e coletando notas. Quando finalmente ele retornou para Portland no meio de 1992, com a intenção de comunicar o que tinha presenciado e escutado durante seu passeio no Oriente Médio – combinando as técnicas de testemunha ocular com os meios das histórias em quadrinhos para explorar esta complexa e emocionante experiência. *Palestine* foi o resultado da primeira publicação realizada em janeiro de 1993.” (tradução livre)

sobre a conversa com Cláudia é representada, desenhada em 1992, conforme imagem 17, em ambos, o cabelo de Sacco está longo. Os longos cabelos de Sacco podem fazer a conexão sobre essa afirmação. Vide que o autor sempre se autorrepresenta em seus trabalhos, e seus longos cabelos são representados em dois momentos, o primeiro em “O Derrotista” em seu período universitário e durante sua viagem à Europa. Não tendo mais nenhum relato de que Sacco havia viajado para Berlim antes de produzir “O Derrotista”, o que podemos supor é que as intenções sobre viajar para a Palestina poderiam ter seus preparativos desde que viajou para o Velho Mundo, nesse caso afirmado pela nota da editora, e sua conversa com Cláudia na capital alemã.

Outros fatores contribuem para a versão da editora. Por exemplo, conforme o mapa a seguir (imagem 18), pode-se observar as localidades visitadas por Sacco. Cada ponto no mapa corresponde um local visitado pelo autor durante os dois meses que esteve na Palestina. Dentro do território denominado “Israel”, os locais pontilhados correspondem aos territórios ocupados da Faixa de Gaza e Cisjordânia. Dos treze pontos visitados por ele, cinco estão fora das áreas delimitadas como pertencentes à Palestina. Após delimitarmos os locais visitados, observa-se que “Palestine” não é narrada de forma cronológica conforme as cidades que visitava, pois, cronologicamente, sua escolha por começar sua peregrinação pelo Cairo e não por Tel-Aviv é entendida quando Sacco discorre que:

Para ficar bem claro, eu estava bastante nervoso. Nunca ‘ visitado o Oriente Médio, e voar diretamente para Israel me preocupava. Paranoico, acreditava que seria interrogado quanto às minhas intenções já no aeroporto Bem Gurion, que precisaria confessar meu projeto quadrinístico e que seria despachado para casa. Em vez disso decidi voar para o Cairo e pegar um ônibus até Jerusalém – viagem ainda possível naquela época –, acreditando que cruzar a fronteira terrestre levantaria menores suspeitas. Foi uma rota bastante tola e tortuosa, mas pelo menos ela acalmou um pouco meus nervos (SACCO, 2011a, p.xviii)

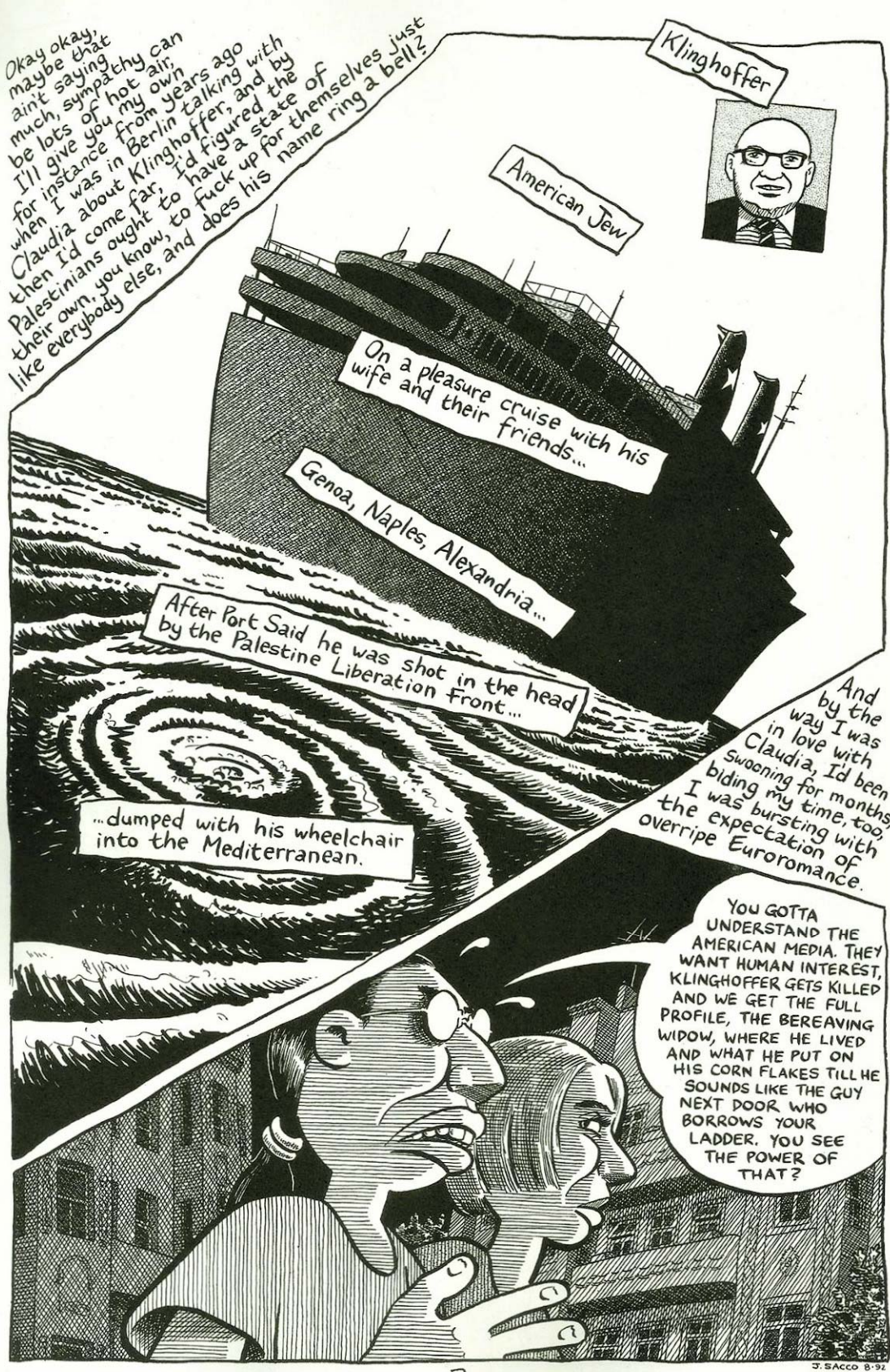
A ida para o Cairo e não Israel seria sua escolha tática para fugir de inúmeras questões que poderiam ser abordadas em sua chegada a um aeroporto em Israel. Mesmo que a Intifada estivesse com os ânimos mais calmos, Sacco não tem intenção de contar mais uma versão israelense do conflito. Sua opção em escrever um ponto de vista que não colabore com a narrativa israelense poderia se tornar um obstáculo para a fabricação de seu trabalho. Arbex Jr. (2002) quando também viaja

para a Palestina no período da Segunda Intifada em 2002, discorre sobre o procedimento na alfândega de Jerusalém:

Imagem 16 – Os longos cabelos em sua viagem ao Velho Mundo desenhada em 1988.



Imagem 17 – Os longos cabelos em viagem ao Velho Mundo desenhada em 1992.



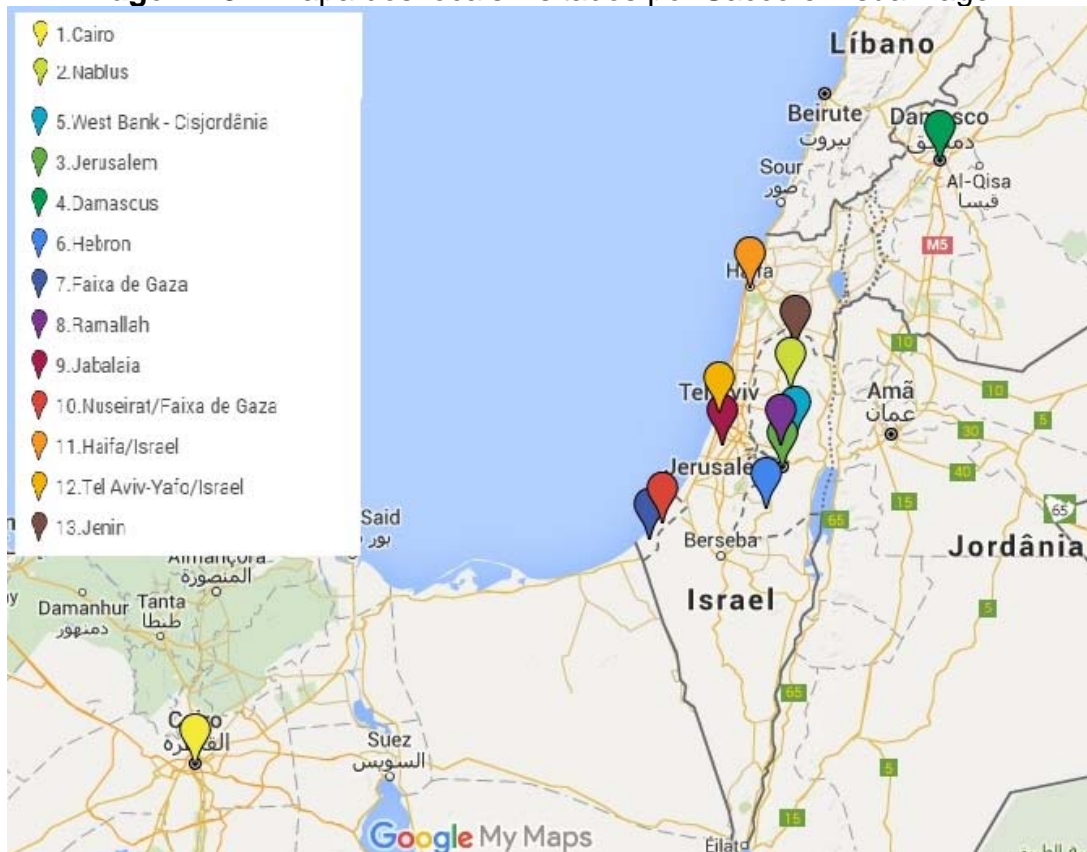
Filas imensas se formam diante dos guichês de controle, enquanto cada pessoa que chega passa por um demorado e meticuloso interrogatório do oficial da alfândega. Querem saber de tudo: o que você pretende fazer em Israel, quantos dias vai permanecer, onde vai ficar. Dependendo da resposta, você pode simplesmente ser barrado (ARBEX JR, 2002, p.21)

Conforme a imagem 17, seu segundo ponto visitado, conforme a cronologia de “Palestine” é na cidade de Nablus. No entanto, entre o Cairo e Nablus são aproximadamente 485 km de distância. No caminho, Sacco passa pelas regiões de Nuseirat, Faixa de Gaza, Tel-Aviv e Jabalaia, todas visitadas por ele durante sua visita à Palestina. Se observarmos esta logística, que não parece muito compensatória, fora o caso de poder driblar a burocracia de algum aeroporto em Israel. O que nos parece claro é que Sacco poderia estar recebendo informações sobre estes procedimentos.

Esta hipótese pode ser mais bem compreendida ao analisar a organização da estrutura narrativa disposta pelo autor. “Palestine” não é narrada em tempo cronológico as suas visitas aos territórios delimitados conforme a imagem 17, mas por meio de temas. Neste caso, a estrutura narrativa dos quadrinhos, denominada por Eisner (2013) de “Contando uma história de vida” faz sentido nesta estrutura narrativa de Sacco, pois, segundo Eisner (2013, p.44), “Esta história utiliza um único evento num único dia para definir um homem e sua vida. O narrador tem sempre diante de si a dificuldade de escolher um incidente revelador que irá enfrentar a crítica do leitor sobre o que é possível”.

Em “Palestine”, apesar de não contar apenas uma história de vida, mas sim a de Sacco e de seus entrevistados, as histórias narradas pelo autor representam um momento marcante na vida dessas pessoas. Alguns casos, como *Pressão Moderada I*, que narra o caso de Ghassan e sua prisão administrativa seguida de um longo processo de tortura em seu interrogatório, o evento transcende o dia, ou seja, o evento aborda uma continuidade de dias, mas marcantes para aquele que narra, nesse caso, o palestino que esteve disposto em compartilhar sua experiência. Mas, em sua maioria, as narrativas são constituídas de eventos que fazem sentido para a produção de “Palestine”, eventos no caso que não passam de um acontecimento temporal de poucas horas na vida de algum palestino entrevistado por Sacco, ou seja, eventos parecidos podem ser agrupados em um capítulo, mesmo que entre eles não haja nenhuma relação temporal ou entre os agentes que disponibilizaram oralmente suas experiências.

Imagem 18 – Mapa dos locais visitados por Sacco em sua viagem.



Por um lado, isso colabora para que o leitor tenha melhor entendimento temático das entrevistas. Por exemplo, o primeiro capítulo, *Às Escuras*, dá o entendimento de que Sacco está reconhecendo o novo ambiente em que está inserido, ou seja, a Palestina que só conhecia pelos livros e pelos meios de comunicação. Por outro lado, possibilita observar que a narrativa não tem continuação cronológica relacionado aos locais visitados. Por isso, dentro de um capítulo temático, podemos encontrar Sacco em Jerusalém, e logo após na Faixa de Gaza ou Ramallah. No decorrer de “Palestine”, esse trânsito geográfico organizado por meio de seus temas é utilizado, e assim, não é possível dizer somente pela fonte imagética a ordem correta de locais visitados e sim pela estratégia de organização de sua narrativa.

Além disso, *Palestine* também é dividida em dois períodos generalizantes, um no qual Sacco está sozinho na Palestina, e o outro, quando está na presença de seus guias. Primeiramente, denominaremos essas personagens como guias por falta de um substantivo que encaixe melhor. Porém, isso não corresponde que eles sejam guias de turismo, mas são personagens que acompanharam Sacco em várias

entrevistas na Palestina. No decorrer de seu trabalho, várias pessoas apresentam suas memórias para o autor. Dentre as treze localidades que visitou, conforme a imagem 17, Sacco transitou entre salas abarrotadas de palestinos interessados em compartilhar suas experiências, hospitais, escolas e até mesmo uma ONG interessada nos direitos da mulher palestina. No entanto, a maior demanda de entrevistas e localidades visitadas ocorre a partir do momento em que o autor entra em contato com estes guias. Entre estes guias, três apresentam grande notoriedade para “Palestine”.

O primeiro é Saburo. Sobre Saburo pouco é discorrido por Sacco, a não ser que é fotógrafo jornalista japonês e aparece esporadicamente em “Palestine”. Não é citado o periódico em que trabalha, somente que fala muito mal em inglês. Algo interessante a ser notado na relação de Sacco com Saburo é a troca de experiências como jornalistas. A mudança temática entre Sacco sem a presença de seus guias para Sacco na presença de seus guias tem início com Saburo. Apesar de não ser introduzido formalmente pelo autor, Saburo é inserido indiretamente quando Sacco acompanha uma manifestação de palestinos na cidade de Nablus. Nesse contexto, a inserção de Saburo na história demarca a mudança de clímax na narrativa de “Palestine”. Esta mudança ocorre após a tentativa de Sacco em vender algumas de suas fotos sobre uma violenta repressão a manifestantes palestinos em Nablus, a mesma em que Sacco e Saburo estão juntos. Ao tentar vendê-las a uma agência de notícias, indicada por outro jornalista denominado Saleh, no entanto pouco citado, Sacco estava convencido de que suas fotografias renderiam um bom dinheiro. Não obstante, o autor se depara com uma negativa do editor da agência.

Nesse momento, “Palestine” passa por uma grande mudança de direção que vai além da inserção dos guias. Enquanto os capítulos anteriores ainda estavam ligados a realizar a apresentação mais geral sobre o conflito, agora passa a ter maior intensidade, mais especificamente no que se refere à coleta de entrevistas. Esta mudança é notada no início de *Oceano*, ao dirigir-se para os vilarejos da linha verde¹⁸ em Jerusalém e a Faixa de Gaza, e faz referência para a imagem de que as experiências coletadas a partir de agora não passam de gotas em um imenso oceano de sofrimento (SACCO, 2011b, p.59). A passagem de Saburo é curta, mas,

¹⁸ A linha verde foi instituída em 1949 para demarcar o território de Jerusalém. No entanto, em 1967, após a Guerra dos Seis Dias, Israel nega a demarcação e anexa toda Jerusalém como seu território.

por outro lado, é o primeiro guia a deixá-lo cara-a-cara com aquilo que Sacco denomina de gotas do oceano.

O segundo guia relevante é Ammar. Ammar, na representação de Sacco, é um palestino muito humilde e hospitaleiro segundo as descrições de Sacco, que em duas oportunidades descreve que Ammar solicita emprego a Sacco no Ocidente. Esse guia, ao contrário de Saburo, percorre grande parte de “Palestine” ao lado de Sacco. Sua passagem no trabalho de Sacco é contada em mais de trinta páginas corridas sem interrupções. Sua primeira aparição ocorre, como no caso do primeiro guia, ou seja, sem muitas apresentações quando Sacco o conhece no campo de refugiados de Jabalaia. Ammar acompanha Sacco em boa parte de sua visita à Faixa de Gaza.

Na companhia do palestino, o autor tem o primeiro contato direto com a miséria na qual os palestinos estão inseridos nos campos de refugiados. Além disso, Ammar levou Sacco a uma escola para crianças que necessitam de cuidados especiais que fica aos cuidados da OLP; a um idoso que testemunhou a partilha da Palestina em 1947 e a guerra de 1948 entre israelenses e os países ligados à Liga Árabe, fato que deu início aos campos de refugiados; e a produtores de tomates que vivem em uma área mais nobre de Jabalaia e que sofrem com as restrições de Israel aos seus produtos. A passagem de Ammar termina também de forma repentina, ao deixá-lo em um táxi em direção à cidade de Gaza. A importância de Ammar foi apresentar Sacco a realidade nos campos de refugiados, no caso, a primeira experiência de Sacco nas áreas mais pobres da Palestina.

A aproximação geográfica é mais uma mudança na perspectiva do autor. A apropriação de suas leituras é confrontada com a realidade. Esse sentimento mescla curiosidade com espanto. O primeiro contato com a realidade na qual os palestinos vivem é confrontado em seus pensamentos. Apesar de utilizar somente uma página para representar esse momento, conforme imagem 19, a representação realizada por Sacco representa que foi preciso muito tempo para esse momento reflexivo em confrontar as apropriações do que conhecia do cotidiano palestino e a situação em que está inserido nesse momento.

Nessa página de três quadros, Sacco representa ao leitor seu processo de confrontação com a realidade que testemunha agora. Sentado em uma condução das Nações Unidas que o levaria à ONG de luta pelos direitos das mulheres palestinas na Faixa de Gaza, a mensagem a ser dirigida aos seus espectadores é de

“sintonizar com a sensibilidade coletiva de um período passado” (BURKE, 2004, p.38). Passado tão presente testemunhado por ele. A estratégia de utilizar somente a linguagem imagética explora a memória emocional de seu leitor. Ao desenhá-lo em contraluz sendo aproximada a cada passagem de enquadramento, estático e sempre a observar a mudança da paisagem pela janela da condução, tem intenção de compartilhar este momento com seus leitores. A opção em não utilizar a linguagem escrita é deixar em aberto para aqueles que estão observando a imagem, refletirem por si mesmos, tal como ele refletiu ao testemunhar essas cenas.

Método ousado e perigoso para a narrativa quadrinística, que, segundo Eisner (2010, p.103) ao ser empreendido habilidosamente, a imagem consegue suscitar lembranças que evocam efeitos emocionais. Isso é possível por se tratar de compartilhar uma memória comum de experiência. A não utilização verbal nas imagens é voltada para deixar que a linguagem imagética represente uma experiência única, e difícil de ser representada verbalmente. É o que o mesmo Eisner (2010, p.104) denomina de dicionário dos gestos humanos, ou seja, a tênue linha que aproxima o criador do leitor. Analisar Sacco sentado perto da janela do ônibus e com seu olhar distante, é representar o quão longe seu pensamento está naquele momento.

Mas todo esse momento reflexivo em “Palestine” é necessário para as mudanças que virão no decorrer do trabalho. Enquanto o contato com Saburo possibilitou a inserção de Sacco nas situações mais miseráveis do conflito, Ammar é o guia que o introduz mais a fundo neste cotidiano. Cada enquadramento, de forma bem teatral, é o *timing* relativo a este aprofundamento no cotidiano palestino. Não podemos nos esquecer que as imagens são desenhadas três anos após sua visita aos territórios, mas, ao desenhá-las, essa imagem representa para Sacco o retorno àquele momento e cabe a ele a construção mais adequada para a situação representada.

Sameh é o terceiro guia notório em “Palestine”. A peregrinação de Sacco com Sameh ocorre concomitante à saída de Ammar. Sameh também tem origem humilde, vive na Palestina com o dinheiro de suas economias e a pequena pensão do pai que era diarista em Israel. Sameh é voluntário em um centro de reabilitação no campo de Jabalaia. Não são muito bem explicados quais os trabalhos realizados nesse centro de reabilitação, porém, ao que parece, além de colaborar com as necessidades básicas de saúde da população, o centro de reabilitação foca na

educação de crianças surdas e mudas (SACCO, 2011b, p.182). Sameh dá continuidade, de certa forma, ao trabalho que já vinha sendo realizado por Ammar com Sacco. No entanto, o foco das visitas do autor com a presença de Sameh tem grande participação nos grupos de jovens que estiveram presentes nos primeiros dias da Intifada.

É interessante também notarmos a perspectiva que Sacco tem de Sameh em sua primeira representação em “Palestine”. Conforme a imagem 20, Sacco está sentado com Sameh na sala de sua casa enquanto uma forte chuva cai lá fora. Na parte superior da imagem podemos notar, além da forte chuva, a simplicidade com a qual a construção da residência do guia é construída. Na parte inferior da imagem, com as duas personagens no interior da residência de Sameh, nos deparamos com Sacco no ato de erguer suas mãos até a altura de seu cotovelo quando algumas pedras de granizo o acertam. Enquanto Sacco apresenta-se incomodado com a chuva que cai sobre ele, Sameh não esboça nenhum sentimento sobre isso.

A imagem dá continuidade as reflexões de Sacco sobre a condição dos palestinos nos campos de refugiados. No entanto, tais reflexões agora apresentam os problemas cotidianos vivenciados por eles. Enquanto a passagem de Ammar representa os primeiros contados da narrativa de Sacco com a situação da população palestina de forma mais geral, a passagem de Sameh inicia pontos mais específicos acerca dos problemas vivenciados pelos palestinos. Na presença de Ammar, Sacco ainda não havia representado com tanta descrição a residência dos refugiados, apesar de ter adentrado em várias outras residências. Agora, a representação está voltada para os problemas domésticos advindos da ocupação. Sacco nesse momento salienta a falta de energia devido ao corte que Israel realizou em 65 mil habitações de refugiados. Porém, a situação é muito mais abrangente. Segundo Gattaz:

Os israelenses controlavam a distribuição de água aos palestinos, que eram obrigados a racionar, enquanto a maior parte da água era canalizada para assentamentos que começavam a ser construídos ilegalmente nos territórios ocupados, e para abastecer Israel propriamente (atualmente, cerca de um terço da água consumida em Israel é proveniente da Cisjordânia, o que deixa os palestinos desta região praticamente sem acesso à água potável) (GATTAZ, 2003 p.153)

A situação do corte no abastecimento de água é escrito por Gattaz (2003) pelo menos uma década depois de Sacco, o que podemos então observar é que

esta prática não é esporádica, mas corriqueira para os palestinos. Emil Habibi (1997), considerado um dos maiores poetas contemporâneos da Palestina, ao descrever suas memórias em 1996 sobre sua relação amistosa com o que ele chama de “o outro povo”, discorre sobre um corte de energia quando escrevia suas primeiras palavras de seu livro. Conforme seus dizeres:

No momento em que escrevo estas palavras, a corrente elétrica foi restabelecida em minha casa, depois de um corte de cerca de uma hora. Eu escrevo sem pressa e me pergunto, em meu foro íntimo, por qual bizarra sequência de associação de ideias cheguei à lâmpada de Aladim (HABIBI; KANIUK, 1997, p.13-14).

Os relatos de Habibi (1997), Gattaz (2013) e a representação da moradia de Sameh por Sacco representam mais um problema vivenciado pelos palestinos nos territórios ocupados na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Ou seja, além do conflito contra as FDI, os palestinos vivem em total dependência de Israel para o abastecimento de água e energia na região. A presença de Sameh em “Palestine”, portanto, possibilita dar ênfase a essa questão. Sendo o foco de Sacco representar a perspectiva palestina do conflito, a estada na casa de Sameh proporciona a abertura para esse questionamento.

Entre tantos relatos, Saburo, Ammar e Sameh têm destaque em “Palestine” por estarem frequentemente na narrativa de Sacco, e possibilitarem ao autor indicação dos locais a serem visitados, e assim, contribuirão no processo de produção de “Palestine”. Não podemos afirmar com perfeita exatidão se o tempo em que estão com Sacco durante o decorrer de “Palestine” equivale ao tempo que estiveram realmente com ele. Não podemos também afirmar se esses guias existem de fato ou somente são recursos estratégicos de seu discurso para generalizar um número maior de pessoas que colaboraram com Sacco em sua visita a Palestina. O que não podemos negar é a contribuição que esses guias forneceram para a produção de “Palestine”. Essa contribuição é possível, provavelmente, pelo conhecimento geográfico que Sacco não possui sobre a Palestina. Na despedida de Sameh (SACCO, 2011b, p.249), Sacco confirma que seu guia palestino tem de voltar para suas atividades, pois o centro de reabilitação havia o convocado, possivelmente havia terminado os dias de folga que Sameh havia solicitado para acompanhar Sacco, o qual deveria ter avisado com antecedência.

Além de seus nomes, nada mais é mencionado sobre esses guias. Nem se são realmente seus nomes verdadeiros. Como também ocorre com o restante das personagens que aparecem e desaparecem em “Palestine”, muitos são representados no anonimato, quando não têm somente seu primeiro nome relatado. O motivo deste anonimato pode estar, de certa forma, relacionado ao mesmo objetivo utilizado por Arbex Jr (2002) para manter também seus contatos em total anonimato quando viajou a Palestina. Segundo Arbex Jr (2002, p.18):

Por motivos óbvios, não poderei, em alguns casos, relatar os nomes verdadeiros das pessoas envolvidas, ou circunstâncias em que se deram alguns encontros ou atividades realizadas pela delegação. São pessoas que continuam vivendo na Palestina ocupada, ou sujeitas, portanto, às ações e eventuais represálias da polícia e das tropas de Sharon.

Apesar de não conferir muitos créditos a esses guias, provavelmente sem eles o trabalho de Sacco não teria essa dimensão tão profunda em relação à quantidade e direcionamento de suas entrevistas. Como vimos, o motivo parece ser óbvio ao mantê-los em certo sigilo. Não obstante, os direcionamentos apontados por eles constituem boa parte do material coletado para “Palestine”. Hipoteticamente, muito material pode ter sido deixado de lado devido à quantidade de material coletado.

A conclusão que podemos abstrair desta análise é que, dentro das vastas possibilidades de entrevistas e locais visitados, a estratégia narrativa do discurso de Sacco teve grandes modificações com a inserção de seus guias. Antes deles, a narrativa de Sacco estava voltada para apresentar de forma mais generalizante o contexto do conflito entre israelenses e palestinos. A inserção de Saburo na narrativa inicia o processo de mudança de perspectiva na narrativa de Sacco. A partir de então, os eixos temáticos que compõem “Palestine” são bem mais detalhados sobre temas específicos, como a convivência entre palestinos e colonos israelenses; relatos de tortura por meio da inteligência israelense; relatos dos garotos que participaram ativamente nos primeiros dias da Intifada e o quadro em que se encontra a mulher palestina dentro do conflito.

Por fim, o que tentamos compreender nessas últimas páginas foi a investigação acerca da participação de outras pessoas que possibilitaram a narrativa de Sacco para a produção de “Palestine”. No decorrer de nossas observações, tentamos primeiramente delimitar a possibilidade de Sacco ter preparado a viagem para a Palestina enquanto ainda estava na Europa para fazer a segunda parte de

“Yahoo”. Tentamos também delimitar os locais visitados por ele nos territórios ocupados e conectar essas informações com a possibilidade de outras pessoas estarem envolvidas nesse processo. Assim, quando viajou para a Europa, possivelmente a viagem para a Palestina estava certa, e, apesar de afirmar a dificuldade de uma editora publicar seu trabalho, a própria *Fantagraphic Books* poderia ter enviado Sacco para a Palestina.

Ao observarmos a introdução dessas três personagens que denominamos aqui como guias, observamos também que a participação delas altera a narrativa de Sacco. Antes dessas personagens, Sacco tratou de forma generalizante sua narrativa, mas com a participação delas, temas mais focados e centrais foram desenvolvidos. Mesmo sendo fundamentais para essa nova temática abordada em “Palestine”, não podemos afirmar se essas três personagens realmente são reais ou uma representação das várias outras pessoas que estiveram por trás de sua estada nos territórios ocupados. Por isso mesmo que analisamos esse processo em “Palestina” como estratégias. Ou seja, “Palestine” é o mundo de representações construído por Sacco, apesar de por meio das práticas jornalísticas ele tenha a intenção de apurar os acontecimentos de forma mais “realista” possível, ainda assim seu livro-reportagem é sua construção, nesse caso, a condução da narrativa e da utilização de elementos que colaborem na sua narrativa são de sua autoria e têm como finalidade comunicar algo para aquele que o lê.

Imagem 19 – Contraluz em Sacco no aprofundamento do cotidiano palestino na Faixa de Gaza.

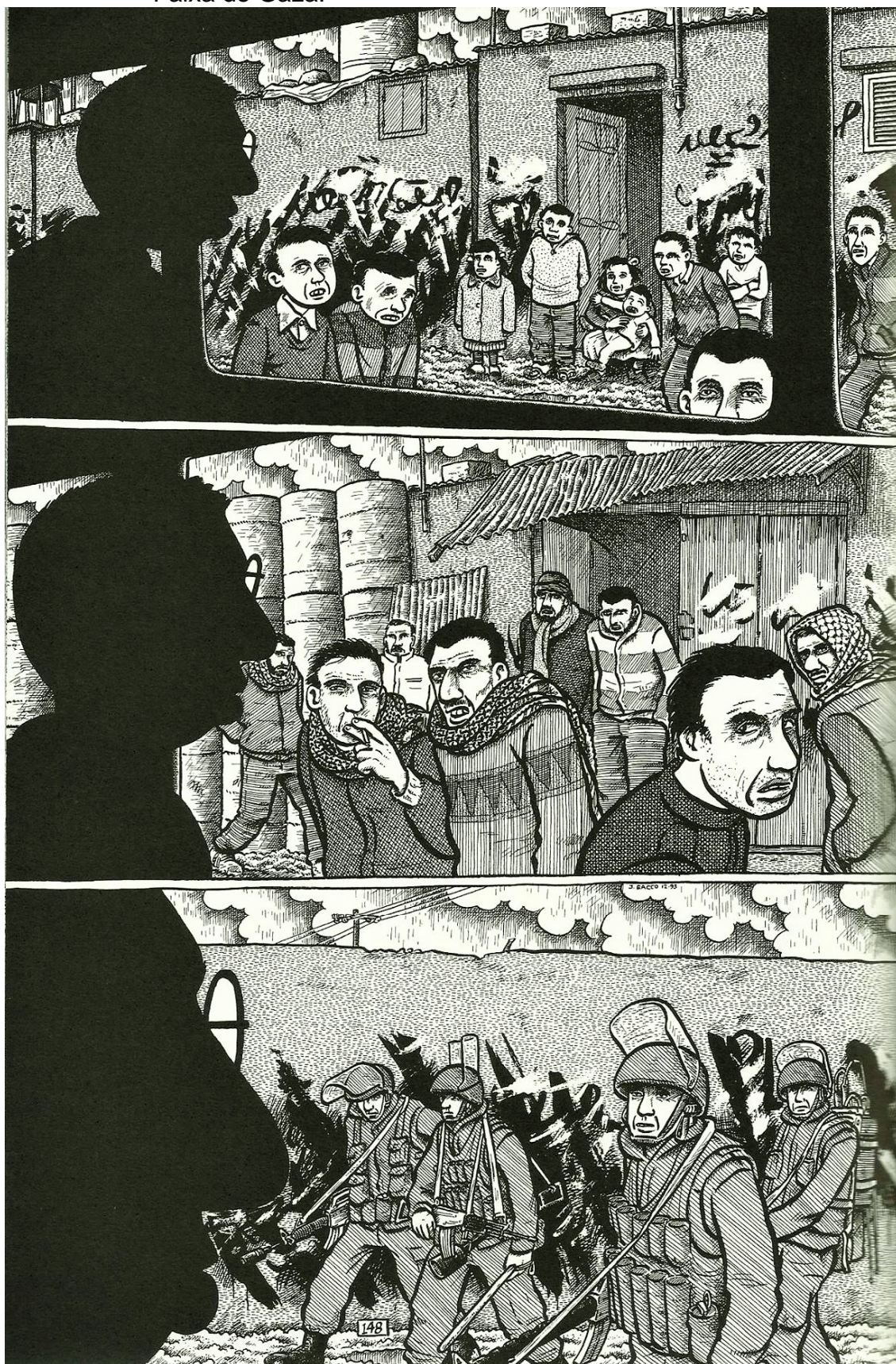
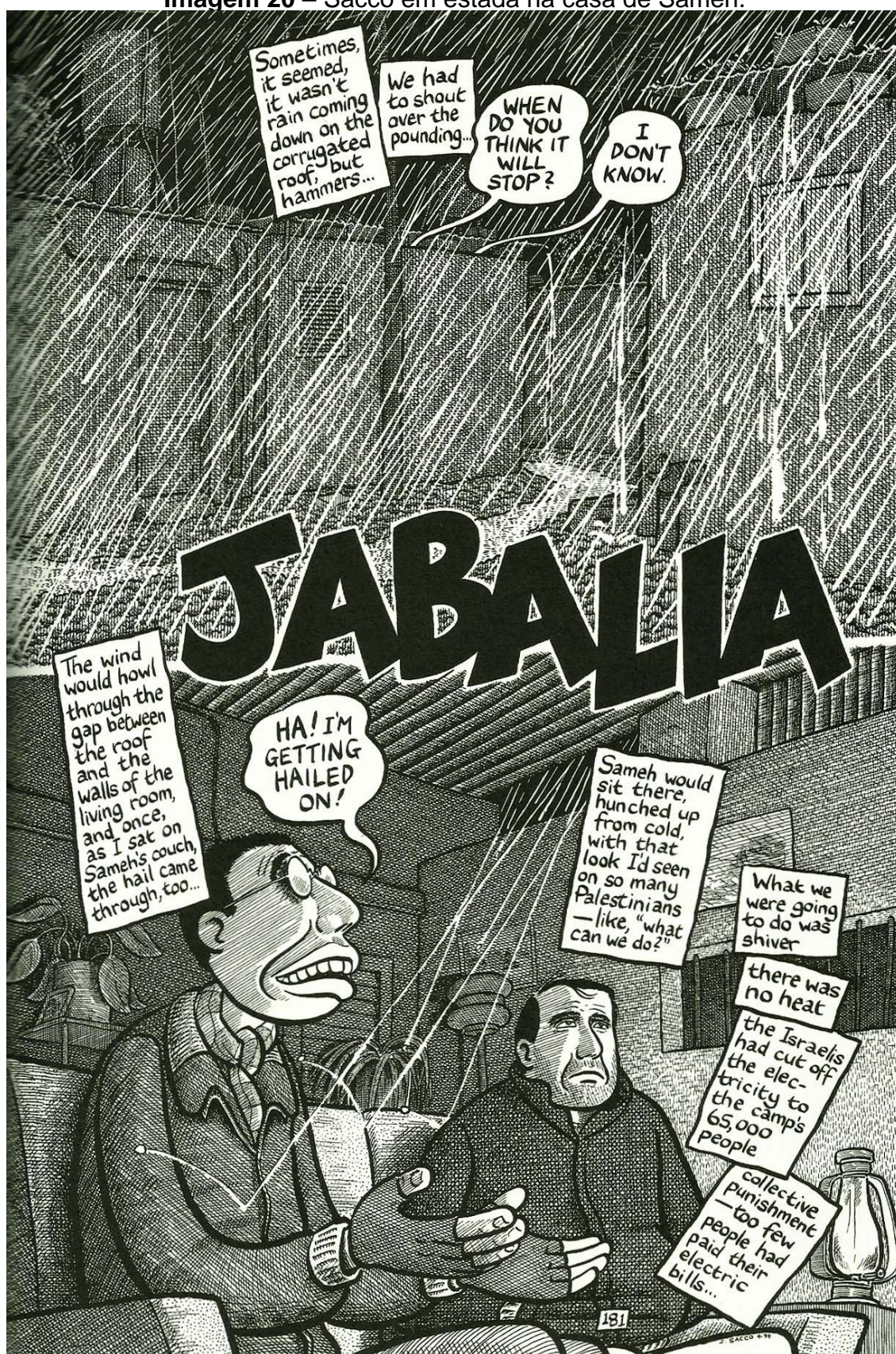


Imagem 20 – Sacco em estada na casa de Sameh.



3.3. REBOBINANDO

O binômio Israel e Palestina ultrapassam as relações políticas e bélicas e adentram também o meio sociocultural entre ambos. Não é somente a fronteira física geográfica que separa israelenses de palestinos. Apesar da proximidade de suas fronteiras, a perspectiva temporal também os distingue. Israel é considerada por muitos países ocidentais como uma democracia inserida no coração do Oriente Médio. Segundo os dados demográficos no portal do IBGE Países, Israel possui Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,894 e uma expectativa de vida ao nascer de 82,4 anos (IBGE, 2016). Índices estes semelhantes aos de países desenvolvidos. Por outro lado, a Palestina possui índice de IDH muito inferior, com 0,606 segundo o *Human Development Report 2014* das Nações Unidas (HDR, 2014, p.23).

Fronteiras físicas tão próximas, com realidades totalmente diferentes. Essa desigualdade entre os dois Estados é relatada por Sacco. Para isso, o conceito de Regimes de Historicidade de François Hartog (2014) fornecerá base para esta observação da perspectiva temporal de Sacco sobre os dois Estados, e assim, compreender sua estratégia em representar a moderna Israel e a atrasada Palestina. Em seu livro que narra sua viagem para a Palestina em 2002, Arbex Jr. (2002, p.23) discorre que “Em Jerusalém o passado é sempre contemporâneo”. Quando escrevia essas palavras, Arbex Jr (2002) descrevia breve contextualização sobre judeus e árabes acerca do litígio sobre o território da Palestina. A escolha de Arbex Jr. (2002) tem como recorte temporal mais de três mil anos de história. Como visto, a opção de Sacco foi bem mais modesta, e apresentou aos seus leitores não mais do que um século de conflito.

Sacco teve como temporalidade a Declaração de Balfour de 1917 e a passagem pelos conflitos de 1956, 1967 e 1973 para contextualizar a Intifada de 1987. Esses dois casos nos servem de exemplo para observarmos como duas pessoas distintas possuem percepções temporais diferentes sobre o mesmo assunto. Enquanto Arbex Jr. (2002) retorna à Antiguidade para explicar a questão da Palestina no presente, Sacco (2011), em comparação a Arbex Jr. (2002), é muito mais comedido ao abordar acontecimentos contemporâneos para desenvolver sua narrativa sobre a conjuntura atual da Palestina.

Não obstante, outra percepção temporal pode ser notada em “Palestine”, mas que está obscurecida pelo trabalho como um conjunto. Para compreendermos essa percepção, apropriaremos o conceito de regime de historicidade de Hartog (2004, p. 11), que o define como “apenas uma maneira de engrenar passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias, justamente como se falava, na teoria política grega, de constituição mista (misturando aristocracia, oligarquia e democracia, sendo dominante de fato um dos três componentes)”.

O que queremos dizer com outra percepção temporal obscurecida pelo resultado do trabalho é como Sacco observa o regime de historicidade em sua viagem. Arbex Jr. (2002) afirmou que Jerusalém é o passado sempre constante. Com sua afirmação, o regime temporal observado pelo jornalista é de que o passado é bem mais notado do que o futuro na Terra Santa. Sua observação está atrelada ao significado histórico que permeia a cidade. Jerusalém, além do berço das três religiões monoteístas, também foi palco das Cruzadas no medievo que possibilitou as rotas comerciais para o Oriente pelo Ocidente, e paralelamente a isso, o Renascimento urbano no Ocidente. A percepção do regime de historicidade é claramente afirmada por Arbex Jr (2002), o que já facilitaria o trabalho do historiador que estivesse interessado em analisar o regime temporal em seu trabalho. No entanto, Sacco não deixa tão explícito assim o regime de historicidade no qual “Palestine” é narrado. Hartog (2004, p.12-13) afirma que “Definimos o que é e o que não é o regime de historicidade. Ele não é uma realidade dada. Nem diretamente observável nem registrado nos almanaques dos contemporâneos; é constituído pelo historiador”.

Quando Hartog (2004) constituiu o regime de historicidade nos trabalhos de Chateaubriand em sua viagem para a América, entre 1791 e 1792, observou sua posição como o homem moderno do Velho Mundo frente ao selvagem, nativos americanos do Novo Mundo. Com o andamento da Independência dos Estados Unidos, outro ingrediente é inserido pelo historiador ao regime de historicidade de Chateaubriand, o Antigo com seu ideal de democracia grega. Neste quadro, o regime de historicidade é constituído por meio dos elementos que permeiam a relação cultural ocidental de seu tempo. O homem do Antigo Regime, que perdeu sua liberdade com a Revolução Francesa em busca no Novo Mundo de sua liberdade então perdida no Velho Mundo. O Selvagem em sua visão é livre perante o

homem Moderno europeu. A democracia do Antigo é o futuro diante do Moderno pertencente a um Velho Mundo. Conforme Hartog (2004, p.96):

Como os antigos e os Modernos, temos um par que estruturou profundamente e a longo prazo a história da cultura ocidental em sua relação com o tempo. As numerosas querelas que ritmaram sua história são, ao mesmo tempo, expressão da própria tensão que a constitui. Com o Selvagem, que as primeiras narrativas de viagem ao Novo Mundo relatam, um novo termo entra em jogo. A partir desse momento, não se refletirá mais somente sobre dois termos mas sobre três, ou seja, na maior parte do tempo, dois mais um: os Modernos frente aos Antigos/Selvagens.

Enquanto Chateaubriand viajava da França em direção aos Estados Unidos, observava que seu trabalho será um diário regular de suas excursões mentais. Dentro do oceano da floresta norte-americana, Chateaubriand descreverá sua “estranha revolução que se operou em seu interior” (HARTOG, 2004, p.98-99). Essa evolução, segundo Hartog (2004), só é possível devido a suas apropriações de Rousseau (HARTOG, 2004, p.96) sobre o Selvagem, e de Joseph-François Latifau (HARTOG, 2004, p.98), pioneiro da etnografia, que colaborou em seus instrumentos interpretativos para sua viagem, visto que Latifau, em 1724, já havia descrito sua viagem para o Canadá, a qual Chateaubriand teve contato.

O resultado, pelo menos no que se refere ao regime de historicidade, é que Chateaubriand tem como ponto de partida o passado, para reencontrar-se com o presente, e se possível, prever o futuro. Para a história, Chateaubriand de Hartog (2004) constrói sua narrativa dentro dos meandros da *história magister vitae*. O autor escreve seus ensaios com os instrumentos intelectuais que dispunha em seu tempo, o exemplo e o paralelo, e considera o contexto que inspira sua viagem, a Revolução Francesa de 1789 (HARTOG, 2004, p.103). Este é o problema vivenciado por Chateaubriand. O exemplo do passado, os Antigos clássicos, é comparado à realidade da Revolução Americana, que em sua concepção, traz de volta a idéia de democracia grega, ou seja, a possibilidade de reaver a liberdade perdida na França.

O exemplo do Chateaubriand de Hartog (2004) parece interessante nesse momento de nossa pesquisa. Se por um lado Chateaubriand sai da Europa em direção a América e por lá distingue o regime temporal que vivencia entre o Novo Mundo e o Velho Mundo, influenciado por suas experiências na Revolução Francesa e das apropriações de Rousseau, por outro lado, Sacco sai da Europa em direção ao Oriente. Como observado, Said e Chomsky compõem seu campo de influência. Enquanto o dualismo Moderno e Selvagem/Antigo é proposto por Hartog (2004)

como ótica de observação de Chateaubriand, estrutura cultural do observador em seu tempo, “Palestine” será analisada a partir do dualismo Oriente e Ocidente que implica a concepção temporal entre o Ocidente moderno e o Oriente exótico e tradicional como lente de observação de Sacco sobre sua viagem.

Como vimos, as leituras anteriores de Said estão sempre presentes na perspectiva de Sacco. Apesar de afirmar e até mesmo desenhar seu momento de leitura de “A questão da Palestina”, o dualismo Oriente e Ocidente é muito melhor desenvolvido em “Orientalismo”. Nesse trabalho, Said (1990, p.18) discorre que “Eu mesmo acredito que o Orientalismo é mais particularmente válido como um sinal de poder europeu-atlântico sobre o Oriente que como um discurso verídico sobre o Oriente”. Nesse conceito, Said (1990) problematiza a questão na qual a construção do Oriente advém da perspectiva do Ocidente. Ou seja, essa construção que o ocidental possui do oriental é uma construção cultural, e fortalecida pelos meios de comunicação, em jornais e até mesmo em filmes após séculos de empreitadas colonialistas pelo Oriente. Além da construção cultural, a influência que o “Orientalismo” de Said (1990) traz para Sacco é o impacto que a colonização sionista trouxe aos palestinos. Segundo Said (1990, p.15):

Tomando final do século XVIII como um ponto de partida muito grosseiramente definido, o orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente.

Sendo o regime de historicidade a construção realizada pelo historiador mediante sua fonte de pesquisa, nossa construção tem como alicerce o dualismo Oriente e Ocidente, sendo que, Palestina representa o Oriente enquanto Israel representa o Ocidente dentro desta ideia de imperialismo colonialista. Podemos tomar como exemplo a pequena passagem de Sacco à capital de Israel, Tel-Aviv. Nos poucos dias em que estive na cidade, cena representada somente no último capítulo de “Palestine”, o autor tem a companhia de duas arquitetas israelenses, Paula e Naomi. Como outras personagens, não se discorre muito sobre elas. No entanto, o fato de se tratar de duas arquitetas colabora na própria estratégia utilizada pelo autor. Conforme a imagem 21, Naomi discorre sobre os novos assentamentos israelenses na Cisjordânia. Os assentamentos israelenses para além de suas

fronteiras não são práticas atuais por parte dos colonos judeus. Desde antes a partilha de terras em 1947, o projeto sionista planejava a desocupação das terras da Palestina para a vinda dos colonos judeus. Segundo Gattaz (2003, p.105):

Era ponto pacífico entre a liderança sionista que os árabes teriam de ser desalojados do país para 'abrir espaço aos colonos judeus'. Embora alguns sionistas achassem que seria possível persuadir os palestinos e imigrar para a Arábia Saudita, Transjordânia e outros Estados Árabes, os principais líderes não tinham dúvidas de que seria impossível remover os palestinos somente através de negociações, e a força teria de ser usada.

Um dos resultados do projeto sionista são os assentamentos ilegais. No instante descrito por Sacco, os três estão a observar o vilarejo de Silwan, que, conforme a afirmação do próprio autor, foi tomado pelos colonos judeus poucos meses antes de sua chegada (SACCO, 2011b, p.254). Ainda na imagem 21, é colocado lado-a-lado um assentamento palestino e outro judeu. Apesar da observação de Naomi, em dizer que, esteticamente, a vila árabe de Silwan, ainda com as construções palestinas, se encaixa bem na paisagem, em contrapartida, as construções mais modernas israelenses parecem estar fora de lugar, ou seja, as palavras de Naomi não parecem condizer com o ideal de progresso ao qual Israel tenta empreender.

Imagem 21 – Naomi distingue a arquitetura palestina e israelense.



Ilustradas uma ao lado da outra, o dualismo Oriente e Ocidente representa o regime de historicidade de Sacco como o passado e o futuro respectivamente. A percepção é representada por meio das ilustrações das paisagens das cidades palestinas e a capital israelense. Por se tratarem de construções materiais, tomamos estas imagens como “[...] valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns, suas formas de habitação, por exemplo, algumas vezes construídas com materiais que não eram destinados a durar” (BURKE, 2004, p.99). Especificamente, estas palavras de Burke (2004) podem ser mais bem empregadas no caso palestino do que o israelense.

Enquanto os assentamentos judeus tendem a constituir as futuras residências dos colonos judeus, as antigas e até as provisórias residências palestinas, construídas após as fugas da guerra de 1948, estão destinadas à demolição. A ideia inicial da colonização sionista não está pautada em somente transformar essa terra em uma pátria para os judeus, como foi idealizada na Declaração de Balfour de 1917. O atrasado árabe era um obstáculo em uma terra que “Longe de representar uma terra já habitada, para os primeiros colonos sionistas as multidões árabes eram um povo para ser ignorado” (SAID, 1990, p.21). Deveria ser ignorado por não ter entre seus valores o ideal de civilização e progresso que o europeu sionista compreenderia. Onde havia terras “desocupadas” sem nenhuma perspectiva de progresso, a colonização sionista seria então a oportunidade de transformar essa terra infértil em uma terra produtiva.

Os resultados e as consequências que o progresso israelense trouxe continuam a ser representados por Sacco em sua visita em Tel-Aviv. A imagem 21 representa as construções palestinas enquanto passado, construções antigas sem o planejamento arquitetônico e padronizado que o projeto futurista e moderno das construções israelenses contêm. Os efeitos da colonização também são descritas por Jorge (1975, p.24), ao comentar sobre a vinda dos primeiros colonos para a Palestina, e as mudanças ditas progressistas trazidas por eles:

[...] o mundo não aceita lugar para sentimentalismos. O próspero comerciante israelense que veio da Rússia, dos Bálcãs, da Cracóvia, instala-se comodamente com a família na casa do árabe que, do outro lado da cerca olha a morada que foi de seus pais e de suas avós receber seus novos e ilustres visitantes. O serviço é rápido e eficiente como convém a uma nação progressista: as paredes são rebocadas, pintadas de novo e os velhos quadros – daguerreótipos ampliados e amarelecidos pelo tempo, que retratam o pai de fartos bigodes e a mão sempre de preto, são atirados na fogueira.

A construção antiga e sem reboco, marcada pelas lembranças do passado palestino em um velho e desbotado retrato em daguerreótipo dá lugar a uma nova moradia, rebocada e pintada ao invés do ultrapassado e desbotado retrato, lembranças recentes são colocadas na mesma parede. Após perder seu espaço, o passado representado no daguerreótipo também é tomado do palestino para dar lugar ao futuro, ao novo. O próprio fato de Jorge (1975) mencionar o fato de que na parede da residência palestina existia ainda uma fotografia em daguerreótipo salienta o pressuposto do atraso palestino. Conforme Annateresa Fabris (1998, p.16), “O daguerreótipo mantém sua primazia até os anos 50 (do século XIX). Na década seguinte, perde progressivamente terreno para a fotografia sobre papel, capaz de satisfazer à necessidade de uma difusão capilar das imagens de consumo.” Nesse caso, os árabes palestinos são representados como pessoas que ainda possuem daguerreótipos ao invés de fotografias mais modernas e sofisticadas do século XX.

O dualismo entre passado e presente que compõe a narrativa representa em “Palestine” ainda pode ser observado em outra ocasião em Tel Aviv. Após confirmar que não tinha nenhuma visita agendada, o autor resolve relaxar com suas companheiras israelenses no litoral de Tel Aviv. Sentado em uma confortável cadeira com Naomi e Paula ao seu lado, Sacco discorre sobre as semelhanças que a capital israelense possui com as cidades ocidentais. Conforme a imagem 22, e em comparação à imagem 23, pode-se observar a representação do cotidiano em Tel-Aviv e na Faixa de Gaza. O contraste entre Palestina e Israel já é notado pela divisão binária entre relaxamento/tensão. O requadro superior da imagem 22 representa um dia calmo no litoral israelense. Pessoas caminham sem preocupação alguma, há um senhor sentado lendo seu jornal matinal, logo acima um casal abraçado, e até mesmo um garoto em cima de seu *skate*. Em contrapartida, o próprio Sacco salienta essa situação. No requadro inferior, enquanto Sacco estava em Nablus, os palestinos compartilham seu espaço com soldados da FDI. A tensão é visível tanto no semblante de Sacco, como no semblante dos palestinos que compõem o requadro.

A imagem 23 representa o cotidiano palestino, quando Sacco esteve na Faixa de Gaza. Podemos começar nossa análise ao observarmos as vestimentas. Enquanto Paula é representada, na imagem 22, vestida de saia mais curta, ou seja, uma vestimenta ocidental, as mulheres palestinas representadas na imagem 23

vestem roupas tradicionais, vestidos longos e *hijab* na cabeça para esconder parcialmente seus rostos. Os meios de transporte também são nitidamente díspares. Israel possui helicópteros, enquanto na Palestina uma carroça puxada por um burro transporta as pessoas pelas ruas de Gaza. As ruas de Tel-Aviv são pavimentadas, as ruas de Gaza são lamacentas e de difícil tráfego. A paisagem urbana de Israel é composta por altos prédios modernos e palmeiras decorativas; por outro lado, a paisagem urbana de Gaza é representada por construções precárias, com caixas d'água suspensas e até mesmo uma caçamba de entulhos que compõe a paisagem. Por meio do mundo como representação de Sacco, é possível verificar os resultados do progresso sionista para o território da Palestina, onde o árabe incivilizado tende a dar espaço para o judeu europeu moderno. Segundo Said (1990, p.10):

Esse confronto foi comicamente desigual desde o princípio. Sem dúvida, no que diz respeito ao Ocidente, a Palestina é um lugar onde uma população recém-chegada e relativamente avançada (porque européia) de judeus realizou milagres em construção e civilização e lutou guerras tecnológicas brilhantemente vitoriosas contra o que sempre foi retratado como uma população parva e essencialmente repulsiva de árabes nativos incivilizados.

A representação entre passado e futuro não fica restrita somente às representações imagéticas. A estratégia de Sacco em descrever sua passagem por Tel-Aviv proporciona outra experiência ao regime de historicidade, nesse caso, o discurso de seus entrevistados. Antes de sua visita a Tel-Aviv, o contato inicial com os israelenses esteve centrado em poucos relatos sobre a Lei do Retorno¹⁹. O contato com Naomi e Paula trouxe a perspectiva israelense sobre o processo de colonização sionista na região.

Nesse íterim, imagem e discurso convergem para a mesma direção. Enquanto as ilustrações proporcionam uma experiência visual entre o atrasado palestino e o progresso israelense, os relatos reafirmam essa hipótese. Em seu último registro com Paula e Naomi, Sacco toma café com as garotas logo após sua reflexão sobre as semelhanças de Israel com a Europa. Os três começam a dialogar sobre segurança em Israel. De um tranquilo café da tarde, a situação toma rumo diferente quando Sacco questiona a posição israelense sobre o conflito. Enquanto Naomi descreve que a posição de Israel é de total instabilidade na região devido à sua posição geográfica, Sacco insiste em questioná-la sobre os métodos repressivos

¹⁹ Legislação israelense que permite a qualquer judeu originário de qualquer país estabelecer-se no Estado de Israel. Adaptada pelo Knesset em 1950, cinco anos após o Holocausto na Europa.

e até extremistas utilizados pela FDI. No ápice das emoções, Naomi diz: *“We Just want to live our lives, okay? We have our lives! We have Jobs and families and we go out and live just like you do... We don’t think about this stuff all the time, and we get a bit tired of hearing about it!”*²⁰ (SACCO, 2011b, p.264). Para finalizar, Paula continua a fala de Naomi e discorre que *“It’s not that we’re tired... But when you hear it over and over, you get... tired...”*²¹ (SACCO, 2011b, p.264).

O que pode significar o cansaço de Naomi e Paula sobre esse assunto? Ou seria esse cansaço não somente delas, mas de todos aqueles que habitam Israel? Essas perguntas podem ser respondidas se elevarmos nossa escala de observação e pensarmos em Naomi e Paula como representantes de uma perspectiva israelense e fazer uma nova pergunta: o que significa para os israelenses habitarem Israel?

Israel não é somente um Estado autônomo, mas a realização da Promessa. Segundo Jorge (1975, p.141), “Para o judeu autêntico, o judaísmo está ligado ao lugar como reminiscência histórica. A Palestina, pois, seria o centro ideal da sua religião, exatamente colocado no plano de um espaço físico que serve apenas de referência geográfica para situar a origem e desenvolvimento deste culto”. Sob este ponto de vista, a ideia da Promessa foi cumprida, o estabelecimento dos judeus na Palestina concretiza a profecia de um lar futuro aos judeus. Estar em Israel significa ao judeu o fim do porvir prometido e o começo da construção do progresso em uma terra que até então era estéril com a presença árabe. Uma nova representação sionista surge pautada no liberalismo democrático ocidental que ressignificou a presença dos árabes na região, pois, a partir de agora, “o sionista o transformou em si mesmo na única presença na Palestina quanto porque a personalidade negativa do árabe (oriental, decadente, inferior) foi intensificada” (SAID, 1990, p.43).

O cansaço de Naomi e Paula pode representar o passado já encerrado. Não há interesse em retornar a origem da partilha em 1947, nem mesmo de discutir a possibilidade de um lar árabe descrito por Balfour em sua declaração de 1917, ou a legitimidade da ocupação dos territórios após a guerra de 1967. É tudo passado já concretizado, não há mais nada a ser discutido. Elas querem viver suas vidas assim como os ocidentais fazem, mas, para que isso se realize de forma plena, o

²⁰ [No português]: “Só queremos continuar a nossa vida, tá bom? Nós temos nossa própria vida! Temos emprego e família e levamos nossa vida como vocês... não pensamos sobre essas coisas o tempo todo e estamos um pouco cansadas dessa conversa!” (tradução livre)

²¹ [No português]: “Não é que estejamos cansadas... Mas, quando você ouve essas coisas o tempo todo você fica... cansada...” (tradução livre)

decadente árabe deve dar espaço. O futuro só pode estar completo quando o passado for totalmente extinto.

No entanto, os palestinos não parecem cansados. Enquanto os israelenses em “Palestine” observam o futuro, os palestinos não se cansam de voltar ao passado. Descrever e desenhar o cotidiano dos palestinos não é a causa da viagem de Sacco, mas sim consequência. Seu ponto de partida é coletar informações sobre a Intifada nos mais de três anos que ela seguia. Por si só, as entrevistas coletadas já remetem ao passado. Porém, a perspectiva de passado para os palestinos é contínua, ainda mais sobre o processo de colonização. Sobre isso, Said (2012, p.83) discorre que:

O Imperialismo foi e continua sendo uma filosofia política cujo objetivo e razão de ser é a expansão territorial e legitimação. Subestimar o imperialismo, porém, seria considerar ‘território’ de modo literal. Conquistar e manter um império significa conquistar e manter um domínio, o que implica diversas operações, entre elas construir uma área, reunir seus habitantes, ter poder sobre ideias, povos e, é claro, terras, converter povos para os propósitos e os usos de um designo imperial hegemônico, e tudo isso como resultado da capacidade de tratar a realidade de modo apropriado.

Enquanto a herança imperialista projeta o futuro israelense, concomitantemente projeta o passado para os palestinos. Os relatos de lembranças da terra que um dia foi deles são várias vezes representadas em “Palestine”, como, por exemplo, a memória de um senhor anônimo que levou a família onde um dia foi sua casa e sua escola quando foi forçado a deixá-la na guerra de 1948 (SACCO, 2011b, p.15). Mais adiante, em conversa com as irmãs de Sameh, os resquícios da tentativa de pacificação por Ariel Sharon em 1971. Sobre esse fato, Sacco discorre que *“Back then the Israelis bulldozed 40 houses a Day in Jabalaia, you can still see tracer of the foundations where homes had been²²”* (SACCO, 2011b, p.186). Conforme imagem 24, Sacco complementa a afirmação das irmãs de Sameh ao ilustrar ele e Sameh sob as marcas das fundições de algumas residências demolidas.

Não é sem motivos que Sacco representa a cena de forma panorâmica ao leitor. Sua intenção é colocar o leitor em posição de observar que além das ruínas permanecerem em seu lugar, o leitor também possa observar de forma abrangente

²² [No português]: “Naquela época os israelenses demoliram 40 casas por dia em Jabalaia, ainda dá para ver marcas das fundações onde as casas estavam antes...”(tradução livre)

as marcas deixadas pelo processo pacificador de Sharon. Como o Chateaubriand de Hartog (2004, p.123) que, cego por sua fatalidade, deixa sempre ser atormentado pela melancolia profunda por não se desvincular das ruínas de seu passado que antecede 1789, a Palestina de Sacco também não se esquece de seu passado anterior a 1948. Baseando-nos nas palavras de Hartog (2004, p.123) ao afirmar que “Desse modo, a humanidade não andaria senão de ruínas em ruínas”, pode-se dizer que a Palestina representada por Sacco não caminharia desde 1948. O projeto colonialista e futurista israelense permite somente o caminhar rápido e devastador judeu sobre as ruínas palestinas.

Por fim, após analisar o regime de historicidade representado em “Palestine”, observa-se que, para o autor, o dualismo Oriente/Ocidente permeia suas apropriações. Devido ao processo colonizador israelense e seu acelerado desenvolvimento, a disparidade representada por ele é ressaltada. Nas ruínas palestinas, o desenvolvimento israelense ganha forma e concretude. A representação entre a cidade de Tel-Aviv e as ruas de Gaza é o exemplo do regime adotado pelo autor. Enquanto Israel vive seu tempo messiânico em uma simultaneidade de passado que visa o futuro (ANDERSON, 2004 p.54), a Palestina representada por Sacco vive seu passado presente.

Imagem 22 – As ruas de Tel Aviv.

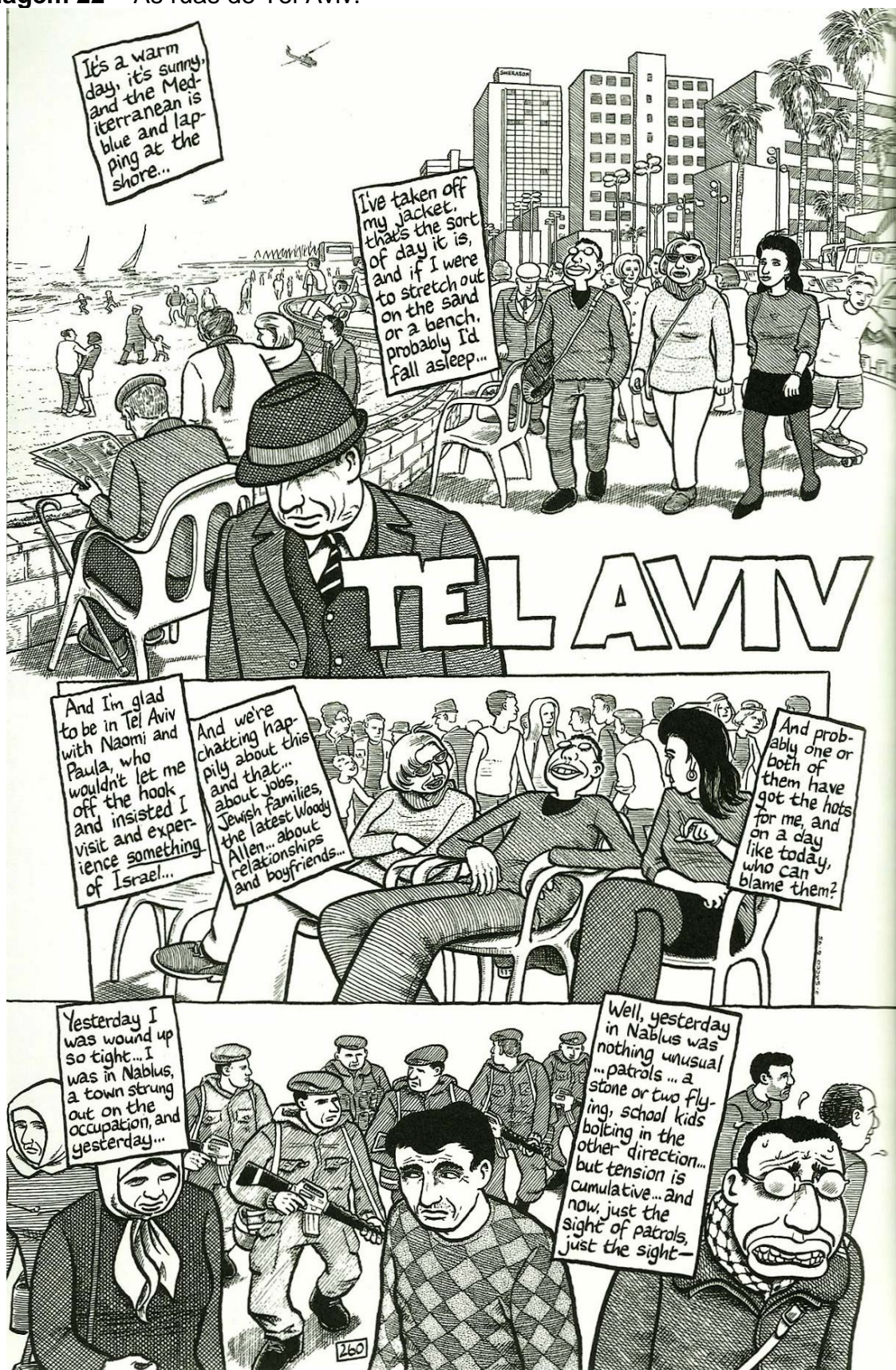


Imagem 23 – As ruas da Faixa de Gaza.

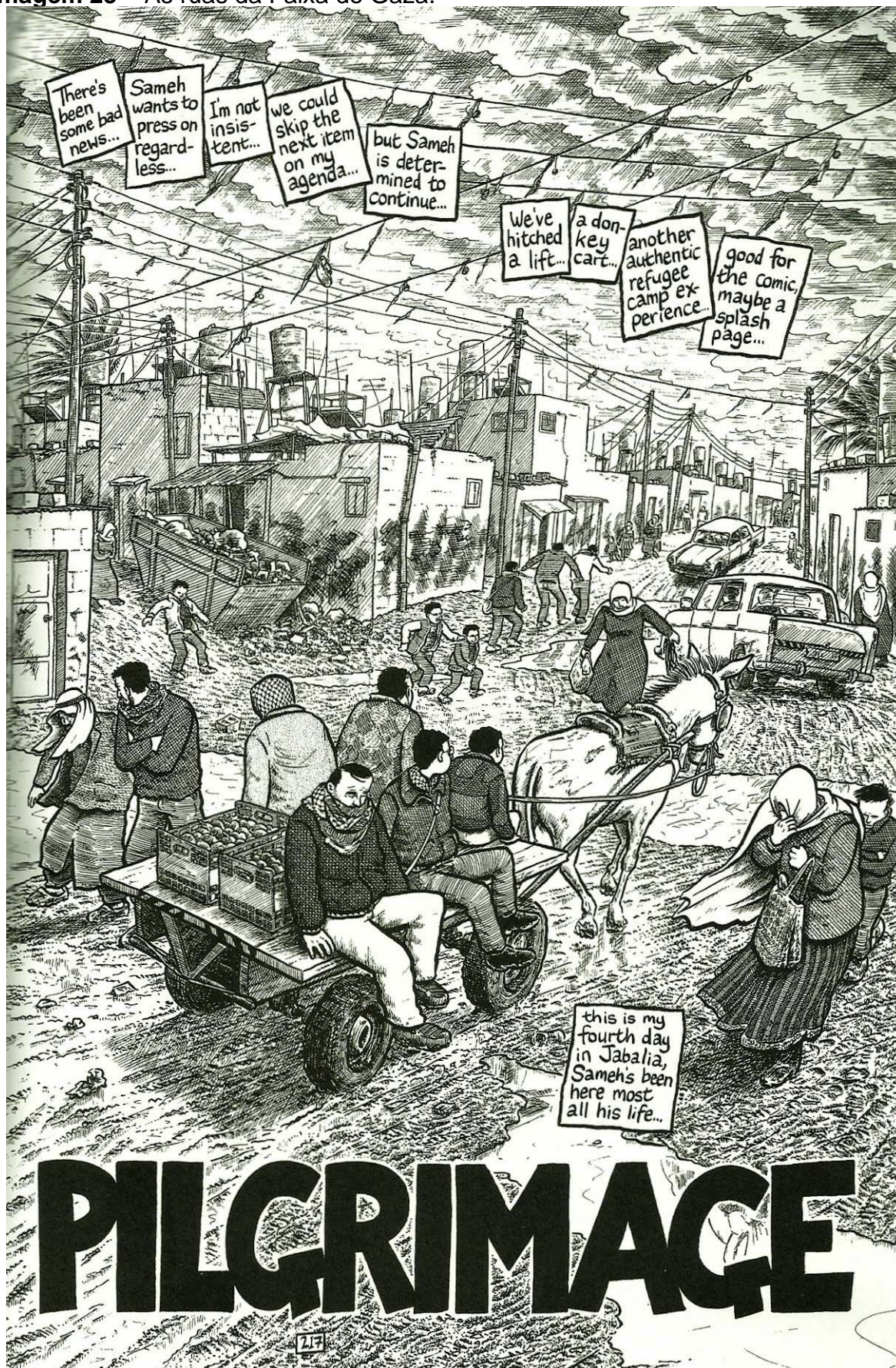
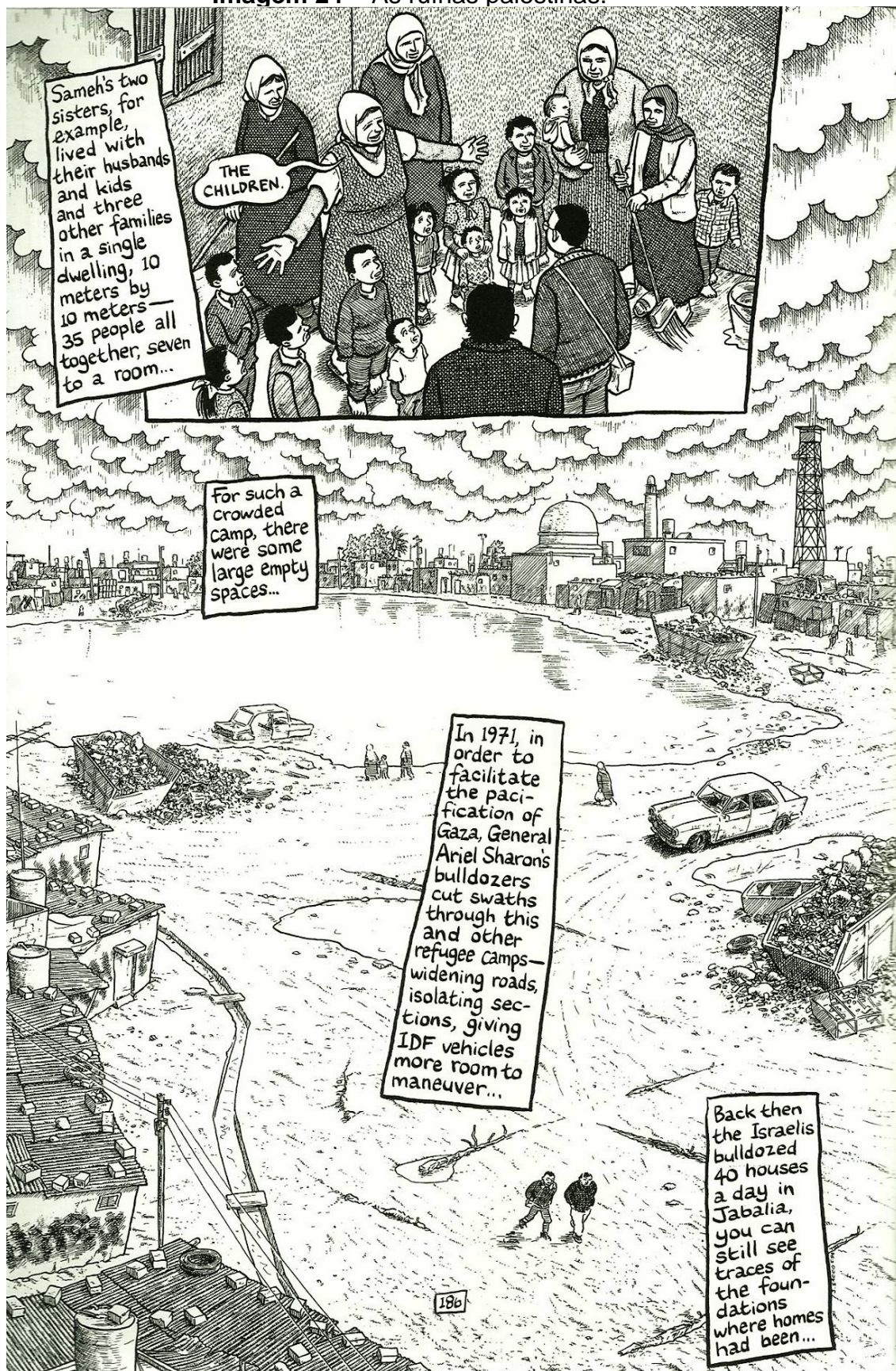


Imagem 24 – As ruínas palestinas.



4. OCEANO

Até o momento, voltamos nossa atenção para observar dois momentos na produção de “Palestine”. No primeiro, analisamos Sacco antes de sua viagem à Palestina com o intuito de observar as leituras apropriadas de forma tática para a produção de seu trabalho. No segundo momento, observamos algumas estratégias utilizadas por ele, tais como a utilização do jornalismo em quadrinhos e a percepção do tempo entre Palestina e Israel. Nossa intenção nas próximas páginas é dar continuidade na observação das estratégias, no entanto, focaremos nossas observações nas representações durante sua viagem e representadas posteriormente em “Palestine”. Certamente, todas as representações em “Palestine” são posteriores à viagem de Sacco. Portanto, nosso objetivo é observar esse outro ponto de vista que Sacco representa em “Palestine” sobre a violência israelense contado por outro ponto de vista, ou seja, a dos palestinos.

Conforme observamos nas últimas páginas, o litígio em que Sacco está presente na Palestina é resultado de um longo processo que decorre desde o começo do século XX com a Declaração de Balfour, passando pela Partilha da ONU e as sucessivas guerras decorrentes desse processo. No entanto, os desdobramentos decorrentes desse processo obscurecem o projeto colonialista sionista na Palestina. Por meio desse projeto que, desde 1917, advém da compra de terras, foram deflagradas na década de 1980 as premissas para o início da Primeira Intifada Palestina.

O início da Intifada marca uma grande ruptura nas relações já estremecidas entre israelenses e palestinos. Durante os primeiros dias de dezembro de 1987, enquanto o movimento popular na Palestina ganhava corpo, do outro lado, Israel aumentava seus métodos de contenção da população palestina. Conforme relatório das Nações Unidas:

UPI reported on 5 January 1988 that Israeli soldiers opened fire on a crowd of rock-throwing Palestinians in Khan Yunis in the Gaza Strip, killing at least one man and wounding eight others. A report by Palestinian Press Service that a second man was also killed could not be immediately confirmed. A curfew was imposed on Khan Yunis following the shooting²³ (UNITED NATIONS, 1988, p.4)

²³ [No português]: “A UPI informou em 5 de janeiro de 1988 que soldados israelenses abriram fogo contra uma multidão de palestinos que jogavam rock em Khan Yunis na Faixa de Gaza, matando pelo menos um homem e oito outros. Um relatório

Conforme passavam os dias, a situação nos territórios ocupados se deteriorava cada vez mais. O relatório das Nações Unidas (1988, p.5) apontou que entre os dias 04 e 05 de janeiro de 1988, as autoridades militares israelenses deportaram nove palestinos, acusando-os de serem “chefe instigadores” da Intifada. No mesmo dia, as tropas israelenses também abriram fogo contra os campos de refugiados de Nuseirat e Mughazi, ambos localizados no sul da Faixa de Gaza, e ocasionou a morte de um jovem palestino e ferindo outros seis. No dia 10 de janeiro de 1988, o relatório informava que o jornal *The New York Times* havia declarado que a região de Rafa também havia sido atacado pelas tropas israelenses resultando na morte de uma palestina grávida. No dia 11 de janeiro de 1988, a *Reuters* informava casos de violência na Cisjordânia (UNITED NATIONS, 1988, p.5). No relatório, o Presidente da Comissão dos Direitos Humanos na Palestina clamava por alguma intervenção das Nações Unidas. Conforme o relatório “The Committee appeals to you to take all possible measures for alleviating the suffering of the Palestinians under Israeli occupation and for ensuring their safety and protection²⁴ (UNITED NATIONS, 1988, p.6)”

O apelo solicitado pelo Presidente da comissão na Palestina está relacionado com o grande aumento na violência com que Israel estava conduzindo a situação nos territórios ocupados. O Presidente da comissão ainda enfatiza que a forma que Israel vem conduzindo a situação nos últimos dias vai totalmente contra a Quarta Convenção de Genebra de 1949 que tem em seu texto a proteção de civis em tempos de guerra. Ao que tudo indica, o apelo da comissão não foi ouvido. No dia 20 de janeiro de 1988, o Presidente da comissão enviou outra carta endereçada para o Secretário Geral das Nações Unidas informando que a situação nos territórios ocupados continuava deteriorando-se, e enfatizava o sistemático aumento no uso punitivo das forças israelenses contra os palestinos (UNITED NATIONS, 1988, p.6). Só para termos uma ideia, a Anistia Internacional (1989, p.5) informou que mais de 360 palestinos haviam morrido durante a Intifada entre dezembro de 1987 e abril de 1989.

Outra estratégia adotada pelos israelenses foi o bloqueio de navios com mantimentos para a Faixa de Gaza. Segundo o relatório, A UPI havia informado no

do Serviço de Imprensa Palestino de que um segundo homem também foi morto não pôde ser imediatamente confirmado. Um toque de recolher foi imposto a Khan Yunis após o tiroteio” (tradução livre).

²⁴ [No português]: A Comissão apela-vos a tomar todas as medidas possíveis para aliviar o sofrimento dos palestinianos sob a ocupação israelita e para garantir a sua segurança e proteção” (tradução livre).

dia 19 de janeiro de 1988 que o então Primeiro Ministro da Defesa de Israel, Yitzhak Rabin dizia que os bloqueios armados contra os navios que traziam os mantimentos continuariam por um longo tempo enquanto os lojistas palestinos continuarem apoiando esse protesto anti-israel (UNITED NATIONS, 1988, p.7). Enquanto isso, o número de incidentes aumentava nos territórios ocupados. Além de relatos de morte de garotos em Ramallah, na mesma data o *The New York Times* havia relatado que seis dos quinze campos de refugiados na Cisjordânia estavam com toque de recolher em vários períodos durante o dia (UNITED NATIONS, 1988, p.7).

Além de elevar o número de refugiados palestinos, outro resultado do significativo aumento punitivo por parte de Israel foi a grande quantidade de prisões administrativas. Outro relatório emitido pela Anistia Internacional em junho de 1989 informava que mais de 5.000 prisões administrativas contra palestinos haviam ocorrido desde dezembro de 1987 até abril de 1989 (AMNESTY INTERNATIONAL, 1989, p.1). O que motivou as autoridades israelenses a emitirem essa grande quantidade de prisões administrativas advém dos primeiros meses da revolta quando centenas de adolescentes e jovens haviam sido detidos por jogarem pedras ou bloquearam o caminho de veículos militares israelenses. Inicialmente, foram julgados como criminosos, mas como não havia representação legal para o crime, as autoridades israelenses decidem por utilizar as prisões administrativas como medida. Só para termos uma ideia, em março de 1988, as autoridades israelenses emitiram 1.229 ordens de prisão para a Cisjordânia e 941 para a Faixa de Gaza. Diante desse grande aumento de prisões administrativas, as autoridades israelenses afirmam que o uso intensivo dessas detenções não tem caráter punitivo, mas sim preventivo dentro de seu sistema de segurança nacional contra o terrorismo (AMNESTY INTERNATIONAL, 1989, p.2-7).

Ao que tudo indica, essa reação punitiva por parte de Israel demonstra a ameaça que o levante popular palestino significa ao projeto colonialista sionista. Não significava uma ameaça real de perda de territórios, mas significava uma ameaça ao *status quo* do Estado de Israel no Oriente Médio. Mesmo com as várias solicitações de intervenção pelo Presidente da Comissão dos Direitos Humanos na Palestina endereçada para a Assembleia Geral das Nações Unidas não surtiram efeito, pelo contrário, só aumentava a constante degradação da já fragilizada relação que envolve palestinos e israelenses nos territórios ocupados. Essa ruptura advinda nas relações entre árabes e judeus por meio da Intifada palestina também ameaçava a

imagem de nação civilizada de Israel em uma terra de incivilizados. Com o tom de assegurar a manutenção da segurança na região, o Estado de Israel impedia que jornalistas e acadêmicos permeassem os territórios ocupados. Segundo as Nações Unidas (1988, p.5): “The Israeli army was also reported to have sent large reinforcements into the Gaza Strip and to have declared most of the area closed military zone, barred to journalists and others²⁵”

A restrição do acesso dos jornalistas à Faixa de Gaza significa também a restrição ao acesso de informações que permeiam a Intifada. Não que isso possa ter impedido uma investigação *ex post* dos acontecimentos, mas inicialmente colaboraria em manter um sistema unilateral oficial de informações. Isso é necessário e importante para o Estado de Israel, visto que manter a imagem de nação progressista e civilizada mediante a ameaça de um povo atrasado e incivilizado deveria ser mantida e reconstruída sempre que necessária.

Nesse viés é que Sacco acredita estar na contrabalança na construção de informações. Suas observações não se restringem a uma visão macro da Intifada, mas sim na micro observação dos acontecimentos. O foco de seu trabalho não é informar o aumento de prisões administrativas ou os métodos de tortura do Estado de Israel, mas sim representar como esses palestinos são abordados em suas casas e levados para longos interrogatórios. Sacco não nega os acontecimentos, reafirma que esses acontecimentos de fato aumentaram ao longo da Intifada e envolve seus leitores por dentro de casas e salas de interrogatórios em um mundo de representações construído em sua narrativa.

Inserido nesse cotidiano palestino é que *Oceano* é construído. O subtítulo *Oceano* tem início pouco antes da presença de Saburo em “Palestine”. Como observado há pouco, os guias tiveram papel de ruptura no clímax narrativo de Sacco. Essa mudança no clímax narrativo é estratégica, pois, se no primeiro momento de seu trabalho Sacco representou situações gerais, dentre elas a conjuntura que levou ao processo de Intifada nos territórios ocupados, em *Oceano* Sacco representa a perspectiva dos palestinos referente à repressão do Estado de Israel diante da Intifada.

Apesar da ruptura no clímax se dar em *Oceano*, os indícios deixados por Sacco em *Feridas Públicas e Privadas* nos dão a base para compreendermos a

²⁵ [No português]: “O exército israelense também teria enviado grandes reforços para a Faixa de Gaza e declarou fechada a maior parte da zona militar, proibida para aos jornalistas e outros” (tradução livre).

construção de *Oceano*. Em *Feridas Públicas e Privadas*, Sacco está em visita a cidade de Nablus quando em uma conversa com um palestino anônimo que lhe oferece leite de sua vaca apresenta outros populares que sofreram algum tipo de ferimento no decorrer da Intifada. Durante essa conversa, Sacco é interrompido por uma personagem anônima que pergunta se ele deseja ver mais ferimentos. Após sinalizar positivamente, ele é levado para um hospital. Entre os feridos, Sacco é bem recebido por um pequeno grupo de palestinos que se oferecem para serem fotografados por Sacco. Não obstante, Sacco se depara com um jovem que foi baleado no fígado e sente muitas dores devido a isso. Ao perguntar para sua mãe se o jovem poderia ser fotografado, Sacco tem um não como resposta. Em contrapartida, Sacco diz “Say no more. A private wounds” (Não precisa dizer mais nada. É uma ferida privada) (SACCO, 2011b, p.32).

Nesse caso, o que Sacco chamou de feridas privadas são os casos que persistem em não serem ditos, relatos não possíveis de serem coletados, ora por vergonha, medo ou qualquer outro motivo que os palestinos não quiseram lhe contar. Por outro lado, as feridas públicas são relatos de memórias não ditas, no entanto, são aquelas que foram disponibilizadas pelos palestinos durante sua visita aos territórios ocupados. São essas feridas públicas que constituem o *Oceano* de “Palestine”. Das 285 páginas que fazem parte da construção narrativa de Sacco, mais de 160 são destinadas para esse *Oceano*. Visto a enorme quantidade de páginas dada para esse assunto, dispensaremos nossa atenção nas próximas páginas para analisar essas gostas no oceano de “Palestine”.

Portanto, dado a enormidade de temas discutidos nesse *Oceano* de feridas públicas de Sacco, destacaremos suas observações acerca do caso de tortura dispensado pelo órgão de inteligência de Israel, denominado Shin Bet, no qual o palestino Ghassan narra suas memórias enquanto esteve em regime de interrogatório pela agência. Logo após, discutiremos o cotidiano das mulheres palestinas em relação aos desdobramentos da Intifada.

4.1. PRESSÃO MODERADA

Nesse momento, nosso objetivo é observar os processos de ruptura e continuidade contido na Intifada presentes na narrativa de Sacco. Muito mais continuidade que ruptura, apesar da Intifada proporcionar ruptura no sentido de que

a população levanta-se contra as FDI nos territórios ocupados, a continuidade se dá nas ações do Estado de Israel mediante a essa situação, por meio da análise de *Oceano* de Sacco, subtítulo designado para descrever os vários problemas que os palestinos vivem nos territórios ocupados, analisaremos os meios de punição exercidos pelo Estado de Israel e representado por Sacco. Como vimos, após o início do litígio em dezembro de 1987, observa-se uma ruptura nas relações entre judeus e palestinos e a continuidade dos métodos punitivos que as forças militares de Israel exercem na região. Portanto, dispensaremos nossa atenção nesse momento para tentarmos compreender como os métodos de punição são representados na narrativa de Sacco.

Conceitualmente, a Intifada pode ser compreendida como o levante popular da população palestina diante da repressão imposta pelo Estado de Israel ocorrida a partir de dezembro de 1987 até 1993. Apesar de ser mais um episódio datado pela historiografia, Gattaz (2003, p.136) comenta que tanto a primeira Intifada como a Nova Intifada de 2005 fazem parte de um processo histórico litigioso muito maior, podendo ser considerado seu epicentro a década de 1930. Processo esse que ele denomina de Guerra na Palestina. Porém, segundo Jorge (1975, p.41) “Mas o fundamento específico do Congresso Sionista de 1897 era a obtenção de um direito legal, reconhecido no plano internacional, para colonizar a Palestina, na expressão de um insigne comentarista árabe”. Desde os anos finais do século XIX, a proposta do projeto que visava o território para o povo judeu fundava suas bases com o Congresso Sionista. O território denominado Palestina enquadrava-se nesse plano devido a historicidade que esse pedaço de terra significa para o povo judeu. Ainda nas palavras de Jorge (1975, p.43):

Ao tempo da ocupação otomana, o jornalista Theodore Herzl, de família sefaradita, autor de um opúsculo denominado “O Estado Judeu”, tentou convencer o Sultão Abdul Hamid a publicar um ‘manifesto a favor dos judeus, conferindo-lhe o direito de uma imigração ilimitada na Palestina’. Por esta declaração os banqueiros judeus resgatariam as dívidas do Império Otomano, de sorte que este se emanciparia da tutela europeia. Afinal, fora este visionário que proclamara: ‘O Estado Judeu é uma necessidade mundial, portanto deverá ser constituído. Os judeus se o quiserem terão o seu Estado. Devemos, finalmente, viver como homens livres no próprio solo e morrer tranquilos em nossa própria pátria... A Palestina é a nossa inesquecível pátria histórica... ninguém, pode negar os laços indissolúveis entre essa terra e o nosso povo... O mundo inteiro será libertado pela nossa liberdade, enriquecido pela nossa riqueza, engrandecido pela nossa grandeza’

Com essas palavras, a iniciativa para a disputa pela terra estava declarada. No entanto havia um empecilho para os judeus legitimarem sua soberania pelo território da Palestina. Esse empecilho configurava-se na existência do povo árabe residente na região. Gattaz (2013, p.62) afirma que “Como consideravam a transferência de judeus para a Terra Santa um imperativo moral, concluía-se que a oposição árabe era imoral, portanto deveria ser esmagada”. Assim sendo, para que as ambições israelenses se perpetuassem, prevaleceu a ideia de Ben-Gurion de que, para o estabelecimento do Estado de Israel, seria necessário expulsar a força os árabes para a conquista de novas terras para os assentamentos judeus (GATTAZ, 2013, p.62).

Em seu trabalho, Gattaz (2013) ainda salientou que no decorrer de dez anos do Mandato Britânico na Palestina, iniciado em 1922, três ataques de grande gravidade ocorreram por parte dos judeus sobre os árabes. Ao pesquisar os relatórios da Corte Militar e da Comissão Local, redigidos na década de 1920, Gattaz (2013) observou que já iniciava uma pequena ofensiva de populares palestinos contra o processo colonialista sionista (GATTAZ, 2013, p.64). Um desses três ataques severos registrados por Gattaz (2013), o caso do vilarejo de Deir Yassin, também foi descrito por Jorge (1975) como um dos mais cruéis. Sobre o ataque a Deir Yassin, Jorge (1975, p.74-75) diz que:

[...] em 9 de abril do ano seguinte, portanto cinco semana antes da ação conjunta do exército árabe contra Israel, quando não se poderia falar, ainda, em terrorismo, os israelenses esmagaram Deir Yassin. Trezentas pessoas, entre elas, velhos, mulheres, crianças foram extirpadas, tendo muitas delas as cabeças cortadas. Sobreviventes, amontoados em caminhões descobertos, são levados até Jerusalém onde, entre apupos, injúrias e toda sorte de humilhações, desfilam mediante a população local. Inicia-se assim o êxodo dos habitantes palestinos. Os israelenses advertiam com altofalantes montados em cima de veículos, para que todos fugissem, sob pena de se repetir o massacre de Deir Yassin [...]

Dez anos depois de produzir “Palestine”, em seu retorno à Palestina, Sacco descreveu em seu segundo trabalho sobre os territórios ocupados denominado de “Notas sobre Gaza”. Nesse trabalho, Sacco descreve vários desdobramentos históricos desde o início do projeto colonizador sionista também pela visão dos palestinos. Um dos primeiros capítulos desse trabalho descreve os acontecimentos de Khan Younis paralelamente a vários outros acontecimentos que Sacco denominou estrategicamente como *Notas de Rodapé*. Para Sacco (2010, p.8) “Esta

é a história das notas de rodapé de um evento secundário de uma guerra esquecida”. Casos como Deir Yassin e Khan Younis são o exemplo dessas *Notas de Rodapé*. Esquecidas por muitos e lembradas pelos palestinos. Apesar de “Notas sobre Gaza” ter sido produzido pouco mais de dez anos após “Palestine”, é possível observar a utilização da mesma estratégia, ou seja, manter a construção da narrativa com foco na perspectiva palestina do litígio.

Tanto *Oceano* como *Notas de Rodapé* descrevem, na perspectiva de Sacco, esses acontecimentos não-ditos pelos meios de comunicação. São os não-ditos palestinos, eventos secundários de um evento maior entre palestinos e israelenses em sua disputa pela terra. São esses acontecimentos que por muitas vezes colaboram na observação de outro ponto de vista sobre conflito que já passou para o século XXI. Segundo Jorge (1975, p.74):

Fala-se no Ocidente, na El Fatah e seu líder místico, carismático, El-Arafat. Mas se esquecem de falar nas forças de repressão judaicas que levaram o luto a milhares de lares árabes: a Irgun, a Haganah, e a Stern. Todavia, enquanto persistir a ideia tantas vezes batida e repisada de que os israelenses querem um lar para viver em paz e que estão sendo vítimas do imperialismo árabe, cuja maior arma é o petróleo, tônica constante farisática que só serve para açodar os sentimentos e acirrar o ódio daqueles que conhecem menos profundamente o problema – a causa da paz estará cada vez mais ameaçada

Por essa perspectiva, Jorge (1975) enfatiza a existência de práticas denominadas terroristas também por parte de Israel. São essas práticas que compõem as páginas de *Oceano* e seus não-ditos pelos veículos tradicionais de comunicação na perspectiva de Sacco. Em sua perspectiva, os ataques denominados como terroristas são sempre utilizados como argumento legitimador pelo Estado de Israel como instrumento para suas atitudes coercitivas. Aqui, não estamos interessados em aprofundar a discussão se os atos utilizados pelos órgãos palestinos representam de fato atos terroristas, mas compreender que atos violentos também são utilizados por Israel nas representações de Sacco.

Podemos delimitar as representações de violência em “Palestine” em duas etapas. A primeira seria uma forma de violência explícita muitas vezes deferida pelas FDI ou pelos colonos judeus nos assentamentos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Dizemos que essa violência é explícita devido a sua característica de ser realizada sem nenhum cuidado em manter no anonimato os atos de violência por aqueles que a realizam. Sobre essas ações, Arbex Jr (2002, p.13) descreveu que “Ninguém pode

‘estar bem’ na Palestina ocupada pela quarta maior força armada do planeta (cujo arsenal conta com pelo menos cem ogivas nucleares) e comandada pelo Primeiro Ministro Ariel Sharon”. Por esse viés, podemos questionar o desequilíbrio de forças que regem o litígio. Enquanto de um lado há a quarta maior potência militar do mundo, no outro existe um agrupamento de pessoas que vivem sob a vigilância do primeiro. Referente a política adotada por Israel no que tange os territórios ocupados, Arbex Jr (2002, p.15) ainda afirma que:

Israel pratica contra eles uma política de apartheid semelhante àquela que os brancos impunham aos negros da África do Sul. Seus documentos são emitidos pelas autoridades israelenses, nos postos de fronteira; seus carros podem circular apenas em certas áreas; seus direitos são restritos. Todos os ‘planos de paz’ até agora construídos preveem a criação de ‘bantustões’, algo como ‘ilhas de palestinos’ cercadas de israelenses por todos os lados. A atmosfera de segregação e racismo é intolerável

Tal política segregacionista é resultado do projeto colonialista sionista que visa, na perspectiva de Arbex Jr. (2002, p. 28), em sua estratégia ambiciosa apagar os vestígios palestinos e transformar os territórios ocupados da Faixa de Gaza e da Cisjordânia em grandes desertos urbanos abertos para a implantação de assentamentos judeus. Inserido nessas práticas explícitas, podemos observar a ação ativa de dois grupos distintos. O primeiro já citado inúmeras vezes em nosso trabalho refere-se as Forças de Defesa de Israel (FDI). Segundo seu portal na Internet, a missão da FDI consiste em “To defend the existence, territorial integrity and sovereignty of the state of Israel. To protect the inhabitants of Israel and to combat all forms of terrorism which threaten the daily life²⁶” (IDF, 2016). Ainda em seu site, comenta que suas atividades na Faixa de Gaza consistem em:

Every day, Israel sends approximately 6,000 tons of goods into the Gaza Strip including medical supplies, food products, constructions materials, etc. via the various land crossings. The passage is made possible by IDF soldiers and by coordination between Israeli, Palestinian and international bodies²⁷ (IDF, 2016)

Por essa perspectiva, fica claro que a intenção da FDI é exclusivamente humanitária nos territórios ocupados. Porém, essas são as palavras mencionadas

²⁶ [No português]: “Defender a existência, integridade territorial e a sobrevivência do Estado de Israel. Para proteger seus habitantes e combater todas as formas de terrorismo que ameaçam a vida diária” (tradução livre)

²⁷ [No português]: “Todos os dias, Israel envia aproximadamente 6.000 toneladas de mercadorias para a Faixa de Gaza, incluindo suprimentos médicos, produtos alimentícios, material de construção, etc., através das várias passagens terrestres. A passagem é tornada possível por soldados da IDF e pela coordenação entre os organismos israelenses, palestinos e internacionais” (Tradução livre)

pela própria FDI, e que na perspectiva de Arbex Jr (2002) e de Sacco são totalmente contraditórias com suas ações. Sobre a FDI, Arbex Jr (2002) comenta que:

O Exército é formalmente chamado Forças de Defesa de Israel (FDI), para dar a ideia de que ele existe para defender a sociedade, jamais atacar. Só que, obviamente, não é isso que vem acontecendo. Então, oficiais e soldados iniciaram um movimento chamado Existe um Limite, contra a ocupação dos territórios da Cisjordânia e Faixa de Gaza. Atualmente, ele é integrado por cerca de 450 oficiais e soldados. Destes, seis estão presos.

Conforme as palavras de Arbex Jr (2002), a FDI formalmente não realiza sua missão principal em jamais atacar. No entanto, o movimento citado por ele como Existe um Limite possui um pequeno contingente de soldados que aderiram a não agressão contra os palestinos. Porém, o resultado parece ser a repressão por parte da própria FDI contra seus oficiais ao aderirem o movimento. Nessa conjuntura, a atividade humanitária por parte de Israel fica a cargo do grupo denominado Paz Agora. O grupo foi criado em 1978 durante o Acordo de Camp David em um momento em que a negociação parecia entrar em colapso. Na época, mais de trezentos soldados de reserva enviaram uma carta para o Primeiro Ministro no intuito de assegurar o sucesso do acordo. No decorrer dos dias, milhares de israelenses aderiram à causa e assim nascia o movimento. Em seu portal na Internet, o grupo descreve que sua missão é:

Peace Now works to ensure that both Israelis and Palestinians embrace the only viable solution to the conflict: the creation of a Palestinian state in the territories adjacent to Israel, which were occupied as a result of the 1967 war – A Two State Solution. Peace Now believes that continued occupation of these territories harms Israel economically and politically and damages the values and fabric of Israeli society. Peace Now’s mission is to promote peace and democracy through education of the Israeli public and concerned citizens worldwide. We further hope to inspire the public to take part in developing initiatives that will both support long-term peace promotion and remove existing obstacles to a politically negotiated two-state solution²⁸ (PEACE NOW, 2016)

Sacco menciona o grupo apenas em um pequeno trecho de “Palestine”, quando conversa com um ex-soldado israelense que adere às manifestações contra

²⁸ [No português]: “Paz Agora trabalha para garantir que tanto israelenses como palestinos abracem a única solução viável para o conflito: a criação de um Estado Palestino nos territórios adjacentes de Israel, que foram ocupados como resultado da guerra de 1967 – os Dois estados são a solução. Paz Agora acredita que a continuação da ocupação destes territórios prejudicam a economia e a política e um perigo de valores e fabricação para a sociedade israelense. A missão do Paz Agora é promover a democracia e a paz por meio da educação do povo israelense e conscientizar os cidadãos do mundo. Nós temos esperanças que no futuro, inspire o público para tomar parte no desenvolvimento de iniciativas que tanto vão apoiar a promoção da paz e a remoção da existência de obstáculos políticos negativos para os dois estados.”

a tomada do vilarejo de Silwan por parte dos israelenses. Sacco comenta que o grupo é o outro lado do espectro político, uma contrapartida israelense sobre as ocupações na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. A representação do movimento amplia a perspectiva dos leitores de Sacco sobre as relações que tangem palestinos e israelenses. Mesmo inserido nessa conjuntura colonialista, Sacco não deixa de mencionar o outro lado do espectro político israelense. Essa informação é importante para a não generalização ou demonização dos israelenses por parte de Sacco. Tal atitude também é utilizada por Jorge (1975, p.76) ao enfatizar que “[...] é preciso, neste ponto, fazer uma breve reflexão. Não é todo povo judaico que endossa essas atrocidades, pois nem todos os israelitas são sionistas”. Por essa perspectiva, Jorge (1975) reflete sobre a enormidade da comunidade judaica que não é levada pelas “falsas ideias imperialistas” (JORGE, 1975, p.77) e acreditam que a constituição de dois Estados autodeterminados possam conviver.

Representar o outro aspecto israelense, ou seja, uma parcela da população que não é levada pelos ideais imperialistas sionistas em “Palestine”, nos conduz a questionar a existência de uma visão moderada por parte de Sacco. Mesmo afirmando a sua parcialidade na produção de seu trabalho, não podemos deixar de observar que “Palestine” constitui-se em um produto mercadológico a ser consumo. Sendo os Estados Unidos um de seus primeiros mercados de consumidores, tendo em vista que a editora que publicou “Palestine” tem sua sede nos Estados Unidos em Seattle, a existência do *lobby* judeu e a opinião pública, são fatores importantes nas tomadas de decisão na construção do seu enredo. Ao publicar seu trabalho, essas questões fazem parte de um contexto a ser considerado em suas estratégias, pois o sucesso de seu trabalho não depende somente da qualidade estética ou na apuração dos detalhes de suas testemunhas, mas também dos aspectos relacionados ao consumo e ao retorno financeiro de seu trabalho.

O segundo aspecto de representações de violência explícita em “Palestine” está voltado para a ação dos colonos judeus nos assentamentos considerados ilegais pelos palestinos. Segundo Gattaz (2003, p.60), o problema com os colonos judeus advém desde o século XIX, quando a população local da palestina já se queixava com o governo de Constantinopla sobre a intrusão de colonos judeus europeus nos territórios da Palestina. Gattaz (2003) enfatiza ainda que após a Partilha de 1947 o uso de violência passou a ser a tática dos colonos judeus contra os palestinos. Conforme Gattaz (2003, p.105):

Era ponto pacífico entre a liderança sionista que os árabes teriam de ser desalojados do país para abrir espaço aos colonos judeus. Embora alguns sionistas achassem que seria possível persuadir os palestinos e imigrar para a Arábia Saudita, Transjordânia e outros Estados Árabes, os principais líderes não tinham dúvidas de que seria impossível remover os palestinos somente através de negociações, e a força teria de ser usada

O desgaste na relação entre palestinos e judeus também foi representada por Sacco. Ao visitar a Caverna de Machpelah no território de Israel em um momento turístico de sua viagem, Sacco é abordado por um idoso palestino que se oferece como guia turístico. Sacco não menciona nome ou qualquer outra informação para melhor delimitarmos essa personagem, a não ser que ele falava rápido demais e de forma bem detalhada. No decorrer da visita, Sacco e o palestino são abordados por jovens judeus que começam a dizer palavras vulgares ao palestino e cospem o nome de Maomé. Após a situação ter se acalmado, o idoso palestino diz a Sacco: “We can live with the esartern jews, the ones from Iran, from north Africa... But the jews from Europe? They are different... They are always looking to be on top, to control, to take...”²⁹ (SACCO, 2011b, p.40). Além de representar o desgaste na relação entre judeus e palestinos, esse trecho de “Palestine” problematiza quais os judeus que na perspectiva de Sacco sobre os palestinos é impossível a convivência, ou seja, os judeus europeus.

As representações sobre a violência dos colonos sobre os palestinos podem ser observadas em vários trechos de “Palestine”. Na imagem 25, Sacco ao caminhar pelas ruas de Hebron representa dois jovens judeus munidos de armas de alto calibre. Além disso, Sacco representou os dois jovens estão na contramão da via de pedestres, como indica a placa levemente no canto superior esquerdo. Sobre isso, Sacco comenta que “As a rule of thumb, I avoid groups of teenaged boys... I figure, why chance getting on the wrong side of some 17 year old’s testosterone secretion when I can cross the road instead? And it’s always safest to give kinds with Uzis a wide berth...”³⁰ (SACCO, 2011b, p.37). A imagem em contramergulho é utilizada por Sacco para representar a força do arsenal dos colonos. Para fazermos um comparativo, Burke (2004, p.89) comenta que no quadro *Triunfo da Vontade*, o qual representa Hitler visto de baixo para cima, tem como finalidade representar uma

²⁹ [No português]: “Nos podemos viver com os judeus orientais, os do Irã e do Norte da África... Mas os judeus da Europa? Esses são diferentes... Sempre tentaram estar por cima, estar no controle, tomar as coisas dos outros...” (tradução livre).

³⁰ [No português] “Normalmente evito grupos de adolescentes... Penso, para que arriscar-me a ficar do lado errado de alguma explosão de testosteronas de uns caras de 17 anos quando posso simplesmente atravessar a rua? E sempre é mais seguro manter distância de meninos que carregam Uzis.” (tradução livre).

imagem heroica. No caso de “Palestine”, podemos dizer que há uma inversão no sentido de a imagem estar sendo vista de baixo para cima. Ao invés de representar uma postura heroica dos jovens colonos judeus, a imagem pode representar a força que os fuzis oferecem para esses jovens. Nesse sentido, engrandecer a imagem desses adolescentes cria um contraste com as outras pessoas que estão nas ruas, ou seja, significa que as Uzis engrandecem e os distinguem das demais pessoas. Para termos uma ideia sobre a violência exercida pelos colonos judeus contra os palestinos, Gattaz (2003, p.168) descreve que:

A situação torna-se ainda pior com a crescente violência dos colonos armados contra a população palestina - o que foi apontado em relatório do *Comitê Especial* das Nações Unidas, segundo o qual os atos de agressão e violência dos colonos judeus contra a população civil palestina dos territórios ocupados haviam atingido, em 1988, um nível 'sem precedentes'

Esse acontecimento decorre não somente da perigosa explosão de testosterona que junto a esses jovens de 17 anos possam sofrer quando Sacco passa ao lado deles. Mas sendo a imagem seu mundo como representação, sua estratégia é construir a situação de constante perigo que as ruas onde colonos judeus e palestinos compartilham espaço. Outro exemplo também é construído por Sacco acerca da relação entre colonos e palestinos. Em sua passagem por um vilarejo perto de Jerusalém, citado por Sacco como à leste da Linha Verde, Sami, seu motorista, o leva a esse vilarejo que tinha sido atacado na noite anterior de sua visita. Ao conversar com uma das famílias que relataram ter sido atacadas pelos colonos, Sacco registra, conforme a imagem 26, o resultado dos ataques da noite anterior. Além dos estilhaços de vidro quebrado sobre o sofá e as janelas em cacos, Sacco representou na parte inferior da imagem os dois colonos armados com o mesmo recurso de contramergulho.

Por outro lado, na imagem 27, Sacco representa a família no mesmo momento do ataque, e como recurso, utiliza a ferramenta de mergulho, ou seja, a perspectiva do leitor é ver essa imagem de cima para baixo. Contrastando a imagem 26 com a imagem 27, observamos que ao representar essas cenas, o recurso de contramergulho é utilizado para favorecer o poderio daqueles que empunham armas e, assim, não remete a uma posição de heroísmo, mas de poder. Enquanto isso, ao representar a família no momento dos ataques pelos colonos em mergulho, a intenção do autor é de representar a inferioridade e impotência da família palestina

diante da situação. Assim, o recurso de mergulho e contramergulho são utilizados para distinguir o poder mediante a violência, e não no caráter de heroísmo ou engrandecimento pessoal da personagem representada.

Em contrapartida, podemos observar outra forma de representação de violência, que nesse caso denominaremos de violência implícita. Consideramos violências implícitas aquelas que apresentam como característica na representação de Sacco os casos em que os atos de violência não acontecem à luz do dia ou em locais públicos, como os casos pela FDI nas ruas da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. A instituição representada pelo autor responsável por essas ações é o Shin Bet. Sobre o Shin Bet, o relatório produzido pelo órgão britânico *MEMO – Middle East Monitor*, denominado como *Shin Bet: An ingrained culture of torture and deceit*, escrito por Hanan Chebata, em setembro de 2011, descreve o Shin Bet como:

With its motto “the defender that shall not be seen” or “the unseen shield”, Shin Bet has remained a relatively clandestine organisation operating for the most part in obscurity. It has only really come to the public’s attention when missions have been bungled and, even then, only occasionally³¹ (CHEBATA, 2016, [s.p]).

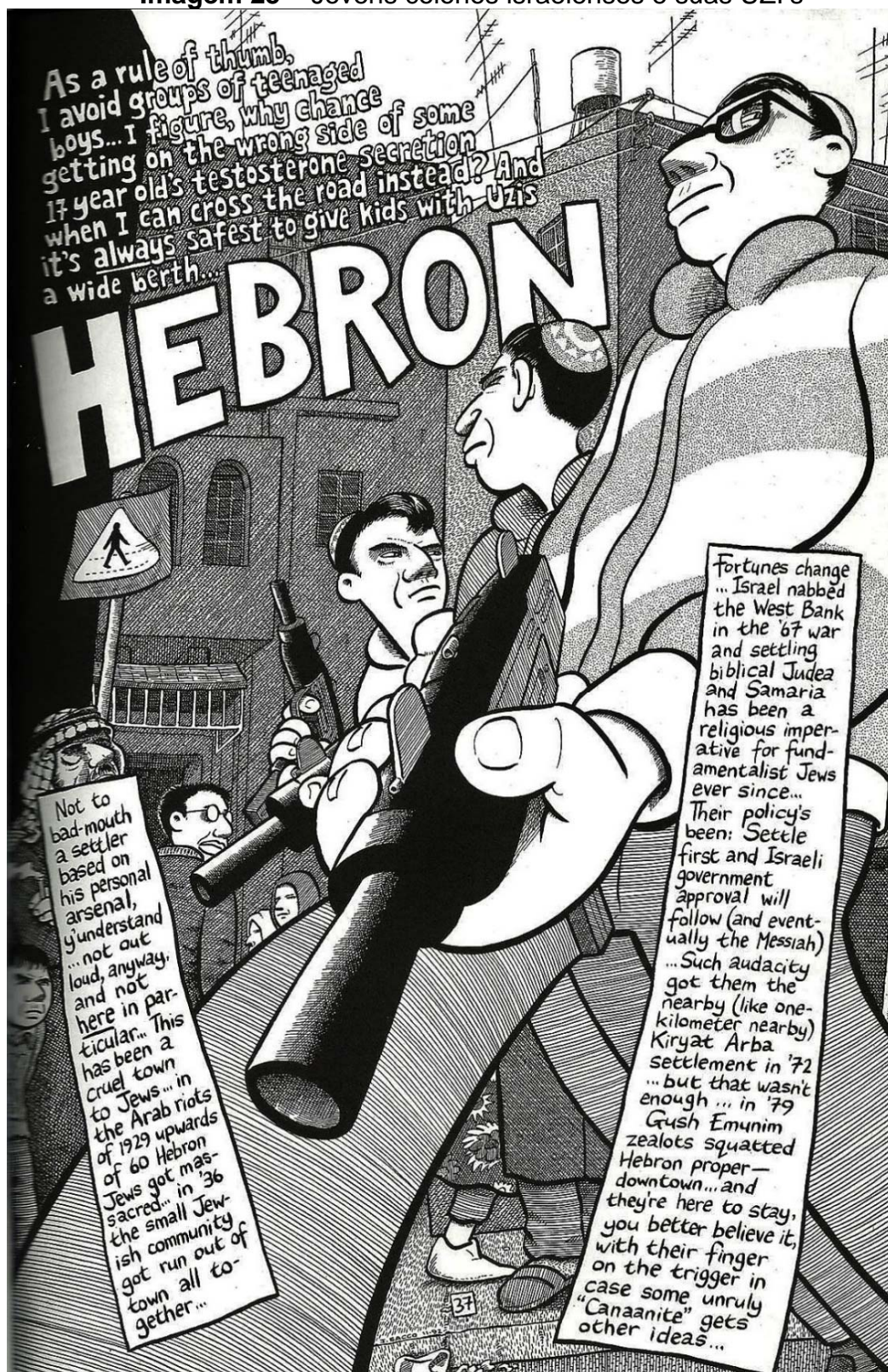
O relatório aponta que o *Shin Bet* é o “defensor que não deve ser visto”, ou seja, as práticas adotadas pelo Shin Bet devem acontecer na obscuridade. Ainda conforme o relatório, as atividades do Shin Bet incluem o interrogatório de “suspeitos” à procura de “terroristas” que possam colocar em perigo a segurança pública de Israel. Chebata (2016, [s.p]) ainda descreve como ocorrem os trabalhos de busca dos possíveis suspeitos de terrorismo contra Israel. Conforme suas palavras:

Shin Bet is the eyes and ears of the Israeli occupation of the Palestinian territories. It specialises in training undercover operatives to infiltrate Palestinian communities to the extent, it is claimed, that when they are undercover they immerse themselves in their false identities in every way, praying in mosques side by side with Palestinian Muslims (concealing their Jewish identity); socialising with them and so on. This is how they gather information on Palestinian activities from the inside and applies to the occupied territories of Gaza and the West Bank³² (CHEBATA, 2016, [s.p])

³¹ [No português]: “O seu lema ‘o defensor que não deve ser visto’, ou ‘o escudo invisível’, Shin Bet permaneceu como organização relativamente clandestina operando na obscuridade. Eles só vêm à atenção pública quando missões não são bem-sucedidas, e mesmo assim, apenas ocasionalmente” (tradução livre).

³² [No português]: “O Shin Bet são os olhos e os ouvidos de Israel nos territórios ocupados na Palestina. São especializados em treinamento de operações secretas para infiltrar na comunidade palestina, na medida, alega-se que quando estão infiltrados disfarçados adentram com identidades falsas em todos os lugares, rezando em mesquitas lado a lado de palestinos muçulmanos (ocultando sua identidade judia), socializando com eles, entre outros. Esta é a forma que eles

Imagem 25 – Jovens colonos israelenses e suas UZI's



SACCO, 2011b, p.37

Imagem 26 – Colonos judeus invadindo aldeia palestina.



Imagem 27 – Familia palestina durante ataque de colonos judeus.



SACCO, 2011b, p.65

Infiltrados entre os palestinos, os agentes do Shin Bet coletam informações após investigar possíveis terroristas ou palestinos militantes de alguma organização considerada ilegal por eles. Tais interrogatórios ministrados pelo Shin Bet foram

alvos de escândalos nos anos de 1980. Dentre eles, dois foram salientados para a elaboração do Relatório Landau em 1987 para apurar os métodos de interrogatório utilizados pela agência. Conforme Chebata (2016, [s.p]), o caso “Kav 300” ou “Bus 300” em 1984, quando dois palestinos foram arrastados para fora de um ônibus e mortos por dois agentes do Shin Bet. Outro caso mencionado por Chebata (2016) foi o caso que envolveu o ex-oficial da FDI Izat Nafsu, que em seu julgamento acusou a agência de usar métodos de tortura para retirar sua confissão. Essa onda de escândalos que envolve o Shin Bet nos anos de 1980 está relacionado com a situação nos territórios ocupados antes e durante a Intifada. Segundo Gattaz (2003, p.169):

A informação coletada pelo Comitê Especial das Nações Unidas reflete, no final da década de 1980, uma nova fase na evolução da situação na Faixa de Gaza e Cisjordânia, caracterizada por um nível de violência e repressão nunca atingido antes no curso de duas décadas de ocupação

Esses dois casos, conforme Chebata (2016), foram primordiais para a formação da Comissão Landau em 1987. A Comissão Landau tinha como objetivo investigar o uso de tortura nos interrogatórios e o perjúrio sistemático dos agentes perante os tribunais. No entanto, a conclusão final do relatório foi controversa, pois, apesar de chegar à conclusão de que o uso de métodos de tortura e o perjúrio realmente aconteciam, os usos desses métodos ainda poderiam existir. Conforme Chebata (2016, [s.p]): “*In a controversial decision the Commission stated that ‘the exertion of a moderate measure of physical pressure cannot be avoided’ and therefore could be used in certain cases*”³³. Ou seja, o relatório, apesar de identificar os objetivos estabelecidos, abre brechas para que as “pressões físicas e psicológicas moderadas” continuem a ser exercidas pelo Shin Bet.

As representações das pressões físicas e psicológicas moderadas estão presentes nas páginas de “Palestine”. Em sua construção narrativa, a primeira parte de *Pressão Moderada* foca nos casos de perjúrio cometidos pelos agentes da agência nos tribunais. Sacco dispensa apenas três páginas para descrever essa ação. Em seguida, em *Uma piada palestina*, Sacco representa uma anedota que diz ter ouvido duas vezes pelos palestinos. Nessa anedota, há três agentes secretos ao redor de uma floresta, sendo eles um da CIA, outro da KGB e o terceiro do Shin Bet.

³³ [No português]: “Em uma decisão controversa a comissão estabeleceu que ‘o exercício de uma pressão física e psicológica não pode ser evitada e, portanto, pode ser utilizada em certos casos’ (tradução livre).”

Ao perceberem um coelho adentrando a floresta, o agente da CIA busca-o em menos de dez minutos. Eles novamente soltam o coelho e o agente da KGB volta com ele em menos de cinco minutos. Após soltarem o coelho pela terceira vez, o agente do Shin Bet foi à sua procura. Os agentes da CIA e da KGB esperavam por mais de quarenta minutos quando resolveram adentrar a floresta e procurar o agente israelense. Quando os dois agentes encontram seu colega, ele interroga um burro para admitir que é um coelho (SACCO, 2011b, p.96).

Apesar de representar de forma cômica o método de interrogatório do Shin Bet, possivelmente uma estratégia adotada do estilo *underground* em satirizar as mais diversas situações, *Uma piada palestina* traduz em uma página a situação dos palestinos diante dos agentes do Shin Bet. Se essa anedota realmente existe ou não, é algo difícil de ser esclarecido. Porém, “Palestine” é o mundo das representações de Sacco, e essa é a estratégia construída por ele para descrever a violência e as táticas praticadas pelos agentes da agência de inteligência de Israel.

Após a representação da anedota, Sacco afirma em *Os bravos e os mortos* sobre o caso da palestina residente na Faixa de Gaza, que não tem o nome mencionado, e que suportou por dezoito dias as pressões psicológicas nos interrogatórios do Shin Bet. Por último, há o caso mais detalhado sobre a tortura em interrogatórios pelo Shin Bet, no qual Sacco narra as memórias de Ghassan em *Pressão Moderada parte 2*. Essa sequência narrativa aborda casos de pressão física e psicológica moderada praticadas pelo Shin Bet. Apesar dos outros dois casos também apresentarem fatos de tortura praticados pelo Shin Bet, a segunda parte de *Pressão Moderada* representa detalhadamente os métodos de tortura física característicos dos interrogatórios do Shin Bet. Por meio das lembranças do palestino Ghassan, outra personagem sobre a qual não é traçado nenhum perfil detalhado por Sacco, é representado pelo autor métodos muito característicos do estilo Shin Bet de tortura.

Primeiramente, não há como afirmar se Ghassan é de fato um caso real ou somente uma ferramenta estratégica de Sacco para dar ênfase aos casos de tortura pelo Shin Bet. Porém, antes de ter iniciado em “Palestine” a narrativa das memórias de Ghassan, Sacco comentou duas vezes sobre o caso de Mustafa Akawi. Apesar de não ser casual a notificação dos abusos de tortura por parte do Shin Bet ou qualquer outro órgão de Israel, segundo Said (2012, p.48), O periódico *The New York Times* de 09 de fevereiro de 1992 notificou sobre o caso de Mustafa:

Mustafa Akawi, 35 years old, died in a lockup of the Israeli secret service Shin Bet in the West Bank town of Hebron on Tuesday, a day after complaining to a military judge that he was severely beaten by interrogators. The judge ordered a medical examination for Mr. Akawi and a police investigation after seeing bruises on his chest³⁴ (THE NEW YORK TIMES, 2016)

O relatório da Human Rights Watch, denominado *Israeli Interrogation Methods Under Fire After Death of Detained Palestinian*, publicado em março de 1992 pelo grupo *News from Middle East Watch*, sem referência de autoria, discorre que a morte de Mustafa em 04 de fevereiro de 1992 trouxe de volta a discussão sobre os métodos de tortura israelenses e que a solicitação de uma perícia médica foi requerida para apurar as reais causas da morte. (HUMAN RIGHTS WATCH, 2016, [s.p.]).

Segundo o relatório de Chebata (2016, [s.p]), *“It is estimated by B’Tselem that between 1,000 and 1,500 Palestinians are interrogated by Shin Bet annually. Methods which would constitute torture are used in approximately 85% of those cases; that’s 850 people every year being tortured in Israel. If anything, this is an underestimate³⁵”*. Mesmo Chebata (2016) afirmando que esses números são estimativas, não podemos descartar o grande número de pessoas torturadas pelo Shin Bet por ano. Se por um lado esses casos não constituem a narrativa dos meios de comunicação na perspectiva de Sacco, por outro, representam mais um episódio do litígio na perspectiva dos palestinos. Independente se Ghassan é uma personagem real ou uma ferramenta narrativa, os casos de tortura pelo Shin Bet acontecem com frequência, e durante a intifada tem seu número aumentado.

Portanto, nesse *Oceano* de Sacco, essa sequência narrativa é fundamental em sua estratégia. Representar esses casos é apresentar mais um caso de não-dito da situação dos palestinos nos territórios ocupados na Palestina. Segundo Said (2012), os casos de tortura e prisões ilegais de árabes nunca vêm à tona nos Estados Unidos, mesmo sendo enviados para editores e comentaristas de TV. Segundo Said (2012, p.48):

³⁴ [No português]: “Mustafa Akawi, 35 anos, morreu trancado pelo serviço secreto de Israel, o Shin Bet, na Cisjordânia, na cidade de Hebron na terça, um dia depois de ter se queixado para a justiça militar que havia sido severamente espancado em seu interrogatório. O juiz ordenou que um exame médico para o senhor Akawi e a investigação policial encontrou hematomas em seu peito” (tradução livre).

³⁵ [No português]: “Foi estimado pela B’Tselem que entre 1000 e 1500 palestinos são interrogados pelo Shin Bet anualmente. Métodos que constituem tortura são usados em aproximadamente 85% dos casos; desses, 850 pessoas são torturadas por ano em Israel. No entanto, esta é uma estimativa” (tradução livre).

Há anos a Liga Israelense de Direitos Humanos divulga informações sobre a demolição de residências árabes, a expropriação de terras árabes, o tratamento dos trabalhadores, a tortura e a detenção ilegal de árabes – todos os documentos sobretudo por traduções de artigos em jornais e revistas israelenses. Nenhum desses assuntos jamais vem à tona nos Estados Unidos, e não porque não sejam enviados a editores, comentaristas de TV, liberais importantes e (em geral) sinceros etc

Dentre esses não-ditos palestinos em *Oceano*, o caso de Ghassan tem maior notoriedade devido a ser uma narrativa composta por um caso de tortura pelo Shin Bet e a precisão utilizada por Sacco para representar detalhadamente os métodos de tortura. A narrativa das memórias de Ghassan por Sacco começam em um *close* no rosto da filha de Ghassan enquanto ela dorme em seu colo. Na mudança de requadro, a próxima cena representada por Sacco corresponde à invasão dos agentes da FDI e do Shin Bet à casa de Ghassan. O motivo da detenção de Ghassan representado por Sacco não é muito claro, a não ser uma possível prisão derivada de uma suposta ligação do palestino a Organização pela Libertação da Palestina. O relatório da Anistia Internacional publicado em março de 1989 afirma que:

Some people have been administratively detained solely on account of their non-violent exercise of the right to freedom of expression and association. Detainees are rarely told the reasons for detention when they are arrested. Their first and only opportunity for finding out why is usually at an appeal hearing which takes places weeks if not months after arrest. Even then, however, the available information is almost invariably insufficient for them and their lawyers to be able to exercise effectively their right to challenge the detention order³⁶ (AMNESTY INTERNATIONAL, 1989, p.1)

Tais acusações têm como base o plano nacionalista de Israel. Além de considerar os territórios ocupados como parte de sua soberania, o Estado de Israel também impõe uma política de sufocamento das ações nacionalistas e autodeterminantes por parte dos palestinos. Portanto, a apreensão de Ghassan pode ser relacionada às detenções de possíveis instigadores da Intifada. Nesse caso, Sacco não representa a situação de um jovem que poderia ter sido torturado por jogar pedras em veículos das FDI, mas em uma personagem, que na perspectiva da inteligência israelense, estaria por detrás das mobilizações populares

³⁶ [No português]: “Algumas pessoas foram detidas administrativamente apenas por causa do exercício não-violento do direito à liberdade de expressão e de associação. Para os detentos raramente é dito as razões para a detenção quando são presos. Sua primeira e única oportunidade para descobrir por que é geralmente em uma audiência de recurso que leva semanas ou meses depois de prisão. Mesmo assim, no entanto, a informação disponível é quase invariavelmente insuficiente para que eles e os seus advogados possam exercer efetivamente o seu direito de contestar a ordem de detenção” (tradução livre).

nos territórios ocupados. Como vimos, qualquer ameaça real ou imaginária ao *status* israelense, enquadra-se como detento em potencial. Conforme Gattaz (2003, p.169):

Embora Israel considere os territórios ocupados como parte de seu território, não trata os palestinos ali residentes como seus cidadãos. A estes, eram - e ainda são - negados os direitos políticos e as liberdades civis básicas, tais como a liberdade de expressão, de imprensa e de associação. O nacionalismo palestino tornou-se criminalizado como uma ameaça à segurança de Israel, e todos os aspectos da vida palestina passaram a ser controlados e restringidos pela administração militar israelense - que chegou inclusive a proibir a colheita de zatar, um elemento básico da cozinha palestina

Voltando ao caso de Ghassan, na composição material de *Pressão Moderada parte 2*, podemos inicialmente perceber, conforme imagem 28³⁷, que o preenchimento entre os quadros é colorido de preto. Em contrapartida, no restante do trabalho de Sacco, o preenchimento de quadros é branco. A hipótese para essa mudança de cor pode estar relacionada com a estratégia do autor em representar a situação de Ghassan para seus leitores. Como podemos observar na imagem 29, os olhos do palestino são vendados pelos agentes. No decorrer desse trecho de "Palestine", Ghassan sempre estará com os olhos vendados, sem saber o que acontece à sua volta. Ou seja, nesse caso Sacco utilizada a função emocional do quadrinho, que, conforme as palavras de Eisner (2010, p.61), tem como intenção despertar a reação do leitor à emoção. Pintar o preenchimento entre os quadros de preto tem como finalidade despertar o leitor à sensação de obscuridade em que a ação está ocorrendo.

A função emocional do quadrinho também é utilizada por Sacco ao narrar o decorrer do tempo da ação. O próprio Ghassan não é muito preciso sobre a quantidade de tempo que ficou em regime de interrogatório. Quando narrou sobre a passagem do tempo nunca é muito preciso sobre dias e datas. A informação mais precisa destacada por ele refere-se aos dias em que ficou confinado, que segundo ele foram de dezenove dias. Sendo imprecisa a descrição sobre a passagem de tempo durante o interrogatório, Sacco ao narrar as memórias de Ghassan opta em representar a passagem do tempo por meio da sensação emocional de confinamento que o palestino vivenciou. Podemos observar essa hipótese na

³⁷ Para melhor analisar, optamos em reagrupar todas as imagens do capítulo *Pressão Moderada parte 2* no final desse capítulo de nosso trabalho.

disposição e quantidade de requadros a cada passagem de página. Conforme a imagem 30, podemos observar o início do processo de interrogatório de Ghassan. Nessa página, Sacco dispensou seis requadros para narrar o acontecimento. Na imagem 31, momento em que Ghassan é levado pela primeira vez à cela em que ficará confinado, Sacco utiliza nove requadros. Por fim, conforme imagem 32, são utilizados doze requadros e assim sucessivamente até a soltura de Ghassan. Portanto, conforme desenrola os acontecimentos do interrogatório, maior é o número de requadros por página utilizados por Sacco. Assim, a sensação de confinamento dá ritmo à passagem de tempo na narrativa de Sacco. Outra hipótese que podemos levantar sobre isso enquadra-se na narrativa desenvolvida por Sacco para descrever a situação de Ghassan. Nos termos técnicos da produção dos quadrinhos, Eisner (2013, p.40) descreveria que Sacco utilizou a narrativa de “contar uma história de um pedaço de vida”:

O narrador seleciona um evento de interesse que pode ser contado sozinho. O escritor conta com uma experiência de vida ou a imaginação do leitor para dar impacto à história. A apreciação do leitor depende da maneira como ela é contada. Ela requer que o artista crie uma representação possível. Como os personagens estão lidando com emoções internas, posturas sutis e gestos devem ser baseados em fatos reais, que possam ser prontamente reconhecidos. Layouts muito sofisticados ou uma técnica rebuscada demais, que podem subjugar e distrair o leitor e tomar conta da história, são contraproducentes neste formato

Essa construção narrativa e os cuidados a serem tomados estão presentes não somente em *Pressão Moderada parte 2*, mas em outros momentos de “Palestine”. No prefácio à edição brasileira, Sacco comenta que modificou na última hora a primeira representação dos soldados israelenses brutalizando um jovem, que em sua perspectiva, foi por demais excessiva (SACCO, 2011a, p.xxiv). O momento em que Sacco e Sameh andavam à noite pelas ruas da Faixa de Gaza carregando um vídeo contrabandeado, também foi modificada. A explicação de Sacco para essa segunda modificação recai sobre a não “transmissão” do momento de tensão que as duas personagens vivenciaram (SACCO, 2011a, p.xxiv). O cuidado estético com a “transmissão” de emoções aos leitores é requisito para a produção de “Palestine”. Nesse caso, o trabalho de Sacco com a questão tempo/confinamento e o preenchimento dos requadros em preto representa o que Antonie Prost (2015, p.106) denomina de o tempo da memória, ou seja, que revive uma grande carga afetiva. Portanto, por se tratar de uma narrativa com uma memória carregada de

emoções, a estratégia de Sacco foi utilizar esses elementos quadrinísticos para enfatizar as emoções de Ghassan em suas representações.

As representações de Sacco acerca do confinamento de Ghassan vão além. O detalhamento na descrição dos métodos de tortura também são representados por Sacco. Chebata (2016, [sp]) afirma que em 2007 no relatório emitido pelo B'Tselem, existem vários padrões nas técnicas de interrogatório do Shin Bet. O relatório aponta sete métodos diferentes de tortura, dentre eles, está o *Sleep deprivation*, *Painfull cuffing* e o *Sudden pulling of the body*, todos representados por Sacco. Sendo estes métodos de tortura empreendidos pelo Shin Bet, a continuação das representações das cargas afetivas memoriais também estão presentes nas imagens que descrevem os três métodos.

O primeiro método de tortura representado por Sacco é o *Painfull cuffing*. Segundo Chebata (2016, [s.p]), o método consiste em “*The agents tighten the cuffs as much as possible, causing intense pain to the wrists. Some of the interrogees [sic] stated that in one interrogation session, the interrogators pushed the cuffs toward the joint, causing a stoppage of blood flow to the palms of the hands for a few minutes*”³⁸. Conforme a imagem 32, é possível observar que Sacco desenhou os punhos amarrados de Ghassan no momento em que um oficial tenta levantá-lo. Na imagem 33, é possível observarmos as mãos de Ghassan inchadas e com escoriações.

O segundo método representado é o *Sleep deprivation*. O método consiste em “[...] *preventing the detainee from sleeping for a whole day, by means of ‘intensive interrogation,’ with the detainee sitting in the shabach position. Some of the sample group reported that the interrogators shouted into their ears to prevent them from sleeping. In most cases, sleep deprivation is used only during the first days of the interrogation*”³⁹ (CHEBATA, 2016, [s.p]). Na imagem 33, verifica-se o início do método. Após ter sua soltura indeferida, Ghassan volta ao quarto em que está confinado e é obrigado a ficar em pé sem dormir por quatro dias. Nas duas últimas linhas de requadro da imagem 34, verifica-se que um oficial faz com que Ghassan mude de posição num intervalo entre quatro e cinco horas. Somente na última linha

³⁸ [No português]: “Os agentes apertam as algemas o máximo possível, causando intensa dor nos pulsos. Alguns dos interrogados afirmam que em uma sessão de interrogatório, o interrogador empurra as algemas o máximo possível, parando a circulação de sangue para as mãos por alguns minutos” (tradução livre).

³⁹ [No português]: “[...] prevenir o detendo de dormir por um dia, por meio de ‘intensivos interrogatórios’, com o detento sentado na posição de shabach. Muitos do grupo de amostras relatam que os interrogadores gritavam dentro do ouvido o interrogado para prevenir que ele durma. Em muitos casos, sleep deprivation é utilizado somente nos primeiros dias do interrogatório. (tradução livre).

de requadros é que é possível verificar que Ghassan pode voltar a sentar-se novamente.

No entanto, conforme a imagem 35, podemos observar uma sequência de alucinações após quatro dias de interrogatórios sem dormir. No primeiro requadro da imagem 36, as linhas tracejadas em volta de Ghassan dão início as suas alucinações. A primeira alucinação é de sua filha morta, seguido de uma breve conversa com seu irmão, que logo após também está morto. A segunda linha de requadro inicia com um caixão no qual Ghassan diz que seu pai está morto, e logo em seguida sua mãe aparece em leito ao seu lado e é levada pelos soldados da FDI. Somente na imagem 36 é que Ghassan, após quatro dias, pode comer e dormir por apenas cinco ou seis horas.

Porém, mesmo após ter se alimentado e dormido, as alucinações de Ghassan não cessaram. Conforme imagem 37, no primeiro requadro da página, os interrogadores começam o método de tortura denominado de *Sudden pulling of the body* no qual consiste em *“The interrogator grabs the detainee suddenly by the shirt or by the shoulder and yanks him, usually forward, once. The interrogator repeats this action a number of times during the interrogation. The detainee’s hands are cuffed behind him, connected to a loop on the seat of the chair, so the sudden pulling causes intense pain in the joints of the interrogee’s hands and arms⁴⁰”* (CHEBATA, 2016, [s.p]). Nessa sequência, podemos observar que Ghassan é agarrado por um oficial e recebe um forte impacto frontal, após isso, Ghassan é segurado pelos ombros e empurrado em uma cadeira. No momento seguinte, o palestino é mais uma vez levado a julgamento e novamente é indeferida sua soltura. Ao retornar à agência, Ghassan é colocado em uma sala pequena e escura, com cerca de 1,5 metros quadrados e cheia de urina (SACCO, 2011b, p.111), local onde as alucinações retornam.

O confinamento de Ghassan termina por volta do décimo nono dia, quando a juíza determinou que ele deveria ser liberado (SACCO, 2011a, p.113). Nesse momento, Sacco utiliza o recurso de enquadramento subjetivo (ECO, [s.d], p.100). O enquadramento subjetivo, termo apropriado do cinema, é quando as imagens que compõem o enquadramento são representadas a partir da perspectiva do ombro de

⁴⁰ [No português]: “O interrogador agarra o detento de repente pela camisa ou pelos ombros e puxa-o, geralmente para frente. O interrogador repete esta ação várias vezes durante o interrogatório. As mãos dos detidos são algemadas atrás dele, conectado a um laço na cadeira, então de repente puxa-o causando intensa dor nas articulações das mãos” (tradução livre).

uma personagem que vem de encontro ao espectador/leitor, nesse caso de Ghassan para os leitores.

Conforme a imagem 38, podemos observar alguns elementos que constituem os eventos que permearam o confinamento de Ghassan. No canto inferior esquerdo, observa-se uma dupla de judeus ortodoxos gesticulando bruscamente e um deles aponta o dedo para a palma da mão. Essa imagem pode representar as acusações que o Estado de Israel fez a Ghassan nos últimos dias. Um pouco mais ao centro do requadro, observamos um casal de meia idade de costas, o que poderia representar a preocupação do palestino com seus pais. Ao lado desse casal, observa-se um pouco mais à direita um casal defronte e Ghassan em que a mulher afavelmente beija o rosto de seu companheiro. Essa cena poderia representar a saudade de sua família, visto que um pouco acima é possível observar uma mulher carregando um bebê, o que representaria sua filha. Além dessas representações, os requadros que no decorrer da narrativa caracterizavam na sua diminuição devido a estratégia do tempo/confinamento, vão se abrindo até corresponder a meia página. Ou seja, o enquadramento subjetivo encerra o estado de confinamento de Ghassan ao representar os elementos que compunham seus dias de reclusão alinhado a abertura na perspectiva do palestino que até então apertava-se cada vez mais.

Podemos concluir que a narrativa do caso de Ghassan por Sacco constitui elemento marcante em sua estratégia de representar um ponto de vista palestino para o conflito contra os israelenses. Inserido em um processo complexo de eventos desencadeados após o início da Intifada de 1987, entre eles o aumento nas prisões administrativas e os problemas derivados dos procedimentos de interrogatório do Shin Bet, o autor de "Palestine" não diferencia seu trabalho apenas no que se refere à perspectiva narrativa de seu trabalho, mas também como escolheu narrar os acontecimentos. Ao invés de representá-los por meio de uma perspectiva macro, ou seja, narrar os desdobramentos a partir de 1987, a estratégia de Sacco foi descrever as memórias de personalidades anônimas inseridas nos desdobramentos. Assim, a abordagem de "Palestine" se torna mais humana, pois, ao invés de Sacco narrar os acontecimentos por meio de uma perspectiva vista do alto, sua mensagem estabelece o envolvimento de seus leitores no cotidiano palestino durante a Intifada.

Assim sendo, "Palestine" representa as "notas de rodapé" da Intifada. Se por um lado existe uma versão macro, para não dizermos oficial, do levante popular palestino, no qual há o enfrentamento de "terroristas" palestinos atacando com

pedras as guarnições israelenses, podemos observar por meio de Sacco situações que estão aquém disso. Representar um agente histórico aparentemente sem relevância nas relações diplomáticas que permeiam o Estado de Israel e a Palestina em seus dias de interrogatório é apresentar mais uma história dentro de várias outras que colaboram na compreensão e na construção no conceito de Intifada. Portanto, a Intifada representada por Sacco não corresponde somente ao enfrentamento dos populares palestinos contra as FDI. Ao representar o caso de tortura de Ghassan, a estratégia de Sacco é representar a seus leitores outra perspectiva sobre o conflito.

Imagem 28 – O início da narrativa de Ghassan.



Imagem 29 – Prisão de Ghassan pelos agentes da FDI e do Shin Bet.



Imagem 30 – Início dos interrogatórios.



Imagem 31 – O confinamento.

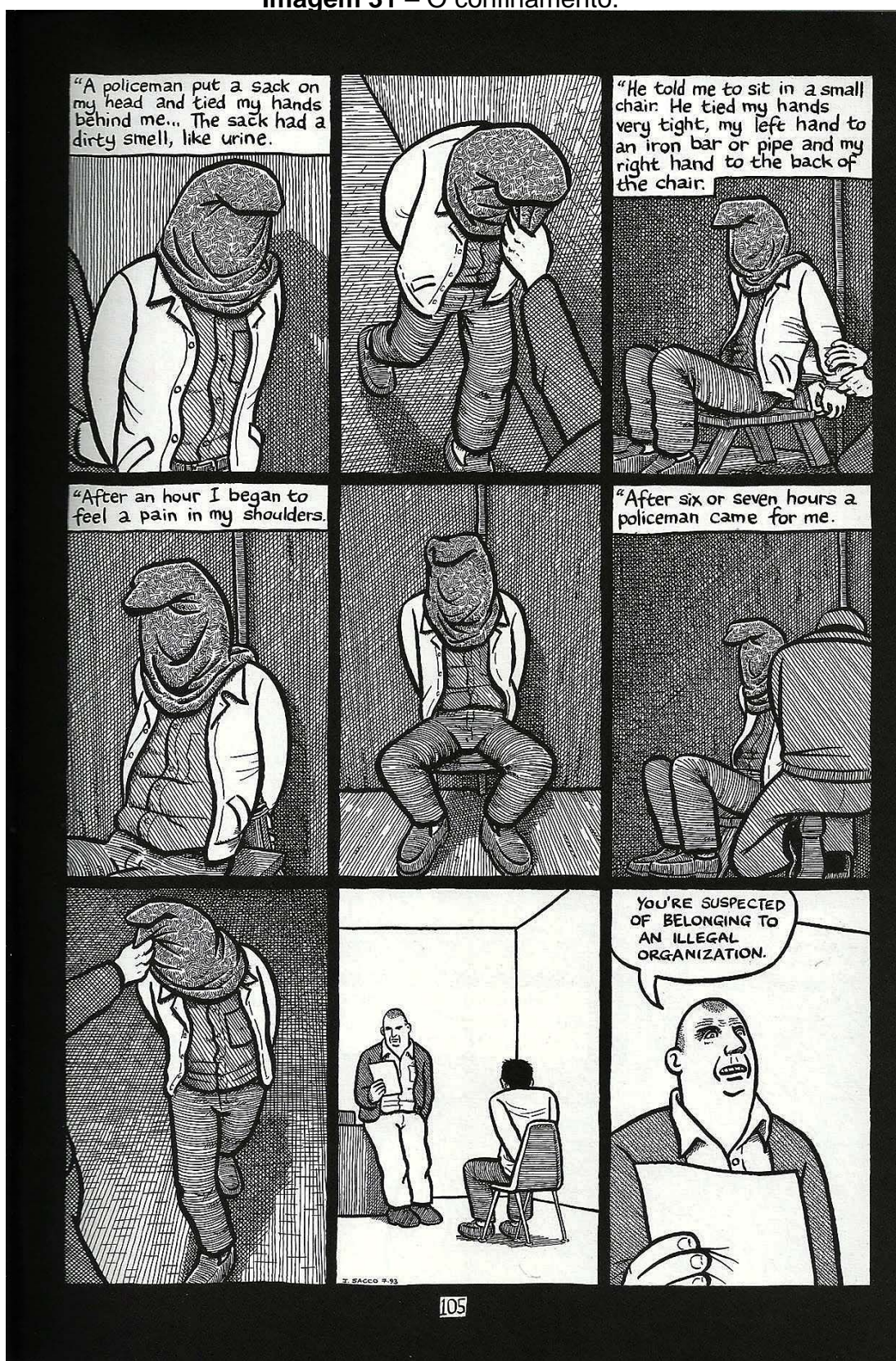


Imagem 32 – Confinamento/Tempo.



Imagem 33 – Painfull cuffing.

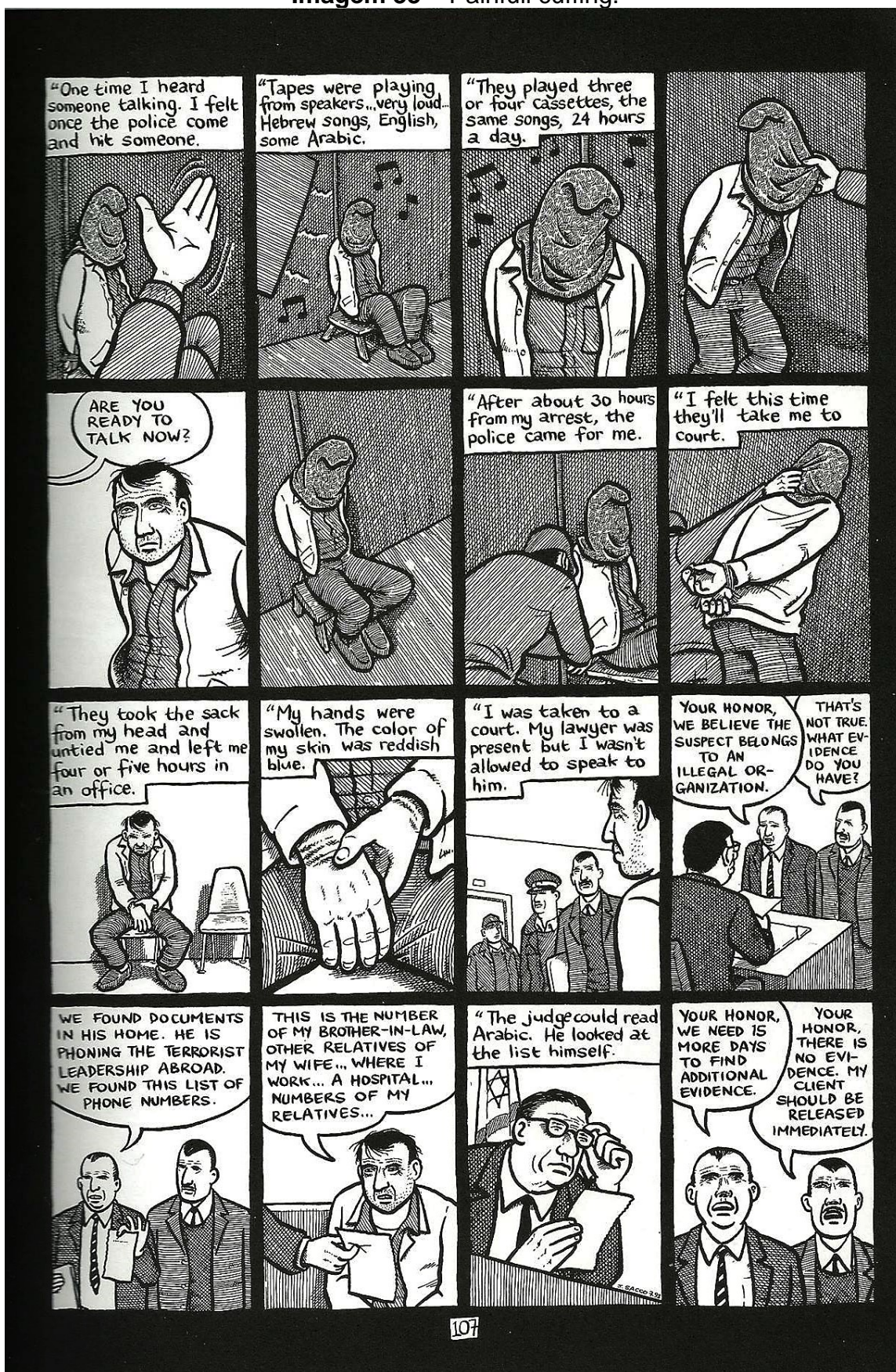


Imagem 34 – Sleep deprivation.

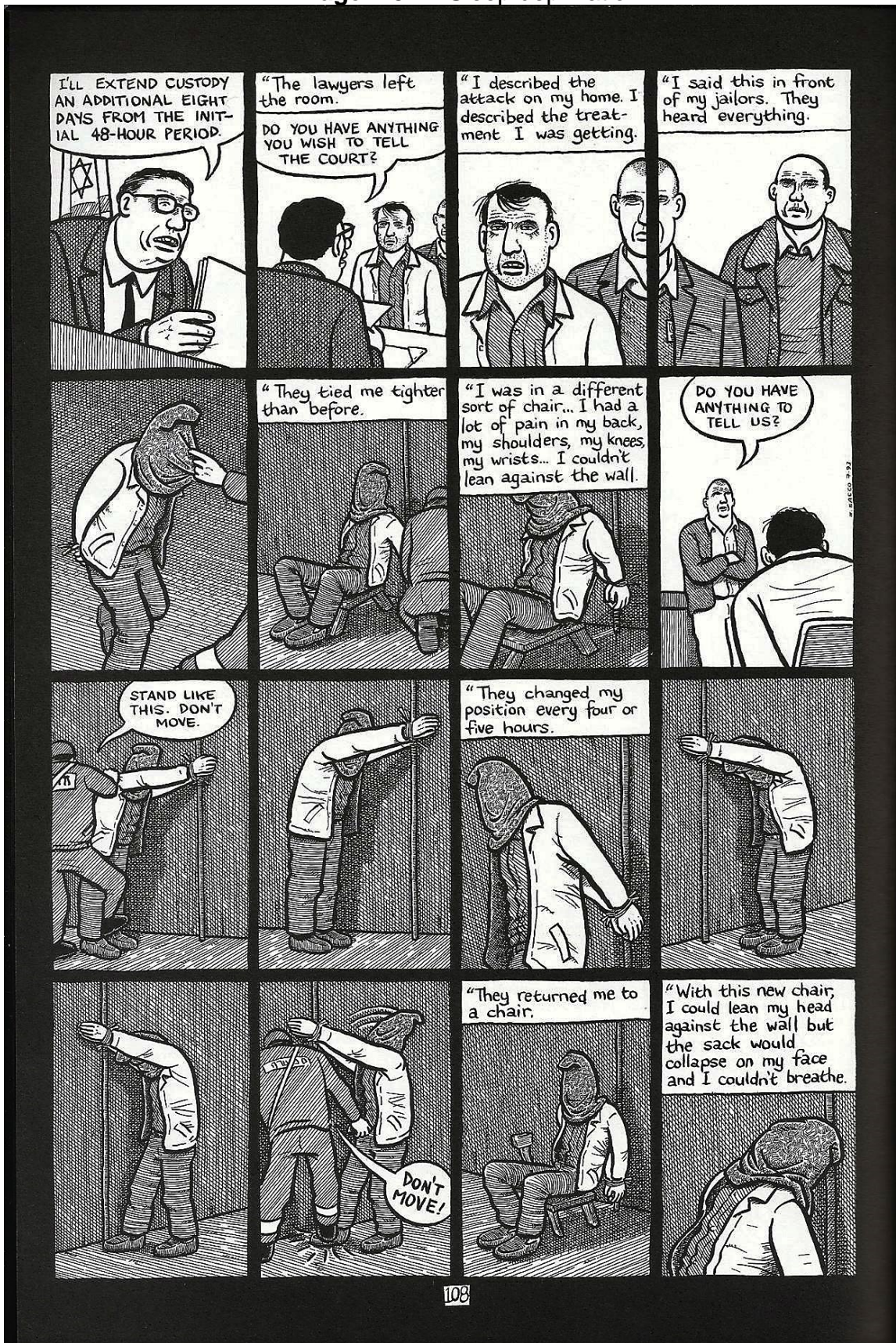


Imagem 35 – Alucinações.

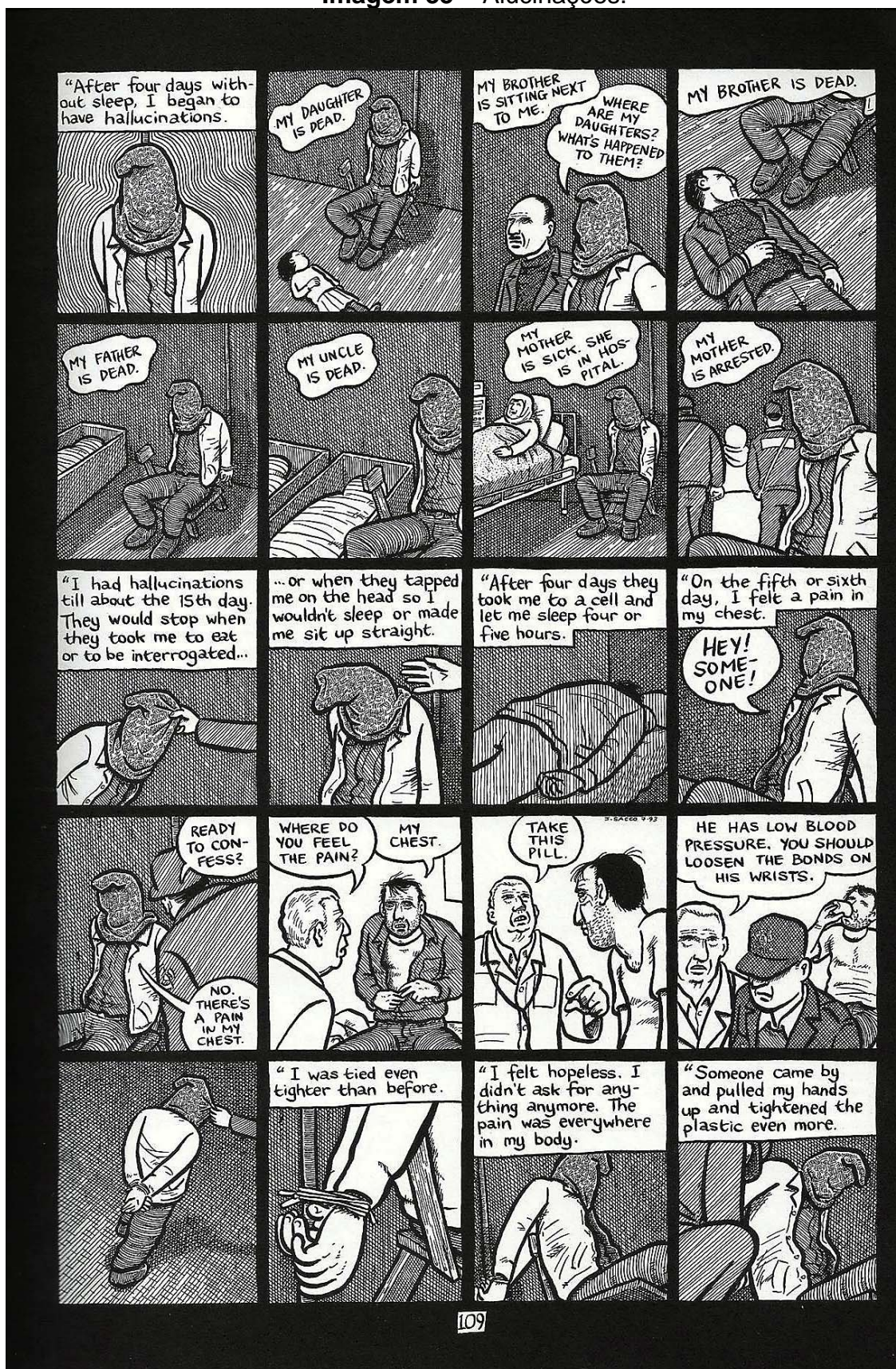


Imagem 36 – Um breve Descanso.

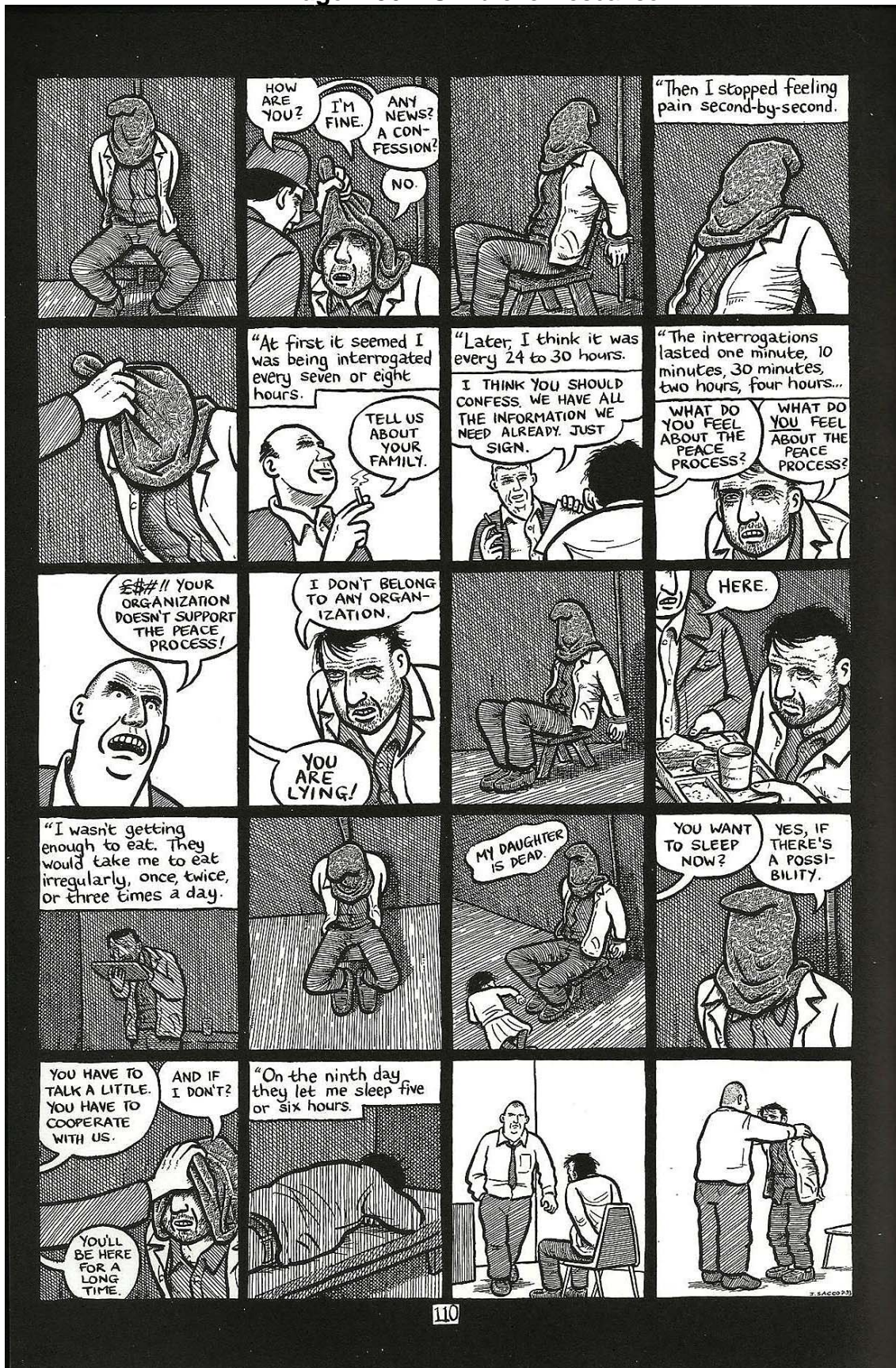


Imagem 37 – Sudden pulling of the body.

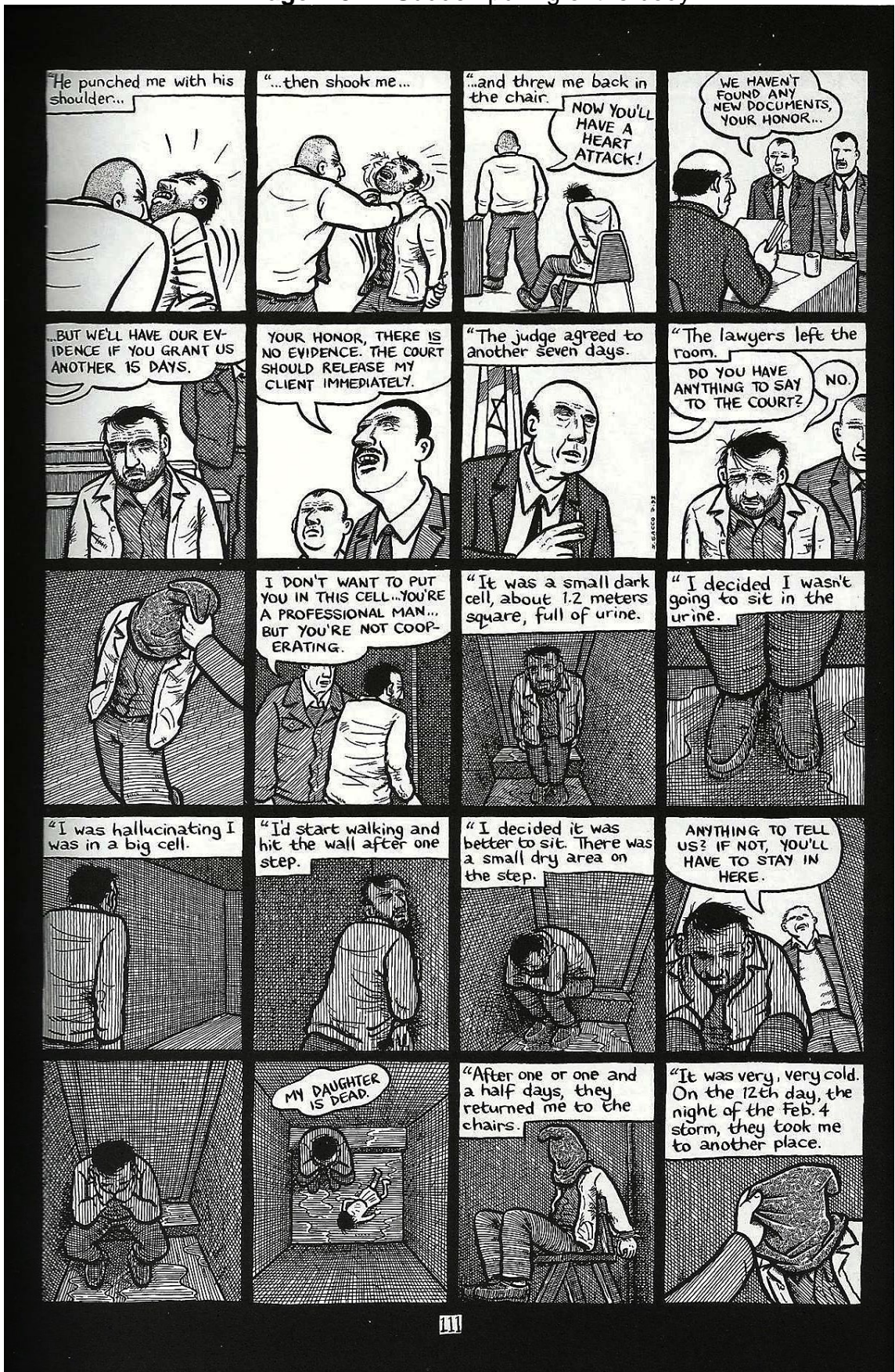
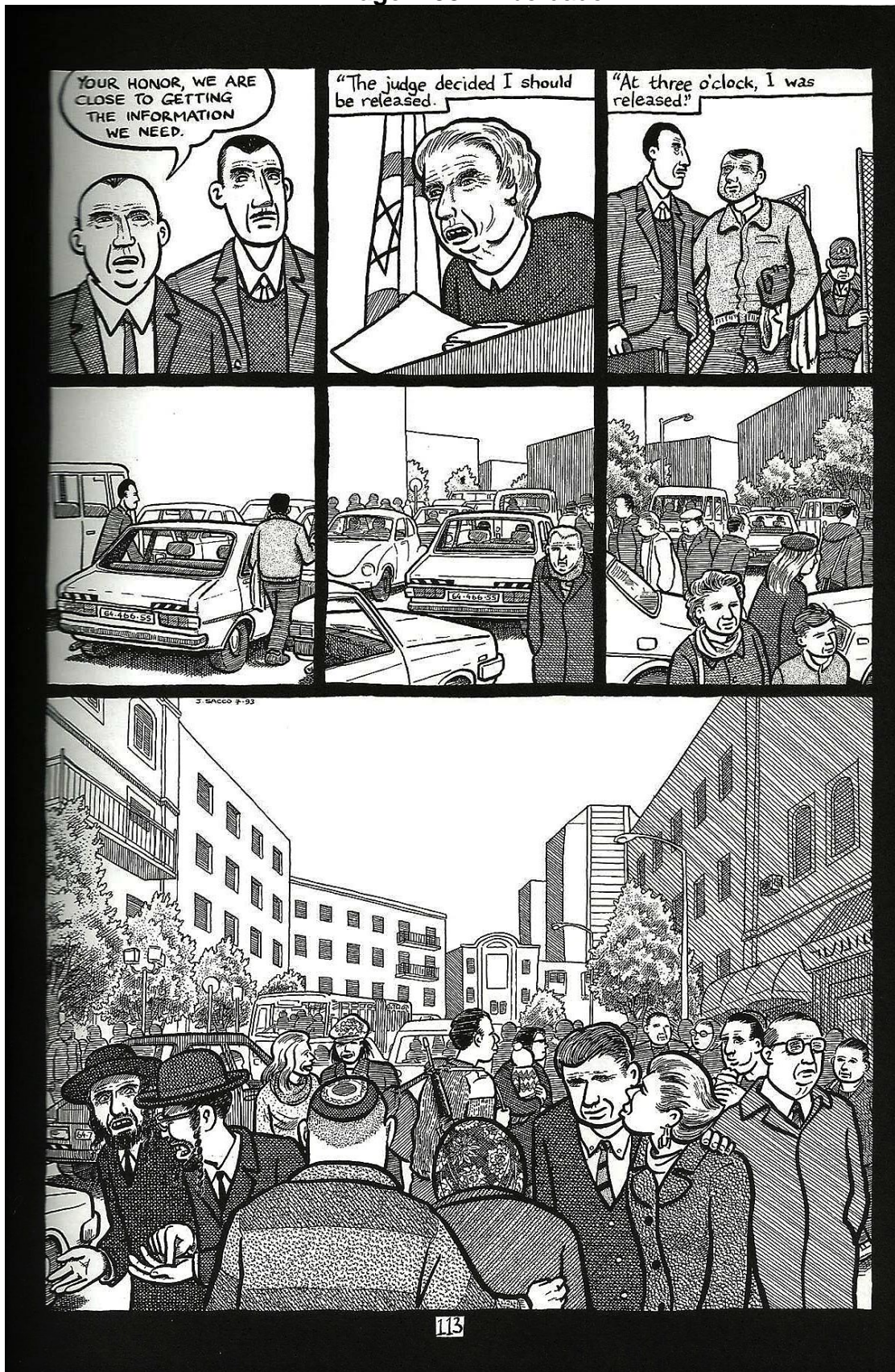


Imagem 38 – Liberdade.



4.2. MULHERES NA INTIFADA

No capítulo anterior, analisamos as representações de violência em “Palestine” e a estratégia de Sacco em representar outra face do Estado de Israel além daquela produzida pelos meios de comunicação. Nossa proposta para as próximas páginas está pautada em analisar a representação das mulheres palestinas na perspectiva de Sacco. O intuito de observar tais representações acerca da mulher palestina parte da hipótese de Sacco construir suas representações sobre as mulheres muçulmanas além daquela construída no Ocidente.

A Intifada de 1987 também gerou rupturas e continuidades no campo social palestino. Um caso trabalhado na narrativa de Sacco é a situação das mulheres. Se por um lado o povo palestino convive com o litígio contra o Estado de Israel, as mulheres palestinas ainda convivem com as más condições e a pífia qualidade de vida que permeiam os territórios ocupados e as diferenças advindas da distinção de gênero. Além da violência que permeia os homens palestinos, as mulheres também convivem com a violência masculina devido às possíveis interpretações do Alcorão.

A desigualdade social também é marcante entre homens e mulheres na Palestina. Segundo o relatório das Nações Unidas intitulado *Situación de la Mujer palestina y asistencia en su apoyo*, emitido em dezembro de 2007:

Hay diferencias de género importantes en el mercado de trabajo y la ocupación militar ha tendido a agravar la discriminación tanto directa como indirectamente. Según cálculos de la OIT basados en datos de la Oficina Central de Estadística de Palestina, en 2006 tan sólo el 14,7% de las mujeres tenía empleo, frente a un 52% de hombres. La mayoría de las mujeres (54,1%) se dedicaban a las tareas del hogar o estaban estudiando (21,1%)⁴¹

Apesar dos dados referirem-se a 2006, ou seja, quinze anos após a viagem de Sacco, é marcante a diferença entre empregados homens e mulheres nos territórios ocupados. Situação essa que reforça a condição de dependência financeira das mulheres na Palestina. Esse relatório das Nações Unidas foi emitido em 2007, o que reafirma a continuidade de dependência das mulheres palestinas. Tal situação é representada em “Palestine”. No entanto, é necessário não esquecer que antes de

⁴¹ [No português]: “Existem diferenças significativas no mercado de trabalho de gênero e a ocupação militar tende a agravar a discriminação direta e indireta. De acordo com estimativas da OIT com base em dados do Escritório Central de Estatísticas da Palestina, em 2006, apenas 14,7% das mulheres estavam empregadas, em comparação com 52% dos homens. A maioria das mulheres (54,1%) estavam envolvidos em tarefas domésticas ou estavam estudando (21,1%)” (tradução livre).

tudo Sacco homem e ocidental. Partindo do pressuposto que o foco de sua narrativa nesse momento é destacado para a questão das mulheres orientais muçulmanas, portanto, devemos estar atentos aos conceitos pré-estabelecidos que permeiam seu mundo como representação, ou seja, uma visão masculina e ocidental. Sobre a visão das mulheres muçulmanas pelo Ocidente, Peter Demant (2013, p148) afirma que:

As mulheres no mundo muçulmano constituem objeto de fascínio de desejo para o Ocidente: ontem 'fantasia orientalista', a sensual criatura do harém; hoje vítima da opressão, velada e genitalmente mutilada. Ambas as imagens representam um Oriente estereotipado, tanto voluptuoso quanto cruel, mas sempre de uma alteridade aparentemente intransponível. Ambas são, portanto, exageros que não descrevem a realidade social da esmagadora maioria das muçulmanas, correspondendo apenas a fragmentos da realidade

Possivelmente, quando chegou aos territórios ocupados, Sacco esperava encontrar mulheres na mesma situação que a descrita por Demant (2013, p.48), ou seja, "vítima da opressão, velada e genitalmente mutilada". No entanto, conforme suas descrições, a situação divergia em natureza e grau dessa visão ocidental. Mas para compreendermos essa perspectiva posterior de Sacco, é necessário antes de mais nada compreender as rupturas e as continuidades das mulheres nos territórios ocupados.

Conforme Gattaz (2013, p. 152), desde a guerra de 1967, há o crescimento do sentimento nacional entre os palestinos. No entanto, tal sentimento era de certa forma masculino e ficava restrito à participação das mulheres nesse processo. Claudia Santos e Karla Gobo (2016, p.3) comentam que os movimentos nacionalistas palestinos eram liderados por homens e se opunham à participação feminina. Tal situação tradicionalista, segundo as autoras, foi um dos motivos que atrasaram a luta pela independência palestina. Santos e Gobo (2016, p.3) ainda salientam que a resistência palestina se transformou em uma cultura nacionalista de resistência. Nesse contexto, a preservação dos costumes é ameaçada pelo litígio israelense. O resultado disso é uma mobilização coletiva acerca da preservação étnica palestina.

Assim sendo, a Intifada não representou somente a oportunidade para que a voz palestina contra a ocupação fosse ouvida, mas possibilitou também que outros grupos internos encontrassem formas de luta identitária. Porém, o movimento

feminino palestino não é um evento novo. Ainda nos anos do Mandato Britânico na Palestina (1922-1948), “[...] as mulheres começaram a confrontar diretamente o governo, internalizando as demandas do movimento nacionalista, pedindo o fim da imigração judaica e a independência” (SANTOS; GOBO, 2016, p.4). No fim da década de 1940, com a Partilha de 1947, houve o eclodir da guerra no território e o início dos movimentos de refugiados para os outros países da região. A pauta da luta para as mulheres, então, ganhou nova forma. Santos e Gobo (2016, p.5) afirmam que durante a Partilha de 1947:

[...] ocorre uma mudança no papel da mulher na sociedade Palestina. Isto porque as mulheres passaram a conviver com uma realidade diferente das que estavam acostumadas, pois o território ocupado mudou completamente a sua rotina. As famílias que foram exiladas tiveram que se adaptar à uma cultura diferente da sua e as famílias que decidiram ficar tiveram que conviver com políticas coercitivas, sobretudo quanto à liberdade, além da violência proeminente que agora fazia parte da realidade do Estado

Em 1987, com o advento da Intifada, mais uma vez o movimento feminino palestino viu a necessidade de se adaptar à nova realidade. Sobre essa situação, Said (2012, p.XLIV):

Se por um lado, as tropas israelenses matavam a tiros, espancavam e perseguiam civis, por outro lado, os palestinos procuravam meios de contornar e cruzar as barreiras, enquanto autoridades civis proibiam a educação ou a agricultura, os palestinos improvisavam organizações alternativas para fazer o que era necessário; enquanto as regras de uma sociedade ainda essencialmente patriarcal mantinham as mulheres em subserviência, a *intifada* lhes deu voz, autoridade e poder

A realidade das mulheres palestinas diante a Intifada pode ser observada em dois níveis. Primeiro, no confronto ao projeto colonialista israelense e a iminente possibilidade de perda de seu espaço. Por outro lado, na resistência diante do seu cotidiano contra o tradicionalismo imposto pela interpretação fundamentalista de sua cultura e religião. Diante dessa conjuntura, as mulheres palestinas se viram em uma situação dicotômica entre a tradição e a revolução. Enquanto juntavam-se aos homens na luta pela resistência e a autodeterminação do povo palestino, diante de um inimigo em comum que ameaça a existência de seu povo, por outro, continua uma luta independente na busca de direitos de igualdade de gênero dentro da Palestina (SANTOS; GOBO, 2016, p.4).

Portanto, no decorrer do século XX, podemos observar o caráter de adaptação da luta realizada pelas mulheres na Palestina. Conforme a realidade mudava com a alternância de poderes que permearam os territórios palestinos, entre o Mandato Britânico, estabelecimento do Estado de Israel e a Intifada, cada uma com suas características específicas, essas mulheres realizavam a leitura do processo político e social que estavam inseridas e adaptavam a sua luta ao seu cotidiano. Esse pode ser o paradoxo entre o estereótipo da mulher muçulmana de ontem e a moderna mulher muçulmana. Conforme Demant (2013, p.150), o processo de globalização disseminou a luta pela igualdade de direito das mulheres no Ocidente. O mundo muçulmano não ficou livre dessa influência, que é uma das consequências do choque entre a modernidade e a civilização muçulmana, ou seja, a luta por direitos iguais entre os homens passou a permear as discussões do papel da mulher no Oriente.

Possivelmente, esse choque advindo da influência ocidental e dos costumes tradicionais orientais levou à ruptura na participação feminina na Intifada. Segundo Shahd Wadi (2009, p.18), o início da Intifada possibilitou à mulher experimentar “novos” comportamentos, começou com a participação intensa nas ruas e no embate contra os soldados das FDI. Porém, essa situação mudou na segunda fase da Intifada, marcada pelo início da participação de organizações como a OLP e o *Hammás* no movimento antes popular, e fez com que as mulheres dessem muito mais atenção às regras sociais que permeiam seu cotidiano e que começassem um processo de retirada lenta e gradual da luta.

Voltando a “Palestine”, Sacco delimitou essas duas fases das mulheres palestinas durante a Intifada. No entanto, por meio das representações de Sacco, podemos observar sua narrativa sobre as mulheres em três situações distintas e que de forma indireta, podemos compreender a ruptura do movimento feminino palestino no decorrer da Intifada. A primeira está relacionada aos casos de violência doméstica e à ação da comunidade feminista na Palestina. A segunda situação refere-se à violência relacionada aos métodos de tortura psicológica pelo Shin Bet, e o terceiro, o dilema das mulheres palestinas entre o processo de liberdade em contraste com as imposições nacionalistas.

Uma das primeiras menções diretas ocorre na visita de Sacco ao Comitê de Ação Feminina da Federação Palestina (SACCO, 2011b, p.133). Melinda M. Cohoon (2016, p.10) diz que o comitê, no início da Intifada, estava engajado em jogar

pedras, queimar pneus, transportar e preparar outras pedras e preparar barricadas. A autora ainda salienta que o comitê foi criado em 1978. Porém, durante os anos da década de 1980, foi dividido em quatro facções diferentes. No entanto, com o início da Intifada, ocorreu a união das facções frente ao confronto contra o Estado de Israel.

Por outro lado, a representação de Sacco sobre o comitê fica restrita muito mais aos trabalhos jurídicos em apoio às mulheres palestinas que sofreram algum tipo de violência doméstica e à luta por direitos de reinterpretação do Alcorão do que à luta contra o Estado de Israel. Em sua chegada para uma reunião com as executivas do comitê, o autor encontra uma jovem palestina de quinze anos que acabará de se encontrar com as executivas. No breve relato sobre o caso, Sacco narra que a jovem está no segundo casamento, possuindo um filho do primeiro. A jovem procurou o comitê devido aos maus tratos do segundo marido. Segundo as informações de Sacco, a moça foi agredida por não comprar chá, pois tinha medo dos oficiais da FDI nas ruas. A atitude do marido foi jogar água fervendo na jovem. Nessas circunstâncias, a jovem pediu o divórcio, mas o marido não queria que ela ficasse com seus pertences (SACCO, 2011b, p.133). Os casos de violência doméstica são graves na Palestina. Segundo a UN Women (2016):

29.9% of ever-married women in the West Bank and 51% in the Gaza Strip have been subjected to a form of violence within the household; with 48.8% of women in the West Bank and 76.4% in the Gaza Strip declaring having been psychologically abused; 17.4% in the West Bank and 34.8% in the Gaza Strip physically abused; and 10.2% in the West Bank and 14.9% in the Gaza Strip sexually⁴²

A importância dispensada por Sacco ao que permeia o cotidiano da mulher palestina pode estar muito associada aos altos índices de violência nos territórios ocupados contra a mulher. Porém, essa observação de Sacco mantém o estereótipo de violência e de submissão da mulher oriental. A ruptura em sua narrativa ocorre ao iniciar suas representações sobre as ações tomadas pelo comitê. Segundo as informações de Sacco, em casos como esse, o comitê colabora na ajuda judicial para os direitos decorrentes do contrato de casamento. O contrato matrimonial diz respeito às regras do islã, porém, conforme as palavras de Rita, uma das

⁴² [No português]: “29,9% das mulheres casadas na Cisjordânia e 51% na Faixa de Gaza foram vítimas de violência doméstica; Com 48,8% das mulheres na Cisjordânia e 76,4% na Faixa de Gaza declarando ter sido abusado psicologicamente; 17,4% na Cisjordânia e 34,8% na Faixa de Gaza fisicamente maltratados; E 10,2% na Cisjordânia e 14,9% na Faixa de Gaza abusada sexualmente” (tradução livre).

organizadoras do comitê, o problema está na interpretação do Alcorão (SACCO, 2011b, p.135). O problema interpretativo anunciado por Sacco, por meio das palavras de Rita, advém dos desdobramentos históricos que permeiam o surgimento do islã e reflete no pensamento islâmico no qual a posição da mulher é inferior à do homem (DEMANT, 2013, p.150).

A intenção do comitê é garantir por meios legais os direitos adquiridos no rompimento dos contratos matrimoniais. Nas representações de Sacco, Rita, a mulher que afirma sobre isso, tem uma perspectiva muito positiva sobre essa situação. Rita comenta que os contratos de matrimônio implica em condições que a mulher pode impor para o marido. Caso ele não permita que ela trabalhe ou que ele procure uma segunda esposa, pode gerar condições favoráveis para o divórcio (SACCO, 2011b, p.135). Sobre as condições jurídicas da mulher muçulmana, Demant (2013, p.150) afirma:

Assim a posição jurídica da mulher dentro do islã era melhor do que nas outras civilizações tradicionais e hierárquicas. Em vez de ser vista como posse, a mulher passou a ter existência jurídica e direito a propriedade. Por ocasião do casamento, o marido paga um *mahr* (preço da noiva) que pertence a própria mulher (e não a seus parentes masculinos) e lhe é devido em caso de divórcio

Representar os trabalhos do comitê apresenta outra realidade sobre as mulheres palestinas. Nesse caso, enquanto as mulheres palestinas resistem à ocupação, travam outra resistência acerca do seu cotidiano. Um dos grandes focos do comitê é garantir que, após a conquista de uma possível autodeterminação do povo palestino diante do Estado de Israel, as mulheres não voltem a um estado tradicionalista de coisas. Sua estratégia é representar uma perspectiva alternativa para a compreensão das mulheres orientais. Assim sendo, o estereótipo da mulher submissa é desconstruído em sua narrativa para dar lugar a uma mulher que luta por seus direitos dentro do próprio sistema em que está inserida. Ao representar o trabalho do comitê, representa também uma mulher muçulmana moderna que, além de superar o estereótipo de fascínio oriental, também tenta superar o estereótipo de mulher submissa e mutilada pelo sistema tradicionalista islâmico.

Ao invés de representar a mulher palestina conforme o estereótipo já estabelecido no Ocidente, a estratégia de Sacco focou na representação da mulher islâmica modernizada, inserida em um contexto de globalização no qual ela não está

confinada somente à esfera privada, mas uma mulher atuante na esfera pública de sua sociedade. Mas esse não é o único caso de desconstrução nas representações sobre as mulheres palestinas por parte de Sacco. A segunda situação de representação da mulher palestina pode ser observada como resultante direto e a curto prazo após o início da Intifada.

Para termos uma ideia, o relatório das Nações Unidas (1988) confirma sobre dois casos que envolviam alguma situação de violência contra a mulher palestina. O primeiro caso é da morte de uma mulher grávida após inalar gás tóxico durante a represália das FDI em 11 de janeiro de 1988 na Faixa de Gaza (UNITED NATIONS, 1988, p.6). Outro caso relatado nos primeiros dias da Intifada refere-se à morte de uma jovem palestina de 25 anos que foi alvejada por tiros em sua casa enquanto colocava a roupa para secar em seu quintal no dia 03 de janeiro de 1988, após alguns jovens jogarem pedras nas tropas das FDI na sua região.

Não há diferenciação de gênero para os soldados da FDI. Ao que tudo indica, todos os palestinos tornaram-se uma ameaça ao projeto colonialista israelense. Dessa forma, os métodos de tortura do Shin Bet também foram aplicados às mulheres. Em suas representações, Sacco delimita a diferença em um processo de interrogatório masculino para o interrogatório feminino. Como observamos há pouco, Sacco, ao representar os métodos de tortura do Shin Bet no caso de Ghassan, focou muito mais na pressão física que a psicológica moderada. Com Ghassan, as alucinações são resultantes de um método racionalmente premeditado que impossibilitava o interrogado de dormir por várias horas.

No caso de interrogatório feminino representado por Sacco, em contrapartida ao caso de Ghassan, são dispensadas apenas três páginas de narrativa contra onze de Ghassan. A palestina também é anônima para Sacco; enquanto no caso masculino há um nome para que possamos nos identificar, o caso feminino não possui nem ao menos isso. Possivelmente, a manutenção do anonimato identitário dessa palestina pode estar paralelamente ligado ao fato de já ter sido capturada quatro vezes até então pelo Shin Bet (SACCO, 2011b, p.97). Portanto, manter em sigilo seu nome seria uma forma de preservar sua segurança. Por outro lado, não falta adjetivos para sua descrição. O autor comenta sobre a força com a qual ela resistiu ao interrogatório, a ênfase dispensada por Sacco para descrever sua resistência é observada na comparação que o autor realiza ao comentar o caso de Mustafa Akawi. Sacco salienta que a palestina resistiu bravamente por dezoito dias

ao interrogatório do Shin Bet, enquanto Akawi não suportou duas semanas de tortura.

Da mesma forma que Ghassan, a palestina também esteve à mercê aos métodos de tortura do Shin Bet. Conforme a imagem 39, a palestina é representada em mergulho na posição de *Al-shabah* (SACCO, 2011b, p.98). Segundo Chebata (2016, [s.p]), esse método representado por Sacco consiste em:

A suspect investigated under the 'Shabach' position has his hands tied behind his back. He is seated on a small and low chair, whose seat is tilted forward, towards the ground. One hand is tied behind the suspect, and placed inside the gap between the chair's seat and back support. His second hand is tied behind the chair, against its back support. The suspect's head is covered by a sack that falls down to his shoulders. Loud music is played in the room⁴³

Porém, nas representações de Sacco, o que a torna mais “durona” (SACCO, 2011, p.99) do que Akawi ou até mesmo Ghassan, não é o fato de ter suportado a pressão física moderada, visto que Ghassan também a suportou por dezenove dias. Possivelmente o que distingue sua força dos dois casos masculinos citados por Sacco é a resistência à pressão psicológica moderada. A acusação contra a palestina refere-se a ela estar envolvida na confecção de panfletos nacionalistas palestinos. A intenção do Shin Bet é conseguir informações sobre outros envolvidos. Na tentativa de retirar informações dela, os métodos de violência física foram aplicados sem efeito e a estratégia da agência foi utilizar métodos psicológicos referente à sua cultura e religião.

Sacco afirma que a primeira tentativa da agência foi utilizar o argumento referente as chances de casamento (SACCO, 2011b, p.98). Essa estratégia foi utilizada na tentativa de desestabilizar a resistência da palestina diante de seu interrogatório. O casamento para os muçulmanos mais tradicionais, ao contrário do Ocidente, não configura no livre arbítrio da escolha de seus parceiros. O próprio casamento está além das questões semânticas que envolvem a paixão e o sexo, interligando questões econômicas que os laços podem oferecer às famílias envolvidas (DEMANT, 2013, p.153-154). No entanto, esse argumento é válido para as regiões mais atrasadas e pobres em que o islã está presente. Apesar da

⁴³ [No português] “Um suspeito investigado sob a posição 'Shabach' tem as mãos amarradas atrás das costas. Ele está sentado em uma cadeira pequena e baixa, cujo assento é inclinado para a frente, em direção ao chão. Uma mão é amarrada atrás do suspeito, e colocada dentro da lacuna entre o assento da cadeira e apoio de volta. Sua segunda mão é amarrada atrás da cadeira, contra seu apoio traseiro. A cabeça do suspeito é coberta por um saco que cai até seus ombros. Música alta é tocada no quarto” (tradução livre).

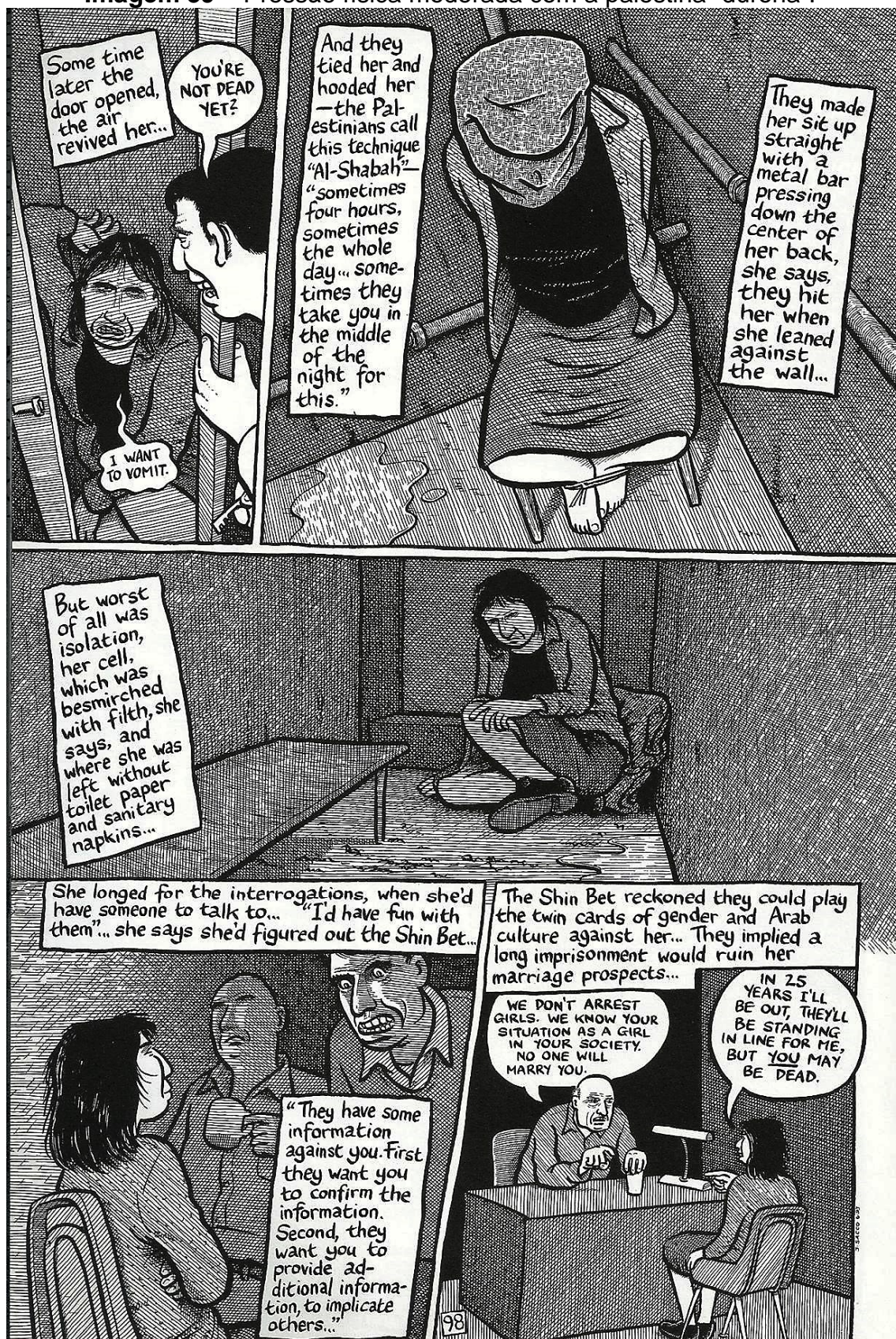
Palestina estar em situação de guerra e apresentar baixos índices de desenvolvimento humanos, existe dentro dos territórios ocupados um movimento feminino muito forte resultante do processo de globalização e que luta pelos direitos das mulheres na Palestina. Dentro dessa perspectiva, a palestina anônima representada por Sacco configura-se muito mais nessa mulher muçulmana moderna do que a estereotipada pelo Ocidente.

Mas não é somente sobre a instituição casamento que o Shin Bet pressionou a mulher palestina. Visto que a ameaça referente à impossibilidade de casamento em seu retorno à sua sociedade, Sacco comenta que os agentes do Shin Bet também pressionavam estuprá-la. Sarcasticamente, também diante de outra ameaça mentirosa construída pelos agentes relacionada a uma viagem ao exterior à procura de sexo que poderiam disseminar na sua cidade, a palestina diz não se importar com as ameaças. A pressão psicológica nesse momento sai da esfera do casamento para adentrar na esfera da sexualidade. Porém, o sexo para a sociedade muçulmana tem significado diferente do significado ocidental. Existe no islã uma apreciação positiva sobre o que significa o sexo. Segundo Demant (2013, p.152), fontes islâmicas falam do coito como ato harmônico com o cosmos. O próprio celibato, ao contrário do cristianismo, não possui equivalente no islã.

Portanto, representar a resistência dessa palestina também representa o processo de modernização da mulher palestina. No entanto, o processo de modernização nas representações de Sacco são conflituosas, pois, ao mesmo tempo em que as mulheres representadas por Sacco buscam sua autonomia, tendem a lutar dentro da luta nacionalista e o retorno das tradições. O próprio trabalho realizado pelo comitê das mulheres na Palestina, como vimos há pouco, apresenta que na Palestina, mesmo inserida em um contexto litigioso e tendo um baixo índice de desenvolvimento humano e econômico, o processo de modernização das mulheres muçulmanas permeia o cotidiano nos territórios ocupados. A estratégia de Sacco persiste em representar um novo viés ao estereótipo estabelecido pelo Ocidente. Ao invés de representar uma mulher submissa, "Palestine" trouxe como ruptura uma representação diferente referente a mulher palestina, que nesse caso está inserida nos mais diversos processos do conflito e é representada como mais "dura" que os homens. A resistência da palestina anônima a esses argumentos referente a gênero, cultura e religião é a representação dessa outra mulher

muçulmana na visão de Sacco, ou seja, uma mulher muçulmana moderna inserida em um conflito que traz de volta suas tradições.

Imagem 39 – Pressão física moderada com a palestina “durona”.



Outra situação em que a mulher palestina é representada por Sacco está relacionada com a identidade dessa mulher muçulmana palestina moderna. Além disso, esse é um momento em que se pode observar o ponto de vista conflitante do autor referente a essas mulheres. Apesar de Sacco dizer que ele próprio apoia a liberdade de expressão das mulheres (SACCO, 2011b, p.137), ou seja, afirma ser um homem que compreende a luta pelas quais as mulheres estão engajadas. No entanto, ao entrar em contato com essas mulheres muçulmanas modernas, o autor encontra-se em um paradoxo. Ao mesmo tempo em que afirma compreender a luta das mulheres, diz não compreender o motivo que leva essas mulheres palestinas a trajarem o *hijab*. Nesse caso, a compreensão de Sacco parte do pressuposto ocidental e sua incompreensão advém do não conhecimento das tradições palestinas de fato.

Em primeiro lugar, para compreender essa conjuntura, é necessário delimitar as conotações dispostas ao uso da *hijab*. Segundo Cristina Kaipper Dias (2013, p.1) “A indumentária na tradição islâmica da Palestina foi na sua história acompanhada por uma multiplicidade de formas, diferentes formas do *hijab* eram possíveis e cada uma delas simbolizava aspectos como classe social, origem regional específica ou idade”. Ou seja, o *hijab* representa um aspecto cultural. No entanto, dentro da noção de uma cultura árabe, logo vem a ideia de que todos os aspectos cotidianos e sociais árabes estão estritamente ligados ao aspecto religioso. Porém, conforme os dizeres de Dias (2013), o uso da *hijab*, dentro desse contexto, tem conotação de identificação social. Conforme a posição social, região de origem ou idade em que se encontrava as mulheres, um tipo de *hijab* era disposto para ela. Assim, o caráter da indumentária distinguia as mulheres dentro de seu cotidiano, o que possibilitava reconhecer as origens daquela que o usa.

No entanto, com o início da Intifada, o *hijab* dispõe de nova conotação. Ao invés de distinguir socialmente as mulheres dentro de uma estratificação social, a indumentária tem conotação de identidade na luta nacional. Dias (2013, p.2) comenta que, após o início da Intifada, era difícil encontrar uma mulher que não trajava o *hijab*. O novo sentido do uso do *hijab*, tradicionalmente regionalista, representa a resistência a dominação estrangeira e afirmação de uma identidade nacional ameaçada (DIAS, 2013, p.4). Portanto, o uso das vestes tradicionais pelas mulheres palestinas após o início da Intifada não sugere que elas estejam trajando estritamente por significados culturais ou religiosos impostos por uma sociedade,

mas, representa o sentimento de coesão social em desdobramento de uma ameaça às tradições de sua cultura.

Portanto, a representação do paradoxo que envolve Sacco em contato com as mulheres muçulmanas decorre do seu não entendimento das práticas culturais e sociais que permeiam as mulheres na resistência à ocupação. Conforme a imagem 40, é possível verificar o estranhamento do autor perante as mulheres que utilizam a *hijab*. Na imagem, Sacco encontra-se no centro e, ao seu redor, estão várias mulheres trajando o *hijab*, porém, em nenhuma delas foi representada a face. Uma hipótese para essa imagem refere-se à atenção que o autor dispensará no decorrer das próximas páginas, ou seja, a não compreensão de Sacco ao observar de um lado a luta das mulheres palestinas por seus direitos, e por outro, o uso da vestimenta tradicional. Ao se autorrepresentar em uma situação paradoxal, entre a modernização e o tradicionalismo das mulheres muçulmanas, Sacco inicia a construção dessa narrativa representando a distância entre ele e as mulheres muçulmanas palestinas. Ao dispor no requadro ele ao centro e as demais mulheres caminhando opostamente, representa a ideia de distanciamento. Não repulsão no sentido de escárnio ou de exclusão, mas de diferenças culturais e de gênero. Ou seja, o autor representa o abismo que existe entre ele, homem ocidental, e seu objeto de análise, mulheres orientais muçulmanas. Representá-lo como centro de repulsão entre ele e as mulheres pode ser entendido como o reconhecimento do autor em relação ao desconhecimento total que ele possui sobre as mulheres palestinas.

Adiante em seu trabalho, depara-se com o significado de fato da utilização da veste tradicional, ou seja, a conotação de identidade nacional na resistência palestina. No entanto, após compreender as motivações que levam essas mulheres a usarem o *hijab*, Sacco se vê inserido dentro de outra problemática, a imposição realizada pelos grupos fundamentalistas palestinos para a utilização da *hijab*.

Nesse ponto, outra discussão é posta em pauta em “Palestine”. Enquanto o uso da *hijab* conota a resistência da identidade nacional diante de uma ameaça externa, as mulheres se veem perante a violência que esses grupos impõem para a vestimenta tradicional. O que deveria significar uma livre expressão de identidade nacional, passou a ser uma imposição exacerbada e que levaria a uma situação emblemática para as mulheres. Segundo Rema Hammani (1990, p.24) “While some positive developments have occurred, it is also true that the intifada has been the

context for a vicious campaign in Gaza to impose the hijab (headscarf) on all women⁴⁴”. Se por um lado a Intifada trouxe de volta o sentimento nacionalista palestino em busca de sua autodeterminação, esse mesmo sentimento nacionalista acarretou na imposição de costumes.

Nas representações de Sacco, é possível verificar que a questão em torno da utilização ou não da *hijab* resvala na esfera das disputas políticas contidas dentro dos territórios ocupados. Conforme as informações coletadas com a palestina Muna, sem muitas referências sobre ela em “Palestine”, no início da Intifada a Liderança Unificada, representada pelas facções principais da OLP, solicitava que as mulheres usassem o *hijab* como forma de enfatizar a identidade palestina (SACCO, 2011b, p.138). No entanto, a situação se modifica quando o grupo extremista *Hamas*, opositor da OLP na Palestina, impõe que as mulheres utilizem o *hijab*. Muna ainda afirma que o grupo fundamentalista decretou de forma compulsória o uso da indumentária e por meio de ameaças de espancamento, proibiam as mulheres de saírem na rua sem a vestimenta tradicional, o que incluía o *hijab* (SACCO, 2011b, p.138). Por meio das representações de Sacco, é possível compreender os dois momentos distintos na relação mulheres e *hijab*, o primeiro consolidado pela solicitação de um grupo político para a utilização da vestimenta como caráter nacionalista; o segundo, também mediante um grupo político, pela imposição por meio da violência para o retorno às tradições.

De fato, não podemos negar que Sacco desconhece essa situação. O que não podemos afirmar ou negar com precisão é se o conhecimento do fato é *a posteriori* à ação representada. Sendo os relatos analisados e desenhados entre dois a quatro anos após sua saída da Palestina, é muito possível que o autor tenha construído a narrativa por meio de outras apropriações após a viagem. Para esclarecermos melhor a situação, quando Sacco escreveu esse trecho de “Palestine” em novembro de 1993, conforme anotação em cada página de seu trabalho, dá-nos a ideia de que existe somente um grupo de mulheres palestinas. Porém, Santos e Gobo (2016) descreve a existência de pelo menos nove grupos femininos na Palestina que se diferenciam entre LGBT, nacionalistas e feministas. Por outro lado, Sacco restringe sua narrativa somente ao Comitê de Ação Feminina

⁴⁴ [No português]: Enquanto alguns desenvolvimentos positivos ocorreram, é verdade também que a Intifada se tornou um contexto em Gaza na campanha da imposição da *hijab* (véu) a todas as mulheres. (tradução livre).

da Federação Palestina, o que acaba por não representar as variações e a enormidade de grupos femininos na Palestina.

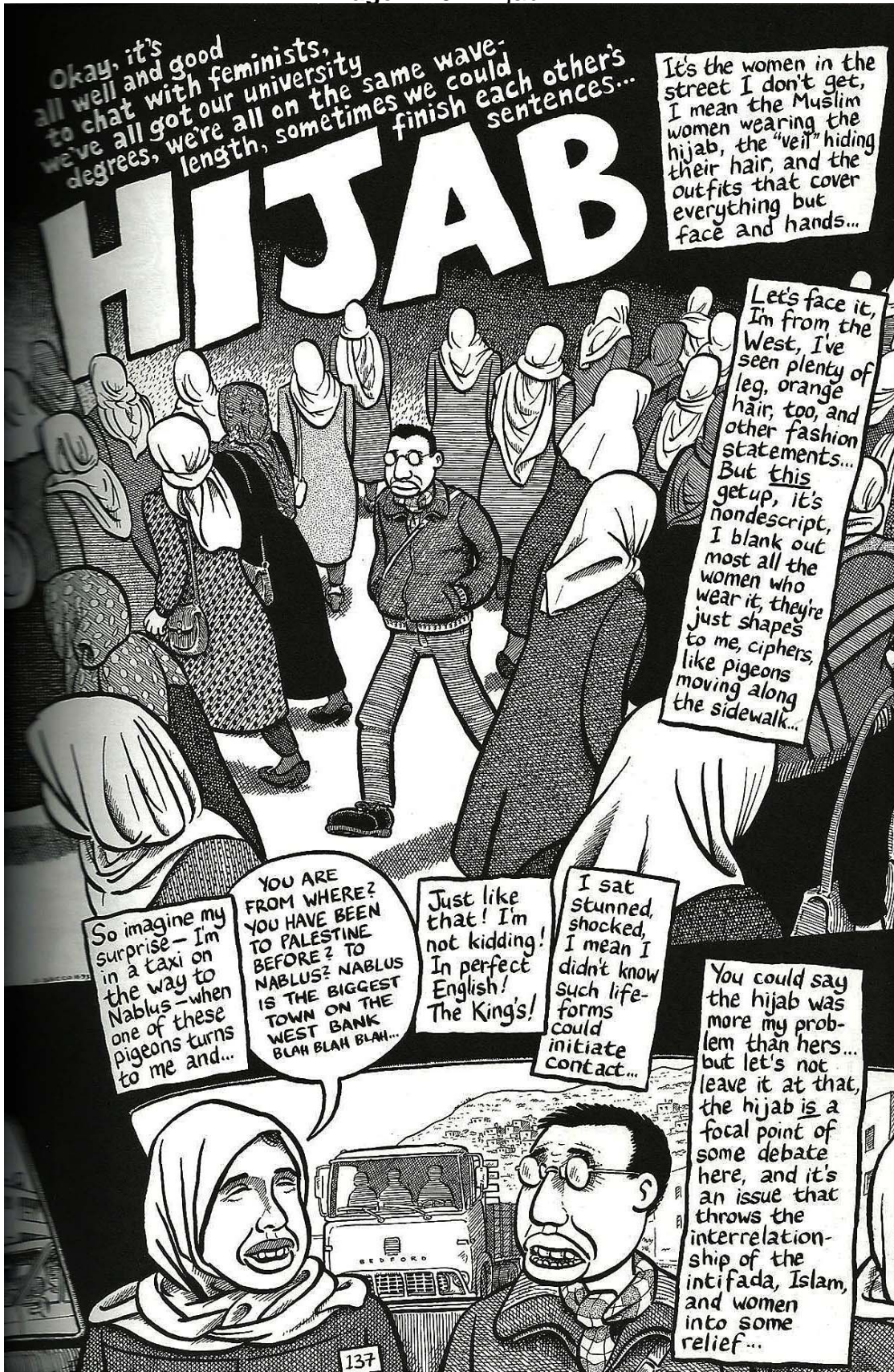
As causas para essa delimitação unilateral de Sacco diante da diversidade de grupos femininos podem ser explicadas mediante o próprio formato de seu material. Se por um lado o autor tentou representar a luta feminina diante do Estado de Israel e dentro da própria sociedade tradicionalista palestina, por outro, os cortes editoriais ou o próprio enredo não possibilitaram que fosse trabalhado com mais amplitude essa diversificação. Apesar da descrição sobre as situações das mulheres na Palestina não terem dispensado tantas páginas em seu trabalho, em comparação com outros temas, como, por exemplo, os garotos que estiveram presentes no primeiro dia da Intifada, Sacco parece por satisfeito em suas representações sobre as mulheres. Certamente na relação autor/leitor, Sacco ofereceu indícios para que seus leitores pudessem compreender essa ruptura de estereótipo descrito por ele mesmo em um curto espaço narrativo.

Porém, isso não possibilita afirmar que mesmo após essa investigação o próprio Sacco desconstruiu seus preconceitos referente às condições das mulheres palestinas. Em *Ainda um dos caras*, em uma conversa com um palestino cego e anônimo na companhia de Sameh, de forma cômica, em uma única página Sacco representa a continuidade da forte presença tradicionalista referente às mulheres. Em uma sala, o palestino cego se desculpa por não poder oferecer chá, pois uma esposa está doente e a outra visitando os pais. O palestino ainda diz que não havia tomado o café da manhã, e diz pensar em sair e procurar uma terceira esposa. Sacco, em tom de sátira, diz para ele se apressar que consegue uma antes do almoço, e finaliza a situação numa cena em que todos estão gargalhando abertamente (SACCO, 2011b, p.141). Nesse caso, ao intitular a situação como “ainda”, Sacco representa que mesmo esse esforço pela luta dos direitos das mulheres na Palestina, há a continuidade de tradições que ainda olham as mulheres restritas aos afazeres domésticos.

Por fim, o que podemos concluir é que as representações de Sacco referentes às mulheres têm como pressuposto a tentativa de apresentar uma mulher moderna muçulmana. No entanto, o próprio autor não deixa de representar seus conflitos mediante a essa modernização da mulher palestina e os elementos tradicionais que permeiam o cotidiano delas. Dentro de seu mundo como representação, o espaço delimitado para discutir a situação da mulher palestina não

corresponde a um grande número de páginas; por outro lado, tentamos observar que a escolha em representar a situação das mulheres palestinas possibilita estrategicamente a seus leitores outro ponto de vista acerca da mulher muçulmana. Ao invés da mulher mutilada, Sacco representou uma mulher que, além de ter lutado ao lado dos homens durante a Intifada, se viu também na situação de lutar por seus direitos diante de sua sociedade.

Imagem 40 – Hijab.



SACCO, 2011b, p.137

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutirmos no decorrer de nossa pesquisa, tentamos analisar as representações das táticas e estratégias do jornalista estadunidense Sacco referente à sua viagem para os territórios ocupados na Palestina entre 1991 e 1992. Para isso, abordamos “Palestine”, nossa fonte de pesquisa, em três momentos distintos. O primeiro momento que analisamos está associado às apropriações táticas de leituras que estão presentes como indícios em seu trabalho. No segundo momento, observamos a estrutura escolhida por ele estrategicamente para narrar sua viagem e, no terceiro momento, as representações, também estratégicas, das memórias dos palestinos e o significado dessas representações. Metodologicamente, por meio das proposições de Eisner, Eco, Ramos e Vergueiro, tentamos compreender a arte do fazer das histórias em quadrinhos para observarmos as estratégias estéticas que Sacco utilizou em seu trabalho. Por meio da análise dessas ferramentas, pudemos observar como Sacco se utilizou delas para prender a atenção de seu leitor e descrever sua narrativa com ênfase em suas estratégias.

Referente às apropriações táticas de leituras, observamos que Sacco apropriou-se de leituras de Noam Chomsky e Edward Said para produzir seu trabalho. As leituras desses autores delimitaram as bases para a produção de “Palestine”, mais especificamente as críticas aos meios de comunicação e à perspectiva parcial pró-Israel que construíam a perspectiva da mídia nos Estados Unidos em seu discurso e as críticas referente à política adotada no Estado de Israel no que concerne à administração dos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Observamos como tática essa prática, pois Sacco não deixou de comentar que seu trabalho é uma perspectiva parcial sobre o conflito. Se já existe por parte do autor tomar partido em sua narrativa, a escolha do material que sustenta sua abordagem se daria de forma tática, delimitando aquilo que é interessante para sua narrativa e descartando outros materiais.

Tática porque dentro de um universo de leitura muita coisa não foi selecionada para seu trabalho, ainda mais material pró-Israel. O fato de Sacco questionar a abordagem que os meios de comunicação nos Estados Unidos dispensavam à descrição dos acontecimentos entre Israel e Palestina pressupõe que ele teria contato com esse material. Porém, isso não compõe elemento fundamental em sua narrativa.

“Palestine” é o mundo das representações de Sacco na Palestina. A Palestina representada por ele é uma Palestina construída por meio de suas experiências e suas táticas. Mas como as representações são construções por aquele que as produz, observamos que elas também são estratégias. Estratégias porque “Palestine” é o campo no qual Sacco constrói uma mensagem e seus pontos de vista. A primeira estratégia que focamos nossa atenção volta-se para a escolha do gênero quadrinático delimitado por Sacco em seu posfácio escrito em 2007. Tentamos problematizar sua afirmação que seus desenhos fazem parte do gênero *bigfoot*. Depois de observarmos as mudanças e apropriações que o estilo *bigfoot* esteve inserido em quase meio século, concluímos que o estilo de Sacco está muito mais ligado ao *underground* de Robert Crumb e ao estilo alternativo de Art Spiegelman, que futuramente deu início ao gênero jornalismo em quadrinhos e uma nova abordagem temática nas histórias em quadrinhos. Além disso, observamos também as crises que o jornalismo vivenciava no final da década de 1980 para o início de 1990 e as apropriações estratégicas de Sacco mediante essa crise em que os meios de comunicações experimentavam e as vantagens para Sacco em descrever sua narrativa por meio da linguagem escrita e dos desenhos.

Quando observamos a comparação por meio dos regimes de historicidade que permeiam a Palestina e Israel, podemos analisar a visão futurista que faz parte das representações de Israel e o passado constante em que os palestinos vivem em seu cotidiano. Se sua proposta é representar uma perspectiva palestina, a estratégia é levar seu leitor a observar as condições que permeiam o cotidiano palestino durante a repressão do Estado de Israel na Intifada de 1987. Sendo os próprios regimes de historicidade observados e criados pelo historiador, tentamos delimitar a perspectiva temporal de Sacco em relação à sua viagem. Em territórios tão próximos, observamos que, para Sacco, há um grande hiato na sua representação entre Palestina e Israel. Enquanto a segunda representa o progresso futurista de uma nação em desenvolvimento, a primeira é representada como ruínas que darão espaço para esse progresso em desenvolvimento. Buscamos observar esses elementos na ruptura do clímax por meio daqueles que denominamos como guias nesse trabalho.

Os guias, ou seja, Saburo, Ammar e Sameh, não tinham somente a função de direcionar Sacco para locais possíveis de encontrar palestinos que pudessem oferecer suas histórias para a produção de “Palestine”: a introdução desses guias

também favoreceu para a mudança no clímax narrativo de Sacco. Antes desses guias, a narrativa de Sacco seguia como elemento introdutório para o leitor compreender quais as condições que levaram à Intifada. A inserção de Saburo, o primeiro guia, dá início ao que Sacco denominou como *Oceano*, ou seja, a narrativa passou a dar maior ênfase a casos mais específicos de tortura e violência vivenciados pelos palestinos durante a Intifada.

No terceiro momento de nossas observações, analisamos as memórias palestinas representadas por Sacco em “Palestine”. O primeiro caso narrado por Sacco corresponde à memória de Ghassan e os dias em que foi interrogado pela agência de inteligência Shin Bet. Nesse momento de nossa pesquisa, como observamos as narrativas de memórias, analisamos as estratégias de Sacco em representar a outra face da violência no conflito entre Israel e Palestina. Enquanto os meios de comunicação enfatizam a violência por parte da Palestina, Sacco representou momentos de violência vivenciado por palestinos por meios de repressão de Israel. Ao dar ênfase ao Shin Bet, Sacco representou detalhadamente as técnicas padronizadas de tortura do Shin Bet e a ilegalidade que a agência utiliza para interrogar os palestinos.

Outras memórias representadas por Sacco correspondem às mulheres palestinas. Em suas representações, Sacco representou duas situações em que essas mulheres vivenciam na Palestina. De um lado, lutam contra o Estado de Israel e os assentamentos ilegais; por outro, lutam por sua liberdade dentro da própria Palestina. Observamos que a estratégia de Sacco foi representar outro ponto de vista sobre as mulheres palestinas, pois, ao contrário do estereótipo construído no Ocidente de que a mulher palestina, mais especificadamente a mulher muçulmana, é uma mulher mutilada e submissa, a mulher representada por Sacco é uma mulher que está em um processo de modernização, mas que não deixa de vivenciar as questões tradicionais que permeiam seu cotidiano.

Por fim, podemos observar que “Palestine” é construída mediante estratégias e táticas de seu produtor. Ao mesmo tempo em que táticas são apropriadas para a construção de seu trabalho, tornam-se instrumentos para a produção de estratégias. Táticas e estratégias não estão desvinculadas, mas paralelamente associadas para a produção do discurso literal e imagético de “Palestine”. Se as representações significam um mundo daquele que o produz por meio de suas experiências e tem em seu cerne um ponto de vista sobre aquilo que é representado, as experiências de

Sacco são delimitadas por sua jornada anterior como jornalista, que contribuiu na produção de seu trabalho em livro-reportagem no gênero jornalismo em quadrinhos e as leituras que apropriou-se sobre o conflito. Esses elementos são apropriados taticamente, selecionados e refletidos por Sacco. Estrategicamente são representados para seus leitores e possuem uma mensagem a ser representada.

Estrategicamente, o ponto de vista que Sacco representa a seus leitores é uma Palestina além das representações dos meios de comunicação que tanto critica. Sacco tenta representar não uma palestina constituída de árabes fundamentalistas e fanáticos que têm somente como objetivo destruir o Estado de Israel. A Palestina representada por Sacco é construída por pessoas que vivenciam em seu cotidiano problemas com abastecimento de água, cortes de energia e a violência. Além disso, uma nova Israel também é representada. Por direcionar suas observações por meio da perspectiva palestina do conflito, surge na narrativa de Sacco uma Israel que expande cada dia mais seus territórios por meio das ruínas palestinas e utiliza de todos os métodos possíveis para isso. No entanto, essas representações são um dos vários pontos de vista sobre o conflito entre israelenses e palestinos, mas uma perspectiva palestina e não israelense, como Sacco salienta ser o diferencial de seu trabalho.

FONTES DE PESQUISA

CRUMB, Robert. **Meus problemas com as mulheres**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010a.

_____. **Minha Vida**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010b.

SACCO, Joe. **O Derrotista**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

_____. **Notas sobre Gaza**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

_____. **Palestina**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011a.

_____. **Palestine**. Seattle: Fantagraphics Books, 2011b.

SPIELGEMAN, Art. **Maus: A história de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMNESTY INTERNATIONAL. **Israel and the Occupied Territories**. 1989.
- ARBEX JR., José. Prefácio, in: SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2011.
- _____. **Terror e esperança na Palestina**. São Paulo: Casa Amarela, 2002.
- BARBOSA, N; GARCIA, S; SPANNENBERG; A.C.M. **Notas sobre Gaza**: O relato jornalístico em quadrinhos de Joe Sacco. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro
- BARKER, Martin. **The Reception of Joe Sacco's Palestine**. In: Participations Journal of Audience & Receptions Studies. University of East Anglia, UK, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.
- _____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.
- CANDIDO. Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Outo sobre Azul, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed, Universidade, 2002.
- _____. **A História Cultural**: Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- CHEBATA, Hanan. **Shin Bet**: An ingrained culture of torture and deceit. Disponível em: < <https://www.middleeastmonitor.com/20140513-shin-bet-an-ingrained-culture-of-torture-and-deceit/>>. Acesso em 15 de setembro de 2016
- CHOMSKY, Noam. **Mídia**: propaganda política e manipulação. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- CHUTE, Hillary L. **Disaster Dawn**: Visual witness comics, and documentary form. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2016.
- COHOON, Melinda M. **Palestinian Women of the Intifada**: the Women's Committees, 1987-1988. Disponível

em:<<http://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1079&context=honorstheses>>. Acesso em 30 de novembro de 2016.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2013.

DIAS, Cristiana Kaipper. **As “mulheres bomba” da Palestina**: Qual a verdadeira questão?. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis, 2013.

Disponível em:

<<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9227/1/Cristiana%20Kaipper.pdf>>.

Acesso em 03 de dezembro de 2016.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, s.d.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas de Will Eisner**. São Paulo: Devir, 2013.

_____. **Quadrinhos Arte Sequencial**: princípios básicos e práticos do lendário cartunista. 4.ed. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FABRIS, Annateresa. A Invenção da Fotografia: Repercussões Sociais. In: FABRIS, Annateresa. **Fotografia**: usos e funções no século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. p.9-82.

FANTAGRAPHIC BOOKS. Disponível em:< <http://fantagraphics.com/flog/about-us/>>. Acesso em 19 de fev. 2016.

FILIU, Jean-Pierre. **Gaza**: A History. New York: Oxford University Press, 2014.

FOLHA DE S. PAULO. Todos os reféns estão mortos. São Paulo, 6 de setembro de 1972.

FOLHA DE S. PAULO. Itália prepara ação de resgate. São Paulo, 9 de outubro de 1985.

FREUND, Gisele. **Fotografia e Sociedade**. Lisboa: Grafibastos, 1995.

GATTAZ, André Castanheira. **A guerra da Palestina**: da criação do Estado de Israel à Nova Intifada. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em quadrinhos**: mediações e linguagens imbricadas nas reportagens de Palestina – Uma nação ocupada e em O Fotógrafo. 2010. 101f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Cultura Contemporânea) – Instituto de Linguagens, Universidade Federal do Mato Grosso, Mato Grosso, 2010.

HABIBI, Emil; KANIUK, Yoram. **A Terra das duas Promessas**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HAMMAMI, Rema. **Women, the Hijab and the Intifada**. Middle East Report, v. 20, n. 164/165, Mai-Ago. 1990. p. 24-8.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUMAN DEVELOPMENT REPORT 2014. **Sustaining Human Progress**. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr14-summary-en.pdf>>. Acesso em 27 de julho de 2016.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Israeli Interrogation Methods Under Fire After Death of Detained Palestinian**. Disponível em: <https://www.hrw.org/legacy/reports/1992/israel/>> Acesso em 29 de outubro de 2016.

IBGE Países. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php> Acesso em: 27 de julho de 2016.

IDF. **Israel Defense Forces**. Disponível em < <http://www.idf.il/1497-en/Dover.aspx>> Acesso em 5 de novembro de 2016.

JONES, Gerard. **Homens do amanhã**. Geeks, gângsters e o nascimento dos gibis. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

JORGE, Ruy Alves. **A justiça está com os Árabes**: História do conflito árabe-israelense. São Paulo: [s.e] 1975

JUNIOR, Juscelino Neco de Souza. **A linguagem dos quadrinhos e o jornalismo**. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2009 - Blumenau, Santa Catarina.

KOSSELECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. **Quadrinhos**: História moderna de uma arte global. Editora WMF Martins Fontes, 2014.

NACIONES UNIDAS. **Comisión de la Condición Jurídica y Social de la Mujer**. Consejo Económico y Social. E/CN.6/2008/6.

PEACE NOW. Disponível em < <http://peacenow.org.il/eng/content/who-we-are>> Acesso em 7 de novembro de 2016.

PROST, Antonie. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo; Contexto, 2009.

SAID, Edward W. **A questão da Palestina**. São Paulo, SP: Unesp, 2012.

_____. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Claudia; GOBO, Camila. **Movimento de mulheres palestinas ou um feminismo nacionalista**. Disponível em <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2012/04/Movimento-de-mulheres-palestinas-ou-um-feminismo-nacionalista.pdf>> Acesso em 15 de novembro de 2016.

SCHACK, Todd. **'A failure of language'**: Achieving layers of meaning in graphic journalism. In: Journalism, 2014, vol. 15(I) – Ithaca, New York.

SHALOM. **1 – Versão oficial: 'Agimos legalmente'**. São Paulo, n.256 Ano XXII, p.8-10, 1988.

SHALOM. **2 – A ocupação corrompe**. São Paulo, n.256 Ano XXII, p.8-10, 1988.

SILVA, Vinicius Pedreira Barbosa da. **As histórias em Quadrinhos como Gênero Jornalístico Híbrido**: O jornalismo em quadrinhos. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXXV Congresso Brasileiro de Comunicação, 2012 – Fortaleza, Ceará.

SONTAGE, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

THE NEW YORK TIMES. **4,000 Trail Coffin of Activist Who Died in Israeli Custody**. Disponível em <<http://www.nytimes.com/1992/02/09/world/4000-trail-coffin-of-activist-who-died-in-israeli-custody.html>>. Acesso em 5 de novembro de 2016.

UNITED NATIONS. **Division for Palestinian Rights**. Volume XI, Bulletin no.1. January, 1988.

UM WOMEN PALESTINE. **Facts and Figures: Ending Violence against Women**. Disponível em: <<http://palestine.unwomen.org/en/what-we-do/ending-violence-against-women/facts-and-figures>>. Acesso em 06 de outubro de 2016.

YAZBEK, Mustafa. **Palestinos em busca da pátria**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

VERGUEIRO, W.; RAMA, A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo; Contexto, 2004.

WADI, Shahd. **Feminismo de corpos ocupados**: as mulheres palestinas entre duas resistências. 2009. 87f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2009.